# MICHAEL CRICHTON

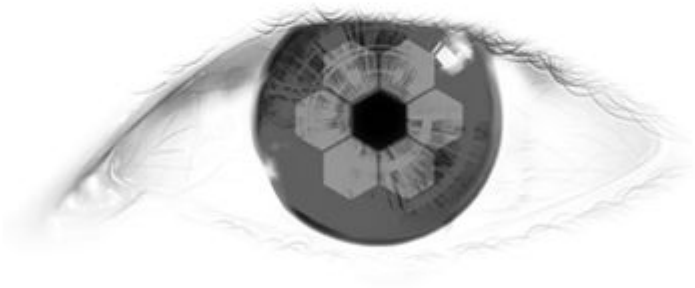



E

# RICHARD PRESTON

Rocco

# MICRO



# MICHAEL CRICHTON

# MICRO



E

RICHARD PRESTON

Rocco

*Micro*
*Título original Micro*
*Michael Crichton e Richard Preston*
*© 2011 by The John Michael Crichton Trust*
*Tradução de Márcia Frazão*
*Editora Rocco, 2013*
*ISBN: 9788532528063*
*ISBN-13 9788532528063*
*Páginas: 416*
*Impresso no Brasil*

Esta é uma obra de ficção. Personagens, incidentes e diálogos são produtos da imaginação do autor e não devem ser interpretados como real. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

# Contracapa

Três homens são encontrados mortos em um escritório de Honolulu sem sinal algum de luta, a não ser alguns cortes ultrafinos nos corpos. A única pista é um robô microscópico armado com lâminas, e praticamente invisível a olho nu.

Na exuberante floresta de Oahu, uma tecnologia inovadora inicia uma era revolucionária de prospecção biológica. São descobertos trilhões de micro-organismos e milhares de espécies de bactérias, um material que alimenta pesquisas para medicamentos inigualáveis e para aplicações além de tudo que já se imaginou.

Em Cambridge, Massachusetts, sete estudantes são recrutados para uma pesquisa pioneira de microbiologia. Eles são enviados pela empresa Nanigen MicroTechnologies para um laboratório no Havaí, com a promessa de acesso a instrumentos que poderão abrir uma nova fronteira científica.

Na floresta tropical de Oahu, os jovens cientistas encontram uma natureza hostil e a cada instante se deparam com perigos intensos e surpreendentes. Armados apenas com o conhecimento do mundo natural, de repente se veem como cobaias de uma tecnologia com um poder radical e desenfreado. Para sobreviver, precisam se valer das forças inerentes à natureza que cada um carrega dentro de si.

*Micro*, um clássico instantâneo, aprofunda o embate natureza versus tecnologia, à maneira peculiar de Crichton. Finalizado pelo escritor Richard Preston, esse suspense instigante mescla ciência e ficção e termina por criar uma obra-prima sofisticada e revolucionária.



MICHAEL CRICHTON já vendeu mais de 200 milhões de livros no mundo todo. Vários deles foram adaptados para o cinema, sendo o mais famoso *Parque dos dinossauros*. Também é conhecido como diretor e criador da série médica *Plantão Médico*. Consagrado autor de ficção científica, Crichton morreu em 2008, quando escrevia *Micro*.



RICHARD PRESTON é autor de oito livros aclamados internacionalmente e foi escolhido para continuar esta obra que Crichton deixou inacabada. Famoso por seus romances sobre

epidemias e bioterrorismo, é também autor de títulos de não ficção baseados em extensas pesquisas científicas, o que lhe valeu prêmios de institutos médicos. Vive com a mulher e três filhos perto de Princeton, New Jersey.


Para Jr.

*Diminutas criaturas aglomeradas a nossa volta… objetos de admiração e de possíveis e intermináveis estudos, como se varrêssemos da visão um mundo alinhado pelo horizonte e incluíssemos um mundo a um braço de distância. Uma vida inteira que às vezes dura uma viagem magalânica ao redor do tronco de uma árvore.*

E. O. WILSON

# Introdução

## Em que tipo de mundo vivemos?

Em 2008, o famoso naturalista David Attenborough expressou preocupação quanto à possibilidade de que as crianças das escolas do ensino fundamental não conseguissem mais identificar as plantas e os insetos habitualmente encontrados na natureza, quando as gerações anteriores os identificavam sem hesitação. Pelo visto, as crianças de hoje estão sendo privadas de experimentar e brincar com o mundo natural. Muitos fatores podem ser responsáveis por isso: vida urbana; perda de espaços abertos; computadores e internet; excesso de deveres escolares. Contudo, chegou-se à conclusão de que faz muito tempo que as crianças, além de não se relacionarem com a natureza, não a vivenciam diretamente. Por ironia, isso ocorre no momento em que o Ocidente mais se preocupa com o meio ambiente e com os passos cada vez mais ambiciosos a serem tomados para protegê-lo.

Uma das façanhas realizadas pelo movimento verde é o crescente interesse das crianças pelo pensamento ambiental; aprenderam a proteger algo do qual não faziam a menor ideia. Mas não se pode deixar de observar que essa foi exatamente a fórmula que levou à bem-intencionada degradação ambiental do passado; a deterioração dos parques nacionais americanos foi o primeiro exemplo, e um outro, a política americana de prevenção aos incêndios florestais. Políticas que nunca seriam instituídas se houvesse um conhecimento verdadeiro do meio ambiente que tentavam proteger.

O problema é que achavam que o conheciam. Talvez alguém argumente que a nova geração de alunos emergirá com mais certezas. Pelo menos os professores ensinam que para cada pergunta sempre existe uma resposta; somente no mundo ,real é que os jovens descobrirão que muitos aspectos da vida são incertos, misteriosos e até mesmo desconhecidos. Quando você tem a chance de entrar em contato com a natureza, de ser aspergido por um besouro, de ter os dedos coloridos pela asa de uma borboleta e de assistir a uma lagarta fiar o próprio casulo… você vivencia um sentimento de mistério e incerteza. Quanto mais observamos o mundo natural, mais misterioso esse mundo se torna e mais nos damos conta de que sabemos muito pouco. Junto a toda beleza da natureza também vivenciamos a fecundidade, o desperdício, a agressividade, a crueldade, o parasitismo e a violência do mundo natural. Atributos que não são devidamente expostos nos livros.

Talvez a lição mais importante a ser aprendida na experiência direta com a natureza é a de que o mundo natural é um sistema complexo com inúmeros elementos e interconexões; por isso mesmo, assim como é difícil compreendê-lo, também é difícil prever o que virá à frente. Aquele que age de modo a parecer que pode realizar essa façanha com facilidade é tão insensato quanto aquele que age como se pudesse prever o comportamento da bolsa de valores, um outro sistema complexo. Quando um especialista afirma que pode prever o comportamento do mercado de ações nos dias seguintes, nós o chamamos de trapaceiro ou charlatão. Do mesmo modo, quando um ambientalista afirma o mesmo em relação ao meio ambiente ou ao ecossistema, só nos resta chamá-lo de falso profeta ou de louco.

Nós interagimos com os sistemas complexos de um modo satisfatório. Fazemos isso o tempo todo sem a pretensão de que os compreendemos. Os administradores que interagem com um sistema fazem alguma coisa à espera de um resultado e, para obter o

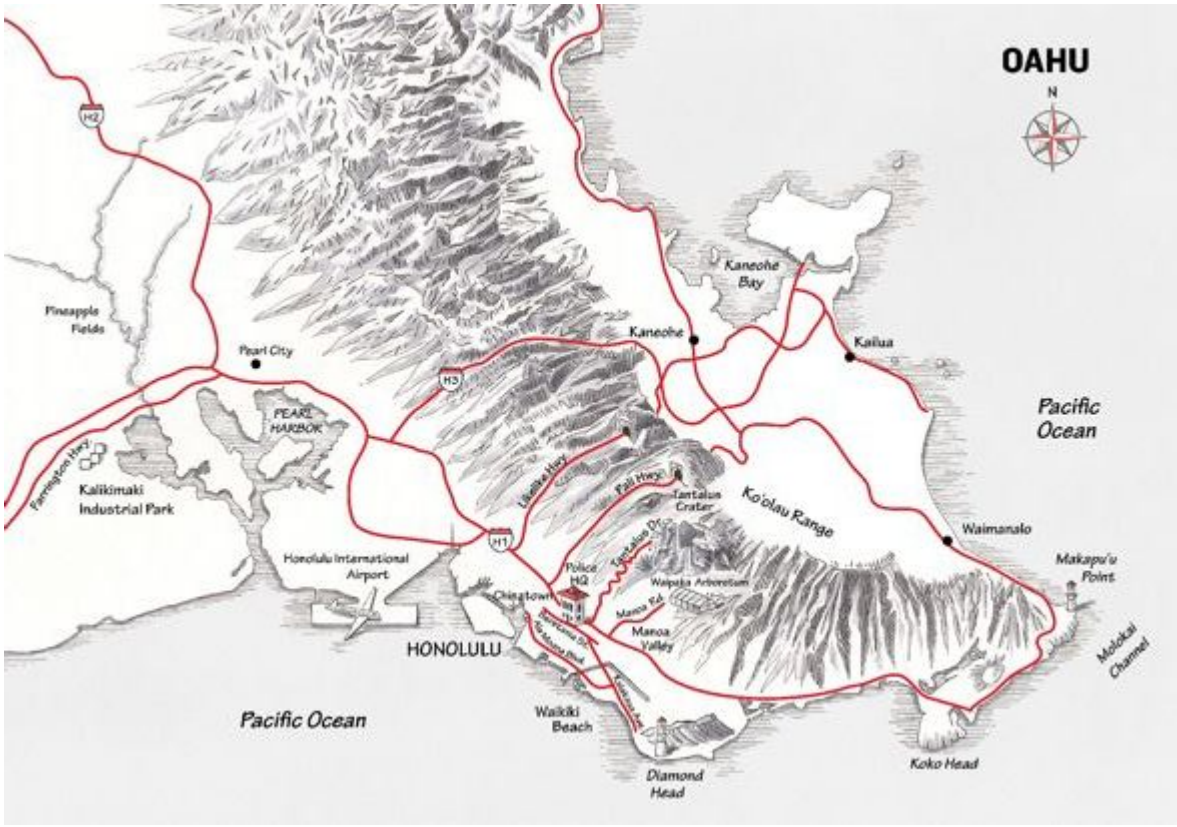
resultado desejado, fazem outras coisas mais. Inúmeras interações iterativas reconhecem a incerteza em relação ao procedimento futuro do sistema; ou seja, é preciso esperar para ver. Muitas vezes temos a intuição do que poderá acontecer. E muitas vezes acertamos, mas nunca temos certeza.

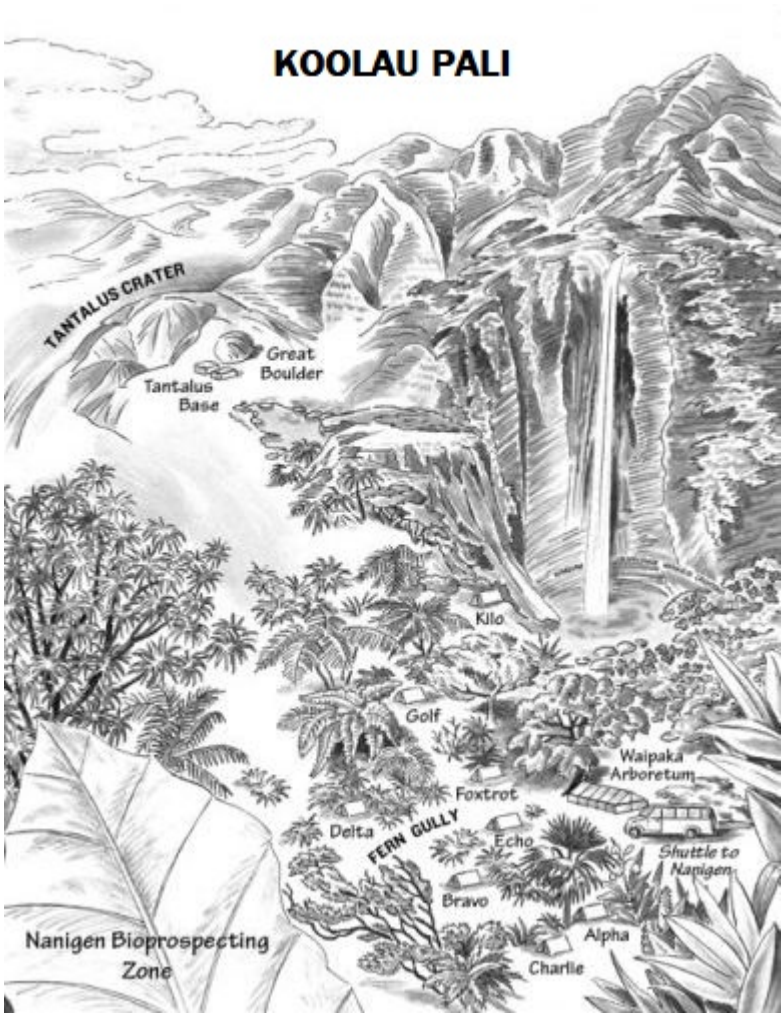
Em que tipo de mundo vivemos?

Nós excluímos a certeza quando interagimos com o mundo natural. E sempre será assim.

De que forma então os jovens poderão se relacionar com o mundo natural? Em termos ideais, passando um tempo na floresta tropical: um meio ambiente vasto, desconfortável, alarmante e maravilhoso que rapidamente dissipa todos os preconceitos.

INACABADO
MICHAEL CRICHTON
28 de agosto de 2008


OAHU
N
H2
Pineapple Fields
Pearl City
PEARL HARBOR
Kaneohe Bay
Kaneohe
Kailua
H3
Pacific Ocean
Farrington Hwy
Kalikimaki Industrial Park
Likelike Hwy
Pali Hwy
Tantalus Crater
Ko'olau Range
Waimanalo
H1
Honolulu International Airport
Police HQ
Tantalus Dr
Waipaka Arboretum
Makapu'u Point
Chinatown
Manoa Rd
Manoa Valley
HONOLULU
Molokai Channel
Pacific Ocean
Waikiki Beach
Diamond Head
Koko Head


KOOLAU PALI
TANTALUS CRATER
Great Boulder
Tantalus Base
Kilo
Golf
Waipaka Arboretum
Foxtrot
Delta
FERN GULLY
Echo
Shuttle to Nanigen
Bravo
Alpha
Charlie
Nanigen Bioprospecting Zone

# Os sete pesquisadores

**Rick Hutter** etnobotânico (pesquisador de remédios utilizados pelos povos indígenas).

**Karen King** aracnologista (especialista em aranhas, escorpiões e ácaros). Exímia em artes marciais.

**Peter Jansen** especialista em venenos e envenenamento.

**Erika Moll** entomologista e coleopteróloga (especialista em besouros).

**Amar Singh** botânico (pesquisador dos hormônios das plantas).

**Jenny Linn** bioquímica especialista em feromônios, odores de sinalização utilizados por animais e plantas.

**Danny Minot** doutorando que escreve tese sobre "códigos linguísticos científicos e transformação paradigmática".

# PARTE I

# TENSOR

# Prólogo



**Nanigen**
**9 de outubro, 23h55**

Ele dirige ao longo da rodovia Farrington, a oeste de Pearl Harbor, atravessando canaviais verde-escuros ao luar. A antiga região agrícola de Oahu já começa a mudar. À esquerda, em meio ao verde, o brilho prateado dos telhados planos e metálicos do novo Parque Industrial de Kalikimaki. Marcos Rodriguez sabe que não é bem um parque industrial, as edificações são na maioria armazéns de aluguel barato. Logo aparece a loja de artigos de praia de um cara que customizava pranchas de surfe, e em seguida duas lojas de maquinaria e uma serralheria. E é tudo.

Bem, o motivo da visita de Rodriguez nessa noite: a Nanigen MicroTechnologies, uma nova companhia do continente agora estabelecida na edificação que se destaca em uma das extremidades.

Ele entra com o carro por um desvio da rodovia e segue em meio aos prédios silenciosos. É quase meia-noite; o parque industrial está deserto. Estaciona em frente à Nanigen.

De fora, o prédio da Nanigen parece com todos os outros: uma fachada térrea de aço com um telhado de metal corrugado; sem

dúvida, nada mais que um grande e grotesco galpão, uma construção barata. Rodriguez sabe que ali há algo mais. Antes de erigir o prédio da companhia, fizeram uma escavação profunda na rocha de lava e encheram aquilo de equipamentos eletrônicos. Só depois construíram a fachada desinteressante que agora está coberta de uma poeira vermelha oriunda dos campos agrícolas da vizinhança.

Rodriguez veste as luvas de borracha e enfia a câmera digital e o filtro de infravermelho no bolso. Sai do carro. Está com o uniforme de guarda de segurança; puxa o capuz e cobre o rosto porque talvez as câmeras estejam monitorando a rua. Saca a chave que surrupiou algumas semanas antes de uma recepcionista da Nanigen que apagou depois do terceiro copo de Blue Hawaii; fez uma cópia e devolveu a original antes que a mulher acordasse.

Ele ficou sabendo por essa mulher que a Nanigen tinha quarenta mil metros quadrados de laboratórios e instalações de alta tecnologia, onde realizavam um trabalho avançado de robótica. Ela não soube precisar que tipo de trabalho avançado era esse, mas assegurou que faziam robôs extremamente pequenos.

— Fazem um tipo de pesquisa que tem a ver com elementos químicos e plantas — ela disse vagamente.

— E eles precisam de robôs para isso?

— Só sei que precisam. — Ela deu de ombros.

Mas também disse que o prédio não tinha segurança; não tinha sistemas de alarme, nem detectores de movimento, nem guardas, nem câmeras, nem feixes de laser.

— E como se protegem? — perguntou Rodriguez. — Cães?

A recepcionista balançou a cabeça.

— Nada. Só um cadeado na porta da frente. Eles dizem que não precisam de segurança.

Foi quando Rodriguez teve a suspeita de que a Nanigen era uma fachada para sonegação de impostos. Nenhuma empresa de alta

tecnologia se instalaria num galpão poeirento distante do centro de Honolulu e da universidade, região escolhida pelas empresas de alta tecnologia. Se a Nanigen não estava instalada nessa região, isso era porque tinha alguma coisa a esconder.

O cliente também pensava assim. E por isso contratou Rodriguez. Verdade seja dita, investigar corporações de alta tecnologia não era bem o tipo de trabalho que ele fazia. Na maioria das vezes era contratado por advogados para fotografar maridos turistas que traíam as esposas em Waikiki. No caso em questão, também tinha sido contratado por um advogado local, Willy Fong. Acontece que Willy não era o cliente e não podia revelar quem era.

Rodriguez tinha algumas suspeitas. Talvez a Nanigen tivesse despejado milhões de dólares em produtos eletrônicos de Xangai e Osaka. E alguns dos fornecedores quisessem saber o que estava sendo feito com os produtos.

— São eles, Willy? Os chineses ou os japoneses?

Willy Fong encolheu-se.

— Marcos, você sabe que não posso responder.

— Mas isso não faz sentido — disse Marcos Rodriguez. — O lugar não tem sistema de segurança, e seus clientes poderiam muito bem entrar na calada da noite com uma simples chave. Eles não precisam de mim.

— Está querendo dizer que não aceita o trabalho?

— Só quero saber do que se trata.

— Eles querem que você entre no prédio e descubra o que há lá, e que traga algumas fotos. Só isso.

— Não estou gostando nada disso. Acho que aquele treco é uma fachada.

— Talvez seja.

Willy olhou para Rodriguez com ar de enfado, dando a entender que não aceitava intromissão alguma.

— Pelo menos ninguém vai se levantar da mesa de jantar para dar um tiro na sua boca.

— Isso é verdade.

Willy recostou-se na cadeira e pousou o braço no barrigão.

— E então, Marcos? Fará ou não fará o serviço?

Rodriguez caminha em direção à porta de entrada no meio da noite, e de repente se sente nervoso. Eles não precisam de sistemas de segurança. Que diabo isso quer dizer? Hoje em dia todo mundo precisa de segurança — inúmeros sistemas de segurança. E ainda mais em Honolulu. Não há escolha.

Não há janelas no prédio, somente uma porta de metal. Ao lado da porta, uma placa: NANIGEN MICROTECHNOLOGIES, INC. E abaixo, SÓ COM HORA MARCADA.

Ele encaixa a chave na fechadura e gira. A fechadura destrava depois de um clique. A porta se abre.

Olha de relance para a rua vazia atrás e entra pensando que tudo está fácil demais.



Luzes noturnas iluminam a entrada toda envidraçada, uma sala de espera com escrivaninha de recepcionista, sofás, revistas e folhetos sobre a companhia. Rodriguez acende a lanterna e joga um feixe de luz no corredor. Avista duas portas no final do corredor; entra na primeira e se vê em outro corredor com paredes de vidro. Em ambos os lados, laboratórios com bancadas escuras e compridas; nas prateleiras de cima, pilhas e pilhas de equipamentos e garrafas. A cada dez metros o zumbido de uma geladeira de aço inoxidável e de algo que parece uma máquina de lavar.

Quadros de avisos desorganizados, bilhetinhos grudados na geladeira, lousas com fórmulas rabiscadas — aparentemente, uma bagunça generalizada, mas ele tem a esmagadora sensação de que a Nanigen funciona, de que realiza um trabalho científico naquele lugar. Mas por que a empresa precisaria de robôs?

Em seguida ele vê os robôs; são bem estranhos: engenhocas metálicas e prateadas que lembram caixotes com braços mecânicos, esteiras e apêndices, como se prestes a serem enviados para Marte. São de diversos formatos e tamanhos, uns do tamanho de uma caixa de sapato e outros bem maiores. Ele então repara que cada robô tem ao lado uma versão menor do mesmo robô. E assim gradativamente até terminar no tamanho da unha de um dedo polegar; robôs minúsculos, se bem que extremamente detalhados. Talvez as grandes lentes de aumento sobre as bancadas sejam para os operários, para que tenham uma visão plena dos robôs. Como é que conseguem fabricar uma coisa tão pequenininha?

No final do corredor Rodriguez encontra uma porta com uma plaqueta: NÚCLEO DO TENSOR. Abre a porta e sente uma brisa gelada. O recinto é amplo e escuro. A direita, uma fileira de mochilas dependuradas em ganchos nas paredes, como se prontas para um acampamento. E nada mais, um espaço vazio. Nenhum ruído, a não ser um zumbido, talvez de um aparelho de som. O piso é marcado por estrias profundas e hexagonais. Ou talvez sejam grandes lajotas hexagonais, com a luz fraca não se pode afirmar nada.

Mas depois… Rodriguez percebe alguma coisa debaixo do piso. Um grande complexo trançado de canos hexagonais com fios de cobre ligeiramente visíveis. O piso é de plástico e deixa à vista os componentes eletrônicos enterrados do outro lado.

Ele se abaixa para ver mais de perto e, enquanto observa os hexágonos, uma gota de sangue pinga no chão. E logo uma outra gota. Intrigado, ele leva a mão à testa por instinto. Sangra um pouco por cima da sobrancelha direita.

— O que é…?

De um jeito ou de outro, se feriu. Não sentiu nada, mas a luva está suja de sangue que também pinga da sobrancelha. Ele se endireita. O sangue escorre pelo rosto e o queixo e se esparrama no uniforme. Ele apalpa a testa e corre até o laboratório mais próximo para pegar um lenço de papel ou um pedaço de pano. Encontra uma caixa de gaze e se dirige a uma pia que tem um espelhinho preso à parede um pouco acima. Examina atentamente o rosto. O sangramento começa a estancar; é um corte pequeno, mas profundo; não faz a menor ideia de como isso aconteceu, mas talvez tenha se cortado por algum papel.

Rodriguez olha de relance para o relógio. Meia-noite e vinte. Hora de voltar para o trabalho. Em seguida vê um corte vermelho no dorso da mão que se estende do pulso às juntas dos dedos e logo se abre todo e sangra. Ele grita de pânico. Pega mais gaze e a toalha que está pendurada na pia.

Rasga uma tira da toalha e amarra em volta da mão. E depois sente uma dor na perna e, quando abaixa os olhos, se dá conta de que a calça está rasgada na altura da coxa que também está sangrando.

Ele não quer saber de mais nada. Dá meia-volta e sai correndo.

Arrasta a perna ferida pelo corredor na direção da porta de entrada, sabendo que deixa evidências para trás que poderão identificá-lo, mas não dá a mínima para isso e só pensa em cair fora.



Pouco antes da uma da madrugada, Rodriguez estaciona em frente ao escritório de Fong, O segundo andar ainda está com a luz

acesa. Sobe a escada dos fundos aos trancos e barrancos. Embora debilitado pela perda de sangue, até que se sente bem. Entra pela porta dos fundos sem se preocupar em bater.

Fong está com um homem desconhecido: um chinês de uns 20 e poucos anos de idade de terno preto que fuma um cigarro. Fong se vira.

— O que houve com você? Está com uma aparência horrível. — Fong se levanta, tranca a porta e volta. — Andou brigando?

Rodriguez se curva pesadamente sobre a escrivaninha. Ainda sangra. O chinês dá um passo atrás sem dizer uma palavra.

— Não, não briguei.

— Então, que diabos aconteceu?

— Não sei. Só aconteceu.

— O que está falando? — retruca Fong irado. — Cara, seu papo não convence. Que coisa foi essa que só aconteceu?

O chinês começa a tossir. Rodriguez ergue a cabeça e vê que está sangrando embaixo do queixo do rapaz. O sangue pinga na camiseta branca. O rapaz entra em estado de choque. Leva a mão à garganta e o sangue pinga por entre os dedos. Ele cai para trás.

— Que merda! — exclama Willy Fong, curvando-se para a frente e olhando para baixo. Os calcanhares do chinês se debatem no assoalho; o corpo se convulsiona. — Foi você que fez isso?

— Não — diz Rodriguez. — Vim aqui pra conversar sobre isso.

— Que encrenca fodida — diz Fong. — Foi você que trouxe isso pro escritório? Alguma ideia do que fez isso? Trate de limpar tudo…

O sangue esguicha no lado esquerdo do rosto de Fong. Jorra de um corte na artéria do pescoço. Ele leva a mão ao ferimento, mas o sangue jorra em golfadas por entre os dedos.

— Que merda. — Afunda na poltrona e olha para Rodriguez. — Como?

— Não faço a menor ideia — diz Rodriguez, sentindo que algo está por vir. Só lhe resta esperar. Já não sente mais o corte atrás do

pescoço, mas sente uma tonteira súbita e tomba. Fica de lado sobre a poça gosmenta do próprio sangue com os olhos fixos na escrivaninha e nos sapatos de Fong debaixo da escrivaninha. Seu último pensamento foi que ainda não tinha recebido a grana daquele filho da mãe. A escuridão se fecha em volta.



As manchetes anunciaram TRÊS MORTOS EM BIZARRO PACTO DE SUICÍDIO. A notícia ocupou uma página inteira do *Honolulu Star-Advertiser*. Sentado à escrivaninha, o tenente Dan Watanabe deixou o jornal de lado e olhou para Marty Kalama, o chefe.

— Estou dando uns telefonemas — disse Kalama com uns óculos de armação de metal e piscando muito; mais parecia um professor que um policial. No entanto, era um *akamai* e sabia o que estava fazendo. — Já soube dos problemas, Dan — acrescentou.

— A respeito do suicídio? — O tenente balançou a cabeça. — Grandes problemas, pode apostar. Mas se quer saber, não fazem o menor sentido pra mim.

— Como é que os jornais souberam?

— Eles sempre catam notícias em tudo que é canto — disse Watanabe. — E maquiam tudo.

— Informe-me — disse Kalama.

Watanabe não precisou consultar as anotações. Já tinham passado alguns dias e a cena ainda estava vívida na mente.

— Willy Fong tem um escritório no segundo andar de um daqueles prediozinhos na alameda Puuhui, saindo da rua Lillihi ao norte da rodovia. Edificação de madeira, uma espécie de ratoeira com quatro escritórios. Willy, um sessentão, talvez o conheça,

advoga pelos motoristas que dirigem alcoolizados na região, mas sempre foi correto. Alguns moradores do prédio reclamaram do cheiro que exalava do escritório; fomos lá e encontramos os corpos de três homens em estado de decomposição. Segundo os legistas, mortos dois ou três dias antes, mas sem uma data exata. Com o ar-condicionado desligado, o recinto estava abafado. Os três mortos estavam com ferimentos à faca. Willy tinha um corte na carótida e sangrou na poltrona até morrer. Encontramos no meio do escritório um jovem chinês ainda não identificado que talvez tenha nascido aqui; as jugulares estavam cortadas e ele também sangrou até morrer. A terceira vítima é o Rodriguez, aquele fotógrafo português.

— O que fotografa os maridos que traem as esposas com as secretárias?

— O próprio. Ele sempre apanhava. De qualquer forma, também estava lá e apresentava cortes pelo corpo todo: no rosto, na testa, na mão, nas pernas e na nuca. Nunca vi nada parecido.

— Cortes de teste?

O tenente balançou a cabeça.

— Não. Segundo os peritos, não. Foram ferimentos praticados por outra pessoa algum tempo antes, talvez uma hora antes. Encontramos sangue na escada dos fundos, nas pegadas ensanguentadas que ele deixou ao subir. Também havia sangue no carro que ele estacionou ao lado do prédio. Ou seja, já estava sangrando quando entrou pela porta.

— O que acha que aconteceu?

— Não tenho ideia — respondeu Watanabe. — Se foi suicídio, foi um suicídio de três caras que não deixaram bilhetes e nunca se ouviu falar de nada parecido. De resto, o que posso dizer é que viramos o lugar de cabeça pra baixo e nada de faca. E a porta estava trancada por dentro; quer dizer, ninguém saiu. As janelas também estavam fechadas e trancadas. Por via das dúvidas, colhemos material em

torno das janelas pra ver se alguém tinha entrado por ali. Nenhuma pista nas janelas, só um monte de poeira.

— Será que jogaram a faca na privada e deram descarga? — perguntou Kalama.

— Não — disse Watanabe. — Não havia vestígios de sangue no banheiro. Ou seja, ninguém entrou lá depois que eles foram cortados. Em suma, temos três caras com cortes fatais dentro de uma sala fechada. Sem motivo, sem arma, nada.

— E agora?

— O detetive particular, o portuga, chegou de outro lugar. Já chegou todo cortado de outro lugar. Estou tentando imaginar onde isso aconteceu. Onde isso começou — disse o tenente Watanabe estremecendo. — Ele tinha um recibo de gasolina do Kelos Mobil em Kalepa. Encheu o tanque às dez da noite. Já sabemos quanto consumiu de gasolina, de modo que podemos ter um raio de até onde teria dirigido a partir do Kelos para depois chegar ao escritório do Willy.

— É um raio e tanto. Deve cobrir a maior parte da ilha.

— Estamos passando um pente fino. Encontramos cascalhos frescos nos sulcos dos pneus. E a presença de calcário esmagado. É bem provável que tenha atravessado uma região de construções recentes ou algo assim. O fato é que estamos rastreando tudo. Mesmo que leve algum tempo, saberemos que lugar é esse. — Watanabe abriu o jornal sobre a escrivaninha.

— Enquanto isso… direi que os jornais estão certos. Foi um pacto de suicídio triplo e ponto final. Pelo menos, por ora.

# Capítulo 1



**Avenida Divinity, Cambridge**
**18 de outubro, 13h**

No laboratório de biologia, no segundo andar, Peter Jansen, 23 anos, mergulhou a pinça de metal no terrário de vidro com todo cuidado. E com um gesto rápido pinçou a serpente por trás do capelo. Ela sibilou enfurecida quando ele enfiou a mão no terrário, pegou-a por trás da cabeça e ergueu-a até o coletor de veneno. Depois de passar álcool na membrana do coletor, ele enterrou as presas da serpente e assistiu enquanto o veneno amarelado escorria pelo vidro.

Só obteve uns parcos milímetros. Com meia dúzia de serpentes Peter teria veneno suficiente para fazer o estudo que pretendia fazer, mas o laboratório era meio apertado. Mesmo com uma instalação apropriada em Allston, os répteis sempre adoeciam naquele lugar e ele queria as serpentes por perto, onde pudesse supervisioná-las.

Muitas vezes o veneno era contaminado pelas bactérias, e por isso a limpeza com álcool e a camada de gelo por baixo do coletor. Peter pesquisava a bioatividade de certos polipeptídeos no veneno das serpentes, um trabalho integrado a uma pesquisa mais ampla

que incluía serpentes, sapos e aranhas — produtores de toxinas neuroativas. Com essa experiência tornara-se um "especialista em envenenamento", e vez por outra era solicitado pelos hospitais para dar um parecer sobre mordidas exóticas. Isso despertava um pouco de inveja entre os outros pesquisadores do laboratório que eram muito competitivos e sempre reparavam quando alguém chamava a atenção do mundo lá fora. Alegavam que a manutenção de uma serpente no laboratório era um perigo para todos e que isso não podia continuar. Referiam-se à pesquisa de Peter como "trabalho de herpetólogos nojentos".

Nada disso o aborrecia. Ele tinha um temperamento amistoso e solidário. Oriundo de uma família de acadêmicos, não levava as maledicências tão a sério. Fazia tempo que tinha perdido os pais em um acidente aéreo nas montanhas do norte da Califórnia. O pai era professor de geologia na UC Davis, e a mãe, professora na Faculdade de Medicina de San Francisco; o irmão mais velho era físico.

Peter recolocou a serpente no terrário de vidro. Em seguida entrou no laboratório Rick Hutter, um etnobotânico de 24 anos de idade que acabara de pesquisar analgésicos encontrados nas cascas dos troncos das árvores da floresta amazônica. Como sempre, vestia um jeans desbotado, camisa de brim e botas. Estava com a testa enrugada, e a barba, bem-feita.

— Não está usando luvas? — disse Rick.

— Pois é. Já me sinto mais seguro…

— Lembra de quando fizemos o trabalho de campo? Você sempre usava luvas. — Rick sempre relembrava ao pessoal do laboratório que participara de um autêntico trabalho de campo. Como se tivesse passado anos a fio nas remotas terras ribeirinhas do Amazonas, quando na verdade pesquisara o Parque Nacional da Costa Rica durante quatro meses. — O carregador que acompanhava a nossa equipe empurrou uma pedra sem luvas e… Nhac! Foi picado por uma terciopelo. Uma *fer-de-lance* de dois metros de

comprimento. O rapaz teve o braço amputado. E teve muita sorte por ter sobrevivido.

— Ahn… ahn — resmungou Peter, esquivando-se da companhia. Gostava de Rick, o problema é que o cara tinha a mania de dar aula para todo mundo.

Quem não gostava de Rick Hutter era Karen King. Uma garota alta de cabelos castanho-escuros e ombros harmoniosos que pesquisava venenos e teias de aranhas em uma das bancadas do laboratório. Ela percebeu que Rick estava contando a história da picada da cobra na floresta com ares de professor para Peter e disse por cima do ombro.

— Rick, na Costa Rica… você se hospedou num chalé de turista. Lembra?

— Nada disso. Acampamos na floresta amazônica…

— Por duas noites — ela o interrompeu até que os mosquitos o mandaram de volta para o chalé.

Ele a fuzilou com os olhos. Abriu a boca para dizer alguma coisa com o rosto vermelho como um pimentão, mas se conteve. Não podia replicar. Era verdade. Ele tinha mesmo retornado para o chalé, com medo de que aqueles mosquitos infernais transmitissem malária ou dengue hemorrágica.

Rick se voltou para Peter para não bater boca com Karen King.

— A propósito, ouvi dizer que seu irmão vai chegar hoje. É aquele que enriqueceu com uma nova empresa?

— Isso é o que ele diz.

— Bem, grana não é tudo. Sou um daqueles que nunca trabalhariam no setor privado. É um deserto intelectual. As mentes brilhantes permanecem nas universidades e nunca se prostituem.

Peter não estava disposto a discutir com uma pessoa de opiniões inflexíveis como Rick. Mas Erika Moll, a entomologista que chegara recentemente de Munique, estava disposta a isso.

— Acho que está sendo rígido. Não me incomodaria nem um pouco trabalhar para uma empresa privada.

Rick ergueu as mãos.

— Vê? Prostituição.

Erika se deitara com diversos membros do departamento de biologia e não se importava com os comentários.

— Vá pro inferno, Rick — disse mostrando o dedo médio para ele.

— Pelo visto já aprendeu a xingar, entre outras coisas — ele retrucou.

— As outras coisas você não conhece. E não vai conhecer — ela rebateu e se voltou para Peter. — De um jeito ou de outro, não vejo nada de errado em trabalhar no setor privado.

— Mas essa empresa é exatamente o quê? — soou uma voz suave. Peter se virou e deu de cara com Amar Singh, o especialista do laboratório em hormônios vegetais. Conhecido pelo pensamento distintamente prático. — Quer dizer, o que essa empresa faz para se tornar tão importante? É uma empresa biológica? Mas o seu irmão não é físico? Como isso funciona?

Nesse mesmo instante a voz de Jenny Linn ecoou no laboratório.

— Nossa, vejam aquilo! — Ela olhava a rua lá embaixo pela janela. Soou o ronco de um motor potente. — Peter, veja… não é o seu irmão?

Todos se apressaram em chegar às janelas.

Eric, o irmão de Peter, acenou radiante como um menino lá da rua. Estava à frente de uma Ferrari conversível luminosamente amarela e enlaçava uma loura estonteante pelos ombros. Logo atrás estava uma segunda Ferrari preta e brilhante.

— Duas Ferraris! Meio milhão de dólares só ali — comentou alguém. O ronco dos motores ecoou nos laboratórios alinhados ao longo da avenida Divinity.

Um homem saiu da Ferrari preta. Pela impecável aparência, tinha um gosto refinado para roupas, se bem que de um jeito casual.

— É Vincent Drake — disse Karen King olhando pela janela.

— Como você sabe? — perguntou Rick pondo-se ao lado.

— Como você não sabe? — ela retrucou. — Talvez seja o capitalista mais bem-sucedido de Boston.

— Se quer saber, isso é uma desgraça — disse Rick. — Já deviam ter proibido esses carros.

Ninguém mais prestou atenção em coisa alguma. Saíram apressados pela escada abaixo em direção à rua.

— O que há de tão importante? — perguntou Rick.

— Não soube? — respondeu Amar passando às pressas ao lado. — Eles vieram aqui para recrutar.

— Recrutar? Recrutar quem?



— Quem estiver fazendo um bom trabalho de campo estará em nossa mira — disse Vin Drake aos pesquisadores aglomerados ao redor. — Microbiologia, entomologia, ecologia química, etnobotânica, fitopatologia… em outras palavras, qualquer pesquisa do mundo natural em nível micro ou nano. Estamos à procura disso e podemos contratar agora. Ninguém precisa ser PhD. Isso não nos preocupa; os que tiverem talento poderão desenvolver uma tese para nós. Mas terão que mudar para o Havaí, onde os laboratórios estão instalados.

Peter se aproximou de Eric e o abraçou, perguntando.

— Isso é verdade? Vocês já estão contratando?

— Sim, é verdade — respondeu a mulher loura esticando a mão e se apresentando como Alyson Bender, diretora financeira da companhia. O aperto de mão frio e decidido não passou despercebido a Peter. Ela vestia um terninho marrom-claro de executivo e tinha um colar de pérolas verdadeiras no pescoço. — Vamos precisar de uns cem pesquisadores topo de linha até o final do ano, pelo menos — acrescentou. — Não são fáceis de achar, mas oferecemos o que talvez sejam as melhores condições de pesquisa na história da ciência.

— Hein? Como assim? — disse Peter; afinal, era um argumento para lá de tentador.

— É verdade — disse Eric. — Vin explicará melhor.

Peter desviou os olhos para o carro do irmão e não se conteve.

— Você se importaria… Posso entrar? Só por um minuto?

— É claro, entre.

Peter se pôs ao volante da Ferrari e fechou a porta. O banco era anatômico; o couro cheirava a riqueza; os instrumentos eram grandes e práticos e o volante era pequeno e tinha botões vermelhos e incomuns. O acabamento amarelo cintilou sob a luz do sol. O luxo era tanto que causava desconforto; ele não saberia dizer se gostava ou não do carro. Acomodou-se no banco e sentiu alguma coisa debaixo da coxa. Era um objeto branco parecido com uma pipoca. E também tinha a mesma leveza da pipoca. Mas era uma pedra. As pontas da pedra podiam rasgar o couro. Ele a enfiou no bolso e saiu do carro.

Rick Hutter olhou fixamente para Jenny Linn, que admirava a Ferrari preta e disse.

— Jenny, você precisa saber que esse carro além de desperdiçar muitas reservas naturais é uma ofensa à Mãe Terra.

— Verdade? Foi a Mãe Terra que lhe disse isso? — ela rebateu alisando a lataria do carro. — É um carro maravilhoso.



Vin Drake sentou-se junto a Eric Jansen e Alyson Bender à mesa de fórmica com cafeteira elétrica em uma sala no subsolo, e dois outros executivos da Nanigen sentaram-se ao lado. Os jovens pesquisadores se aglomeraram ao redor, uns sentados à mesa e outros encostados à parede.

— Vocês são jovens cientistas em início de carreira — disse Drake. — Mas devem saber como a realidade desse campo opera. Por exemplo, por que se dá tanta ênfase à vanguarda da ciência? Por que todo mundo quer pertencer a essa vanguarda? Porque todos os prêmios e a glória do reconhecimento giram em torno desses novos campos. Trinta anos atrás a biologia molecular ainda era uma novidade e mesmo assim as descobertas da área faturaram muitos prêmios Nobel. Com o passar do tempo essas descobertas se tornaram cada vez menos fundamentais e inovadoras. Agora, a biologia molecular não é mais uma novidade. Agora, a nata dos cientistas se transfere para a genética ou para a proteômica ou para outras áreas especializadas, função do cérebro, consciência, diferenciação celular; enfim, áreas com problemas imensos e ainda não resolvidos. Uma boa estratégia? Na verdade, não, já que os problemas permanecem sem solução. Ou seja, constituir um novo campo não é o bastante. Os instrumentos também precisam ser novos. Telescópio de Galileu, uma nova visão do universo. Microscópio de Leeuwenhoek, uma nova visão da vida. E por aí adiante até o presente: os radiotelescópios detonaram o conhecimento astronômico. As sondas espaciais não tripuladas revolucionaram o conhecimento do sistema solar. O microscópio

eletrônico alterou a biologia da célula. E muito mais. Novos instrumentos significam grandes avanços. Sendo assim, como novos pesquisadores, vocês deveriam se perguntar: quem tem os novos instrumentos?

Fez-se um breve silêncio.

— Está bem, entendi — disse alguém. — Quem tem os novos instrumentos?

— Nós temos — respondeu Drake. — A Nanigen MicroTechnologies. Nossa empresa dispõe de instrumentos que definirão os limites das descobertas da primeira metade do século XXI. Não estou brincando nem exagerando. O que digo é a pura verdade.

— Uma baita alegação — disse Rick Hutter encostado à parede de braços cruzados e com um copo descartável de café na mão.

Vin Drake olhou impassível para ele.

— Não fazemos baitas alegações sem motivos.

— Então, quais são exatamente os instrumentos de vocês? — insistiu Pick.

— Isso é informação privada — disse Vin. — Se quiser saber, assine um documento de sigilo e veja com os próprios olhos no Havaí. Pagaremos as passagens aéreas.

— Quando?

— Quando estiver pronto. Amanhã, se quiser.

Vin Drake estava apressado. Terminou a apresentação e todos saíram da sala em direção às Ferraris estacionadas na Divinity. O ar da tarde de outono incidia sobre tudo e as árvores ardiam em tons de laranja e ferrugem. O Havaí devia ficar a milhões de quilômetros de Massachusetts.

Peter percebeu que o irmão estava desatento. Eric enlaçava Alyson Bender pelos ombros sorrindo, mas com os pensamentos em outro lugar.

— Você se importaria se lhe roubasse o meu irmão por alguns minutos? — perguntou Peter para Alyson. Sem esperar pela resposta, pegou o irmão pelo braço e o puxou pela rua, afastando-se dos outros.

Peter tinha cinco anos menos que Eric. Admirava o irmão e o invejava pela facilidade com que se dava bem em tudo, com os esportes, com as garotas e até com os estudos acadêmicos. Não se esforçava muito, não ralava nem se preocupava. Fosse uma partida decisiva do time de lacrosse ou um exame oral de doutorado, Eric sempre aparentava um domínio absoluto das coisas. Esbanjava confiança e tranquilidade.

— Alyson parece ser uma boa garota. Há quanto tempo estão juntos? — perguntou Peter.

— Alguns meses — respondeu Eric. — Ela é legal. — O tom não era de entusiasmo.

— Algum senão?

Eric deu de ombros.

— Não, apenas a realidade. Alyson tem um MBA, mas só pensa em negócios e às vezes é muito durona. Sabe como é, o pai queria um menino.

— Ela é bonita demais para ser um menino, Eric.

— Ela é mesmo muito bonita. — De novo o mesmo tom.

Peter mudou de assunto.

— E como são as coisas com Vin?

A reputação de Vincent Drake não era propriamente recomendável. Suplantara duas ameaças de indiciamento federal sem que ninguém soubesse exatamente como. Era um tipo durão, esperto e inescrupuloso, mas, acima de tudo, bem-sucedido. Peter ficou surpreso quando Eric se associou a ele.

— Vin levanta fundos como nenhuma outra pessoa — disse Eric. — Faz apresentações brilhantes. E como todos dizem, sempre pesca o peixe. Ele deu de ombros. — Aceito o lado negativo, aceito que

diga o que bem entenda para fechar um negócio. Mas ultimamente ele tem sido… bem, mais cuidadoso. Mais presidencial.

— Então, ele é o presidente da companhia, Alyson, a diretora financeira, e você…?

— Vice-presidente encarregado da tecnologia — disse Eric.

— E isso lhe agrada?

— Para mim é perfeito. É bom ser encarregado de tecnologia. — Eric sorriu. — E dirigir uma Ferrari…

— E essas Ferraris? — perguntou Peter ao se aproximarem dos carros. — O que estão fazendo com elas?

— Dirigindo pela Costa Leste — respondeu o irmão. — Parando nos laboratórios das melhores universidades ao longo do caminho, dando showzinhos e atraindo candidatos. E depois levaremos os carros de volta a Baltimore.

— Levarão de volta?

— São alugados — disse Eric. — São apenas para chamar a atenção.

Peter olhou para a aglomeração em torno dos carros.

— E funciona.

— Isso já era previsto.

— E vocês já estão mesmo contratando?

— Sim, estamos. — O tom de Eric soou novamente sem entusiasmo.

— O que há de errado então, mano?

— Nada.

— Sem essa, Eric.

— De verdade, nada. A companhia mal começou e já alcançou grandes progressos, e a tecnologia é incrível. Não há nada de errado.

Peter não disse mais nada. Caminharam em silêncio por algum tempo. Eric enfiou as mãos nos bolsos.

— Juro que está tudo bem.

— Então, tudo bem.

— De verdade.

— Acredito em você.

Deram meia-volta no final da rua e tomaram a direção do grupo que se aglomerava em volta dos carros.

— E agora me diga, com qual dessas garotas do laboratório você está saindo? — perguntou Eric.

— Eu? Com nenhuma.

— Quem é ela, então?

— No momento estou sozinho — disse Peter com a voz fraca.

Enquanto Eric acumulava garotas, Peter levava uma vida amorosa incerta e insatisfatória. Ele tinha namorado uma garota do departamento de antropologia que trabalhava na mesma rua, no Museu Peabody, mas ela começou a sair com um professor visitante que chegara de Londres e tudo acabou.

— Aquela asiática é bonita — comentou Eric.

— Jenny? É muito bonita. Mas joga no outro time.

— Ah, que pena. — Eric balançou a cabeça. — E a loura?

— Erika Moll. É de Munique e não está interessada em namoro sério — disse Peter.

— Ainda assim…

— Dá um tempo, Eric.

— Mas se você…

— Já fiz.

— Legal. Quem é a mulher alta de cabelos escuros?

— Karen King — disse Peter. — Aracnologista. Estuda a formação das teias de aranhas, mas colaborou para o livro Living Systems. Ela nunca deixa ninguém esquecer disso.

— Meio metida?

— Um pouco.

— É sarada — acrescentou Eric de olho no corpo de Karen King.

— É viciada em fisiculturismo. Artes marciais, ginástica.

Os dois se aproximaram do grupo. Alyson acenou para Eric.

— Já está pronto, querido?

Ele disse que sim. E depois abraçou Peter e os dois apertaram as mãos.

— Aonde vai agora, mano?

— Pegar a estrada. Para uma reunião no MIT. Fecharemos alguns negócios no final da tarde e cairemos na estrada outra vez. — Eric deu uma palmadinha no ombro de Peter. — Não suma. Vá me ver.

— Irei — disse Peter.

— Leve o grupo todo. Prometo… e a promessa se estende a todos… que não vai se decepcionar.

# Capítulo 2

**Prédio de Biociências**
**18 de outubro, 15h**

De volta ao laboratório, o ambiente familiar tornou-se subitamente prosaico e antiquado. Parecia com gente demais também. Fazia tempo que as tensões estavam quentes: Rick Hutter e Karen King se estranhavam desde o dia em que chegaram; Erika Moll trazia problemas para o grupo pelas escolhas amorosas que fazia; e como a maioria dos pesquisadores de todas as partes do mundo, todos ali eram rivais e já estavam esgotados de tanto trabalhar. Aparentemente, partilhavam o mesmo sentimento porque fizeram um longo silêncio com um ar desligado depois que retomaram o trabalho nas bancadas. Peter retirou o coletor de veneno da caixa de gelo, rotulou-o, e depois colocou na geladeira. Mesmo distraído, sentiu que um objeto sacolejava junto com as moedas no bolso e o pegou. Era a coisinha que tinha encontrado na Ferrari alugada do irmão. Girou-a em cima da bancada.

Isso não passou despercebido a Amar Singh, o biólogo de plantas.

— O que é isso?

— Ah. Uma peça que quebrou no carro do meu irmão. Uma peça do carro. Achei que podia rasgar o couro.

— Posso ver…?

— Claro. — A peça era um pouco maior que a unha de um polegar. — Veja — disse Peter sem vê-la mais de perto.

Amar examinou a peça na palma da mão atentamente.

— Isso não parece ser uma peça de carro.

— Não?

— Não. Parece mais uma aeronave.

Peter fixou os olhos na peça. Era tão pequena que os detalhes passavam despercebidos, mas olhando mais de perto parecia mesmo uma aeronave minúscula. Como os modelos de armar dos tempos de criança. Talvez um avião de caça para colar nos porta-aviões. Mas pensando bem não se parecia com os outros aviões de caça que tinha visto antes. Este tinha o nariz achatado, cabine aberta, sem cobertura para o piloto, e traseira compacta com flanges curtas e grossas, não eram asas propriamente ditas.

— Você me permite…

Amar pegou a lente de aumento que estava em sua bancada. Colocou o objeto sob a lente e o girou com cuidado.

— Isso é fantástico — disse.

Peter esticou a cabeça para olhar. Ampliada, a aeronave ou o que quer que fosse se afigurou em toda a beleza e riqueza de detalhes. Na cabine, uma surpreendente rede de controles que de tão pequeninos era difícil imaginar como teriam sido entalhados.

Amar pareceu pensar o mesmo.

— Talvez seja o mesmo tipo de litografia a laser utilizado nos chips de computadores — disse.

— Mas será mesmo uma aeronave?

— Tenho cá minhas dúvidas. Sem método de propulsão. Não sei. Talvez seja apenas um aeromodelo.

— Um aeromodelo? — repetiu Peter.

— É melhor perguntar ao seu irmão — disse Amar, voltando para a sua bancada.



Peter entrou em contato com o irmão. Ligou para o celular de Eric e ouviu vozes ao fundo.

— Onde você está? — perguntou.

— Na Memorial Drive. O pessoal do MIT adorou a gente. Entraram em sintonia com todas as nossas ideias.

Peter descreveu a pequena peça.

— Você não podia ter ficado com isso — disse o irmão. — É propriedade da companhia.

— Mas o que é isso?

— Na verdade, um teste — disse Eric. — Um dos testes iniciais de nossa tecnologia robótica. É um robô.

— Parece ter uma cabine com cadeirinha e instrumentos, como se para alguém sentar…

— Não, não, o que você está vendo é um encaixe para o *micropowerpack* e o pacote de controle. Assim ele pode ser guiado por controle remoto. Acredite em mim, Peter, é um robô. Apenas uma primeira prova de nossa produção de miniaturas que vão muito além do conhecimento atual. Mostrarei melhor quando tivermos tempo, mas… preste atenção, quero que mantenha isso em segredo, pelo menos por enquanto.

— Tudo bem, sem problema. — Peter não precisava mencionar o comentário de Amar para o irmão.

— Traga isso quando nos visitar no Havaí — disse Eric.



Ray Hough, o chefe do laboratório, chegou e passou o resto do dia revendo artigos científicos no escritório. Um acordo consensual entre os estudantes graduados os impedia de discutir um outro emprego na presença do professor Hough. Assim, ali pelas quatro da tarde todos se reuniram na Lucy's Deli, na avenida Mass. Espremeram-se em volta das mesinhas e iniciaram uma acalorada discussão. Rick Hutter repetiu o argumento de que a universidade era o único lugar onde se faziam pesquisas éticas. Mas os outros estavam mais interessados na proposta de Vin Drake e não lhe deram ouvidos.

— Ele foi bom — comentou Jenny Linn —, mas só era uma exibição de vendas.

— De fato — retrucou Amar Singh —, mas pelo menos uma parte da exibição foi verdadeira. Sobretudo quando disse que os novos instrumentos propiciam as descobertas. Com um novo tipo de microscópio à disposição ou uma nova técnica para a reação em cadeia da polimerase, rapidamente eclodiriam inúmeras descobertas.

— Mas será que esse lugar oferece mesmo as melhores condições de pesquisa do mundo? — perguntou Jenny Linn.

— Podemos ver com os próprios olhos — disse Erika Moll. — Eles disseram que pagam o transporte aéreo.

— Como é o Havaí nessa época do ano? — continuou Jenny.

— Não acredito que vocês estejam entrando nessa — disse Rick.

— Lá o tempo está sempre bom. Fiz o meu treinamento de taekwondo em Kona. Maravilhoso — disse Karen King que já tinha

trocado a roupa de trabalho pelo conjunto de moletom para praticar artes marciais.

— Segundo a diretora financeira a empresa vai contratar umas cem pessoas até o final do ano. — Erika Moll tentou manter a conversa fora do foco de Karen e Rick.

— Isso foi para nos assustar ou para nos seduzir?

— Ou para ambos? — disse Amar Singh.

— Alguém sabe o que vem a ser essa nova tecnologia que eles dizem possuir? — perguntou Erika. — Sabe de alguma coisa, Peter?

— Sob o ponto de vista da definição de carreira — disse Rick —, vocês seriam malucos se não fizessem o PhD primeiro.

— Não sei de nada — respondeu Peter, olhando de relance para Amar, que por sua vez não disse nada e balançou a cabeça em assentimento.

— Francamente, estou morrendo de vontade de conhecer as instalações deles — disse Jenny.

— Eu também — disse Amar.

— Já vi o site deles — comentou Karen. — Nanigen MicroTech. Eles afirmam que são especializados na produção de robôs em escala micro e nano. São milímetros abaixo de milésimos de um milímetro. Pelo visto estão desenvolvendo robôs com quatro ou cinco milímetros de tamanho… talvez um quarto de uma polegada. Alguns chegam a ter metade disso, talvez uns dois milímetros. E parece que são robôs bem detalhados. Não vejo explicação de como podem ser feitos.

Amar olhou fixamente para Peter, que se mantinha calado.

— Seu irmão não lhe falou disso, Peter? — perguntou Jenny.

— Não, eles guardam isso em segredo.

— Não ficou claro o que querem dizer com robôs em escala nano — continuou Karen. — Isso significaria menos que a espessura de um fio de cabelo humano. Não se pode produzir nada com essas

dimensões. Para isso seria preciso construir átomo por átomo do robô e ninguém é capaz de fazer isso.

— E eles afirmam que fazem? — comentou Rick. — Essa empresa é uma mentira.

— Aqueles carros não me pareceram mentiras.

— São carros alugados.

— Tenho que ir para a academia — disse Karen se levantando da mesa. — Mas antes quero dizer uma coisa. A Nanigen tem se mantido discreta, mas há quase um ano alguns sites financeiros fazem referências ligeiras a essa companhia. Obteve cerca de um bilhão de dólares em fundos de um consórcio organizado pela Davros Venture Capital…

— Um bilhão!

— Isso mesmo. E esse consórcio é basicamente composto por empresas farmacêuticas internacionais.

— Empresas farmacêuticas? — Jenny Linn enrugou a testa. — Por que estariam interessadas em microrrobôs?

— O plano está armado — disse Rick. — A poderosa indústria farmacêutica por trás dos panos.

— Será que estão querendo novos sistemas de distribuição? — perguntou Amar.

— Não, isso eles já têm com as nanoesferas. Não precisariam gastar um bilhão de dólares nisso. Talvez estejam querendo novos medicamentos.

— Mas como… — Erika balançou a cabeça intrigada.

— E ainda há mais nos sites financeiros — disse Karen. — Logo depois que obteve o financiamento, a Nanigen foi acusada por uma outra companhia de Paio Alto, especializada em microrrobótica, de ter forjado dados falsos para levantar os fundos e de não ter a tecnologia que proclamava ter. Essa outra companhia também estava desenvolvendo robôs microscópicos.

— Hummm…

— E o que aconteceu?

— Eles se livraram da acusação judicial. A outra companhia de Paio Alto declarou falência. E o processo terminou com o presidente declarando publicamente que a Nanigen tinha a tecnologia que alegava ter.

— E você acha que isso é verdade? — perguntou Rick.

— O que acho é que estou atrasada para a ginástica — disse Karen.

— Acho que é verdade — disse Jenny Linn. — Verei com meus próprios olhos no Havaí.

— Eu também — disse Amar.

— Não acredito nisso — disse Rick.



Peter e Karen desceram a avenida Mass em direção à Central Square. Era final de tarde, mas ainda fazia calor. Karen segurava a bolsa de ginástica com uma das mãos e mantinha a outra livre.

— Rick me dá pena — ela disse. — Tenta parecer ético, mas no fundo é um preguiçoso.

— Como assim?

— Não dispensa a segurança de uma universidade — ela explicou. — Não dispensa uma vida boa, confortável e segura. Só que ele não admite isso. Pode passar para o meu outro lado? — acrescentou.

Peter passou para o lado esquerdo de Karen.

— Por que isso?

— Sempre fico com essa mão livre.

Peter olhou para a mão direita de Karen. Ela segurava as chaves do carro de punho fechado, com a ponta de uma das chaves introduzida entre as juntas de dois dedos como a lâmina de uma faca. Preso ao chaveiro junto ao pulso também estava o cilindro de um spray de pimenta.

Ele não conteve o riso.

— Acha mesmo que corremos algum risco aqui?

— O mundo é um lugar perigoso.

— A avenida Mass? Às cinco da tarde? — Os dois estavam no coração de Cambridge.

— As faculdades não revelam o número verdadeiro de estupros em suas comunidades — ela argumentou. — Seria publicidade negativa. Os ex-alunos ricaços deixariam de matricular suas filhas.

Peter continuou de olho no punho fechado de Karen com a chave apontada como uma faca.

— O que vai fazer com essa chave que está segurando dessa maneira?

— Primeiro, atingir direto a traqueia do agressor. É uma dor lancinante e a ponta da chave pode perfurar a traqueia. Se isso não imobilizá-lo, jogo um jato de spray na cara do sujeito. E depois dou um pontapé e quebro a rótula do joelho. Nocauteado, ele não poderá fugir.

Ela falava a sério, quase irada. Ele reprimiu a risada. Estavam atravessando uma rua conhecida e movimentada. Gente que saía do trabalho para jantar em casa. Um professor com um paletó amarrotado e abraçado a uma pilha de provas em papel azul passou ao lado afobado, seguido por uma senhora que caminhava com auxílio de um andador. Mais à frente surgiu um grupo de corredores.

Karen mexeu dentro da bolsa e tirou uma pequena faca encapada de lâmina dentada.

— Com essa faca Spyderco estripo qualquer filho da mãe se for preciso.

— Ela ergueu a cabeça e eles se entreolharam. — Pareço ridícula?

— Não — ele disse. — É que… você teria mesmo coragem de estripar alguém com uma faca?

— Preste atenção — ela disse. — Minha meio-irmã em Baltimore é advogada. Foi atacada por um cara quando pegava o carro na garagem às duas da tarde. Foi empurrada, bateu com a cabeça no chão e desmaiou, e depois foi espancada e estuprada. Quando recobrou a consciência, ela estava com amnésia retrógrada. Não se lembrava do agressor, não se lembrava do ocorrido, não se lembrava de nada. Passou um dia inteiro no hospital e depois voltou para casa.

"Acontece que um dos sócios da firma de advogados apareceu com arranhões no pescoço e ela achou que talvez tivesse sido ele. Foi seguida e estuprada por um colega da própria firma. Mas não se lembrava de nada e não podia afirmar nada com certeza. Foi terrivelmente constrangedor. Algum tempo depois ela saiu da firma e se mudou para Washington DC, onde recomeçou a carreira de advogada ganhando metade do que ganhava na antiga firma.

— Ela ergueu o pulso.

— Tudo isso porque não carregava as chaves assim. Era boa demais para se proteger. Besteira.

Será que Karen seria capaz de furar alguém com uma chave ou de estripá-lo com uma faca? Ao pensamento de Peter seguiu-se a sensação desagradável de que ela seria capaz disso. No cenário da universidade, onde a maioria se perdia em bate-papos, ela era a única que sempre estava pronta para a ação.

Eles chegaram em frente à academia de artes marciais que tinha as janelas forradas de papel. Os gritos ressoavam em uníssono lá dentro.

— Bem, cheguei em cima da hora para a aula. Até mais tarde. Não se esqueça de falar com seu irmão. Pode perguntar por que as

empresas farmacêuticas investiram tanto dinheiro na microrrobótica? Estou curiosa — disse Karen, entrando na academia em seguida.



Peter retornou ao laboratório à noite. Alimentava a serpente de três em três dias, e quase sempre fazia isso à noite porque as serpentes são naturalmente noturnas. O relógio marcava vinte horas e quase todas as luzes do laboratório estavam apagadas. Ele enfiou um camundongo branco dentro do terrário e deslizou o vidro para fechá-lo. O camundongo correu apavorado até a extremidade do terrário e paralisou. Só o focinho mexia. A serpente se virou lentamente, desenrolou-se e encarou o camundongo.

— Odeio assistir a isso — disse Rick Hutter, aproximando-se de Peter pelas costas.

— Por quê?

— É muito cruel.

— Todo mundo precisa comer, Rick.

A serpente avançou e enterrou as presas no camundongo, que estremeceu de pé e logo perdeu os sentidos.

— É por isso que sou vegetariano — comentou Rick.

— E você acha que os vegetais não têm sentimentos? — disse Peter.

— Não comece — disse Rick. — Você e Jenny. — O campo de pesquisa de Jenny abrangia a comunicação entre plantas e insetos por meio dos feromônios, substâncias químicas que desencadeiam reações quando segregadas pelos organismos dos animais. Um campo que tinha progredido muito nos últimos vinte anos. Ela

sempre dizia que os vegetais deviam ser vistos como criaturas ativas e inteligentes, embora ligeiramente diferentes dos animais. E isso sempre deixava Rick aborrecido. — Isso é ridículo. Ervilhas e feijões não têm sentimentos — ele acrescentou.

— Claro que não — disse Peter sorrindo. — Isso só depois que matam a planta, sem dó nem piedade, que depois vai diretamente para o seu prato. Você faz de conta que as plantas não gritam de agonia quando são mortas porque não consegue encarar as consequências de ser um assassino frio e cruel de plantas.

— Absurdo.

— Especismo. E você sabe disso — rebateu Peter sorrindo, mas o que disse era pertinente. Ficou surpreso ao ver que Erika e Jenny também estavam no laboratório. Poucos pesquisadores trabalhavam à noite. O que estava acontecendo?



Erika Moll estava abrindo um besouro preto na mesa de dissecação. Ela era uma coleopteróloga, ou seja, uma entomologista especialmente interessada em besouros. Isso emudecia os bate-papos em festas, como ela mesma dizia. (“O que você faz?” “Estudo besouros.”) Mas a verdade é que não se pode negar a importância dos besouros para o ecossistema. Um quarto de todas as espécies conhecidas é composto de besouros. Alguns anos antes um repórter perguntara ao famoso biólogo J. B. S. Haldane o que se poderia deduzir do Criador a partir da Criação, e o biólogo respondeu: “Ele nutre uma paixão profunda pelos besouros.

— O que tem aí? — perguntou Peter para Erika.

— Um besouro-bombardeiro — ela respondeu. — Um dos *Pheropsophus* australianos que realmente esguicham.

Erika se moveu para continuar a dissecação e roçou no corpo de Peter. Parecia um contato acidental. Ela não deixava transparecer, mas flertava com ele.

— O que há de tão especial nesse bombardeiro? — ele perguntou.

A origem do nome se deve ao fato de que o besouro-bombardeiro esguicha um jato quente e tóxico de um ponto rotativo na extremidade do abdome, assim, atinge o alvo visado. É um spray desagradável que o protege dos sapos e pássaros e cuja toxidade mata os pequenos insetos instantaneamente. Os estudos sobre como os besouros realizam isso remontam ao início da década de 1900, e hoje o mecanismo é bem entendido.

— Os besouros produzem um spray fervente de benzoquinona, produzida pelos precursores estocados no corpo — ela explicou. — Eles têm duas bolsas na parte traseira do abdome… estou cortando e vou abri-las agora, viu? A primeira bolsa contém hidroquinona precursora junto ao hidrogênio peróxido oxidante. A segunda bolsa é uma câmara rígida que contém enzimas, catalases e peroxidases. Quando o besouro é atacado, a musculatura comprime o conteúdo da primeira bolsa que escoa para a segunda, onde todos os ingredientes se combinam e produzem um jato explosivo de benzoquinona.

— E o besouro-bombardeiro?

— Acrescenta algo mais à munição — continuou Erika. — Também produz cetona e 2-tridecanona. A cetona tem propriedades repelentes, mas também atua como surfatante, um agente líquido que acelera o jato de benzoquinona. Quero descobrir onde a cetona é produzida. — Ela tocou suavemente no braço de Peter.

— Você acha que a cetona é produzida pelo besouro? — ele perguntou.

— Não necessariamente. Talvez seja obtida por meio de uma bactéria que a produz para o besouro. Isso é muito comum na natureza. Produção de substâncias químicas que protegem a energia consumida, e ainda mais nos animais que incorporam bactérias que atuam em benefício deles.

— Essa cetona é encontrada em outra parte? — perguntou Peter. O fato sugeria que a origem da bactéria era externa.

— Sim, em diversas lagartas.

— Mudando de assunto, por que está trabalhando até agora? — ele perguntou.

— Nós todos estamos.

— Por quê?

— Porque não quero ficar para trás, e aproveito para lhe dizer que estarei fora na próxima semana. Vou para o Havaí — disse Erika.



Jenny Linn pegou um cronômetro e observou um complexo aparato: lagartas ingeriam plantas dispostas no fundo de um frasco espaçoso que era conectado por uma mangueira de ar a três outros frascos que também continham plantas, embora sem lagartas. Uma pequena bomba controlava o ar que circulava entre os frascos.

— Já conhecemos a situação básica — ela disse. — Existem 300 mil espécies de plantas conhecidas no mundo e 900 mil espécies de insetos dos quais muitos se alimentam de plantas. Por que as plantas não entram em extinção depois de mastigadas e de sucumbir na terra? Porque desde os tempos remotos desenvolvem defesas contra ataques de insetos. As plantas não escapam dos predadores da

mesma forma que os animais. Elas desenvolvem uma guerra química. Às vezes produzem os próprios pesticidas, às vezes geram toxinas que deixam um gosto horrível nas folhas e às vezes liberam substâncias químicas voláteis que atraem os predadores dos insetos. Vez por outra as plantas liberam substâncias químicas que induzem outras plantas a gerar folhas mais tóxicas, menos comestíveis. Intercomunicação entre as plantas, eis o que estamos medindo aqui.

As lagartas que ingeriam as plantas do primeiro frasco as induziam a segregar uma substância química, um hormônio das plantas que chegava aos outros frascos pelo ar. Isso estimulava a produção de ácido nicotínico por parte das plantas desses outros frascos.

— Estou observando para medir o nível de resposta — disse Jenny Linn.

— Por isso, os três frascos. Corto folhas de uma sequência de plantas para medir os níveis de ácido nicotínico nas folhas, mas quando acabo de cortar uma folha e passo para a planta seguinte…

— A planta age como se estivesse sob ataque e libera outros voláteis.

— Exatamente. Por isso, mantenho os frascos separados. Já sabemos que a resposta é relativamente rápida, em questão de minutos. — Ela apontou para uma caixa ao lado. — Os voláteis são medidos com um cromatógrafo a gás ultrarrápido, e a extração da folha é simples. — Olhou de relance para o cronômetro. — E agora, se me permite…

Ela ergueu o primeiro frasco e começou a cortar as folhas da base para cima, ordenando-as lado a lado com zelo.

— Ei, ei, ei… o que está havendo aqui?

Danny Minot entrou no laboratório agitando as mãos. Com a cara redonda e avermelhada, vestia um paletó de *tweed* esportivo com aplicação de couro nos cotovelos, uma gravata de listas transversais e calças largas. Olhava para o mundo como se fosse um

professor de inglês da fundação. O que não estava longe da verdade. Estava prestes a se doutorar em estudos da ciência, um misto de psicologia e sociologia com uma boa dose de pós-modernismo francês. Embora com licenciatura em bioquímica e literatura comparada, a literatura comparada predominava; sempre citava Bruno Latour, Jacques Derrida, Michael Foucault e mais alguns para os quais não existem verdades objetivas e sim verdades estabelecidas pelo poder. Danny estava no laboratório para completar uma tese sobre "códigos linguísticos da ciência e transformação paradigmática". Ou seja, na prática era um chato que incomodava com gravações de entrevistas enquanto os outros trabalhavam.

Ninguém gostava de Danny Minot. Eram frequentes as discussões sobre as razões que haviam levado Ray Hough a permitir a presença dele no laboratório. Até que alguém teve a coragem de perguntar ao próprio Ray que assim respondeu: — "Ele é primo da minha mulher. Ninguém mais o aguentaria."

— Vamos lá, minha gente — disse Danny —, ninguém trabalha neste laboratório até muito tarde e todos estão aqui. — Agitou as mãos novamente.

Jenny bufou com desdém.

— Mãozinha nervosa.

— Ouvi isso — disse Danny. — O que quer dizer com isso?

Jenny virou de costas para ele.

— O que significa isso? E não dê as costas pra mim.

Peter se voltou para Danny e disse:

— Mãozinha nervosa é todo aquele que não sabe elaborar as ideias e não sabe defendê-las. É aquele que, quando apresenta suas ideias mal elaboradas, começa a agitar as mãos e a falar rápido. Como se com isso quisesse dizer etcetera, etcetera. No mundo da ciência, agitar as mãos é um indício de que não se domina o que se está dizendo.

— Mas eu nunca agito as mãos aqui — disse Danny agitando as mãos. — A semiótica esta completamente distorcida.

— Ahn… ahn.

— Mas, como disse Derrida, a tecnotradução é bem difícil. O que faço é me exprimir com gestos de modo a incluir todos. O que está havendo?

— Não digam nada — disse Rick —, ou ele também vai querer ir.

— Claro que vou querer ir — disse Danny. — Eu sou o cronista da vida deste laboratório. Preciso ir. Para onde vão?

Peter fez um resumo da história.

— Ora, definitivamente, também vou. Interseção de ciência e comércio? Corrupção da juventude dourada? Ora, sem dúvida alguma… estarei lá.



Peter estava pegando uma xícara de café na cafeteira que estava no canto do laboratório quando Erika se aproximou.

— Quais são os seus planos para mais tarde?

— Não sei, por quê?

— Podíamos dar uma parada hoje à noite.

Ela o olhou de um modo direto e o modo direto de olhar o tirou do sério.

— Não sei, não, Erika. Preciso trabalhar até tarde — disse Peter, pensando com seus botões: faz três semanas que nos vimos pela última vez.

— Já estou quase terminando o meu trabalho — ela disse. — E ainda nem são nove da noite.

— Não sei. Vamos ver.

— Não gostou da oferta? — Ela esquadrinhou cada detalhe do rosto dele.

— Achei que você estivesse saindo com Amar.

— Gosto dele, gosto muito. Ele é muito inteligente. Mas também gosto de você. Sempre gostei.

— De repente a gente se fala mais tarde — ele disse e entornou o leite no café com tanta rapidez que deixou cair um pouco.

— Tomara — ela rebateu.



— Algum problema com o café? — perguntou Rick Hutter para Peter Jansen com um sorriso aberto. Segurava um camundongo de cabeça para baixo sob uma lâmpada halógena e media a pata traseira inchada com um pequeno paquímetro.

— Ahn, nenhum, é que levei um susto… porque está muito quente — respondeu Peter.

— Ahn… ahn, pelo visto surpreendentemente quente.

— Isso é um preparado de carragenina? — Peter mudou de assunto. Geralmente, utiliza-se a carragenina para desenvolver edemas nas patas de animais de laboratório. Um método padronizado de desenvolvimento de edemas em animais empregado por laboratórios do mundo inteiro no estudo da inflamação.

— Sim — disse Rick. — Injetei carragenina para a pata inchar. E depois fiz um curativo na pata com o extrato da casca da janaúba sucuba, uma árvore de porte médio da floresta tropical, e agora… felizmente, já podemos demonstrar as propriedades anti-inflamatórias dessa árvore. Já demonstrei isso com as seringueiras. A janaúba é extremamente versátil, cura ferimentos e úlceras. Segundo

os xamãs da Costa Rica, tem qualidades antibióticas, antitérmicas e anticancerígenas, além de também combater os parasitos. Mas ainda não testei tudo que se diz sobre a janaúba. O certo é que o extrato da casca do tronco reduziu o inchaço do camundongo com uma rapidez incrível.

— E já determinou os elementos químicos responsáveis pela reação anti-inflamatória?

— Pesquisadores no Brasil atribuem isso ao cinamato de alfa-amirina e outros componentes do cinamato, mas ainda não verifiquei. — Rick concluiu a medição do camundongo e recolocou-o na gaiola, depois digitou os dados da medição e do tempo no laptop. — Mas lhe digo uma coisa: parece que o extrato da árvore é completamente atóxico. Talvez um dia seja ministrado para mulheres grávidas. Opa, olhe só aquilo. — Ele apontou para o camundongo que se movimentava pela gaiola. — Já não está mais mancando.

Peter deu uma palmadinha nas costas do colega.

— Todo cuidado é pouco — disse senão poderá ser alvo de uma disputa da indústria farmacêutica pelos resultados obtidos.

— Não estou nem um pouco preocupado. Já estariam trabalhando com essa árvore se estivessem realmente interessados em desenvolver remédios — comentou Rick. — Afinal, por que assumiriam riscos? A indústria farmacêutica deixa isso para os fundos americanos de pesquisas. Os estudantes passam meses pesquisando e depois ela compra os resultados das pesquisas da universidade. E depois revendem as nossas descobertas a preços altíssimos. Um negócio perfeito, não acha? — Ele preparou-se para uma de suas tiradas. — Mas lhe digo uma coisa, essa maldita indústria farmacêutica…

Peter o interrompeu.

— Rick. Preciso ir.

— Ora, claro. Ninguém gosta de ouvir essas coisas.

— Preciso cuidar do veneno da minha naja.

— Não esquenta. — Rick se virou um tanto hesitante e olhou de relance para Erika. — Olha, sei que não é da minha conta…

— Isso mesmo, não é…

— Mas odeio ver um cara legal como você cair nas garras de alguém que… bem… De qualquer forma, conhece o Jorge? Aquele meu amigo que faz ciência da computação no MIT? Se quiser informações concretas de Erika, telefone para esse número — Rick estendeu um cartão. — Jorge pode acessar os registros das ligações telefônicas, inclusive gravações de voz e mensagens de texto. Só para saber a verdade sobre ela; caramba, meios promíscuos.

— E isso não é crime?

— É. Mas também é útil pra cacete.

— Obrigado, então — disse Peter. — Mas…

— Não, não fique com o cartão — insistiu Rick.

— Não vou usá-lo.

— Nunca se sabe — disse Rick. — Os registros telefônicos não mentem.

— Está bem. — Peter enfiou o cartão no bolso. Era mais fácil guardá-lo que argumentar.

— A propósito — continuou Rick —, quanto ao seu irmão…

— O que tem ele?

— Acha que está sendo sincero?

— Sobre a empresa?

— Sim, sobre a Nanigen.

— Acho que sim — disse Peter. — Mas para ser franco, não sei muita coisa a respeito.

— Ele não lhe disse nada?

— Foi muito reservado quanto aos detalhes da coisa toda.

— Mas você acha que essa coisa é inovadora?



*Claro que é inovadora,* pensou Peter enquanto espiava pelo microscópio. De novo, analisava a tal pecinha branca ou microrrobô ou fosse lá o que fosse. Levava em conta a explicação do irmão de que não era uma cabine e sim um encaixe para um *micropowerpack,* ou uma unidade de controle. Mas aquilo não parecia um encaixe para coisa nenhuma. Parecia um assento de frente para um painel de controle altamente detalhado.

Ainda estava encafifado com isso quando se deu conta de que todo o laboratório estava silencioso. Ergueu os olhos e as imagens do microscópio estavam sendo projetadas numa grande tela à parede. Os outros pesquisadores mantinham os olhos cravados na tela.

— Mas que diabo é isso? — perguntou Rick.

— Não sei. — Peter desligou o monitor. — Só saberemos se formos para o Havaí.

# Capítulo 3

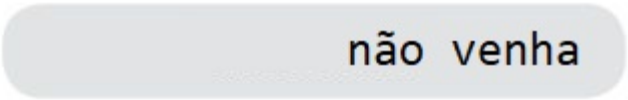


**Avenida Maple, Cambridge**
**27 de outubro, 6h**

Um após o outro, os sete pesquisadores aceitaram a oferta de Vin Dra-ke. Coletaram dados, redigiram descrições detalhadas das pesquisas e enviaram as informações via postal para a Nanigen, aos cuidados de Alyson Bender. Um após o outro, os sete pesquisadores receberam a resposta de que a Nanigen financiaria a viagem aérea até o Havaí; e para facilitar as coisas, viajariam juntos. Eram os últimos dias de outubro e os sete pesquisadores apressavam os preparativos para a partida. Eles tinham um monte de coisas a fazer: finalizar experiências e organizar projetos de pesquisa de modo a serem deixados de lado por um tempo; e, claro, fazer as malas. Planejavam partir no início da manhã de domingo; sairiam do Aeroporto Logan, em Boston, fariam uma conexão em Dallas e chegariam a Honolulu pela tarde. Por consenso geral, ficariam uns quatro dias no Havaí e retornariam no final da semana.

Na manhã cinzenta e gelada de sábado, véspera do voo, Peter Jansen trabalhava no computador no seu apartamento. Erika Moll também estava lá e preparava ovos e bacon cantarolando *Take a*

*chance on me*. De repente ele se lembrou de que tinha esquecido de ligar o celular depois que o desligou quando ela apareceu de surpresa na noite anterior. Ligou o celular e o deixou em cima da escrivaninha. Um minuto depois o celular zumbiu. Era uma mensagem de texto de Eric:




Peter fixou os olhos na mensagem. Era uma piada? O que tinha acontecido? Ele digitou em resposta:




Olhou para a tela do celular. Sem resposta. Alguns minutos depois ligou para o número de Eric no Havaí, mas a ligação caiu na caixa postal.

— Eric, é o Peter. O que houve? Ligue pra mim.

— Com quem está falando? — perguntou Erika da cozinha.

— Com ninguém. Só estou tentando um contato com meu irmão.

Ele voltou para a mensagem do irmão. Enviada às 21h49. Portanto, na noite anterior! Horário que no Havaí correspondia à tarde.

Ligou novamente para o irmão, mas a ligação caiu na caixa postal. Desligou.

— O café da manhã está quase pronto — disse Erika.

Peter levou o telefone para a mesa e o deixou ao lado do prato. Ela franziu o nariz, não gostava de ligações telefônicas durante as refeições. Serviu os ovos e disse:

— Segui a receita da minha avó, com leite e farinha de trigo…

O telefone tocou.

Ele agarrou o aparelho.

— Alô?

— Peter? — Uma voz de mulher. — Peter Jansen?

— Sim, ele mesmo.

— Aqui é Alyson Bender — disse a mulher. — Da Nanigen. — A imagem da loura abraçada à cintura de Eric passou na cabeça de Peter. — Ouça — ela continuou —, você pode apressar a viagem aqui para o Havaí?

— Nosso voo está marcado para amanhã — ele disse.

— Não pode vir hoje?

— Não sei, eu…

— É importante.

— Bem, vou checar os voos…

— Já tomei a liberdade de marcar um voo para você que sai em duas horas. Pode pegá-lo?

— Sim, acho que sim… mas o que está havendo?

— Lamento ser portadora de notícias perturbadoras, Peter. — Ela fez uma pausa. — É o seu irmão.

— O que houve com meu irmão?

— Está desaparecido.

— Desaparecido? — Ele sentiu-se aturdido, sem entender nada. — Desaparecido, como assim?

— Está desaparecido desde ontem — disse Alyson. — Foi um acidente com o barco. Não sei se ele lhe contou que comprou um barco, o *Boston Whaler*. Enfim, o fato é que comprou e ontem saiu para navegar ao norte da ilha, mas o barco apresentou problemas mecânicos… as ondas batiam com muita violência contra os rochedos. Os motores pifaram e o barco ficou à deriva…

Peter sentiu-se ainda mais aturdido. Empurrou o prato com ovos. Erika empalideceu de olhos arregalados.

— Como sabe disso? — ele perguntou.

— Algumas pessoas presenciaram tudo de cima dos rochedos.

— E o que aconteceu com Eric?

— Tentou reativar os motores. Não conseguiu. O barco estava prestes a ser esmagado contra os rochedos ao ser levado por uma onda muito alta. Ele mergulhou e saiu nadando… para a praia. Mas as correntes… o seu irmão não conseguiu chegar à praia… — Alyson respirou fundo. — Sinto muito.

— Eric é um bom nadador — disse Peter. — Um exímio nadador.

— Sei disso. Tanto é que ainda temos esperança de que apareça — ela acrescentou. — Mas a polícia, oh, oh, a polícia nos disse, bem… Eles querem falar com você logo que chegar aqui para colocá-lo a par de tudo.

— Sairei agora mesmo. — Peter desligou o telefone.

Erika foi ao quarto e trouxe a mala que já estava arrumada para a viagem do dia seguinte.

— É melhor sairmos logo, se quiser pegar esse voo — disse enlaçando-o pelos ombros.

Os dois desceram até o carro.

# Capítulo 4



**27 de outubro, 16h**
**Makapitu Point, Oahu**

Com altos penhascos no extremo nordeste de Oahu, Makapuu Point é um ponto turístico que propicia uma vista espetacular do oceano em todas as direções. Mas ao chegar, Peter não se adaptou à aridez desolada do lugar. A rajada de vento forte que agitava suas roupas obrigava-o a se curvar para poder andar.

— Isso aqui é sempre assim? — ele disse quase aos gritos.

— Não, às vezes é bem agradável. Mas o tempo virou na noite passada — disse Dan Watanabe acompanhando-o de óculos Ray-Ban. Apontou para o mar. Ondas violentas se chocavam contra as rochas.

— Foi aqui que aconteceu? — perguntou Peter.

— Sim — respondeu Watanabe. — O barco naufragou ali… — Apontou para a esquerda. — A Guarda Costeira o tirou das rochas esta manhã, antes que se arrebentasse nas ondas.

— Isso quer dizer que o barco estava em mar aberto quando teve problema? — disse Peter, olhando a agitação das cristas altas e brancas do mar.

— Sim. Segundo testemunhas ele ficou à deriva na água durante algum tempo.

— Tentando acionar o motor…

— Sim. À deriva e na direção da arrebentação.

— E qual foi o problema mecânico? — perguntou Peter. — Pelo que entendi, o barco era novo.

— Isso mesmo. Tinha poucas semanas de uso.

— Meu irmão tinha muita experiência com barcos — disse Peter. — Nossa família sempre teve barco em Long Island Sound, passávamos os verões lá.

— As águas daqui são diferentes — disse Watanabe. — Águas de oceano profundo. — Ele apontou. — Lá, a terra mais próxima, o continente fica a uns cinco mil quilômetros de distância. Mas não é essa a questão. Já está claro que o etanol deixou o seu irmão em apuros.

— Etanol? — disse Peter.

— Segundo uma lei no Havaí devem ser adicionados dez por cento de etanol em toda gasolina comercializada, mas o etanol estraga os motores pequenos. Muitos vendedores colocam uma quantidade maior de etanol na gasolina… mais de trinta por cento. Com isso as tubulações de combustível entopem e tudo que é feito de borracha ou de neoprene vira gosma. Isso acarreta grandes problemas para os barcos. Sempre trocam o tanque de combustível e as tubulações. Enfim, achamos que isso também aconteceu com seu irmão. Os carburadores entupidos enguiçaram a bomba de gasolina. Mas seja lá o que tenha acontecido, o fato é que ele não conseguiu religar o motor a tempo.

Peter fixou os olhos na água la embaixo. Próximo à costa verde; ao longe, azul profundo com cristas brancas agitadas pelo vento.

— Como são as correntes aqui?

— Depende — respondeu Watanabe. — Na maioria dos dias um bom nadador pode dominá-las. O problema é encontrar um lugar

para sair da água sem se machucar nas rochas de lava. Geralmente, nadam na direção oeste para alcançar a praia de Makapuu. — Ele apontou para uma faixa de areia a quase um quilômetro de distância.

— Meu irmão era um exímio nadador — afirmou Peter.

— Já soube, mas depois que ele mergulhou na água as testemunhas não o viram mais. As ondas estavam muito fortes naquele dia e ele desapareceu na espuma. Logo o perderam de vista.

— Quantas pessoas o viram?

— Duas. Um casal que fazia um piquenique perto da beira do penhasco. Sem contar os montanhistas e outras pessoas que não conseguimos localizar. Que tal sairmos do vento? — Watanabe caminhou pelo morro seguido por Peter. — Acho que nosso trabalho acaba por aqui — disse o policial. — A menos que queira dar uma olhada no vídeo.

— Que vídeo?

— O casal do piquenique gravou um vídeo quando percebeu que o barco estava com problemas. Gravaram por cerca de quinze minutos, inclusive o momento em que o seu irmão pula do barco. Não sei se quer ver o vídeo.

— Claro que quero vê-lo — disse Peter.

Colocaram-se à frente da telinha da câmera de vídeo no segundo andar da delegacia de polícia. Lá dentro estava barulhento e agitado e Peter teve dificuldade para se concentrar. Nas primeiras imagens um homem aparentando uns 30 anos de idade mastiga um sanduíche, sentado na relva verde da encosta do morro; depois, uma mulher beirando a mesma idade bebe uma Coca-Cola sorrindo e acenando para não ser filmada.

— É o casal — disse Watanabe. — Grace e Bobby Choy. A primeira parte dura uns seis minutos e exibe cenas dos arredores. — Ele pressionou o *fast-forward* e deu uma pausa no vídeo, acrescentando: — É o registro da hora.

— Na tela: 3:50:12 p.m. — Aqui Bobby aponta para o mar aberto… é quando avista o barco em apuros.

A câmera girou e pôs o mar à vista. O casco branco da lancha *Boston Whaler* balançava contra o horizonte azul. Estava a uns cem metros em mar aberto, muito distante para focalizar o irmão dele. A câmera volta para mostrar Bobby Choy olhando a cena de binóculos.

Só quando o barco se aproximou do litoral é que Peter enxergou melhor. Só então distinguiu a silhueta do irmão abaixado; ora aparecia, ora desaparecia.

— Talvez estivesse tentando desentupir a tubulação — disse Watanabe. — Pelo menos é o que parece.

— Parece — disse Peter.

Depois, a câmera flagra Grace Choy balançando a cabeça e tentando fazer uma ligação no celular.

Em seguida, a câmera volta ao barco, agora mais próximo da arrebentação.

E muda de novo para Grace Choy, agora balançando a cabeça e falando ao celular.

— A recepção do celular não é boa ali — disse Watanabe. — Ela estava ligando para o 911, mas a ligação caía a cada instante. Se essa ligação tivesse se mantido, a Guarda Costeira teria sido acionada imediatamente.

Depois, a câmera dá um solavanco, mas Peter divisou alguma coisa que…

— Espere!

— O quê?

— Dê uma pausa, dê uma pausa — disse Peter afobado. A imagem congelou e ele apontou para a tela. — Quem está lá atrás?

A tela exibia uma mulher vestida de branco que estava em pé no morro, poucos metros acima dos Choy. Olhava fixamente para o mar aberto como se apontando para o barco.

— Outra testemunha. Fora as outras três que caminhavam nas imediações — disse Watanabe. — Ainda não conseguimos identificá-las. Mas duvido que nos deem mais informações além das que já temos.

— Essa mulher tem alguma coisa na mão? — perguntou Peter.

— Parece que só está apontando para o barco.

— Não sei — disse Peter. — Acho que está segurando alguma coisa.

— Vou chamar o pessoal da perícia para dar uma olhada nisso. Talvez você esteja certo — disse Watanabe.

— O que ela fez depois? — perguntou Peter.

O vídeo voltou a rodar.

— Não demorou muito ali — respondeu Watanabe. — Sai, sobe o morro e some de vista. Olhe só, está saindo. Bem apressada, como se em busca de socorro, mas ninguém a viu depois disso. E não há registro de outra chamada para o 911.



Alguns minutos depois, Eric aparece no vídeo, pulando da lancha para dentro de uma onda. É difícil precisar, mas ele devia estar a uns trinta metros de distância da costa. Não mergulha de cabeça e sim de pé, e some na espuma branca rapidamente.

De olhos fixos na tela, Peter esperou que o irmão emergisse, mas isso não ocorreu. Eric agia de um modo estranho, talvez até perturbador: mergulhou sem o colete salva-vidas. E sabia perfeitamente que devia vestir o colete salva-vidas em emergências.

— Meu irmão estava sem o colete salva-vidas — ressaltou Peter.

— Também reparei — disse Watanabe. — Talvez tenha se esquecido de levá-lo para o barco. Acontece… sabe como é…

— Ele enviou alguma mensagem de socorro pelo rádio? — perguntou Peter para o policial. Claro que o barco de Eric era equipado de rádio marítimo VHF. Era um excelente navegador e certamente enviaria uma chamada de ajuda pelo canal 16, um canal sempre monitorado pela Guarda Costeira.

— A Guarda Costeira não recebeu nada.

Tudo era muito estranho. Sem colete salva-vidas, sem pedido de socorro. Será que o rádio de Eric enguiçara? Peter olhou fixamente para o mar que ondulava vazio no vídeo… o mar que tinha engolido as pistas do irmão.

— Desligue isso — disse algum tempo depois.

Watanabe desligou a câmera.

— Seu irmão se perdeu no *boneyard*.

— No quê?

— No *boneyard*. É como chamamos a área de arrebentação, onde borbulha uma espuma escorregadia. Talvez ele tenha se chocado com as pedras quando chegou na arrebentação. Algumas pedras ficam centímetros abaixo da superfície. Só que não sabemos ao certo. — Watanabe fez uma pausa. — Quer rever alguma coisa?

— Não — disse Peter. — Já vi o bastante.

O policial fechou e desligou a câmera.

— Aquela mulher no morro. Você a conhece?

— Eu? Não. Uma mulher como qualquer outra.

— Fiquei aqui matutando… sua reação foi muito forte.

— Não, desculpe. Só fiquei surpreso… pela aparição repentina da mulher, só isso. Na verdade, não faço a menor ideia de quem seja.

Watanabe se calou.

— Claro que me diria se soubesse — disse por fim.

— Claro que diria.

— Bem, de qualquer forma, muito obrigado pela atenção. — Watanabe estendeu um cartão com seu telefone. — Um dos detetives o levará de volta ao hotel.

Peter não trocou uma palavra durante o trajeto de carro. Não estava nem um pouco a fim de falar, e por sua vez o detetive não puxou conversa. A imagem de Eric desaparecendo na espuma da onda fora desconcertante demais. Mas a imagem da mulher no morro não tinha sido menos desconcertante, toda de branco e apontando para o barco aparentemente com um objeto na mão. Isso era desconcertante simplesmente porque a tal mulher era nada mais nada menos que Alyson Bender, a diretora financeira da Nanigen. A presença dela no cenário mudava tudo.

# Capítulo 5



**Waikiki**
**27 de outubro, 17h45**

Peter Jansen deitou na cama do quarto de hotel acossado pelo irrealismo. Sem saber o que fazer. Por que não tinha dito a Watanabe que a mulher no vídeo era Alyson Bender? Ele estava exausto e não conseguia descansar. O vídeo não parava de rodar na sua cabeça. Sobretudo a cena onde Alyson assistia à morte de Eric com alguma coisa na mão, como se indiferente ao destino dele. E depois ela se afastou às pressas. Por quê?

As palavras de Rick Hutter sobre Erika Moll lhe vieram à mente. Sobre como investigar alguém. Ele pegou a carteira e tirou tudo de dentro, cartões e dinheiro. E lá estava… o cartão que recebera de Rick no laboratório pouco mais de uma semana antes. Apenas o nome JORGE e o número de um telefone escrito à mão.

O nome do cara que acessava os registros telefônicos. O telefone do hacker do MIT.

O código de área era de Massachusetts. Ele discou o número. O telefone chamou por um tempo. E chamou um pouco mais. Sem a

gravação de caixa postal, ele ficou à espera. Por fim alguém atendeu com um grunhido.

— Ahn?

Jansen se apresentou e explicou o que queria.

— Sou amigo de Rick Hutter. Poderia me conseguir uma lista de chamadas recentes de um determinado número telefônico?

— Ahn? Por quê?

— Rick me disse que você faria isso. Pago quanto quiser.

— Dinheiro é o que menos importa. Só faço isso quando é… intrigante. — A voz soou amigável e com um ligeiro sotaque latino.

Peter expôs a situação.

— Talvez uma mulher esteja envolvida na morte… na morte… do meu irmão. — Era a primeira vez que associava a palavra morte a Eric.

Fez-se um longo silêncio.

— Escute… a mulher telefonou pra mim e tenho o número dela. Pode descobrir se falou com mais alguém ao telefone? Presumo que seja o telefone dela. — Ele repetiu o número do telefone de Alyson.

Fez-se um longo silêncio do outro lado da linha. Peter prendeu o fôlego.

— Me dê… — pausa — … algumas horas — disse Jorge por fim.

Peter se esticou na cama com o coração disparado. Ouviu o trânsito da avenida Kalakaua do seu quarto de frente para *mauka* — as montanhas. Era final de tarde, o sol se punha e o quarto se enchia de sombras. Talvez Eric tivesse chegado à praia; talvez estivesse sofrendo de amnésia em algum hospital; talvez tudo não passasse de um terrível engano… Ele não podia perder a esperança; de alguma maneira, em algum lugar, Eric acabaria aparecendo — sempre haveria uma chance, ainda que pequena. Ou será que tinha sido… assassinado? Peter — não conseguiu ficar no quarto por mais tempo e saiu.



Sentou-se na praia em frente ao hotel e observou o vermelhão do pôr do sol que escurecia o mar aos poucos. Por que não tinha dito ao policial que conhecia aquela mulher no vídeo? Calou-se quase que por instinto. Mas por quê? O que o tinha levado a isso? Quando ele e Eric eram mais jovens, um cuidava do outro. Eric cuidava dele. Ele cuidava de Eric…

— Aí está você!

Peter se virou e Alyson Bender se aproximava sob a luz do crepúsculo. Com um vestido azul de estamparia havaiana e sandálias, parecia bem diferente da mulher de terninho de executiva com pérolas no pescoço que conhecera em Cambridge. Ali, quase parecia uma garota inocente.

— Por que não telefonou pra mim? Achei que telefonaria depois que saísse da polícia. Como foi lá?

— Tudo bem — disse Peter. — Me levaram até o local… em Makapuu Point… e mostraram como aconteceu.

— Ahn, ahn. E alguma novidade? Quer dizer, sobre o Eric?

— Ainda não o encontraram. Nem o corpo.

— E o barco?

— O que tem o barco?

— A polícia examinou o barco?

— Ah, isso eu não sei. — Peter deu de ombros. — Não falaram nada.

Ela sentou-se na areia e pôs a mão no ombro dele. A mão de Alyson era macia e quente.

— Lamento que tenha passado por tudo isso, Peter. Deve ter sido um horror.

— Foi difícil. A polícia tinha um vídeo.

— Um vídeo? É mesmo? Você viu?

— Vi.

— E… esse vídeo ajudou em alguma coisa?

Será que ela realmente não tinha visto a filmadora nas mãos do casal que estava no morro logo abaixo dela? Será que só estava concentrada no barco? Ela esquadrinhava o rosto dele sob a luz do crepúsculo.

— Vi quando Eric pulou… mas ele não veio à tona — disse Peter.

— Que coisa horrível — disse Alyson suavemente.

Ela apertou e acariciou o ombro dele. Ele pensou em impedi-la, mas se conteve. Tudo era tão assustador.

— E o que a polícia acha? — ela perguntou.

— Sobre o quê?

— Sobre o que ocorreu, quer dizer, no barco.

— Acham que foi um entupimento…

O celular de Peter tocou. Ele o tirou do bolso e abriu.

— Aqui é o Jorge.

— Um momento. — Peter se levantou e disse para Alyson: — Desculpe, preciso atender a ligação. — Caminhou ao longo da praia. As estrelas já pipocavam no céu. — Jorge, pode falar.

— Já tenho a informação sobre o número que você que me deu. A assinatura está em nome da Nanigen MicroTechnologies Corporation de Honolulu. O nome ligado ao número é da funcionária Alyson F. Bender.

Peter olhou para trás. Alyson era uma sombra escura na areia.

— Continue — disse.

— Às 15:47 da tarde de ontem, horário local, ela fez três ligações seguidas para o número 646-673-2682.

— De quem é esse número?

— É um número sem assinatura, desses celulares pré-pagos que são descartados quando acabam os créditos.

— Três ligações seguidas?

— É, mas foram rápidas… a primeira durou três segundos, a outra, dois segundos, e a última, três segundos.

— Certo… Isso significa que não estava conseguindo completar a ligação?

— Não, ela conseguiu, não há mensagem de resposta, a ligação se limitou à chamada. Ela sabia que estava conectada. Há duas possibilidades. Ou ela insistiu na chamada esperando ser atendida, ou estava ativando algum tipo de dispositivo.

— Dispositivo…?

— Isso mesmo. Você conecta um telefone celular para acionar um dispositivo ao receber uma chamada.

— Sei. Então, três ligações seguidas. E o que mais?

— Ela ligou para outro número da Nanigen às 15:55, esse número pertence ao funcionário Vincent A. Drake. Quer ouvir a ligação?

— Claro.

Som de chamada, em seguida o clique de atendimento.



VIN: Sim?

ALYSON: (*sem fôlego*) Sou eu.

VIN: Sim?

ALYSON: Olhe, estou preocupada, não sei se deu certo ou não. Era pra ter surgido uma fumaça ou coisa assim…

VIN: Espere.

ALYSON: Mas estou preocupada…

VIN: Vamos parar por aqui.

ALYSONv: Você não entende…

VIN: Entendo, sim. Agora, escute. Você está no telefone. Preciso que fale… mais exatamente.

ALYSON: Ah.

VIN: Entende o que estou dizendo?

ALYSON: (*pausa*) Sim.

VIN: OK. Agora. Onde está o objeto?

ALYSON: (*pausa*) Indisponível. Desaparecido.

VIN: OK. Então, sem problema.

ALYSON: Mesmo assim, estou preocupada.

VIN: Mas o objeto reapareceu?

ALYSON: Não.

VIN: Então, repito, sem problema. Discutiremos isso pessoalmente depois, não agora.

ALYSON: Sim.

VIN: Tudo bem. Vejo você mais tarde.

Clique.



— Há outras duas ligações — disse Jorge. — Quer ouvi-las?

— Talvez mais tarde.

— Tudo bem. Envio por e-mail como arquivo .wav. Assim poderá ouvi-las no computador.

— Muito obrigado. — Peter se virou para trás e estremeceu quando viu Alyson. — Posso entregar isso para a polícia?

— De jeito nenhum — disse Jorge. — Esse material só pode ser acessado com ordem judicial. Se entregá-lo à polícia, não haverá chance de processo. Busca ilegal, apreensão. Sem falar que você… hum, pode me meter em encrenca.

— O que devo fazer então?

— Ahn… hum — resmungou Jorge. — Sei lá… talvez fazê-los confessar.

— Como?

— Desculpe, nisso não posso ajudar — disse Jorge. — Mas me chame na hora que quiser se precisar de mais gravações telefônicas — acrescentou e desligou.



Suando frio dos pés à cabeça, Peter girou e caminhou de volta pela praia. Já estava escuro e ele não pôde ler o rosto de Alyson. Sentada em silêncio na areia, ela perguntou:

— Está tudo bem?

— Sim, tudo bem.

Mas Peter se sentia afogado, sobrecarregado pelo turbilhão de acontecimentos. Até então ele era apenas um estudante com um sentido claro — e até mesmo cínico — das experiências de vida dos colegas e do que eram capazes de fazer. Lidando ao longo de anos com estudantes que colavam, estudantes que trocavam favores sexuais por notas de provas e estudantes que falsificavam resultados de provas, e também lidando com professores que se apropriavam dos trabalhos dos alunos. Claro, sem esquecer o bizarro caso de um orientador de tese que era usuário de heroína. Em suma, ele achava que aos 23 anos já tinha visto de tudo na vida.

Ledo engano. A ideia de homicídio ou de premeditada tentativa de homicídio do irmão o deixou trêmulo e suando frio. Sentiu-se inseguro diante daquela suposta namorada que evidentemente tramara contra o namorado. Uma namorada sem lágrimas nos olhos… como se não desse a mínima para o que tinha acontecido.

— Você está terrivelmente quieto, Peter — ela disse.

— Foi um dia cansativo.

— Aceita um drinque?

— Não, obrigado.

— Mai tais são famosos por aqui.

— Talvez mais tarde.

— Já jantou?

— Não estou com fome.

Ela se levantou da areia limpando a roupa.

— Sei que você está triste, também estou.

— É isso aí.

— Por que essa frieza comigo? Só estou tentando…

— Desculpe — ele disse às pressas. Não queria despertar suspeitas. Seria uma burrice, até mesmo perigoso. — Foi um grande choque.

Ela tocou no queixo dele.

— Telefona para mim se precisar de alguma coisa.

— Está bem, muito obrigado.

Eles saíram andando em direção ao hotel.

— Seus amigos vão chegar amanhã — ela disse. — Consternados pelo que aconteceu com Eric. Mas a visita às instalações está de pé conforme combinado. Ainda quer participar?

— Claro — ele disse. — Simplesmente não posso ficar sentado… assim. Esperando.

— Começaremos pelo Waipaka Arboretum, no Vale de Manoa, nas montanhas próximas daqui — ela continuou. — É lá que

conseguimos grande parte do material da floresta tropical para as pesquisas. Amanhã, às quatro. Quer que o pegue?

— Não é preciso. Pego um táxi — disse Peter, beijando a face de Alyson desajeitado. — Muito obrigado por sua presença. Significa muito.

— Só quero ajudar — ela disse com um olhar dúbio.

— E está ajudando. Acredite. Está ajudando.



Sem conseguir pegar no sono, sem nada no estômago e atormentado pelas informações de Jorge, Peter Jansen olhava o mar e a cidade da sacada do quarto. Mais acima, os picos das montanhas selvagens e escuras eram delineados pela estrelas do céu noturno. Alyson Bender tinha feito três ligações rápidas para um número telefônico. O horário das ligações — 15:47 — martelava na sua cabeça. No meio da tarde, lembrou que o vídeo gravado pelo casal tinha os horários registrados. Tentou lembrar de um determinado horário. Tinha boa cabeça para números, sempre os usava nas anotações de dados. O horário lhe surgiu na mente, 15:50… e alguns segundos. Três minutos depois das ligações de Alyson, o barco de Eric estava parado no vídeo.

Espere. E a mensagem de texto enviada por Eric? A que horas foi? Peter entrou no quarto, pegou o celular e localizou a mensagem. A mensagem de texto — *não venha* — ocorrera às 21:49. Fuso horário ocidental. Com as seis horas de diferença entre a Costa Leste e o Havaí, isso significava… significava que Eric enviara o texto às 15:49, hora local do Havaí. E que o enviara dois minutos após as três ligações de Alyson Bender para um celular descartável. Só havia

duas palavras na mensagem: *não venha*. Isso porque Eric estava entre a vida e a morte, sem tempo para enviar um texto longo. Enviou a mensagem de texto enquanto lutava para religar os motores, pouco antes de pular no mar. Peter quase deixou o celular escapulir de tanto que as mãos tremeram. Olhou hipnotizado para as palavras: *não venha*.

As últimas palavras do irmão.

# Capítulo 6

**Ala Wai, Honolulu**
**28 de outubro, 8h**

A oficina de barcos Akamai situava-se na Ala Moana Boulevard, próxima à marina de Ala Wai, no final da praia de Waikiki. Peter chegou lá de táxi às oito da manhã e o local já estava a pleno vapor. Não foi difícil localizar *Boston Whaler* no pátio com apenas uns dez ou doze cascos à vista.

A presença do barco na oficina respondia a pergunta de Alyson Bender na noite anterior: a polícia examinou o barco?

Por que teria feito essa pergunta? Talvez preocupada com o namorado, mas parecia mais preocupada com o barco e menos com o namorado. Afinal, Eric tinha pulado do barco.

Peter rodeou o barco, examinando-o minuciosamente.

Levando em conta a força das ondas que a tinham atingido, a lancha parecia surpreendentemente intacta. Na verdade, o casco de fibra de vidro branco estava todo raspado, como se garras gigantescas o tivessem arranhado; uma rachadura irregular ao longo de uns poucos metros no casco de estibordo, um pedaço da proa arrancado com violência. As *Boston Whaler* são conhecidas pela

capacidade de flutuar mesmo com o casco quebrado. Eric tinha anos de experiência com esse tipo de lancha. Saberia que não corria risco de afundar. A avaria na embarcação não justificava a decisão de abandoná-la. O irmão não pularia só por isso. Sabia que estaria mais seguro lá dentro.

Por que então pulou? Pânico? Confusão? Outra coisa?

Peter subiu a escada de madeira no extremo do barco até a popa. As escotilhas e a porta da pequena cabine estavam isoladas com a fita amarela de CENA DO CRIME. Pensou em checar os motores da popa, mas também estavam isolados.

— Posso ajudá-lo? — gritou um homem corpulento com a roupa de trabalho toda suja de graxa lá embaixo. Um boné de beisebol fazia uma sombra em seus olhos.

— Oh, olá — exclamou Peter. — Meu nome é Peter Jansen. Este barco é do meu irmão.

— Ahn, ahn. E o que você está fazendo aí?

— Bem, eu queria ver…

— Você é analfabeto? — perguntou o homem.

— Claro que não, sou…

— Parece que é, porque aquela placa ali diz claramente que todos os visitantes devem se registrar no escritório principal. Você não é visitante?

— Sim.

— Por que não se registrou?

— Pensei que podia…

— Pois pensou errado. Você não pode. E que diabos está fazendo aí?

— O barco é do meu irmão…

— Já sei disso. O barco é do seu irmão. Está vendo toda essa fita amarela? Sei que está vendo, e também sei que pode lê-la porque me disse que não é analfabeto. Certo?

— Sim.

— Pois então, você não pode meter o bedelho na cena do crime. Desça agora mesmo por onde subiu e vá se registrar e mostrar os documentos no escritório. Está com documento de identidade?

— Sim.

— Então, tudo bem. Desça logo e não desperdice mais o meu tempo. — O homem se afastou visivelmente irritado.

Peter desceu a escada do barco. Logo que pisou no chão, a voz do homem soou com impaciência.

— Posso ajudá-la, senhorita?

Uma voz feminina respondeu:

— Sim, estou procurando a *Boston Whaler* que a Guarda Costeira trouxe pra cá.

Era a voz de Alyson.

Peter se escondeu atrás do casco do barco.

— Que merda — disse o homem. — Qual é o problema desta porcaria de barco? Recebe mais visitas que um tio rico no leito de morte.

— O que o senhor quer dizer?

— Bem, ontem um cara apareceu dizendo que era dono do barco. Não se identificou e o mandei vazar. As pessoas tentam de tudo! E ainda há pouco apareceu um rapazinho dizendo que o barco era do irmão dele e mandei ele sair de perto da cabine. E agora você aparece aqui. Afinal, o que há com este barco?

— Não sei mesmo — disse Alyson. — Quanto a mim, esqueci uma coisa dentro do barco e vim pegá-la.

— Sem a menor chance. A não ser que tenha uma carta de autorização da polícia. Você tem?

— Bem, não…

— Lamento. Como já disse pro rapazinho, é a cena do crime.

— Onde está esse rapazinho? — ela perguntou.

— Já desceu a escada. Talvez ainda esteja do outro lado do barco. Pode ir junto com ele. Quer ir até o escritório?

— Por que iria querer?

— Telefonamos pra polícia e pedimos uma permissão pra tirar sua coisa do barco.

— Isso vai dar um trabalhão. Foi só o meu, bem, o meu relógio. Fui tirá-lo do pulso…

— Sem problema.

— Acho melhor comprar outro. É baratinho…

— Ahn, ahn.

— Achei que seria fácil.

— Bem, faça o que quiser. Mas terá que assinar lá dentro.

— Não vejo por quê.

— Porque se espera que faça isso.

— Acho que não — ela disse. — Não quero me meter com coisas da polícia.

Alguns minutos depois a voz do brutamontes soou novamente.

— Pode sair daí, garoto.

Peter surgiu por trás do casco. Alyson não estava mais no pátio.

— Não queria ir com ela? — disse o homem com um ar intrigado e a cabeça virada de lado.

— É isso aí, não queria ir com ela — disse Peter.

— Imaginei.

— Ainda quer que eu assine?

O homem balançou a cabeça lentamente.

— Sim, por favor.

Peter foi ao escritório e assinou. Isso não faria diferença. Alyson Bender já sabia que ele tinha visto o barco, e obviamente sabia que ele suspeitava de alguma coisa. Sendo assim, teria que agir rápido.

Lá pelo final do dia, pensou, ele teria que terminar tudo.



No quarto do hotel encontrou um e-mail de Jorge no laptop, sem texto. Apenas com três arquivos .wav anexados. Um dos arquivos era a gravação da ligação de Alyson Bender para Vin Drake. Em seguida, ouviu os dois outros arquivos. Gravações de duas ligações do celular de Alyson nas horas que se seguiram ao desaparecimento de Eric. Pareciam ligações rotineiras. Na primeira, Alyson telefonava para alguém, talvez do departamento de compras da Nanigen, e perguntava sobre um novo rombo no orçamento. A segunda era um papo ligeiro com um desconhecido, talvez um contador, sobre o motivo das despesas.

ALYSON: A Omicron, hum, perdeu mais dois protótipos.

DESCONHECIDO: O que houve?

ALYSON: Ainda não me falaram. Vin Drake quer que você contabilize isso como despesa comum de pesquisa, e não como redução de capital.

DESCONHECIDO: A perda de dois Hellstorms? Mas é um custo enorme… o pessoal da Davros…

ALYSON: Limite-se a chamar isso de pesquisa, entendeu?

DESCONHECIDO: É claro.

Peter salvou os arquivos depois de ouvi-los, mas não faziam sentido e não revelavam nada de aproveitável. Também salvou a conversa telefônica entre Alyson e Vin, uma conversa que seria

muito útil. Ele baixou tudo para o pendrive e o guardou no bolso, depois gravou um CD da mesma conversa. Levou o CD até o centro comercial do hotel e solicitou que imprimissem uma etiqueta profissional com os dizeres DADOS NANIGEN 5.0 28/10. No fim, olhou o relógio. Passava das onze da manhã.

Foi até o terraço para tomar o café da manhã sentado ao sol. Ao se debruçar no café e nos ovos se deu conta de que só estava fazendo suposições.

A mais relevante era que a Nanigen teria uma sala de conferência com os equipamentos eletrônicos de sempre. Isso parecia uma aposta garantida. Todas as empresas de alta tecnologia dispunham de salas iguais.

Uma outra suposição é que na visita os pesquisadores seriam reunidos em um único grupo e não divididos em pequenos grupos ou levados um por um. Isso junto à suspeita de que Vin Drake lideraria a visita do grupo, Vin adorava uma palestra — quanto maior, melhor. E ainda, se todos ficassem juntos, seria mais fácil para a Nanigen controlar a cota de informação transmitida.

Para Peter era importante que os pesquisadores ficassem juntos porque para fazer o que planejava precisaria de muitas testemunhas. Ou seria melhor agir na frente de uma ou duas testemunhas? Não… sua cabeça acelerou… não, é melhor provocar uma comoção na frente de muita gente, talvez seja a melhor forma, pensou consigo, de tirar a máscara de Drake e quem sabe até revelar o que ele e Alyson fizeram com Eric. E depois era só esperar que Drake ou que pelo menos Alyson perdesse o controle, sobretudo se fossem conduzidos de modo a ficarem nervosos. Peter achava que poderia fazer isso. Se ele forçasse a barra, ou Drake ou Alyson se irritariam na frente do grupo de pesquisadores. E era isso o que ele queria.

# Capítulo 7



**Waipaka Arboretum**
**28 de outubro, 15h**

O táxi se afastou do litoral e logo depois subia as montanhas. Pés de acácia sombreavam a estrada.

— Essa é a universidade. Nos dois lados da rua — disse o motorista apontando para prédios inexpressivos e cinzentos que mais pareciam um condomínio. Peter não viu alunos.

— Cadê todo mundo?

— Esses prédios são dormitórios. Eles estão agora nas salas de aula.

Passaram por um campo de beisebol e uma área residencial com casinhas no estilo bangalô. Mas à medida que o carro avançava, as casas escasseavam e as árvores se amontoavam. Seguiram em direção a uma grande cordilheira de montanhas verdes e florestadas, que se erguiam a uns seiscentos metros de altura à frente.

— É a Koolau Pali — disse o motorista.

— Não há casas lá em cima?

— Não, lá não se podem construir casas. É muito íngreme e tem muitas pedras vulcânicas esfareladas, não se pode escalar nem fazer

nada. Se você sair da cidade e voltar por esse mesmo caminho, a região ainda estará deserta. Chove muito no lado *mauka*, perto da montanha. Ninguém vive aqui.

— E o jardim botânico?

— Fica a uns 800 metros estrada acima — disse o motorista. A essa altura a estrada era uma via estreita sombreada pelas copas de gigantescas árvores. — Ninguém vai lá. Todo mundo prefere ir ao Foster Arboretum ou a qualquer outro jardim botânico. Tem certeza de que quer ir?

— Tenho, sim — disse Peter.

A estrada tornou-se ainda mais estreita e íngreme, ziguezagueando ao longo de uma encosta arborizada que ladeava a montanha.

Um carro buzinou pedindo passagem na estrada sinuosa e os ocupantes gritaram e acenaram ao passar. Peter levou um susto. Os jovens pesquisadores do laboratório espremiam-se dentro de um sedã Bentley conversível azul-escuro. O taxista resmungou alguma coisa sobre lagostas malucas.

— Lagostas? — repetiu Peter.

— Turistas. Eles se queimam ao sol e se tostam como lagostas.

Logo depois a estrada chegou a um sólido portão de aço. Abria-se diretamente para um túnel. Uma placa avisava que pessoas não autorizadas deviam se afastar do local.

O taxista diminuiu a velocidade e freou na frente do portão que se abria para o túnel.

— Fizeram algumas mudanças aqui. Por que quer visitar esse lugar? — perguntou.

— É uma visita a trabalho — respondeu Peter com desconforto ao olhar para o túnel. Um portão de aço? Será que o túnel tem retorno? Ele se perguntou se o portão seria para manter os curiosos do lado de fora ou para trancá-los lá dentro.

O motorista suspirou, tirou os óculos escuros e conduziu o carro túnel adentro. Era um túnel estreito, uma passagem de mão única que cortava um ombro da montanha. Depois da passagem, deram em um vale densamente arborizado e cercado pelas encostas e penhascos da Koolau Pali. Inúmeras cachoeiras rolavam em meio à selva das montanhas enevoadas. O carro desceu e chegou a uma clareira onde despontava um grande galpão ‘ com telhado de vidro. Em frente ao galpão, uma área sem calçamento com vagas para estacionar. Vin Drake e Alyson Bender esperavam ao lado de uma BMW vermelha. Ambos com botas e roupas de caminhada. Os jovens pesquisadores saíram animados do Bentley e reprimiram a animação quando Peter saiu do táxi.

— Sinto muito, Peter…

— Sinto muito pelo seu irmão…

— Sim, sinto muito…

— Alguma novidade? — Erika deu um beijo no rosto de Peter e o segurou pelo braço. — Sinto muito.

— A polícia segue investigando — ele disse.

Vin Drake apertou a mão dele com força.

— Só posso dizer que foi uma tragédia, uma grande tragédia. Se isso se confirmar, e queira Deus que não, será uma grande perda para todos nós. E um baque terrível para a companhia porque Eric fazia parte dela. Sinto muito.

— Muito obrigado — disse Peter.

— Ainda bem que a polícia segue investigando.

— Sim — disse Peter.

— Eles não desistiram, não perderam a esperança…

— Pelo contrário — comentou Peter. — Parece que descobriram coisas interessantes no barco de Eric. Se não me engano, um celular que esqueceram lá dentro. Parece que caiu dentro do compartimento do motor. Na verdade, não entendi direito o que me disseram.

— Um telefone celular dentro do compartimento do motor? — Drake franziu a testa. — O que me pergunto é o que isso poderia…

— Como já disse, não entendi direito — disse Peter. — Não sei o que levou a polícia a pensar que havia um telefone lá. Talvez o meu irmão tenha deixado cair o dele… não sei. Mas a polícia também vai checar as gravações telefônicas.

— Gravações telefônicas. Ah, sim. Isso é bom, muito bom. Uma boa varredura.

Drake estava pálido? Peter ficou na dúvida.

Alyson passava a língua nos lábios com nervosismo.

— Conseguiu dormir, Peter?

— Consegui. Tomei um calmante.

— Ah, que bom.

— Bem. — Vin Drake esfregou as mãos e se voltou para os outros. — De qualquer forma, bem-vindos ao Vale de Manoa. Que tal irmos direto ao trabalho que fazemos aqui? Reúnam-se, porque lhes darei a primeira visão de como a Nanigen opera.



Drake saiu do estacionamento, guiando o grupo em direção à floresta. Passaram por um galpão de maquinaria de terraplanagem de teto baixo.

— Talvez nunca tenham visto máquinas como essas. Reparem como são pequenas — disse Drake.

Para Peter pareceram minúsculos carrinhos de golfe equipados com uma retroescavadeira em miniatura com uma anteninha na parte superior.

— As escavadeiras são especialmente fabricadas para a Nanigen pela Siemens Precision AG, uma empresa alemã — continuou Drake. — Essas máquinas medem e escavam o solo com uma precisão de milímetros. E depois as placas de terra são colocadas atrás do galpão. Cada placa mede trinta centímetros quadrados e tem uma profundidade que varia entre três e seis centímetros.

— E a antena?

— Essa antena que pende em cima da retroescavadeira nos permite localizar o lugar exato a ser escavado. Em nossos arquivos há registros do lugar exato de onde procede cada amostra de solo. Tudo isso se tornará mais claro no transcorrer do dia. Por enquanto vamos nos ater a conhecer o lugar.

À medida que eles penetravam na floresta o solo se tornava irregular, com plantas e arbustos à altura dos joelhos, e a trilha se estreitava sinuosa em meio a gigantescas árvores, com troncos tomados de trepadeiras. Os tons de verde pareciam não ter fim. Uma luminosidade verde e amarela se introduzia na abertura das copas das árvores.

— Parece uma autêntica floresta tropical… — comentou Drake.

— Não parece — disse Rick Hutter. — E não é.

— E verdade. Não é. O terreno começou a ser cultivado por volta da década de 1920, quando ainda era uma estação experimental dos agricultores de Oahu, e mais tarde tornou-se uma estação de estudos ecológicos da universidade. Mas nos últimos anos deixaram de cultivá-lo e a terra reverteu ao estado natural. Chamamos essa área de Fern Gully.

Drake pegou uma trilha, seguido pelos jovens e detendo-se aqui e ali para observar uma planta ou uma flor.

— Mas continuando, vocês estão reparando nessa profusão de samambaias — disse abruptamente. — A nossa volta destacam-se as grandes árvores de samambaias *Cibotium* e *Sadleria*, e aos rés do solo, as pequeninas *Blechnum, Lycopodium* e… — Ele girou a mão e

apontou para a lateral da montanha. — Lá no alto, as samambaias *uluhe*, que cobrem quase todas as encostas das montanhas do Havaí.

— Não mencionou a samambaia *uluhe* rente aos seus pés — interrompeu Rick Hutter. — Chama-se *Dicranopteris*, também conhecida como chifre-de-veado.

— Acredito — disse Vin Drake, sem conseguir disfarçar a irritação. Depois de uma pausa, apoiou-se nos joelhos. — O caminho todo é ladeado de samambaias *peahi*, as maiores são as samambaias *makue*, moradas preferidas das aranhas. Notem que as aranhas são abundantes por aqui. Ao todo, umas vinte e três espécies, só nessa pequena área. — Deteve-se numa clareira onde as árvores se abriam para as montanhas que circundavam o vale. Apontou para o pico de uma das montanhas. — Aquele pico se chama Tantalus. Uma cratera de um vulcão extinto que vela o vale. Estamos pesquisando a Cratera Tantalus e também o vale.

Alyson Bender aproximou-se de Peter Jansen.

— Hoje a polícia entrou em contato com você?

— Não — ele disse. — Por quê?

— Fiquei me perguntando como é que você soube que estão investigando o barco… e os registros telefônicos.

— Ah. — Na verdade ele próprio tinha feito isso. — Bem. Saiu no noticiário.

— É mesmo? Não vi. Em que canal?

— Não lembro. Se não me engano, no canal cinco.

Rick Hutter aproximou-se e disse:

— Sinto muito, Peter. De verdade, cara.

Jenny Linn, que vinha atrás de Vin Drake, disse:

— Ainda não entendi o programa de pesquisa… quer dizer, o que realmente estão fazendo nesta floresta?

Drake sorriu e disse:

— Isso porque ainda não expliquei. Trocando em miúdos, planejamos coletar amostras de um quadrante do ecossistema

havaiano, desde a Cratera Tantalus até o Vale de Manoa, este lugar aqui.

— Que tipo de amostras? — perguntou Rick Hutter de mãos nos quadris. Estava com o jeans de sempre e uma camisa empapada de suor com mangas compridas dobradas até o meio do braço. Parecia um mateiro a desbravar a mata fechada. Exibia a cara combativa de sempre, os dentes trincados e os olhos apertados.

Drake respondeu sorrindo.

— Essencialmente, amostras de cada espécie de seres vivos desse ecossistema.

— Para quê? — insistiu Rick olhando fixamente para Drake.

Drake retribuiu o olhar fixo de Rick com um olhar frio. E sorriu em seguida.

— A floresta tropical é o maior reservatório de compostos químicos ativos da natureza. Estamos no meio de uma mina de ouro repleta de possíveis novos medicamentos. Medicamentos que poderão salvar inúmeras vidas. Medicamentos que valem muitos bilhões de dólares. Esta floresta, senhor… ahn… senhor…

— Hutter — disse Rick.

— Esta exuberante floresta, sr. Hutter, é chave para a saúde e o bem-estar de toda a humanidade. E está praticamente inexplorada. Os componentes químicos da flora, da fauna e das formas microscópicas de vida desse ecossistema ainda estão por explorar. Isso aqui é uma terra incógnita, uma terra absolutamente desconhecida. Tão vasta e tão cheia de riquezas quanto o Novo Mundo para Cristóvão Colombo. Nosso objetivo é simples, sr. Hutter. Nosso objetivo é descobrir medicamentos. Estamos à procura de novos medicamentos em escala além do imaginável. Já começamos uma varredura esmiuçada de toda a floresta em busca de compostos bioativos, desde a Tantalus até o vale aqui embaixo. E teremos um grande retorno.

— Retorno — repetiu Rick. — Mina de ouro. Novo Mundo. Isso quer dizer que está falando de uma corrida ao ouro, sr. Drake? Tudo gira em torno do dinheiro.

— Muito grosseiro de sua parte — retrucou Drake. — Em primeiro lugar, e acima de tudo, medicamentos têm a ver com salvar vidas. Estou falando em acabar com a dor que impede o desenvolvimento das potencialidades humanas. — Ele afastou-se de Rick que claramente o aborrecia, olhou de relance para os outros e saiu caminhando ao longo da trilha.

— Esse sujeito é uma versão moderna do conquistador espanhol. Saqueia o ecossistema por ouro — murmurou Rick para Karen King, cruzando os braços.

Ela olhou para ele com desdém.

— Não é o que você faz com os extratos naturais, Rick? Faz o diabo com as cascas de árvores em busca de novos medicamentos. Alguma diferença?

— A diferença é o montante de grana envolvido — ele disse. — E sabe onde a grana entra nisso tudo, não sabe? Nas patentes. Os direitos de milhares de patentes dos componentes químicos descobertos aqui serão da Nanigen… e depois as empresas farmacêuticas adquirem as patentes e lucram bilhões…

— Você está com inveja porque não tem patente nenhuma — Karen se afastou de Rick.

Ele a fulminou com os olhos e gritou:

— Não faço ciência para enriquecer. E pelo visto diferente de você… — Ele se deu conta de que ela o ignorava abertamente.

Danny Minot seguia desengonçado atrás do grupo, com o paletó de *tweed* que por alguma razão levara para o Havaí. Seus mocassins derrapavam pela trilha e o suor descia pelo seu pescoço e encharcava a camisa.

— Sr. Drake, se acaso conhece a teoria pós-estruturalista… — disse secando o rosto com um lenço e fingindo ignorar o

padecimento. — Hum… deve saber que… ufa!… que na verdade não podemos saber nada das florestas… Veja bem, sr. Drake, nós é que produzimos significados, quando na verdade não há significado algum na natureza…

Drake não se perturbou com as palavras de Danny.

— Minha visão, senhor Minot, é que não precisamos saber o que a natureza significa para fazermos uso da natureza.

— Sim, mas… — Danny continuou falando.

Alyson Bender se atrasou um pouco, deixando Peter ao lado de Rick.

— Acredita nele? Esse cara devia se chamar Sr. Biopirataria — disse Rick balançando a cabeça na direção de Drake.

— Ouvi seu comentário, sr. Hutter — disse Drake virando a cabeça abruptamente. — Completamente equivocado. A biopirataria se apropria de plantas indígenas sem recompensar o país de origem. Essa ideia atrai os bons samaritanos desinformados com dificuldades práticas. Alguém deveria ser recompensado pelo curare, por exemplo, uma planta medicinal disponível e utilizada pela medicina moderna? Quando há muitas receitas distintas do curare desenvolvidas pelos muitos grupos tribais espalhados pela América Central e América do Sul… uma região muito ampla. Receitas em que o curare difere em ingredientes e em tempo de cozimento, e depende do propósito e das preferências regionais. Como então recompensar os curandeiros indígenas? Acaso os curandeiros do Brasil fazem um trabalho melhor que os do Panamá e da Colômbia? Importa se as árvores que estão na Colômbia migraram… ou foram transplantadas… do lugar nativo, o Panamá? E o que dizer da fórmula vigente? A adição de *strychnos* importa ou não? E o que dizer da adição de fungos? Existe alguma consideração pelo domínio público? Permite-se que uma empresa farmacêutica explore um medicamento por vinte anos que depois se torna público. Segundo algumas vozes, *sir* Walter Raleigh trouxe o curare

de volta à Europa em 1596, mas certamente a planta tornou-se bem conhecida no século XVIII. Burroughs Wellcome comercializou pílulas de curare nos anos 1880 com propósitos medicinais. Portanto, tudo indica que o curare é de domínio público. De todo modo, há muito que os cirurgiões modernos deixaram de lado o curare extraído de plantas nativas. Só utilizam o curare sintético. Entenderam a complexidade do assunto?

— Meras desculpas corporativas — disse Rick.

— Sr. Hutter, pelo visto o senhor se apraz em desempenhar o papel de advogado do diabo para as minhas colocações — rebateu Drake. — Não me importo. Isso me ajuda a afiar os argumentos. O fato é que o emprego de compostos naturais na produção de medicamentos faz parte da vida. Se as descobertas de uma determinada cultura são valiosas, as outras culturas também se beneficiam de tais descobertas. Mas nem sempre as descobertas possuem um valor de troca, um preço. Por acaso recebemos licença para usar os estribos que os mongóis inventaram? Pagaremos aos chineses pela domesticação da produção da seda? E pelo ópio? Rastrearemos os descendentes contemporâneos dos agricultores neolíticos, os primeiros a controlar as lavouras no crescente fértil há dez mil anos, para pagar a todos eles? E quanto aos bretões medievais que fundiram o ferro?

— Vamos continuar andando — disse Erika Moll. — Se Rick não está prestando atenção, nós estamos.

— Tudo bem, ainda sobre esse clamor em torno da biopirataria de plantas, o que digo é que isso não se estende ao Havaí porque no sentido estrito do termo as plantas não são indígenas. Ilhas vulcânicas emergem no meio do oceano Pacífico como campos de lava quente e infértil, e tudo o que floresce nesses campos é trazido de outros lugares… pelos pássaros, pelo vento, pelas correntes oceânicas, pelas canoas de guerra polinésias. Nada é indígena, ainda que algumas espécies sejam endêmicas. O aspecto legal da situação é

uma das razões práticas que nos fizeram estabelecer a nossa empresa no Havaí.

— Evasão à lei — murmurou Rick.

— Obediência à lei — retrucou Drake. — Esse é o ponto.

Eles se aproximavam de uma área de arbustos altos e verdejantes.

— Muito bem — continuou Drake. — Esta área com gengibre *kahili* branco e amarelo chama-se Ginger Lane. O *kahili* tem essas hastes longas e vermelhas. Entre as árvores daqui estão os pés de sândalo, com sua típica e densa floração, e as saponáceas e uviras, com suas folhas grandes e verde-escuras.

O grupo inteiro olhou em todas as direções.

— Presumo que todos conheçam esta planta, caso não conheçam, esta folha espetada e estriada é do loendro, planta capaz de matar seres humanos. Um homem aqui da região morreu ao tostar carne na lenha do loendro, De vez em quando uma criança ingere os frutos e morre. E aquela grande árvore à esquerda é um pé de estricnina, oriunda da índia; embora todas as partes da estricnina sejam fatais, as sementes são piores.

"Aquele arbusto alto com folhas em forma de estrela ao lado é um pé de mamona, uma planta também tóxica, também letal. Mas em dosagens mínimas os componentes da mamona possuem propriedades medicinais. Presumo que o senhor saiba disso, não é, sr. Hutter?"

— É óbvio — disse Rick. — Os extratos de mamona são conhecidos como estimulantes da memória e pelas propriedades antibióticas.

Eles chegaram a uma bifurcação e Drake seguiu o caminho à direita.

— Por fim cá estamos na área das bromélias, que chamamos de Bromeliad Alley — disse. — A família das bromélias abrange cerca de oitenta variedades, entre as quais, como devem saber, está o

abacaxi. As bromélias também servem de abrigo para uma ampla gama de insetos. Entre as árvores a nossa volta, em primeiro plano, eucaliptos e acácias, e mais adiante, com as folhas curvadas a cobrir o caminho, as árvores mais típicas da floresta tropical: *ohia* e *koa*.

— E por que o senhor está nos mostrando tudo isso? — perguntou Jenny Linn.

Amar Singh juntou-se à conversa.

— Exatamente. Estou curioso a respeito da tecnologia, sr. Drake. Como coletam amostras de uma variedade tão grande de formas de vida? Os seres vivos são em sua maioria minúsculos. Bactérias, vermes, insetos e assim por diante. Enfim, quantas bioamostras coletam e processam por hora? E por dia?

— Todo dia sai um caminhão do nosso laboratório para a floresta tropical — disse Drake. — Coletam placas exatas de terra, de plantas e de tudo que é requisitado pelos nossos pesquisadores.

— Mandam caminhões diariamente para este lugar? — perguntou Rick.

— Isso mesmo, geralmente ali pelas duas da tarde. Já passamos da hora.

Jenny Linn abaixou-se.

— O que é isso? — apontou para o que parecia ser uma pequena tenda mais ou menos do tamanho da palma da mão em cima de uma pequena caixa de concreto. — Já vi outra igual lá atrás.

— Ah, sim — disse Drake. — Excelente observação, srta. Linn. São tendas espalhadas por toda a área da floresta tropical. São estações de suprimentos. Mais tarde explicarei tudo isso. Agora, se já estão prontos para partir, é hora de saberem o que de fato a Nanigen faz.

Eles tomaram o caminho de volta para o estacionamento, contornando um pequeno lago marrom cercado de palmeiras e bromélias.

— Lago Pau Hana — continuou Drake. — O nome significa "trabalho feito".

— Nome estranho para um laguinho de patos — comentou Danny. — Digo isso porque tem patos nesse lago. Já passamos por aqui e vi três ou quatro famílias de patos lá dentro.

— E viu o que acontece? — perguntou Drake.

Danny balançou a cabeça.

— Isso vai me aborrecer?

— Depende. Observe as ramagens que se alongam a quase um metro acima da água.

O grupo se deteve para observar. Karen King foi a primeira a ver.

— Uma garça-real cinzenta — ela sussurrou balançando a cabeça.

Uma ave cinzenta de cabeça empinada e olhos opacos estava a quase um metro de altura. Arrepiada, absolutamente imóvel e em meio à sombra da folhagem de uma palmeira.

— Pode permanecer assim por horas a fio — comentou Karen.

Eles observaram por alguns minutos e, quando estavam prestes a sair, uma família de patos começou a circular pela beira do lago com parte do corpo coberta pela vegetação aquática.

A garça-real mergulhou do poleiro em cima dos patos com um movimento rápido e retornou ao poleiro com um pequeno pé de pato para fora do bico.

— Aiiiiiii! — gritou Danny.

— Nossa! — exclamou Jenny.

A garça-real inclinou a cabeça para trás e aos poucos engoliu o resto do pato olhando fixamente para o alto. Em seguida abaixou a cabeça e retomou a imobilidade em meio à folhagem. Tudo em poucos segundos. Era difícil acreditar que tudo aquilo tinha acontecido.

— Que coisa horrível — exclamou Danny.

— É a lei da natureza — retrucou Drake. — Já devem ter reparado que há poucos patos no horto, pois então. Ah! Os carros já

devem estar a nossa espera para nos levar de volta à civilização.

# Capítulo 8

**Parque Industrial de Kalikimaki**
**28 de outubro, 18h**

Na volta para a sede da Nanigen, Karen King dirigiu o Bentley conversível com o grupo espremido lá dentro enquanto Alyson Bender e Vin Drake seguiam no carro esportivo. Ainda estavam a meio caminho quando Danny Minot, o doutorando de ciências, pigarreou e elevou a voz acima do barulho do vento.

— A meu ver o argumento de Drake a respeito das plantas venenosas é objeto de controvérsia.

"Objeto de controvérsia", uma das expressões favoritas de Minot.

— Ora! Como assim? — disse Amar, que nutria uma aversão particular por Minot.

— Bem, essa noção de veneno não é traiçoeira? — continuou Minot. — Chamamos de veneno qualquer composto que faz mal aos seres humanos. Ou que supostamente faz mal. Mas talvez não faça tão mal assim. Afinal, a estricnina foi patenteada como medicamento no século XIX. Considerada como reconstituinte. Se bem me lembro ainda é administrada nos casos de intoxicação alcoólica. E a árvore não se daria ao trabalho de produzir estricnina se não tivesse um

propósito, provavelmente de autodefesa. Sem falar nas outras plantas que também produzem estricnina como, por exemplo, a beladona. Só pode haver um propósito.

— Claro — disse Jenny Linn. — O de não ser comida.

— Esse é o ponto de vista da planta.

— E também o nosso, já que não comemos a planta.

— Você está querendo dizer que a estricnina não é prejudicial para os humanos? Que não é um veneno? — disse Amar para Minot.

— Exatamente. Esse conceito é traiçoeiro. Talvez até indeterminado. Mesmo porque, o termo "veneno" não se refere a algo estabelecido ou específico.

O comentário irritou o grupo que estava dentro do Bentley.

— Será que podemos mudar de assunto? — disse Erika.

— Eu simplesmente estou dizendo que a noção vigente de veneno é objeto de controvérsia.

— Danny, pra você tudo é objeto de controvérsia.

— Em essência, sim. — Ele balançou a cabeça. — Não adoto a visão científica de verdades aceitas e imutáveis.

— Nenhum de nós adota — retrucou Erika. — Mas algumas coisas são verificadas repetidamente e isso justifica que sejam tidas como verdadeiras.

— Não há nada mais confortável do que pensar dessa maneira, não é mesmo? Mas essa forma de pensar só serve para alimentar a fantasia da maioria dos cientistas a respeito de si mesmos. No fundo, isso tem a ver com as estruturas de poder — disse Minot. — E vocês sabem muito bem. Aquele que detém o poder é quem determina o que deve ser estudado, o que deve ser observado e o que deve ser pensado. Os cientistas se alinham com a estrutura de poder dominante. E se agem assim é porque a estrutura ; de poder paga as contas. Vocês não são amiguinhos da estrutura de poder, vocês não recebem dinheiro para pesquisas, vocês não são agendados, nem são

publicados. Em suma, vocês não representam nada. Vocês estão fora. Seria melhor que estivessem mortos.

Fez-se silêncio dentro do carro.

— E vocês sabem que estou certo — acrescentou Minot. — Só não gostam de ouvir.

— Por falar em amiguinhos do poder, olhem aquilo — disse Rick Hutter.

— Acho que estamos chegando ao Parque Industrial de Kalikimaki e à sede da Nanigen.

Jenny Linn pegou uma caixinha do tamanho de sua mão revestida de Gore-Tex e acoplou-a ao cinto com cuidado.

— O que é isso? Vamos brincar de mostrar e contar? — perguntou Karen King.

— Sim — respondeu Jenny. — Se eles vão mesmo nos oferecer trabalho, bem, pensei… — Ela deu de ombros. — Aqui estão todos os meus voláteis extraídos e purificados. O que você trouxe?

— Benzos, querida — disse Karen King. — Spray de benzoquinonas. Irrita a pele, queima os olhos… Extraí dos besouros, a química é ideal para a defesa pessoal. Segura, de curta duração, orgânica. Isso vai dar um excelente produto.

— Claro que você traria um produto comercial — disse Rick Hutter.

— Não tenho os seus escrúpulos, Rick — ela retrucou. — E aí, vai me dizer que não trouxe nada?

— Não, não.

— Mentiroso.

— Está bem, confesso. — Ele apalpou o bolso da camisa. — É o látex extraído da minha árvore. Com uma aplicação isso mata qualquer parasita que esteja alojado na pele.

— Para mim isso soa como um produto — comentou Karen ao mesmo tempo em que girava o volante do Bentley e fazia uma curva fechada sem sair da pista. — Talvez consiga um bilhão de dólares

por ele. — Ela desviou os olhos da estrada e olhou de relance para Rick com um ar maroto.

— Nada disso, só estou estudando a estrutura do mecanismo bioquímico…

— Que o digam os investidores capitalistas. — Ela olhou de relance para Peter, que estava sentado no banco dianteiro ao lado. — E quanto a você? Já deve estar de cabeça quente. Trouxe alguma coisa?

— Para dizer a verdade, trouxe — ele disse.



Peter Jansen apalpou o CD no bolso da jaqueta com um arrepio nervoso percorrendo seu corpo. Caminhava em direção ao prédio da Nanigen pensando que não tinha aprimorado seu plano. Faria com que Alyson Bender e Vin Drake confessassem na frente do grupo de qualquer maneira, isso seria obtido por meio da conversa telefônica entre Alyson e Vin reproduzida por Jorge. Se o grupo todo ouvisse a confissão, isso reprimiria a reação de Drake. Ele não atacaria os sete jovens pesquisadores ao mesmo tempo.

Pelo menos a ideia era essa.

Perdido nos próprios pensamentos, Peter e os outros pesquisadores entraram no prédio, monitorados por Alyson Bender.

— Por aqui, por favor.

Eles chegaram a uma elegante área de recepção mobiliada com sofás de couro preto. — Senhoras e senhores… peço que entreguem celulares, câmeras e outros dispositivos de gravação. Ficarão aqui e serão devolvidos quando saírem. E assinem o termo de sigilo, por favor.

Ela distribuiu os documentos. Peter assinou sem prestar atenção, sem se dar ao trabalho de ler.

— Se alguém não quiser assinar, deve esperar aqui até a visita terminar. Todos assinaram? Muito bem. Sigam-me.

Alyson os conduziu ao longo de um corredor até que eles chegaram a uma série de laboratórios de biologia, onde eram aguardados por Drake. Os laboratórios eram modernos ao extremo, com paredes de vidro que se estendiam nos dois lados de um corredor central. Alguns apresentavam um número surpreendente de equipamentos eletrônicos, e esse detalhe que os deixava mais parecidos com laboratórios de engenharia não passou despercebido a Peter. Com o expediente do dia encerrado, a Nanigen estava silenciosa. Embora a maioria dos laboratórios estivesse vazia, os poucos pesquisadores que ainda trabalhavam poderiam varar a noite.

Enquanto o grupo percorria o corredor, Vin Drake soltava pílulas de informação sobre cada laboratório.

— Proteômica e genômica… química ecológica… Fitopatologia, incluindo viroses de plantas… biologia estocástica… sinalização elétrica de plantas… laboratório de ultrassonografia de insetos… fitoneurologia, ou seja, neurotransmissores de plantas… Olhe isto aqui, Peter, venenos e toxinas… Voláteis de aracnídeos e coleópteros… fisiologia comportamental, ou seja, secreção exócrina e ordem social, de formigas principalmente…

— E para que todo esse equipamento eletrônico? — perguntou alguém.

— Para os robôs — respondeu Drake. — Precisam ser reprogramados ou reparados depois de cada jornada no campo. — Fez uma pausa observando o grupo. — Vejo muitos rostos intrigados. Entrem aqui, vamos olhar mais de perto.

O grupo se aglutinou no laboratório à direita. O lugar exalava um leve odor de terra, de material decomposto, de folhas secas.

Drake os levou até a mesa onde estavam diversas placas quadradas de terra, com uma câmera de vídeo suspensa por cima de cada quadrado.

— São amostras do material que coletamos na floresta tropical — ele disse. — Fazemos diferentes projetos para cada placa e os robôs trabalham em cada uma em particular.

— Onde? — perguntou Erika. — Não estou vendo…

Drake ajustou a luz e a câmara de vídeo. Surgiu nos monitores um objeto microscópico sendo ampliado muitas vezes na placa de terra.

— Como podem ver, é uma escavadeira coletora que trabalha em escala microscópica — ele explicou. — E tem muito a fazer, pois uma placa de terra como essa abriga a vastidão de um mundo interligado e ainda desconhecido pelo homem. São trilhões de micro-organismos, dezenas de milhares de espécies de bactérias e protozoários, a maioria ainda não catalogada. Uma placa de terra como essa abriga milhares de quilômetros de fios microscópicos de hifas fúngicas. E um milhão de artrópodes e outros insetos microscópicos e invisíveis a olho nu. Além de dezenas de minhocas dos mais variados tamanhos. Na realidade, o número de seres vivos microscópicos nessa pequena placa de terra é maior que o de seres vivos macroscópicos na superfície inteira do planeta. Reflitam a respeito. Nós os humanos vivemos na superfície. Pensamos que a vida se resume a isso. Pensamos em termos de homens, mulheres, elefantes, tubarões e florestas. Uma percepção equivocada. A verdade da vida neste planeta é bem diferente. O fundamento da vida, o alicerce que fertiliza, escava e reproduz em contínua atividade encontra-se em um nível mais abaixo. E é nesse nível que as descobertas estão acontecendo.

Era um discurso de impacto. Drake sempre o fazia, sempre deixava a plateia calada e de queixo caído. Mas não aquele grupo. Rick Hutter se manifestou de imediato.

— E qual é a descoberta desse robô em particular?

— Nematoides — disse Vin Drake. — Parasitas microscópicos provavelmente com importantes propriedades biológicas. Nessa placa de terra existem cerca de quatro bilhões de nematoides, mas coletaremos apenas os ainda desconhecidos.

Drake se voltou para as janelas que divisavam um laboratório onde alguns pesquisadores trabalhavam em algumas máquinas. Máquinas complicadas.

— Estamos fazendo uma triagem nesse laboratório — disse. — Uma triagem acelerada de milhares de compostos por intermédio de um fracionador de alta velocidade e um espectrômetro de massa… aquelas máquinas que vocês estão vendo. Já encontramos dezenas de candidatos a novos medicamentos. E todos naturais. O melhor da Mãe Natureza.

Amar Singh se impressionou com a tecnologia, se bem que ainda não tinha entendido algumas coisas. Os robôs, por exemplo. Eram muito pequenos. Pequenos demais, pensou, para abrigar um computador dentro de si.

— Esses robôs podem mesmo identificar e coletar vermes? — perguntou.

— Sim, fazem isso com muita facilidade — respondeu Drake.

— Como?

— A própria inteligência dos robôs se incumbe disso.

— Mas como? — Amar apontou para uma placa de terra onde um robozinho escavava a terra com ferocidade. — Essa máquina não tem mais que oito ou nove milímetros de comprimento — disse. — É do tamanho da unha do meu dedo mindinho. É impossível colocar um computador dentro de algo de dimensões tão diminutas.

— Na verdade, é possível.

— Como?

— Que tal irmos à sala de conferência?



Quatro telões planos brilharam atrás de Vin Drake. Exibiram imagens com intensos tons de azul e roxo que pareciam ondas oceânicas vistas de um avião. Ele começou a andar na frente das telas com a voz amplificada por um microfone preso à lapela. Apontou para as telas roxas.

— O que vocês estão vendo são padrões de convecção em campos magnéticos que se aproximam em força a 60 Tesla — disse. — São os campos magnéticos mais intensos gerados pelo homem. Para que vocês tenham uma ideia, um campo magnético de 60 Tesla é dois milhões de vezes maior que a força do campo magnético da Terra. São campos criados pela supercondução criogênica por meio de materiais compostos à base de nióbio.

Drake fez uma pausa para que o grupo assimilasse.

— Há cinquenta anos se sabe que os campos magnéticos afetam os tecidos de animais de diversas maneiras. Vocês já estão familiarizados com a imagem por ressonância magnética ou MRI. E sabem que os campos magnéticos promovem a cura dos ossos, inibem parasitas, modificam o comportamento das plaquetas e assim por diante. Mas tais efeitos são secundários e resultam da exposição a campos de baixa intensidade. A situação se torna inteiramente diferente sob campos de força extremamente elevados como essa que só recentemente, conseguimos gerar… Pouco tempo atrás ninguém fazia ideia do que poderia ocorrer em tais condições. Chamamos esses campos magnéticos de campos tensoriais para distingui-los dos campos magnéticos comuns. Os campos tensoriais têm campos

de força ultraelevados. As mudanças dimensionais da matéria tornam-se evidentes nos campos tensoriais.

"Mas tivemos uma dica… uma pista, se vocês querem saber. Isso veio de uma pesquisa conduzida nos anos 1960 pela empresa Nuclear Medical Data que observou a saúde dos funcionários nas instalações nucleares. Os pesquisadores da empresa avaliaram que no geral os funcionários apresentavam uma excelente saúde, mas observaram que os funcionários expostos a campos magnéticos intensos ao longo de dez anos perderam 0,6 centímetros de altura. Consideraram a conclusão como um dado estatístico e a ignoraram.

Ele fez outra pausa para ver se o grupo tinha entendido para onde isso se encaminhava. Ninguém parecia fazer a menor ideia.

— Mas a conclusão não era um dado estatístico. Segundo um estudo feito na França em 1970, os trabalhadores franceses expostos a um campo magnético intenso perderam cerca de oito milímetros de altura. Acontece ! que os franceses também descartaram o achado e o consideraram "trivial".

— Hoje, no entanto, sabemos que a coisa é bem diferente. A Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa, a DARPA, interessou-se pelos estudos já feitos e, pelo que se diz, testou cãezinhos sob campos de força intensos, os mais intensos gerados até então, num laboratório secreto em Huntsville, no Alabama. Não há registros oficiais dos testes, a não ser algumas velhas páginas esmaecidas de fax que se referem a um cão pequinês do tamanho de uma borracha de lápis.

Isso causou um rebuliço. Alguns dos jovens pesquisadores se mexeram nas cadeiras. Todos se entreolharam.

— Parece que o cão ganiu lamentavelmente e morreu algumas horas — depois, com apenas uma gotícula de sangue — continuou Drake. — Como os resultados eram geralmente instáveis e inconclusivos, deixou-se o projeto de lado por ordem de Melvin Laird, o então secretário de Defesa.

— Por quê? — perguntou alguém.

— Ele ficou preocupado com uma possível desestabilização nas relações entre os Estados Unidos e a União Soviética — respondeu Drake.

— Mas por que isso aconteceria?

— Ficará claro em um minuto — disse Drake. — O importante é que agora podemos gerar campos de força magnética extremamente elevados, os campos tensoriais. E sabemos que sob a influência de um campo tensorial tanto a matéria orgânica como a inorgânica experimentam algo análogo a uma mudança de fase. Resultado, no campo tensorial a matéria experimenta uma compressão acelerada por um fator de dez até menos um e menos três. A maior parte das interações quânticas permanece simétrica e invariável, de modo que a matéria encolhida interage normalmente com a matéria regular, pelo menos na maior parte do tempo. A transformação é metaestável e reversível sob condições de campo inverso. Estão me acompanhando?

Todos estavam bastante atentos, mas os rostos refletiam ceticismo, descrença, fascínio e até mesmo uma ligeira confusão. O assunto de Drake era física quântica, não biologia.

Rick balançou a cabeça e cruzou os braços.

— Aonde você quer chegar? — perguntou quase aos gritos.

— Boa pergunta, sr. Hutter. Já está na hora de verem com os próprios olhos — respondeu Drake impassível.

Os telões atrás de Drake escureceram e em seguida o painel central se iluminou. Eles assistiram a um vídeo em alta definição.

Na tela, um ovo.

Um ovo sobre uma superfície plana e escura. E por trás do ovo um painel amarelo com muitas dobras semelhante a uma cortina.

O ovo se mexeu. Começou a rachar. Um biquinho rompeu a casca, a rachadura aumentou e o topo do ovo se abriu. Um pintinho

saiu piando lá de dentro com passinhos vacilantes e sacudiu as asinhas eriçadas.

A câmera começou a se afastar.

Com o cenário ampliado, o entorno do pintinho tornou-se visível. O painel amarelo configurou um pé enorme de uma ave. O pé de uma galinha. O pintinho então cambaleou ao lado de um pé monstruoso de uma galinha. A câmera se afastou ainda mais e a galinha se mostrou de corpo inteiro — parecia gigantesca. Mas quando a câmera se afastou ao máximo, tanto o pintinho como os pedaços da casca do ovo tornaram-se grãos de pó debaixo da galinha.

— Isso é brincadeira… — Rick não terminou a frase. Não conseguiu desgrudar os olhos da tela.

— Isso é tecnologia da Nanigen — disse Drake.

— A transformação… — disse Amar.

— Pode ser feita em organismos vivos. Sim, encolhemos o ovo num campo tensorial. O feto dentro do ovo não foi afetado pela mudança dimensional. Como já foi visto, o ovo rompeu-se normalmente. Isso prova que mesmo os sistemas biológicos mais complexos podem ser comprimi dos em campos tensoriais com as funções normais de vida mantidas.

— E o que são essas outras coisas na tela? — perguntou Karen.

No vídeo, a galinha pisava em cima de uma extensão borrada de pontos minúsculos. Alguns pontos se mexiam.

— São outros pintinhos. Modificamos o tamanho de toda a ninhada — disse Drake. — Infelizmente, são tão pequeninos que a mãe pisou sem querer em alguns pintinhos.

Fez-se um breve silêncio. Amar rompeu o silêncio.

— Já fizeram isso com outros organismos?

— Claro que sim — respondeu Drake.

— Você quer dizer… com seres humanos? — disse Amar.

— Sim.

— Aqueles robozinhos escavadores que vimos no jardim botânico — continuou Amar. — Pelo que entendi não há um programa de inteligência dentro dos robôs.

— Não precisamos fazer isso.

— Porque são seres humanos.

— Sim.

— Seres humanos que passaram pela alteração dimensional.

— Puta merda — explodiu Danny Minot. — Está querendo nos fazer de bobos?

— Não — disse Drake.

Rick Hutter soltou uma gargalhada.

— É golpe — sussurrou. — Esse cara está vendendo ouro de tolo.

Karen King também não tinha acreditado.

— Isso é propaganda enganosa. Sem essa. No vídeo se pode fazer qualquer coisa — disse.

— É tecnologia existente — afirmou Drake com toda calma.

— Insiste então em afirmar que são capazes de fazer uma mudança dimensional em seres humanos na escala de dez até menos três — disse Amar.

— Sim.

— Isso significa que uma pessoa de um metro e oitenta de altura, hum… cento e oitenta centímetros… ficaria com sete centésimos de 2,5 centímetros de altura.

— Exato — disse Drake. — Pouco menos de dois décimos de um milímetro.

— Meu Deus — exclamou Rick.

— E na escala de dez até menos dois, a pessoa ficaria aproximadamente com 1,2 centímetro de altura. Doze milímetros — acrescentou Drake.

— Eu realmente gostaria de ver isso ao vivo — disse Danny Minot.

— Claro — disse Drake. — Vocês verão.

# Capítulo 9



**Sede da Nanigen**
**28 de outubro, 19h30**

Enquanto Drake conversava com o resto do grupo, Peter Jansen puxou Alyson Bender para o lado.

— Alguns de nós trouxemos amostras e componentes para mostrar ao sr. Drake.

— Isso é ótimo — disse Alyson.

— Eu trouxe um CD com uma ideia… hum, da minha pesquisa — disse .( Peter.

Ela assentiu a cabeça.

— É uma gravação. Envolve o meu irmão — ele acrescentou, querendo agitar os ânimos, enervá-la.

Ela assentiu novamente e saiu da sala de conferência. Com um brilho de alarme nos olhos.

Em seguida, como Drake continuava conversando, Peter se esgueirou por trás da porta de serviço em direção ao painel de áudio. Estava atrás de um equipamento, um amplificador. Ele não queria ter a voz abafada e calada nem por Drake nem por qualquer outro. Abriu e revolveu algumas gavetas até que encontrou o que

procurava. Um Lavalier, um microfone sem fio que transmitia a voz para um alto-falante. Um Lavalier idêntico ao que tinha sido usado por Drake na palestra ilustrada. Um dispositivo com uma unidade de transmissão e um microfone com fio ligado ao transmissor. Enfiou o transmissor e a fiação no bolso da calça.

Drake concluiu a apresentação dos vídeos e acenderam-se as luzes na sala de conferência.

— Se alguns de vocês trouxeram algumas coisas para nos mostrar, estamos ávidos para vê-las — disse. — Será que… trouxeram?

Alyson Bender entrou na sala. Aproximou-se e cochichou alguma coisa no ouvido de Drake. Enquanto ouvia, ele olhou para Peter e desviou os olhos. Balançou a cabeça duas vezes, sem dizer nada. Por fim, se voltou para Peter.

— Peter, você tem uma gravação?

— Um CD? Sim.

Drake não demonstrou aborrecimento.

— E o que há nessa gravação?

— Algo que vai interessar a vocês — disse Peter com o coração acelerado.

— Tem a ver com o seu irmão?

— Sim.

Drake se mostrou impassível.

— Sei que é um assunto difícil para você. — Pôs a mão no ombro de Peter e acrescentou amigavelmente: — Não seria melhor falarmos a sós?

Drake queria sair dali, queria ir para algum lugar onde ninguém pudesse escutar a conversa.

Peter fincou o pé.

— Podemos conversar aqui mesmo. Na sala de conferência, com os outros presentes.

Drake pareceu preocupado.

— Gostaria de ter uma conversa em particular com você… Eric também era meu amigo. Também sofri uma perda. Vamos conversar na outra sala.

Peter deu de ombros, empertigou-se e caminhou com Vin Drake e Alyson Bender até uma saleta adjacente — uma saleta de entrada para a sala de conferência. Drake fechou e trancou a porta discretamente. Deu meia-volta com um brilho de raiva nos olhos e o rosto contraído. Agarrou Peter com uma das mãos pelo pescoço e o empurrou contra a parede. Aplicou-lhe uma chave de braço com a outra mão.

— Não sei qual é o seu jogo, seu filho da mãe…

— Não há jogo algum…

— A polícia vasculhou o barco à procura de um celular?

— Não.

— Não, seu cretino. Eles não passaram o dia inteiro na oficina de barcos?

A mente de Peter acelerou.

— A polícia não precisaria ir à oficina — disse. — Podiam encontrar o telefone rastreando o sinal do GPS…

— Não podiam, não! — Drake soltou o braço e deu um murro pesado no estômago de Peter que sentiu o golpe e se dobrou. Drake rapidamente aplicou-lhe uma gravata por trás e o imobilizou. — Não minta pra mim. Eles não podiam porque desabilitei o GPS antes de colocar o celular no barco.

— Vin — disse Alyson nervosa.

— Cale a boca.

— Você então desabilitou o GPS e programou o telefone para entupir os canos de combustível do barco do meu irmão? — disse Peter.

— Não. Para destruir a bomba de combustível, seu merdinha… e destruir o rádio também…

— Me escuta, Vin… — disse Alyson.

— Fique fora disso, Alyson…

— Por que fez isso? — disse Peter tossindo, sufocado pelos dedos de Drake que lhe apertavam a garganta. — Por quê?

— Seu irmão era um bobalhão. Sabe o que ele queria? Ele queria vender a tecnologia, quando há uma pendência legal em torno de quem realmente é o proprietário da tecnologia. Mesmo assim, ele queria que a vendêssemos. — Imagine só: vender a tecnologia. Eric traiu a Nanigen. E me traiu, pessoalmente.

— Vin, pelo amor de Deus…

— Cale a boca…

— O microfone! — Alyson apontou para o microfone Lavalier preso à lapela de Drake. — Está ligado.

— Que merda — sibilou Drake. Golpeou brutalmente o plexo solar de Peter, deixando-o no chão de joelhos e quase sem fôlego. Puxou as costas do paletó e o transmissor preso ao cinto da calça ficou à vista. Tocou no aparelho: a luzinha estava apagada. — Eu não sou burro.

Ainda de joelhos, se contorcendo, tossindo e mal conseguindo respirar, Peter se deu conta de que o pequeno fecho do seu microfone estava para fora do bolso, balançando pelo fio. Drake poderia vê-lo. Girou o corpo para recolocá-lo no bolso e o atingiu com a mão. Ecoou um barulho surdo pelos alto-falantes da sala de conferência.

Drake desviou os olhos para a sala de conferência. Também tinha ouvido o barulho. Seguiu a mão de Peter com os olhos e viu o pequeno microfone. Recuou e desfechou um pontapé no lado da cabeça de Peter com o bico da bota, deixando-o quase desfalecido. Puxou o fio de dentro do bolso de Peter, desconectou o microfone e o arremessou para longe. Peter rolou pelo chão gemendo.

— E agora, o que faremos? — perguntou Alyson. — Eles devem ter ouvido tudo…

— Cale a boca! — disse Drake andando de um lado para o outro. — Que droga! Eles não estão sem os celulares?

— Estão, deixaram na entrada…

— Então, tudo bem.

— O que está pensando em fazer? — ela disse tremendo.

— Saia do meu caminho.

Drake abriu um painel de controle e apertou o botão vermelho de alarme. A sirene começou a soar. Ergueu Peter pelos braços, que ficou de pé morrendo de dor e ainda grogue pela pancada.

— Aguente firme, garoto — disse. — Está na hora de limpar a sujeira que você fez.



Drake destrancou a porta e irrompeu na sala de conferência amparando Peter. Gritou por cima do som estridente da sirene.

— Violaram a segurança — disse. — Machucaram Peter. Os robôs da segurança estão soltos. São extremamente perigosos. Venham por aqui, todos vocês. Vamos para a sala de segurança. — Conduziu os jovens pesquisadores ao longo de um corredor amparando Peter pelo braço enquanto Alyson o amparava pelo outro.

Alguns funcionários surgiram correndo pelo corredor em direção à recepção.

— Saiam do prédio! — gritou um deles correndo em direção à saída principal do prédio. Com o expediente encerrado, a maioria dos funcionários já tinha ido para casa.

Mas Drake continuou conduzindo o grupo para o interior do complexo.

— Para que merda de lugar está nos levando? — disse Rick Hutter.

— É tarde demais para sair. Vamos para a sala de segurança.

A confusão se generalizou entre eles. Que sala de segurança? O que isso significa?

— O que está fazendo? — perguntou Alyson a Drake.

Drake não respondeu.

Eles chegaram a uma porta pesada onde estava escrito NÚCLEO DO TENSOR. Drake digitou uma senha e a porta abriu.

— Entrem, depressa…

Os jovens entraram no amplo espaço com piso de azulejos hexagonais da sala. O piso era quase transparente e deixava à vista uma complexa maquinaria plantada no solo lá embaixo.

— Tudo bem, mantenham-se todos no centro de um dos hexágonos — disse Drake. — São pontos de segurança. À prova de robôs. Façam isso agora, rápido, rápido, não temos muito tempo. — Ele manipulou o painel de segurança e um estrondo forte e surdo abalou a sala, trancando-os lá dentro.

Erika Moll saiu correndo apavorada e aos gritos até a porta de saída.

— Não faça isso! — gritou Danny Minot.

Ela não pôde sair, a porta de saída estava trancada.

Da sala de controle Drake observou os jovens pesquisadores por uma grande divisória de vidro. E logo saiu de vista. A porta da ampla sala de controle se abriu e do outro lado surgiu um desconhecido, um funcionário da Nanigen.

— Entre e os ajude! — gritou Drake.

O homem obedeceu. Aparentemente chocado, posicionou-se no centro do hexágono em meio ao grupo.

Os jovens se ajeitaram em suas posições, Erika já estava de volta. Peter tropeçou e caiu de joelhos. Rick o segurou e tentou apoiá-lo, mas Peter continuou de joelhos. Karen saiu correndo, pegou uma

das mochilas que estavam penduradas na parede e colocou-a nos ombros. Drake apareceu de novo na janela e rapidamente apertou uma sequência de botões. Alyson Bender se pôs ao lado dele.

— Vin, pelo amor de Deus — disse.

— Não temos escolha — disse Drake enquanto apertava o último botão.



Tudo aconteceu com muita rapidez para Peter Jansen, que ainda estava atordoado por conta da pancada. O piso hexagonal afundou debaixo dos pés e, depois de um mergulho de uns três metros, ele se viu cercado pelas presas de grandes aparatos eletrônicos que quase lhe roçavam a pele. Eram presas pintadas com listras vermelhas e brancas intervaladas; na verdade, era o intrincado de uma fiação. O ar cheirou a ozônio e soou um zumbido eletrônico estridente. Peter ficou arrepiado.

— Não se mova, por favor. Respire fundo… Segure o fôlego! — ressoou uma voz sintetizada.

Em seguida, soou um ruído mecânico, surdo e irritante. E logo o zumbido eletrônico retornou. Ligeira náusea. Era como se ele estivesse passando por uma transformação no interior do aparato.

— Respire normalmente. Continue no mesmo lugar.

Ele respirou fundo e expirou aos poucos.

— Não se mova, por favor. Respire fundo. Segure o fôlego!

Outro ruído surdo e de novo o zumbido. Uma onda de náusea mais forte que a anterior.

Peter piscou os olhos.

A essa altura já convencido de que passara por uma transformação. Se antes as listras das presas estavam à altura dos olhos, agora estavam bem mais acima. Ele estava encolhendo. As presas zumbiam e se aproximavam cada vez mais. Só pode ser isso, pensou, o campo magnético se intensifica em pequenas distâncias. Quanto menor, maior.

— Respire fundo. Segure o fôlego! — ressoou a voz sintetizada novamente.

Ele olhou de novo para o alto e, de fato, estava mesmo muito pequeno. O topo das presas três metros acima parecia o teto de uma catedral. De que tamanho ele estava?

— Não se mova, por favor. Respire fundo…

— Eu sei, eu sei… — a voz de Peter soou trêmula.

— Não fale. Pode se ferir. Respire fundo. Segure o fôlego!

Um último ruído, um arranhado e um último espasmo de náusea — mas depois as presas se afastaram e ele foi puxado para o alto com o piso debaixo dos pés vibrando. Logo uma luz brilhou mais acima e soprou uma brisa fresca.

E depois cessou a vibração e ele se viu nivelado ao solo. Estava em cima de um negror polido que se estendia em todas as direções. Erika e Jenny surgiram ao longe, ambas pareciam aturdidas e zonzas. Logo surgiram Amar, Rick e Karen ainda mais ao longe. Mas a que distância? Peter não sabia porque ele próprio estava com um centímetro e pouco de altura. Partículas de pó e lasquinhas de células mortas rolaram pelo solo como plantinhas rolantes, e por fim colidiram e se alojaram nos joelhos dele.

Ele olhou admirado para os joelhos transformados em plantinhas rolantes. Como a ficha ainda não tinha caído, sentiu-se estúpido. Mas aos poucos se deu conta da nova realidade. Percorreu o piso com os olhos até encontrar Erika e Jenny. Elas pareciam tão chocadas quanto ele. Um centímetro e pouco de altura!

Algo estalou e Peter se virou e se deparou com o bico de uma bota gigantesca com uma sola à altura da cabeça. Ergueu os olhos e Vin Drake agachou-se sobre um joelho, tomando todo o espaço acima com uma cara gigantesca e uma respiração que soprava como um vento nocivo. E depois uma estridência reverberou como um trovão.

Era a risada de Drake.



Foi difícil suportar os ecos e as reverberações daqueles dois gigantes. Doeu nos ouvidos. Ambos se moviam e falavam muito lentamente, quase em câmera lenta. Alyson Bender agachou-se junto a Vin Drake e os dois olharam fixamente para Peter.

— O… que… você… está… fazendo… Vin? — As palavras de Alyson explodiram e rolaram de maneira confusa e gutural, difíceis de serem entendidas.

Drake apenas riu. Aparentemente, divertindo-se com a situação. Mas a risada arremessou uma golfada de ar fedorenta na direção de Peter que recuou, fugindo do fedor de alho, vinho tinto e charuto.

Drake olhou para o relógio.

— Já… é… tarde — disse sorrindo. — *Pau… Hana*… como… dizem… aqui… no… Havaí. Isto… é… trabalho… feito.

Alyson cravou os olhos em Drake.

Ele girou a cabeça como se tivesse alguma coisa presa no ouvido, talvez fosse um cacoete. A voz dele ecoou no ouvido dos sete jovens pesquisadores:

— Depois… do… trabalho… vem… a… diversão.

# Capítulo 10



**28 de outubro, 21h**
**Biotério da Nanigen**

Vin Drake pegou Peter Jansen com surpreendente delicadeza e o enfiou dentro de um saco plástico transparente. Peter escorregou pela superfície plástica, caiu no fundo do saco e se pôs de pé. Drake circulou pela sala, pegando e enfiando cada membro do grupo no saco plástico. Por último, pegou o funcionário da Nanigen na sala de controle. Eles ouviram um grito.

— Sr. Drake! O que está fazendo?

Drake pareceu não ouvir e não ligar.

Nenhum deles se feriu ao colidir com os que já estavam dentro do saco plástico. Não tinham massa suficiente para se machucarem.

— Quase não temos peso — comentou Amar. — Não pesamos mais que um grama. O peso de uma pluma. — O tom soou frio e equilibrado. Mas Peter captou um tremor de medo na voz de Amar.

— Não estou nem aí para o que possam achar, estou apavorado — disse Rick Hutter abruptamente.

— Estamos — admitiu Karen King.

— Todos nós estamos em estado de choque — disse Jenny Linn. — Basta ver a cara de todos. Palidez perioral.

A palidez ao redor dos lábios era um clássico sinal de medo.

O homem da Nanigen não parava de falar.

— Isso só pode ser um engano. Ele não acreditava que Drake tivesse feito o que fez.

— Quem é você? — perguntou alguém.

— Jarel Kinsky. Engenheiro. Opero o gerador do tensor. Se eu tivesse… uma única chance para trocar algumas palavras com o sr. Drake…

— Você é um arquivo vivo — Rick o interrompeu. — O que ele planeja fazer conosco também vai fazer com você.

— Vamos fazer um balanço — disse Karen de chofre. — Rápido… que armas nós temos?

Não puderam prosseguir, o saco plástico tombou de lado e os amontoou.

— Ahh, ahh — exclamou Amar, lutando para se erguer. — O que aconteceu agora?

Com o rosto quase grudado no saco plástico, Alyson observou um por um lá dentro, aparentemente preocupada com todos. Os cílios roçavam no plástico. Os poros do nariz eram alarmantemente enormes, como bolhas cor-de-rosa.

— Vin… não… quero… que… eles… sejam… feridos… Vin.

Drake deu uma risada.

— Não… quero… feri-los… nem… em… sonhos — ele disse pausadamente.

— Já percebeu? — disse Karen. — Esse cara é um psicopata. É capaz de qualquer coisa.

— Já percebi — disse Peter.

— O sr. Drake não é nada disso — afirmou Jarel Kinsky. — Ele tem lá suas razões para tudo isso.

Karen o ignorou e se dirigiu para Peter.

— É melhor não tecermos ilusões quanto às intenções de Drake. Somos testemunhas de que ele confessou o assassinato do seu irmão. E agora ele vai matar todos nós.

— Acha isso? — disse Danny Minot com um ar melancólico. — É melhor não nos precipitarmos…

— Sim, Danny, é o que acho. Talvez o primeiro a morrer seja você.

— Acho difícil acreditar nisso…

— Então pergunte ao irmão do Peter…

Nesse momento, Drake pegou o saco plástico e saiu às pressas pelo corredor acompanhado de Alyson. Os dois discutiam, mas era difícil decifrar as palavras que soavam como trovões.

Atravessaram alguns laboratórios até que Drake entrou em um deles. Mesmo dentro do saco plástico, os jovens pesquisadores perceberam algo que o distinguia dos outros laboratórios.

Um odor cortante, acre.

Cheiro de serragem e fezes.

Animais.

— É um biotério — disse Amar. Mesmo confusos pela distorção do plástico, avistaram ratos, hamsters, lagartos e outros répteis.

Drake deixou o saco plástico em cima de um tanque de vidro. Começou a falar com um tom autoritário, mas não se podia discernir o que era dito. Os jovens se entreolharam.

— O que ele está dizendo?

— Não consigo entender.

— Esse cara é doido.

— Não posso acreditar.

Jenny Linn virou de costas para o grupo e olhou fixamente para Drake E depois se voltou para Peter e disse:

— Você.

— Eu o quê?

— Será o primeiro a ser morto. Espere um instante.

— O que…?

Ela abriu o zíper da bolsinha do cinto, deixando à vista doze tubos de ensaio com protetores de borracha em cada extremidade.

— Meus voláteis.

Era devota daqueles tubos que representavam anos de trabalho.

— Acho que é tudo que posso fazer — disse enquanto sacava um dos tubos.

Peter balançou a cabeça sem entender. Ela destampou o tubo e despejou o conteúdo na cabeça de Peter e pelo corpo abaixo. Exalou um odor pungente e, depois, nada.

— O que é isso? — ele perguntou.

Antes que Jenny pudesse responder, Drake enfiou a mão no saco plástico, pegou Peter pela perna e o içou de cabeça para baixo. Peter começou a berrar agitando os braços.

— É hexenol — ela respondeu. — De vespas. Boa sorte.

— Ora… ora… jovem… mestre… Peter — disse Drake com uma voz retumbante. — Você… me… causou… um… baita… problema. — Ele levou Peter para perto dos olhos e o olhou atentamente. — Está… preocupado? Aposto… que… está.

Drake deu meia-volta com um movimento brusco que deixou Peter atordoado. Em seguida deslizou a tampa de vidro do tanque até abri-la uns dois centímetros e jogou o rapaz lá dentro. Fechou a tampa de vidro e deixou o saco plástico com os outros jovens em cima do tanque.

Depois de despencar, Peter aterrissou na serragem.



— Vin — disse Alyson. — Não concordo com isso, não planejamos isso…

— Obviamente, a situação mudou…

— Mas isso é inconcebível.

— Mais tarde falamos dessa sua consciência — disse Drake com um tom de escárnio.

Ela o ajudara a eliminar Eric após sua ameaça de destruir a Nanigen. Um dia se apaixonara por Vin e talvez ainda estivesse apaixonada. Além de ser muito bom para ela, ele lhe proporcionava um avanço na carreira e muito dinheiro, ao contrário de Eric, que agira muito mal com Vin… e o traíra. Mas aqueles simples estudantes… a situação estava fora do controle. Alyson se sentia impotente com o rápido desenrolar dos acontecimentos e não sabia como deter Drake.

— Não há nada de cruel nos predadores — ele disse em frente ao tanque da cobra. — Isso é demasiadamente humano. Essa criatura listrada de branco e preto do outro lado do vidro é uma cobra *krait* da Malásia. Se uma criatura do tamanho de Peter leva uma mordida, morre na mesma hora.

E quase não sente nada. Fala arrastada, dificuldade de engolir, paralisia ocular e, em poucos segundos, paralisia total do corpo. Pode ser que ele continue vivo depois de engolido pela cobra, mas talvez nem se dê conta…

Ele apertou o saco plástico entre o dedo indicador e o polegar e agitou. Com o movimento os micro-humanos se desequilibraram lá

dentro. Caíram uns por cima dos outros confusos e aos gritos de terror enquanto ele observava.

— Eles ainda estão inteirinhos — comentou com Alyson. — A *krait* vai aceitá-los. Se não aceitar, a naja e a cobra coral aceitam.

Alyson desviou os olhos.

— Isso é essencial — disse Drake. — Esses corpos precisam ser ingeridos. Não podemos deixar… evidências.

— Mas não são apenas os corpos — ela retrucou. — E o carro? E os quartos no hotel? As passagens aéreas…

— Já tenho um plano pra tudo isso.

— Um plano?

— Confie em mim. Já tenho um plano. — Ele cravou os olhos nela e acrescentou após uma longa pausa. — Alyson, você está insinuando que não confia em mim?

— Claro que confio — ela respondeu prontamente.

— Espero que sim. Sem confiança não somos nada. Estamos juntos nessa, Alyson.

— Eu sei.

— Claro, eu sei que você sabe. — Ele acariciou a mão dela. — Ah, vejo que o jovem Peter está sacudindo a poeira da roupa, e lá vem a *krait* em busca de refeição.

As listras brancas e pretas escorregaram suaves, parcialmente encobertas pela serragem. A língua preta aparecia e desaparecia.

— Preste atenção — disse Drake. — Tudo acontece bem depressa.

Alyson desviou os olhos. Não conseguiu olhar.

Peter se pôs de pé sacudindo a poeira da roupa. Embora com a camisa suja de sangue grudada ao peito, não se ferira com a queda, se bem que ainda sentia os efeitos dos socos e pontapés de Drake. Só então percebeu que estava na serragem de um terrário de vidro. Afora um pequeno arbusto e algumas folhas, o lugar estava praticamente vazio.

Vazio se não houvesse uma cobra.

De onde estava só pôde enxergar algumas faixas cinza-escuras e brancas. *Bungarus candidus*. Da Malásia ou do Vietnã. Em geral, as *kraits* só devoram outras cobras, mas ele não podia contar com isso. As listras brancas e pretas se enrolavam e desapareciam com uma suave sibilação. A cobra deslizava para a frente.

Nem a cabeça nem grande parte do corpo do réptil eram vistos por Peter. Estava tão pequeno que não tinha uma visão geral do terrário, a não ser que subisse no arbusto, o que não pareceu ser uma boa ideia. Só restava esperar até que a cobra se aproximasse. Totalmente indefeso. Apalpou os bolsos, estavam vazios. Começou a tremer descontroladamente: ainda pelo choque das pancadas que tinha levado? Ou seria de medo? Ambos, talvez. Ele recuou até um canto do terrário de vidro dos dois lados. Se fizesse um reflexo talvez pudesse confundi-la. Talvez pudesse…

A cabeça da cobra apareceu. Ela emergiu da serragem e mexeu a língua com muita rapidez. Ficou tão próxima que a língua quase tocou no corpo de Peter. Impotente, ele fechou os olhos. Tremeu tanto que quase desmaiou de pavor.

Respirou fundo e segurou o fôlego na tentativa de parar a tremedeira. Abriu um olho para dar uma espiada.

A cobra estava bem à frente, a centímetros do peito de Peter, com a língua preta em plena atividade. Mas alguma coisa deu errado. Ela pareceu confusa, hesitante… e, para o alívio dele, ergueu a cabeça e recuou.

Sumiu na serragem.

E se foi.

Peter desabou, tremendo de medo e exaustão, com o corpo descontrolado e um único pensamento na cabeça: que diabo teria acontecido?



— Que droga! — exclamou Vin olhando pelo vidro. — Que diabo foi isso? O que houve?

— Talvez ela não estivesse com fome.

— Ora, claro que estava com fome. Que droga! Eu não contava com um imprevisto desses. Meu tempo é precioso e está apertado.

O interfone tocou.

— Visita para o sr. Drake. Sr. Drake, a visita está na recepção.

— Ora, pelo amor de Deus — ele exclamou com as mãos para o alto. — Não agendei visitas para hoje. — Ligou para a recepção. — O que está havendo, Mirasol?

— Sinto muito, sr. Drake. Saí correndo para o estacionamento depois do alarme e encontrei um homem da polícia de Honolulu que queria vê-lo. Tive que trazê-lo pra cá.

— Ora, tudo bem. — Ele desligou o interfone. — Que maravilha. A polícia.

— Vou lá pra ver o que eles querem — disse Alyson.

— Não, você não. Eu mesmo cuido da polícia. Volte para a sua sala e fique fora de vista até que ele saia daqui.

— Tudo bem, se quer assim…

— É assim que eu quero.

— Está bem então, Vin.



Jenny Linn viu quando Vin Drake e Alyson Bender saíram do biotério. Percebeu que Drake teve o cuidado de trancar a porta ao sair. O saco plástico estava em cima do tanque da cobra. Com a boca ligeiramente torcida e semiaberta. Jenny se contorceu, empurrou a boca do saco plástico e o abriu de vez.

— Venham — disse. — Enfim, podemos sair.

Os outros a seguiram. Escalaram o saco plástico e chegaram ao tampo de vidro transparente que cobria o tanque.

Jenny olhou para o fundo do tanque. Peter estava se levantando visivelmente trêmulo.

— Consegue me ouvir? — ela gritou.

Ele balançou a cabeça para Jenny: não tinha ouvido.

— Por que a cobra não o atacou? — perguntou Rick Hutter.

Jenny se pôs de joelhos, envolveu a boca com as mãos e gritou.

— E agora, consegue me ouvir?

Peter balançou a cabeça em negativa.

— Tente a condução óssea — disse Amar.

Jenny se deitou no tampo com o rosto grudado no vidro.

— Peter? E agora? — ela gritou bem alto.

— Sim — ele respondeu. — O que aconteceu?

— Encharquei você com voláteis de vespa — ela disse. — Sobretudo hexenol. Poucas coisas repelem as cobras venenosas e a vespa é uma delas.

— Que esperta — disse Amar. — As cobras confiam muito mais no cheiro que na visão. E a *krait* é noturna…

— E funcionou. Ela achou que eu era uma vespa.

— Sim, Peter, mas a substância é muito volátil.

— Isso quer dizer que vai evaporar.

— Exatamente.

— Maravilha! Não serei mais uma vespa.

— Isso não vai demorar.

— Mais ou menos quanto tempo? — ele perguntou.

— Não sei. Minutos.

— E o que faremos?

— Como estão os seus reflexos? — perguntou Karen King.

— Baqueados. — Peter ergueu a mão tremendo.

— Alguma ideia? — perguntou Amar.

— Você trouxe os fios de seda de aranha do nosso laboratório?

Fazia seis meses que Amar e Karen sintetizavam sedas de aranha com diferentes propriedades — algumas espessas e outras flexíveis como cordas de elástico. Algumas de pouca espessura engrossavam com a adição de uma substância química em uma extremidade.

— Sim, muitos — disse Amar.

— Ótimo. Está vendo o tubo de plástico naquele canto ao lado do terrário?

— Parece um pequeno distribuidor de água.

— Isso mesmo. Consegue pegá-lo com um fio de seda grosso e içá-lo?

— Não sei — disse Amar indeciso. — Deve pesar entre trinta e sessenta gramas. Vamos precisar de toda ajuda possível para erguê-lo…

— Tudo bem, de um jeito ou de outro nós todos teremos que ajudar. Para abrir o terrário.

— Abrir o terrário. — A tampa do terrário da *krait* era uma peça dupla de vidro, uma deslizava sobre a outra. — Sei lá, Karen, teremos que mover a peça de vidro.

— Só uns dois centímetros ou pouco mais. O bastante…

— Para descer o tubo.

— Está bem.

— Peter, está nos ouvindo? — perguntou Amar.

— Estou, mas isso está me parecendo impossível.

— Não temos escolha — disse Karen. — Só temos uma chance para isso, e você não pode perdê-la.

Amar tirou uma caixinha de plástico do bolso, abriu e começou a desenrolar um fio de seda grosso de uma armadura lá de dentro. Abaixou o fio até o fim e fisgou o tubo de plástico. Ele e Rick o içaram com facilidade.

Tentaram deslizar a placa de vidro do terrário para abri-la, mas o desafio se mostrou bem maior do que imaginavam.

— Vamos fazer de maneira coordenada — disse Karen. — Todo mundo contando até três, um… dois… três! — O vidro só se moveu uns poucos milímetros, mas se moveu. — Tudo bem, de novo! Rápido!

A *krait* se mexeu. Ou porque tinha visto algumas pessoinhas andando por cima do tampo do tanque, ou porque o efeito do volátil se dissipava. E depois de se mexer, enrolou-se e partiu em direção a Peter, pronta para uma nova investida.

— Desçam logo essa coisa — disse Peter com a voz trêmula.

— Já está descendo — disse Amar.

O fio desceu raspando pela borda do vidro com um chiado estranho.

— Isso vai dar certo? — perguntou Karen. — Vai dar pra segurar?

— O fio é resistente — respondeu Amar.

— Abaixe um pouco mais — disse Peter. — Está bem… mantenham aí.

— O tubo estava na altura do peito. Ele se pôs atrás do tubo e o abraçou, mantendo-o na posição com as duas mãos. Mas com as mãos suadas e escorregadias, ele não estava com uma pegada segura.

A cobra se movia sem parar. Sibilava por entre as folhas e a serragem.

— E se ela atacar pelo lado? — disse Peter.

— Ajuste — disse Karen. — Porque parece…

— Sim, é isso…

— Lá vem ela, que droga…

— Que merda — disse Peter.

A *krait* deu um bote com uma velocidade incrível, inimaginável. Peter arremessou o tubo sem pensar — o impacto na cabeça da *krait* retumbou no peito dele; o fio de seda estalou e ele caiu para trás com a cabeça da cobra por cima, contorcendo-se e enroscando-se furiosamente, e enrolando o corpo dele. Mas a cobra estava com a cabeça bem encaixada no tubo e não se soltaria.

— Como é que você fez isso? — perguntou Karen admirada. — Foi um bote muito rápido.

— Não sei — disse Peter. — Só… reagi.

Isso aconteceu mais rápido que o pensamento. E agora ele tinha que tirar a cobra de cima. Ela estava muito perto e o cheiro era nauseabundo. Por fim, ele se livrou e ficou em pé.

A cobra olhou para ele com olhos malignos. Ficou batendo o tubo contra o vidro com violência, mas sem conseguir se soltar. Um silvo furioso ecoou amplificado dentro do tubo.

— Isso foi o máximo — disse Rick. — Mas é melhor darmos o fora daqui.



Vin Drake trincou os dentes. Mirasol, a recepcionista, era linda, porém idiota. O tipo musculoso de uniforme azul não era da polícia

e sim da Guarda Costeira; queria informações sobre Eric, o proprietário da *Boston Whaler* que tinha que ser removida da oficina de barcos para outro lugar. Eles precisavam da permissão do proprietário para fazê-lo.

— Pensei que a polícia ainda estivesse investigando o barco — disse Drake irritado. Talvez pudesse extrair alguma informação daquela besta quadrada.

— Não sei nada disso — disse o guarda, acrescentando que não tinha sido procurado pela polícia e que a proprietária do pátio era a própria polícia.

— Disseram que a polícia está à procura de um celular.

— Não que eu saiba. Acho que já encerrou a investigação.

Drake fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

— Cristo.

— Mas ainda vai investigar o escritório dele — continuou o guarda.

Drake arregalou os olhos.

— Escritório de quem?

— O escritório de Jansen. Não é aqui neste prédio? Ele não era vice-presidente desta companhia? O que sei é que a polícia foi hoje ao apartamento dele e que está vindo para investigar o escritório dele aqui… a qualquer momento. — O guarda olhou para o relógio. — Aliás, estou surpreso por ainda não terem chegado.

— Cristo — exclamou Drake.

Ele se voltou para Mirasol e disse:

— A polícia está chegando e alguém precisa mostrar o lugar para eles.

— Devo chamar a srta. Bender?

— Não — ele disse. — A srta. Bender está ocupada… está trabalhando comigo. Preciso trabalhar no laboratório. E o trabalho não pode esperar.

— Quem eu devo chamar?

— Don Makele, o chefe da segurança, pode guiar os policiais — ele disse. — Querem olhar o escritório do sr. Jansen.

— E os outros lugares onde ele trabalhava — acrescentou o guarda, olhando fixamente para a recepcionista.

— E os outros lugares onde ele trabalhava — repetiu Drake. — Os carros da polícia já estavam estacionando do outro lado da rua. Ele se conteve para não cair fora e apertou a mão do guarda com uma calma aparente. — Você também está convidado a acompanhar a polícia — disse. — Por que você também não acompanha os oficiais, Mirasol? Não se esqueça de providenciar café e tudo que eles quiserem.

— Está bem, sr. Drake.

— Acho que vou ficar — disse o guarda.

— Então, peço a sua licença para me ausentar — disse Drake, virando-se de costas e saindo em direção ao saguão. Depois que saiu de vista, ele começou a correr.



Sentada em seu escritório, Alyson Bender mordia o lábio. O monitor em cima da escrivaninha mostrava a área da recepção, onde Drake conversava com um rapaz uniformizado e Mirasol com uma flor espalhafatosa nos cabelos flertava com o mesmo rapaz.

Drake estava impaciente, apressado, e gesticulava agressivamente, como sempre. Na verdade, estava quase hostil. Claro que estava sob pressão, mas os gestos — só os gestos, não as palavras — mostravam que ele estava furioso. Era um homem furioso.

E mataria aqueles garotos.

Estava claro o que ele pretendia fazer. Depois de ter sido tapeado por Peter Jansen, escaparia da única maneira possível, sem deixar testemunhas. Sete jovens estudantes brilhantes, com uma vida inteira pela frente, aos quais ele não dava a menor importância. Os garotos não tinham a menor importância para ele.

Para ele aqueles jovens eram apenas um obstáculo.

Isso a assustava. Ela esticou as mãos trêmulas por cima da escrivaninha. Estava com medo dele, aterrorizada com a encrenca em que tinha se metido. Não podia confrontá-lo diretamente, é claro. Ele a mataria se fizesse isso.

Mas tinha que impedi-lo de matar os garotos. Tinha que fazer isso de qualquer maneira. Sabia muito bem o que ela própria tinha feito. Sabia que era cúmplice na morte de Eric Jansen. Sabia que fizera as chamadas para engatilhar o celular. Mas não sabia se aguentaria caso viesse a se envolver no assassinato de mais sete pessoas — não sete, oito, contando com o funcionário da Nanigen que teve o azar de estar na sala de controle quando Drake entrou lá. Seria homicídio em grande escala. Mas teria que se envolver… para salvar a própria pele.

No monitor, Drake dava ordens para a recepcionista. O guarda sorria. Logo Drake sairia dali.

Alyson se levantou e saiu apressada de sua sala. Não tinha muito tempo. A qualquer momento ele retornaria ao laboratório para pegar os jovens.



No laboratório, os estudantes acabavam de sair do saco plástico. Já em pé olhavam para Peter Jansen lá embaixo através da tampa

transparente do terrário da *krait*. Foi quando Alyson Bender entrou na sala. Curvou-se e olhou para eles de cima.

— Não… quero… ferir… vocês — disse com os olhos arregalados e assustados. Estendeu a palma da mão, pegou Jenny Linn com delicadeza e manteve a palma esticada. Gesticulou para os outros. — Rápido… não… sei… onde… ele… está.

— Srta. Bender! Deixe-me falar com o sr. Drake! — gritou Jarel Kinsky sacudindo os braços.

Aparentemente, ela não ouviu nem entendeu.

Sem outra opção, todos escalaram a palma da mão de Alyson. Ela os ergueu no ar, a sala girou e o vento soprou e os derrubou — em seguida os carregou e os colocou abruptamente em cima de uma escrivaninha. Caminhou até o terrário da cobra e, depois de abri-lo, tirou Peter de dentro e o colocou na escrivaninha junto aos outros. Olhou para eles fixamente, como se não soubesse o que fazer. Estava com a respiração ofegante.

— Vamos tentar falar com ela — disse Karen King.

— Não sei se vale a pena — retrucou Peter.

Alyson se afastou. Atravessou a sala, abriu um armário, olhou lá dentro, pegou um saquinho de papel pardo e voltou correndo para a escrivaninha.

— Escondam-se… aqui — disse bem devagar. — Aqui… poderão… respirar — Abriu o saquinho e o deixou na escrivaninha com a abertura voltada para eles, e acenou para que entrassem. Eles correram para dentro do saquinho. O homem da Nanigen foi o último a entrar, aparentemente alheio àquela realidade desesperadora. Ele gritou novamente.

— Srta. Bender! Srta. Bender, por favor!

Alyson dobrou a parte de cima do saquinho e saiu correndo da sala. Chegou ao seu escritório e com cuidado enfiou o saquinho na bolsa que estava debaixo da escrivaninha. Em seguida voltou para o biotério e deu de cara com Vin Drake que estava entrando.

— Que diabo está fazendo?

— Estava procurando você.

— Eu disse que você devia ficar no escritório. — Ele se debruçou sobre o terrário da cobra e o saco plástico estava vazio. — Eles escaparam. — Ele girou o corpo rapidamente soltando palavrões e girou novamente e se projetou sobre uma prateleira com substâncias químicas. Jogou tudo no chão com um único movimento, quebrando vidros e derramando líquidos.

— Onde eles estão?

— Vin, por favor, eu não sei…

— Uma ova que não sabe — vociferou, desviou os olhos para o tanque e se deu conta de que a cobra estava com a cabeça enfiada no tubo de plástico, sem nenhum sinal de Peter. — O que…? Pouco importa, o jovem Jansen está morto. Foi pego pela cobra. — Olhou para Alyson com ferocidade. — Vamos encontrar o resto do grupo. Juro por Deus, Alyson, se você ousou me ferrar, vai se arrepender amargamente.

Ela se encolheu.

— Eu sei.

— É bom mesmo que saiba.

Eles viram pela janela de vidro do laboratório que Don Makele conduzia dois policiais pelo corredor. Eram jovens policiais sem uniforme, e isso significava que eram detetives. Merda!

Drake se aprumou e se recompôs com a rapidez de um passe de mágica.

— Olá, Don — disse atravessando a sala em direção ao corredor com um sorriso amistoso no rosto. — Apresente os nossos visitantes. Raramente recebemos visitas na Nanigen. Oficiais? Sou Vin Drake, o presidente da companhia. Em que posso servi-los?

Estava escuro no saquinho de papel espremido dentro da bolsa de Alyson.

Os jovens e o homem da Nanigen se amontoavam lá dentro.

— Não sei se ela quer mesmo nos ajudar — disse Karen King.

— Obviamente, está morrendo de medo de Drake — disse Peter.

— E quem não estaria? — disse Amar.

Rick Hutter soltou um suspiro.

— Eu bem que avisei que Drake era uma lesma corporativista. Ninguém me deu ouvidos.

— Cale a boca, imbecil! — gritou Karen.

— Ei, vamos parar com isso, por favor — disse Amar amigavelmente. — Agora, não.

— Desculpe — disse Karen — Mas não estamos lidando com uma lesma comum. Estamos lidando com um sujeito pirado. — Ela mostrou a faca. Mas seria inútil como defesa, não rasgaria um pedacinho sequer da pele de Drake.

Um estrondo fez o saquinho oscilar e logo a luz entrou lá dentro. A bolsa estava aberta. Seguiu-se um baque e tudo escureceu novamente. Eles esperavam, imaginando o que viria em seguida.

Alyson pensou em recolocá-los o mais depressa possível no gerador para que fossem revertidos ao tamanho normal. Mas não sabia como operá-lo. Com o expediente do dia encerrado, quase todos os funcionários já tinham saído e a Nanigen estava deserta.

Ela foi ao encontro de Drake no biotério. Depois de conversar com os policiais, ele fazia uma varredura na sala, procurando em cada canto, procurando em armários e gaiolas.

Ele a fulminou com os olhos.

— Você deixou que eles fugissem?

— Não. Juro que não, Vin.

— Amanhã farei uma limpeza neste laboratório. Os animais serão mortos e a sala será esterilizada com gás e depois lavada e desinfetada.

— Isso… isso é ótimo, Vin.

— Não temos escolha. — Ele acariciou o braço dela. — Vá pra casa e descanse um pouco. Ficarei aqui um pouco mais.

Ela olhou agradecida para ele. Saiu correndo da sala, pegou a bolsa no escritório e se dirigiu às pressas para a entrada do prédio. A recepção estava vazia, Mirasol já tinha saído. No céu, uma lua cheia brilhava em meio à poeira de estrelas, uma noite maravilhosa se ela não estivesse angustiada. Entrou no BMW — um carro da empresa de uso exclusivo dela. Pôs a bolsa no banco ao lado e ligou o motor.



Vin Drake esgueirou-se pelas sombras em direção ao saguão de entrada agora deserto. Saiu correndo do prédio depois que ouviu o ronco do motor do carro de Alyson e deu partida no Bentley. Onde estão as lanternas traseiras do BMW? Seguiu em direção à rodovia

Farrington. Esquerda ou direita? À esquerda: o caminho para Honolulu, o mais provável. Observou o tráfego — uma onda de poder o fez comprimir o corpo contra o banco — e acelerou.

Lá estava o BMW vermelho em alta velocidade. Colocou-se na traseira, atento às sinalizações das lanternas. O BMW dobrou na rampa de entrada em direção à via expressa H-1. O azul-marinho do Bentley se confundiu com a noite, apenas dois faróis dianteiros seguiram o fluxo do tráfego atrás de um BMW.

Drake não tinha encontrado os jovens por única uma razão: estavam com Alyson. Mesmo em dúvida, o instinto dizia que era isso que tinha acontecido.

Ele teria que dar um sumiço nela. Era óbvio que não podia mais confiar nela. Ela estava transtornada. Mas seria complicado dar um sumiço nela com toda aquela gente desaparecendo. Alyson Bender era diretora financeira da Nanigen; se desaparecesse naquela hora, isso acarretaria uma investigação rigorosa.

E ele não queria isso. Com uma investigação na Nanigen, cedo ou tarde o que ele tinha feito viria à tona. Seria inevitável. Com o tempo, com a investigação… a polícia acabaria por descobrir.

Não, não e não. Nada de investigação.

Ele se deu conta de que tinha cometido um erro terrível. Não era hora de matá-la. Não aguentaria outro assassinato — pelo menos por ora. Ainda precisava dela, pelo menos por um tempo.

Como conquistaria a aliança de Alyson?



Alyson seguiu pela via expressa ao longo de Pearl Harbor, sem olhar para a bolsa no banco ao lado. Talvez Vin tivesse razão. Talvez

não houvesse escolha. Ela saiu do centro de Honolulu ainda sem saber para onde ir. Foi na direção de Waikiki. Lá, pegou o trânsito congestionado e seguiu lentamente ao longo da avenida Kalakaua. Eram os turistas que saíam para curtir a noite. Mais à frente pegou a estrada de Diamond Head e contornou o Farol de Diamond Head. Levaria o saquinho de papel para uma praia próxima a barlavento de Oahu ou mais para o norte. Jogaria o saquinho na arrebentação e… nenhuma evidência… nenhum sobrevivente…

Drake seguiu atrás, observando o BMW. Alyson atravessou o Pontal de Makapuu, Waimanalo e Kailua. E depois dobrou, pegou a via expressa e tomou a direção de Honolulu. Para que raio de lugar a diretora financeira se dirigia?, ele se perguntou.

Ela circulou nos limites de Oahu e depois tomou o caminho de volta para Honolulu, seguindo pela estrada do Manoa em direção ao vale da floresta tropical fincada entre as montanhas.

Chegou ao portão de aço do túnel. Estava trancado. Digitou o código de segurança e entrou. Saiu do túnel e entrou naquele vale sombrio e aveludado.

O lugar estava deserto, as estufas cintilavam esmaecidas à luz do luar. Ela abriu a bolsa, tirou o saquinho de dentro e saiu do carro. Não se deu ao trabalho de abrir o saquinho. A essa altura eles estariam amassados e sufocados. Já deveriam estar mortos. Mas se não estivessem, o que faria se começassem a implorar? Isso seria bem pior do que se estivessem mortos. Ela ficou plantada no estacionamento.

Faróis. Lá no túnel.

Alguém a tinha seguido.

Alyson continuou parada com o saquinho na mão, paralisada de terror e iluminada pelos faróis do Bentley da companhia.

# Capítulo 11



**Waipaka Arboretum**
**28 de outubro, 22h45**

O que está fazendo aqui, Alyson? — perguntou Drake saindo do Bentley que ainda estava com os faróis acesos em cima do BMW.

A luz fez Alyson piscar.

— Por que me seguiu?

— Estou preocupado com você. Muito preocupado.

— Eu estou bem.

— Temos muito a fazer — ele disse se aproximando.

Alyson se encolheu.

— O quê?

— Temos que nos proteger.

— O que está planejando? — Ela engoliu em seco.

A culpa não recairia nele. Que recaísse nela, não nele. Drake bolava um plano. Um plano para acabar com aquilo.

— Terá que haver uma razão para o desaparecimento deles — disse.

— Do que está falando, Vin?

— De uma razão plausível para o desaparecimento deles. Uma razão que não envolva nem a você nem a mim.

— E que razão é essa?

— Álcool.

— O quê?

Ele a pegou pela mão e a puxou até a estufa.

— Eles são estudantes que não têm onde cair mortos — disse. — Sem dinheiro. Sempre tentando juntar uns trocados. Querem dar uma festa, querem se divertir, mas não têm dinheiro. Para onde vão esses pobres estudantes de ciência quando querem se divertir de graça?

— Onde?

— O laboratório, é claro. — Ele destrancou a porta e ligou o interruptor. Uma após a outra, as lâmpadas se acenderam nas bancadas da frente até deixar à vista a longa extensão do laboratório com bancadas de plantas exóticas, vasos de orquídeas sob a névoa de irrigadores e, no canto, prateleiras apinhadas de garrafas e jarros de reagentes. Drake puxou um galão de plástico em cuja etiqueta se lia 98% ETANOL.

— O que é isso? — perguntou Alyson.

— Álcool de laboratório.

— É esse o seu plano?

— Sim — ele disse. — As vodcas e tequilas comercializadas têm setenta, oitenta ou noventa por cento de álcool. Isso aqui tem o dobro disso, tem cento e noventa e seis por cento de teor alcoólico. É quase álcool puro.

— E?

Ele pegou alguns copos de plástico e estendeu para ela.

— O álcool causa acidentes automobilísticos. Especialmente entre os jovens.

— Ai, Vin… — ela disse gemendo.

Ele a observou atentamente.

— Está bem, vamos abrir o jogo. Você não tem estômago pra isso.

— Bem, não…

— Nem eu. Essa é a verdade.

Ela piscou confusa.

— Você, não?

— Não. Não tenho. Não aguento isso, Alyson. Não quero levar isso adiante — ele disse. — Não quero que isso pese na minha consciência.

— O que faremos então? — ela perguntou.

Ele assumiu um ar de dúvida, de incerteza.

— Não sei. — Balançou a cabeça com um ar de pesar. — Seria tão bom se não tivéssemos começado isso, e agora… simplesmente não sei. — Ele fez de tudo para deixar a expressão de incerteza convincente. Sabia que podia ser convincente. Após uma pausa, curvou-se um pouco, segurou a mão dela e ergueu-a contra a luz; lá estava o saquinho enrolado. — Eles estão aí, não estão?

A mão dela tremeu.

— O que quer que eu faça?

— Vá lá pra fora e me espere — ele disse. — Preciso de alguns minutos pra pensar. Encontraremos uma solução, Alyson. Chega de mortes.

Ela que os mate. Mesmo que não saiba que está matando.

Ela balançou a cabeça sem dizer nada.

— Preciso de sua ajuda, Alyson.

— Vou ajudá-lo — ela disse. — Juro que vou ajudá-lo.

— Muito obrigado. — Um ar emocionado.

Ela saiu.



Ele entrou na estufa e pegou uma caixa de luvas de segurança de nitrilo no armário de suprimentos. Luvas resistentes de laboratório, mais fortes que as de borracha. Tirou um par, enfiou-as no bolso e saiu às pressas até um escritório lateral, onde ligou o monitor que vigiava o estacionamento. Uma câmera com visão noturna em verde e preto brilhante captou a imagem. Obviamente, tudo seria gravado. Alyson saiu e se deteve perto dos carros.

Olhou para o saquinho e começou a andar de um lado para o outro, ;

Drake quase podia ver a ideia se formando na mente dela.

— Faça. — Ele sussurrou.

Já tinha havido problemas terríveis com a equipe de trabalho de campo. Só na área de Fern Gully quatro funcionários haviam morrido. E estavam fortemente armados… E ainda havia o problema da descompressão. Os garotos não durariam uma hora naquele inferno biológico. E depois era só manter Alyson do lado dele… pelo menos por um tempo.

Ela se afastou dos carros.

Sim.

Rumo à floresta.

Sim.

Ela desceu o morro e seguiu a trilha em direção a Fern Gully.

Ótimo. Continue em frente.

No monitor, a silhueta de Alyson sumiu na escuridão. Após descer, entrou nas profundezas da floresta. Ele a perdeu de vista.

Em seguida surgiu na tela um ponto de luz parecido com uma estrela. A luz de uma lanterna. A luz se movia para a frente e para trás e sumia. Ela fazia uma trilha em ziguezague com a lanterna.

Quanto mais fundo entrasse naquele inferno biológico, melhor.

De repente, gritos. Gritos aterrorizados ecoando na escuridão da floresta.

— Meu Deus.

Ele virou de costas para o monitor e saiu correndo lá para fora.



Mesmo com lua no céu, a escuridão das profundezas da floresta tropical atrapalhava a visão. Drake seguiu pela trilha aos tropeções e escorregões em direção à luz da lanterna.

De repente, a voz de Alyson soou suavemente no escuro.

— Não sei, não sei.

Ela iluminava em volta.

— Alyson. — Ele fez uma pausa enquanto seus olhos se ajustavam. — O que você não sabe?

— Não sei o que aconteceu.

Ela era uma sombra à frente com um saquinho na mão. O saquinho era uma oferenda para um deus sombrio.

— Não sei como eles escaparam. Olhe aqui.

Ela jogou um feixe de luz no saquinho. Um rasgo lá no fundo. Um corte bem-feito.

— Eles estavam com uma faca — disse Drake.

— Também acho.

— E pularam. Ou então caíram.

— Também acho.

— Onde?

— Bem aqui. Pelo menos só percebi aqui. E parei na mesma hora. Não queria pisar neles.

— Eu não me preocuparia com isso. Talvez já estejam mortos. — Ele pegou a lanterna dela, abaixou-se e projetou um foco de luz por cima das samambaias. Procurava alterações no orvalho que cobria as samambaias. Mas não encontrou nada.

Ela começou a chorar.

— Não foi culpa sua, Alyson.

— Eu sei. — Soluços. — Eu ia soltá-los.

— Imaginei.

— Sinto muito, mas ia fazer isso.

Ele a abraçou.

— Não foi culpa sua, Alyson. Isso é que importa.

— Algum sinal deles? A lanterna ajudou?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Foi uma queda grande e eles estão com pouca massa. Talvez tenham sido levados pelo ar.

— Então, talvez ainda estejam…

— Sim, talvez. Mas é duvidoso.

— É melhor procurá-los!

— Já é noite, Alyson. Poderíamos pisar neles sem querer…

— Não podemos deixá-los aqui.

— É bem provável que tenham morrido na queda. Acreditei em você, Alyson, quando disse que não cortou o saquinho para soltá-los…

— O que está dizendo…?

— Mas talvez a polícia não acredite nessa história com tanta facilidade. Você já está implicada na morte de Eric, e agora… abandonar os garotos neste lugar perigoso… e intencionalmente. Isso é assassinato, Alyson.

— Bem, você vai contar a verdade para a polícia.

— Claro — ele disse —, mas por que acreditariam em mim? Alyson, a única opção que nos resta é continuarmos com nosso plano. O desaparecimento desses jovens terá de ser explicado como um acidente. E se por algum milagre reaparecerem… bem, o Havaí é um lugar mágico, um lugar maravilhoso. Aqui, os milagres acontecem.

Ela emudeceu no escuro.

— Você acha melhor deixá-los aqui?

— Amanhã voltamos e olhamos à luz do dia. — Ele apertou o ombro dela e puxou-a para mais perto. Iluminou o caminho. — Por aqui. Por aqui enxergaremos o caminho e sairemos seguros. Amanhã a gente volta. Agora, vamos tratar do carro. Está bem? Uma coisa de cada vez.

Alyson soluçou e se deixou ser levada de volta ao estacionamento. Drake olhou para o relógio: 23:14. Sobrava tempo para levar adiante a próxima fase do plano.

# Capítulo 12



**Waipaka Arboretum**
**28 de outubro, 23h**

A cada movimento de Alyson os jovens pesquisadores sacolejavam dentro do saquinho ao som da aspereza dos corpos contra as paredes de papel. Nunca passara pela cabeça de Peter que um papel pardo comum pudesse ser tão áspero: parecia que ele estava sendo esfregado por uma lixa. Os outros já estavam virados de costas para a superfície do saquinho para não serem arranhados enquanto eram jogados para a frente e para trás. Fazia um bom tempo que estavam sendo levados sabe-se lá para onde. Onde eles estavam? O que fariam com eles? Era difícil conversar nas condições em que estavam e ainda mais difícil bolar um plano com todos conversando ao mesmo tempo.

Jarel Kinsky, o homem da Nanigen, repetiu mais uma vez que aquilo só podia ter sido um engano.

— Se eu pudesse falar com o sr. Drake.

— Cai na real — retrucou Karen King prontamente.

— Não acredito que o sr. Drake queira… nos matar — ele disse.

— Ora, é mesmo? — disse Karen com ironia.

Ele não respondeu.

O maior problema não era saber o que Drake ou Alyson pretendiam. Eles tinham andado um bocado de carro, mas onde o carro tinha parado? Aquilo não fazia sentido. E pelo que pareceu os dois chegaram a um acordo (foi impossível acompanhar a conversa deles). E depois ela saiu com o saquinho para o ar livre. Em pleno escuro.

— O que é isso? — perguntou Karen King alarmada enquanto o grupo era transportado. — O que está havendo?

Eles ouviram um estrondo. Uma fungada. Alyson Bender.

— Estou com a sensação de que ela quer nos salvar — disse Peter Jansen.

— Drake nunca permitiria isso — comentou Karen.

— Eu sei.

— Talvez seja melhor assumirmos o controle da situação — disse Karen sacando a faca.

— Vá com calma — disse Danny Minot. — Essa decisão deve ser conjunta.

— Não estou nem aí — retrucou Karen. — A faca está comigo.

— Deixe de ser criança — advertiu Danny.

— Deixe de ser covarde. Ou agimos ou eles agem e nos matam. O que é melhor? — Ela não esperou pela resposta. Voltou-se para Peter. — A que distância do solo você acha que estamos?

— Não sei, aproximadamente um metro e meio…

— Cento e trinta e sete centímetros — disse Erika Moll. — E qual é a nossa massa?

Peter deu uma risada.

— Não muita.

— Você ainda ri — disse Danny indignado. — Vocês são loucos. Comparada ao nosso tamanho normal, uma queda de 137 centímetros equivale a…

— Cento e trinta e sete metros — concluiu Erika. — Ou seja, uma altura equivalente a um prédio de quarenta e cinco andares. Mas isso não equivale a uma queda do quadragésimo quinto andar de um prédio.

— Claro que equivale — retrucou Danny.

— Não é o máximo ver como esse povo de estudos da ciência não conhece nada de ciência? — comentou Erika.

— É uma pequena questão de resistência do ar — explicou Peter.

— Isso não importa — disse Danny trincando os dentes, nitidamente aborrecido pela crítica —, já que no campo gravitacional os objetos caem na mesma velocidade, independentemente da massa. Uma moedinha e um piano caem na mesma velocidade e atingem o solo ao mesmo tempo.

— Não há nada a fazer por ele — disse Karen. — E temos que decidir! agora.

O saquinho já não sacolejava tanto, talvez Alyson estivesse pensando no que fazer.

— Não acho que a altura da queda importe muito — disse Peter, refletindo sobre a física dos seres muito pequenos.

Era uma questão de gravidade. De inércia.

— O que importa é a equação de Newton… — ele continuou.

Karen o interrompeu.

— Chega! Meu voto é pular.

— Pular — disse Jenny.

— Pular — disse Amar.

— Ai, meu Deus — disse Danny gemendo. — Mas nem sabemos onde estamos!

— Pular — disse Erika.

— É nossa única chance — disse Rick Hutter. — Pular.

— Pular — disse Peter.

— Tudo bem — disse Karen. — Vou rasgar ao longo da costura e abrir o saco. Tentem se manter juntos. Imaginem que são

paraquedistas. Braços e pernas abertos, como se fossem uma pipa humana. E lá vamooos…

— Só um minuto… só um minuto — gritou Danny.

— Tarde demais! — gritou Karen. — Boa sorte!

Ela passou ao lado de Peter com a faca na mão e logo o papel pardo se abriu debaixo dos pés e ele se viu caindo na escuridão.



Lá fora o ar estava surpreendentemente frio e úmido. E a noite, iluminada. Enquanto caía, Peter pôde ver as árvores ao redor e a terra lá embaixo. Foi uma descida surpreendentemente rápida — assustadoramente rápida — e por uma fração de segundo ele se perguntou se o grupo não tinha cometido um erro de cálculo, apesar do desprezo que todos sentiam por Danny.

Claro, eles sabiam que a resistência do ar é um fator considerável na velocidade dos objetos em queda livre. Isso não é percebido na vida cotidiana porque a maioria das coisas sofre uma resistência do ar semelhante. Um haltere de dois quilos e outro de cinco quilos caem na mesma velocidade, o mesmo acontece com um ser humano e um elefante. A queda de ambos se faz na mesma velocidade.

Mas agora eles estavam tão pequenos que a resistência do ar não importava, e torceram coletivamente para que a resistência do ar superasse o efeito da massa. Em outras palavras, eles não cairiam com a mesma velocidade de antes.

Assim esperavam.

Com o vento assobiando nos ouvidos e as lágrimas embaçando os olhos, Peter trincou os dentes durante a queda e esfregou os olhos para distinguir o ponto onde cairia. Olhou em volta e ninguém

despencava pelo ar, se bem que ouviu um suave gemido no escuro. Quando abaixou os olhos já se aproximava de uma planta de folhas largas que pareciam orelhas de elefante. Abriu os braços para mudar de posição e aterrissar no centro de uma folha.

Atingiu o alvo com perfeição. Ao bater na orelha de elefante, a folha fria, úmida e escorregadia vergou sob os pés de Peter e em seguida se elevou com um movimento rápido e o arremessou de volta ao ar como um trampolim de mergulho. Ele gritou de surpresa quando se viu novamente em queda livre, aterrissou na borda da folha, girou e rolou pela superfície úmida e escorregadia até a extremidade da folha.

E caiu.

Colidiu com outra folha mais abaixo e mais no escuro; sem enxergar, rolou de volta pela superfície verde e agarrou-se na extremidade para evitar uma inevitável queda. Sem êxito, caiu, bateu em outra folha, caiu e por fim aterrissou de costas em um leito de musgo molhado e assim ficou, ofegando assustado com os olhos fixos na copa de uma árvore que bloqueava a visão do céu.



— Vai ficar deitado aí?

Peter desviou os olhos. Karen King já estava em pé na sua frente.

— Você se machucou? — ela perguntou.

— Não — ele respondeu.

— Então, levante.

Ele tentou se levantar. Ela não o ajudou. Ele mal conseguiu se equilibrar, o tênis escorregando no musgo molhado. Os pés estavam frios e molhados.

— Fique aqui — ela disse como se falasse com uma criança.

Ele se deslocou até um pedaço de terra seca, ao lado dela.

— Cadê os outros?

— Em algum lugar por aí. Talvez levem algum tempo para aparecer.

Peter balançou a cabeça de olhos fixos no solo da floresta. De sua nova perspectiva de 1,2 centímetro de altura, o solo da floresta se afigurou incrivelmente forrado. Os tocos cobertos de musgo e limbo podre erguiam-se como arranha-céus; os galhos — gravetos, na verdade — caídos no solo desenhavam arcos irregulares de seis a nove metros acima. Até as folhas mortas na terra eram mais altas do que ele e, a cada passo, se deslocavam ao redor e debaixo dos pés. Era como locomover-se por um terreno de lixo orgânico. Um terreno molhado, escorregadio e em grande parte gosmento. Onde estavam? Eles tinham viajado de carro durante um bom tempo. Talvez estivessem em algum lugar de Oahu — em algum lugar com uma floresta.

Karen escalou um graveto tombado, equilibrou-se e sentou-se com as pernas balançando no ar. Enfiou os dedos na boca e assoviou com força.

— Eles devem ouvir. — Assoviou novamente.

Surgiu uma coisa escura e volumosa que triturava a vegetação rasteira. A princípio não distinguiram o que era, mas sob a luz da lua afigurou-se um besouro gigantesco, um manto negro em passo de marcha. Com olhos ! compostos que brilhavam esmaecidos, uma poderosa armadura negra por cima e pelos espetados nas pernas.

Karen encolheu as pernas quando o besouro rastejou por baixo do graveto onde estava empoleirada.

Erika Moll abriu caminho por entre caules molhados e gotejantes.

— Talvez seja um Metromenus — disse. — Só rasteja, não voa. Não o perturbem… é carnívoro. Além de ter mandíbulas, esguicha uma substância química terrível.

Ninguém ali queria se ver encharcado de uma substância química, muito menos servir de refeição para um besouro. Mantiveram-se mudos e totalmente imóveis enquanto o besouro cutucava a área provavelmente em busca de caça. De repente o besouro se virou, saiu em disparada e abocanhou alguma coisa pequena, alguma coisa que se debateu com bravura. Estava tão escuro que não puderam ver o que tinha sido abocanhado, mas ouviram quando a presa foi esmagada. Em seguida soprou uma lufada cortante e nojenta.

— É um cheiro químico de defesa do besouro — comentou Erika Moll.

— Ácido acético, ou vinagre… e talvez acetato de decilo. Se não me engano o fedor azedo é de benzoquinona. As substâncias químicas são estocadas no abdome do besouro e também circulam no sangue.

Logo o besouro se locomoveu arrastando a presa no meio da noite.

— Eis um exemplo de projeto evolutivo superior. Melhor que o nosso. Neste mundo aqui, pelo menos — ela acrescentou.

— Armaduras, mandíbulas, armas químicas e um monte de pernas — disse Peter.

— Sim. Quanto mais pernas,-melhor.

— A maioria dos animais terrestres dispõe de pelo menos seis pernas — disse Erika, ciente de que os apêndices adicionais são para facilitar a locomoção em áreas acidentadas. Todos os insetos tinham seis pernas e havia aproximadamente um milhão de espécies já catalogado. Muitos cientistas suspeitam que outros trinta milhões de insetos ainda não foram identificados, e isso os torna a mais variada forma de vida no planeta, afora os organismos microscópicos como vírus e bactérias. — Os insetos — ela voltou-se para os outros — se saíram incrivelmente bem na colonização das áreas de terra do planeta.

— E os consideramos primitivos — disse Peter. — Consideramos o número menor de pernas como sinal de inteligência. Caminhamos sobre duas pernas e achamos que isso nos torna mais inteligentes que os outros animais que caminham sobre quatro ou seis pernas.

Karen apontou para a vegetação rasteira.

— Mas agora que encaramos isto, queremos mais pernas.

Eles ouviram um ruído arranhado e em seguida uma forma rotunda emergiu debaixo de uma folha. Parecia uma toupeira. Coçava freneticamente o nariz com as duas mãos.

— Que horrível — disse a coisa cuspindo poeira. A coisa vestia um paletó de *tweed*.

— Danny?

— Jamais concordei em ter um centímetro de altura. Reconheço, tamanho é fundamental. Eu sempre soube disso. O que vamos fazer?

— Para começar, pare de reclamar — Karen o repreendeu. — Precisamos estruturar um plano. Precisamos fazer um estoque.

— Estoque de quê?

— De armas, nossas armas.

— Armas? Qual é a de vocês dois? Não temos arma alguma! — disse Danny quase aos gritos. — Não temos nada.

— Isso não é verdade — disse Karen com toda calma. Virou-se para Peter. — Peguei uma mochila. — Ela pulou do graveto e pegou a mochila que estava no chão. — Peguei antes de Drake nos encolher.

— Será que Rick também fez isso? — perguntou alguém.

— Pode apostar — soou uma voz de um lugar à esquerda no escuro. — A selva não me intimida. Muito menos à noite. Quando fiz pesquisa de campo na Costa Rica…

— É o Rick — disse Peter. — Tem mais alguém aí?

Um *plaft* lá no alto espalhou gotas de água por todo lado. Jenny Linn deslizou por uma folha e chegou ao chão em pé.

— Você demorou — disse Karen.

— Fiquei presa num galho. A uns três metros de altura. Tive uma trabalheira danada para me soltar. — Jenny sentou-se no chão em posição de lótus e rapidamente se pôs de pé. — Opa. Está tudo molhado.

— É uma floresta tropical — disse Rick Hutter, irrompendo de uma folhagem atrás do grupo. O jeans estava encharcado. — Estão todos bem? — perguntou sorrindo. — E você, garoto Danny, como está?

— Vá se foder — disse Danny ainda coçando o nariz.

— Ora, desencane — disse Rick. — Entre no espírito da coisa. — Ele apontou para as copas das árvores por onde penetrava o luar. — Estamos falando de estudos da ciência! Não é um momento conradiano perfeito? Um confronto existencial entre o homem e a natureza nua e crua, o real coração das trevas despido de falsas crenças e de falsos conceitos literários…

— Alguém pode pedir pra ele calar a boca?

— Rick, deixe o cara em paz — disse Peter.

— Não, não, não tão depressa — continuou Rick. — Isso é importante. O que a natureza tem de tão aterrorizador para mexer tanto com a mente humana moderna? Por que é tão intolerável? Porque a natureza é fundamentalmente indiferente. Implacável, desinteressada. A natureza não se importa se você vive ou morre, se é bem-sucedido ou fracassado, se sente prazer ou dor. E isso não podemos tolerar. Como podemos viver num mundo indiferente a nós? Por isso a redefinimos. Por isso a chamamos de Mãe Natureza, sem que seja um parente em qualquer sentido real do termo. Colocamos deuses nas árvores, no ar e nos oceanos. Colocamos deuses em nossas casas para nos proteger. Precisamos desses deuses antropomórficos por diversas razões como sorte, saúde e liberdade. Mas a razão que se destaca acima de todas é que os deuses nos protegem da solidão. Por que a solidão é tão intolerável? Por que

não suportamos ficar sozinhos? Simplesmente porque somos como crianças.

"Mas todas essas coisas são apenas disfarces que projetamos na natureza. Sabemos que Danny sempre diz que a narrativa da ciência privilegia o equilíbrio de poder. E que só há verdades objetivas para quem detém o poder. O poder que conta a história que todos acatam como verdadeira porque é o poder que faz as regras."

Ele tomou fôlego.

— Mas quem tem o poder agora, Danny? Pode senti-lo? Respire fundo. Sentiu? Não? Então lhe direi. O poder está nas mãos da entidade que sempre o teve nas mãos… a natureza. Natureza, Danny. Não nós. Tudo o que podemos fazer é subir no cavalo e arranjar um jeito de nos mantermos em cima.

Peter o enlaçou pelos ombros e o afastou.

— Já chega por ora.

— Odeio esse merdinha — disse Rick.

— Nós todos estamos assustados.

— Pois eu não — disse Rick. — Estou numa boa. Adoro ter um centímetro de altura. Pronto para ser bicado por uma ave, é como estou. Sou apenas uma entrada insólita na refeição de um mainá e minhas chances de sobrevivência para as próximas seis horas são de uma para quatro, talvez uma para cinco…

— Precisamos bolar um plano — disse Karen com toda calma.

Amar Singh surgiu coberto de lama e com a camisa rasgada ao lado de uma tora à esquerda. Parecia incrivelmente sereno.

— Estão todos bem? — perguntou Peter.

Todos balançaram a cabeça afirmativamente.

— O cara da Nanigen. Kinsky, onde está você? — disse Peter aos gritos.

— Estou aqui — sussurrou Jarel Kinsky que aquele tempo todo estava sentado de pernas esticadas embaixo de uma folha ali perto, assistindo e ouvindo o que os outros diziam sem dizer nada.

— Você está bem? — perguntou Peter.

— É melhor falar baixinho — disse Kinsky. — Eles ouvem muito melhor que nós.

— Eles? — perguntou Jenny.

— Os insetos.

Fez-se silêncio.

— E melhor assim — disse Kinsky.



Eles passaram a sussurrar.

— Faz ideia de onde estamos? — perguntou Peter.

— Acho que sim — respondeu Kinsky. — Olhem lá.

Todos olharam na direção apontada. Ao longe, um brilho em meio às árvores. Refletia-se nas vidraças de uma construção de madeira parcialmente encoberta pela folhagem.

— E a estufa — continuou Kinsky. — Estamos no Waipaka Arboretum.

— Meu Deus — disse Jenny. — Estamos a quilômetros da Nanigen. — Ela sentou-se em uma folha e sentiu algo se mexendo sob seus pés. O movimento continuou e subiu por sua perna. Ela deu um peteleco. Era um ácaro de solo, uma criatura inofensiva de oito pernas. E só então se deu conta de que a terra estava cheia de organismos minúsculos que se ocupavam com a própria vida. — O solo está vivo debaixo dos nossos pés.

Peter Jansen se curvou, tirou uma pequena minhoca do joelho e se voltou para Jarel Kinsky.

— O que sabe sobre esse processo de encolhimento?

— O termo certo é “alteração dimensional” — disse Kinsky. — Eu nunca tinha passado por uma alteração dimensional, pelo menos até agora. Claro, já tinha conversado com as equipes de campo.

Rick Hutter se meteu na conversa.

— Eu não confiaria em nada do que esse cara diz. É leal ao Drake.

— Espere um pouco — disse Peter acalmando os ânimos e voltando-se para Kinsky. — E o que são “equipes de campo”?

— Equipes enviadas pela Nanigen para o micromundo. Cada equipe com três homens — sussurrou Kinsky como se com medo de chamar a atenção. — Passam pela alteração dimensional e ficam com pouco mais de um centímetro de altura, como nós agora. São eles que operam as máquinas e coletam as amostras. Vivem nas estações de suprimentos.

— Aquelas cabaninhas que nós vimos? — perguntou Jenny Linn.

— Sim. Nunca permanecem nas cabanas por mais de quarenta e oito horas. Adoecem quando permanecem pequenos por mais tempo.

— Adoecem? Como assim? — perguntou Peter.

— Adoecem com a microdescompressão — disse Kinsky.

— Microdescompressão? — repetiu Peter.

— Uma doença que se desenvolve em quem passa pela alteração dimensional. Os primeiros sintomas surgem por volta de três ou quatro dias.

— E o que acontece?

— Bem… já temos alguns dados sobre a doença, mas não muitos. A equipe de segurança fez alguns testes com animais no gerador do tensor. A princípio com camundongos. Passaram pela alteração dimensional e foram observados em minúsculos frascos com microscópios. Após alguns dias todos os camundongos encolhidos morreram. Com hemorragias. Depois, encolheram coelhos e cachorros. Também morreram com hemorragias. Fizeram uma reversão dimensional dos animais e as necropsias revelaram

sangramento generalizado em diversas áreas lesionadas. Sangramento abundante de pequenos cortes externos e sangramento interno. Descobrimos que os animais perdiam os fatores de coagulação. Basicamente, morriam de hemofilia… má coagulação do sangue. Levantamos a hipótese de que a alteração dimensional rompia as vias enzimáticas no processo de coagulação, mas não sabemos direito. E depois descobrimos que os animais dimensionalmente alterados ganhavam uma sobrevida quando a alteração era revertida em poucos dias. Passamos a chamar a doença de microdescompressão, uma analogia à descompressão dos mergulhadores. Quanto menos tempo encolhido, mais saudável o animal se apresentava.

"Só depois apareceram os voluntários, inclusive o cara que projetou o gerador do tensor. Se bem me lembro se chamava Rourke. Aparentemente, os humanos permaneciam no micromundo durante alguns dias sem nenhum sinal de doença. Mas depois aconteceu… um acidente. O gerador do tensor enguiçou e perdemos três cientistas. Eles ficaram presos no micromundo, sem poder passar pela alteração dimensional. Entre as perdas fatais estava o cara que projetou o gerador do tensor. A partir daí aconteceram…; outros problemas. Quando alguém se estressa ou se machuca mais seriamente, a microdescompressão ocorre com muito mais rapidez. Enfim, perdemos… muitos… funcionários. O sr. Drake suspendeu as operações até que se encontre uma solução para a sobrevivência dos humanos no micromundo. Portanto, o sr. Drake realmente se importa com a segurança…

— E como é essa doença? — Rick o interrompeu.

— Começa com equimoses, sobretudo nos braços e nas pernas. Sofre-se um corte e o sangramento é ininterrupto. Como na hemofilia, onde um pequeno corte pode fazê-lo sangrar até morrer. Pelo menos foi isso que ouvi. Eles mantêm alguns detalhes em segredo. Sou um mero operador do gerador — disse Kinsky.

— E já existe algum tratamento? — perguntou Peter.

— O único tratamento possível é a descompressão. Ou seja, trazer o indivíduo para o tamanho normal o mais rápido possível.

— Nós estamos encrencados… — murmurou Danny.

— Vamos fazer um balanço do que temos em mãos, agora — disse Karen King com um tom firme.

Ela colocou a mochila que tinha apanhado na sala do gerador em cima de uma folha. Sob a luz da lua abriu a mochila e esparramou diversos objetos sobre uma folha que serviu de mesa. Fizeram uma rodinha em torno da folha e observaram os objetos: um kit de primeiros socorros com antibióticos e medicamentos básicos; uma faca; uma corda não muito comprida; um carretel, parecendo um molinete de pesca, preso a um cinto; uma lanterna à prova de vento; um cobertor aluminizado; uma pequena tenda impermeável e uma lanterna de cabeça à prova d'água. E ainda dois fones de ouvido com microfones de garganta.

— São rádios bidirecionais — disse Kinsky. — Para comunicação com a base.

Também havia uma excelente escada de corda e chaves de ignição para máquinas das quais eles não faziam a menor ideia. Karen recolocou tudo na mochila — menos a lanterna — e fechou-a.

— Praticamente inútil — comentou enquanto se levantava e ajeitava a lanterna na cabeça. Girou o corpo projetando um foco de luz em algumas plantas e folhas. — O que precisamos mesmo é de armas.

— A luz… por favor, apague… — murmurou Kinsky. — Isso atrai coisas…

— Que tipo de armas? — perguntou Amar.

— Me digam uma coisa — Danny se meteu na conversa com um ar assustado. — Há serpentes venenosas no Havaí?

— Não — respondeu Peter. — Não há serpentes.

— Nem muitos escorpiões, não na floresta tropical. Não sobrevivem em lugares muito úmidos — acrescentou Karen King. — Mas há uma centopeia havaiana que pode ferroar seres humanos. Uma ferroada que, com o nosso tamanho, nos mataria. Aliás, aqui existem muitos animais que podem nos matar. Aves, sapos, uma grande variedade de insetos, formigas, vespas moscardos…

— Você estava falando de armas — disse Peter.

— Precisamos de alguma arma que atire, de alguma coisa que mate à distância… — disse Karen.

— Uma zarabatana — disse Rick.

Karen balançou a cabeça.

— Não. Isso teria um décimo de uns dois centímetros e pouco. Não servia.

— Espere, Karen. Poderíamos usar um pedaço de bambu vazado de um centímetro e pouco de comprimento.

— E um dardo de madeira que coubesse no bambu — disse Peter.

— Lógico — disse Rick. — Um dardo afiado pelo…

— Calor — completou Amar. — Um agente de têmpera. E quanto ao veneno…

— Curare — disse Peter olhando ao redor. Aposto que muitas plantas daqui…

— Essa é minha especialidade — Rick o interrompeu. — Fazemos uma ; fogueira e fervemos cascas e compostos de plantas para extrair o veneno. Precisamos encontrar uma peça de metal, de ferro, para pôr na ponta do dardo…

— A fivela do meu cinto? — sugeriu Amar.

— E depois?

— Fervemos e testamos.

— Isso leva muito tempo.

— É o único jeito.

— Que tal usar a pele de um sapo? — perguntou Erika Moll. Era noite e eles ouviam o coaxar dos sapos.

Peter balançou a cabeça.

— Aqui não tem a espécie própria para isso. Esse coaxar é dos bufos, uma espécie de sapo maior. São do tamanho de um punho fechado. O punho que tínhamos antes. São cinzentos, não coloridos. Produzem toxinas desagradáveis na pele chamadas de bufoteninas, não os componentes à base de curare da América Central…

— Está bem, pelo amor de Deus! — explodiu Danny.

— Só explicando…

— Já entendemos!

Erika enlaçou Peter pelos ombros e balançou a cabeça afirmativamente para Danny, que ainda coçava o nariz com as duas mãos curvadas que mais pareciam duas pequeninas patas.

Ele parecia uma toupeira.

— Ele está surtando? — sussurrou Erika temerosa.

Peter assentiu.

— Continuando, o veneno que você recomendou… — disse Amar.

— Misturamos lascas do tronco da *Strychnos toxifera*, acrescentamos oleandro, a seiva, não a folha, e *Chondrodendron tomentosum*, se houver disponível. Fervemos a mistura durante vinte e quatro horas, no mínimo — disse Peter de olho em Danny.

— Vamos começar logo — disse Karen.

— É mais fácil encontrar essas plantas à luz do amanhecer — disse Jenny.

— Pra que tanta pressa?

— A pressa — disse Karen — é por causa daquelas lâmpadas halógenas lá na entrada. Talvez Vin Drake já esteja de volta para nos matar. — Ela jogou a mochila nas costas e apertou as correias. — Portanto, é melhor começar logo.

# Capítulo 13



**Estrada de Alapuna**
**29 de outubro, 2h**

Quase nada se ocultava sob o clarão luminoso do luar. O denso galho do pé de *hau* vergado para o lado do penhasco se nivelava com a estrai de terra, deixando à vista dois carros ao longo da serra vulcânica. À esquerda, o terreno fazia um declive que terminava nos campos agrícolas.

À direita, o penhasco íngreme de frente para uma arrebentação ao norte da praia de Oahu.

Alyson Bender dirigia o primeiro carro, o Bentley conversível. Cada vez que hesitava, Vin Drake acenava do segundo carro, o BMW. Ainda estavam a uma distância considerável da velha ponte. Finalmente, ele avistou sob a luz da lua a ponte de concreto creme construída nos anos 1920; espantoso que tivesse durado tanto.

Ela parou e fez menção de sair do carro.

— Não, não — ele disse acenando para que voltasse para dentro do carro.

— Você precisa maquiá-lo.

— Maquiá-lo?

— Sim. Lembra que o grupo todo se acotovelava dentro do Bentley? Estavam festejando.

Ele estendeu um saco com roupas e outros itens que os jovens tinham deixado na recepção e no Bentley estacionado na Nanigen: celulares; bermudas; camisetas; trajes de banho e uma toalha; alguns exemplares da *Nature* e da *Science* e um tablet.

Ela começou a jogar as coisas aleatoriamente dentro do carro.

— Não, não — ele disse. — Alyson, por favor. Antes temos que decidir onde cada um estava sentado.

— Estou nervosa.

— Tudo bem, mas ainda temos que fazer isso.

— Mas vai ficar tudo misturado quando você empurrar o carro precipício abaixo.

— Alyson. Nós temos que fazer isso.

— Mas a polícia… não haverá corpos. Não estarão dentro do carro…

— Água com muitas correntes. Tubarões. Mar que engole os mortos. Por isso estamos fazendo dessa maneira, Alyson.

— Está bem, está bem — ela disse bufando. — Quem está no banco de trás?

— Danny.

Ela pôs no banco um suéter e um romance de Conrad, *Chance*, muito manuseado.

— Está bem assim, Vin? Está me parecendo muito certinho.

— O nome dele está no livro.

— Tudo bem. Quem está ao lado dele?

— Jenny. Ela morre de pena dele.

Uma echarpe delicada e um cinto branco de couro de píton dispostos junto ao encosto.

— Caro. Isso não é ilegal?

— Píton? Só na Califórnia.

Depois, os óculos de Peter Jansen, óculos que ele vivia perdendo; o traje de banho de Erika Moll; dois calções.

Prosseguiram até ajeitar as roupas no banco da frente com Karen King ao volante. Depois, Drake espalhou álcool no banco traseiro, quebrou a garrafa e jogou-a na dianteira do carro; parou debaixo do painel.

— Não quero exagerar. — Ele olhou para os flocos de nuvens no azul-escuro do céu e para a espuma branca das ondas lá embaixo. — Que noite linda — ele disse, balançando a cabeça. — Que mundo maravilhoso. — Em seguida caminhou até o lado esquerdo do carro e se afastou um pouco para observá-lo. — Há um declive ali à frente — disse. — Dirija até chegar bem perto do declive e saia do carro, e depois o empurramos.

— Ei. — Alyson ergueu as mãos. — Eu, ahn… Vin, eu não vou entrar aí dentro de novo.

— Não seja boba. São apenas três metros de distância. Apenas três metros.

— E se alguma coisa…

— Não vai acontecer nada.

— Por que não dirige você até o declive?

— Alyson. — Um olhar duro na penumbra. — Sou mais alto e teria que empurrar o banco para trás, isso levantaria suspeitas na investigação policial.

— Mas…

— Nós combinamos. — Ele abriu a porta do carro. — Entre logo.

Ela hesitou.

— Alyson, nós combinamos.

Ela se pôs ao volante tremendo, apesar da noite quente.

— Feche a capota — ele disse.

— A capota? Por quê? — ela perguntou.

— Para manter tudo dentro do carro.

Ela ligou o motor, apertou um botão e a capota do Bentley se ergueu e fechou. Ele recuou e acenou para que ela fizesse o carro andar. O carro curvou-se para baixo, deslizou um pouco — ela gritou — e depois derrapou e parou.

— Está bem, perfeito — ele disse quando ela fez menção de sair do carro. O que ela não percebeu é que ele enfiava as luvas nas mãos. E com um gesto brusco bateu a porta e trancou-a; enfiou o corpo pela janela, agarrou-a pelos cabelos com as duas mãos e bateu a cabeça dela na parte metálica da moldura da janela sem acolchoamento. Apesar dos gritos, não parou de bater a cabeça dela contra a janela. E depois, só como garantia, bateu a testa contra o volante algumas vezes. Ela ainda estava consciente, mas isso já não importava. Ele se esticou por trás do corpo dela e ligou o carro. Foi estranho. Ele rolou para trás quando o carro ultrapassou a ponte quebrada, rodopiou e despencou cento e oitenta metros até o rio e oceano abaixo.

Ele então se levantou. Não teve tempo de ver o impacto. Mas ouviu o estrondo do metal contra a pedra. Depois de capotar, o conversível ficou com as rodas para cima. Ele observou por um momento para ver se alguma coisa se mexia lá embaixo. Uma das rodas ainda girava. Nada mais.

— Confiança é tudo, Alyson — disse baixinho, virou de costas e tirou as luvas.



O BMW de Drake estava a uns cem metros daquele lugar; o trajeto era de pedras secas e os pneus não deixariam rastros. Ele entrou no carro e lentamente retornou de ré pelo caminho estreito — agora,

nada de erros! Chegou a um trecho mais largo, manobrou e seguiu rumo sul de volta a Honolulu. A polícia levaria alguns dias para descobrir o acidente e ele já estaria com tudo pronto. De manhã telefonaria para comunicar o desaparecimento dos pesquisadores e diria que estava preocupado. Eles tinham saído à noite para se divertir, com a srta. Alyson Bender como cicerone.

Drake não receava uma possível divulgação da notícia de Cambridge a Boston. O Havaí seria muito útil quanto a isso. Era um ponto turístico que tradicionalmente relutava em relatar a morte de turistas engolidos pelas ondas traiçoeiras, as fortes arrebentações, as perigosas trilhas de caminhadas e as outras atrações sempre estampadas em cartazes coloridos. A história de Cambridge seria divulgada durante alguns dias, sobretudo porque alguns dos jovens eram atraentes, mas inevitavelmente seria substituída por outras notícias mais suculentas: princesa austríaca morre em desastre de helicóptero ao esquiar no monte Rainier; mergulhadores perdidos na Tasmânia; milionário texano morre em acampamento em Khumbu; estranho acidente em CinqueTerra; turista devorado por um lagarto gigante em Komodo.

Sempre haveria notícias mais suculentas para substituir as velhas.

Claro, a coisa ficaria complicada na Nanigen. A contribuição dos jovens pesquisadores seria inestimável para a companhia, sobretudo por conta das recentes perdas sofridas em seu pessoal. Sem falar que também seria uma injeção de ânimo nas equipes. Ele teria que ser muito hábil para lidar com o problema.

O carro esporte derrapou e oscilou ao longo da estrada de terra com as mãos firmes de Drake ao volante. Ele dirigia ao sul do Pontal de Kaena (“onde as almas deixam o planeta”), onde as ondas arrebentam nos dois lados da estrada. Ele teria que lavar o carro para apagar os traços de água salgada na lataria e nos pneus. Melhor seria levá-lo para um lava a jato de Pearl City.

Olhou o relógio. Três e meia da madrugada.

Por estranho que pareça, não sentia urgência alguma e estava absolutamente calmo. Havia tempo de sobra para retornar ao outro lado da ilha, Waikiki, nas cercanias de Diamond Head. Havia tempo de sobra para verificar os quartos no hotel dos jovens em busca de artefatos, objetos científicos que porventura pudessem ter trazido.

E depois de tudo ainda haveria tempo de sobra para dirigir o BMW de volta ao seu luxuoso apartamento nos arredores de Kahala e deitar na cama e escorregar para debaixo dos lençóis. E depois acordar e se chocar ao tomar conhecimento do comportamento absurdo de sua diretora financeira, que tinha levado os talentosos pesquisadores para a farra.

# PARTE II

## UM BANDO DE HUMANOS

# Capítulo 14



**Vale de Manoa**
**29 de outubro, 4h**

Caminhando pela floresta em fila indiana no escuro, os sete estudantes e Kinsky observavam em meio às sombras com ruídos estranhos ao redor. Rick Hutter tropeçava nas folhas do chão, em galhos secos que de tão grandes pareciam sequoias caídas e carregava uma lança de capim no ombro. Karen King carregava a mochila e segurava a faca com força. Peter Jansen liderava o grupo, esquadrinhando os arredores e tentando seguir uma rota. Com o seu jeito calado de ser tornara-se o líder. Não estavam com a lanterna de cabeça porque não queriam atrair predadores. Peter já não enxergava o terreno à frente.

— A lua está se recolhendo — disse.

— Já é madrugada… — disse Jenny Linn.

Um grito terrível desviou a atenção dela. Foi um gemido que depois explodiu em gritos guturais nas profundezas de algum lugar lá no alto. A fantasmagoria sonora gotejou com violência.

Rick girou e empunhou a lança para o alto.

— Que diabo é isso?

— Acho que é o canto de um pássaro — respondeu Peter. — Ouvimos os sons em volume mais baixo. — Consultou o relógio: 4:15. Era um relógio digital. Funcionava normalmente, mesmo encolhido. — Está amanhecendo — acrescentou.

— Será melhor chamar a Nanigen pelo rádio se não encontrarmos a estação de suprimentos — sugeriu Jarel Kinsky. — Eles poderão nos salvar se ouvirem o sinal.

— Drake nos mataria — disse Peter.

Kinsky não argumentou, mas ficou claro que não concordava com Peter.

— Temos que chegar por nossa conta ao gerador do tensor para retomarmos o nosso tamanho — continuou Peter. — Feito isso, iremos para a Nanigen. De qualquer maneira. Mas acho que seria um erro pedir socorro a Drake.

— Podemos chamar a polícia? — Danny se meteu na conversa.

— Grande ideia. É só nos dizer como ligar para o 911 — comentou Rick com sarcasmo.

Kinsky explicou que os rádios das estações de suprimentos funcionavam em uma frequência que só alcançava uns trinta metros de distância.

— Se alguém da Nanigen estiver por perto e nos ouvir na frequência certa, poderá se comunicar conosco. Caso contrário, nosso sinal não será captado. — Também explicou que os rádios não se estendiam às frequências utilizadas pela polícia e pelos serviços de emergência. — A frequência dos microrrádios da Nanigen é de cerca de setenta gigahertz — acrescentou. — Isso é uma alta frequência. Funciona bem para as equipes de campo em curtas distâncias, mas é completamente inútil para comunicação de longa distância.

— Durante a nossa visita ao jardim botânico, Drake mencionou um veículo que sai daqui do Vale de Manoa e vai para a Nanigen. Poderíamos usá-lo na fuga — disse Jenny Linn.

Todos emudeceram. Jenny acabara de dar uma boa ideia. Talvez. De fato, Vin Drake mencionara um veículo. Mas será que o tal veículo continuava em atividade depois que as equipes de campo foram retiradas do micromundo? Peter se virou para Kinsky.

— Sabe se esse caminhão ainda está em operação para a Nanigen?

— Isso eu não sei.

— A que horas costumava chegar ao jardim botânico?

— Às duas da tarde — respondeu Kinsky.

— Onde parava?

— No estacionamento. Perto da estufa.

Todos ficaram concentrados, ruminando a ideia.

— Acho que Jen está certa. Poderíamos tentar entrar nesse caminhão — disse Peter. — E depois voltaríamos para a Nanigen e tentaríamos chegar ao gerador do tensor…

— Espere… nós estamos nanicos. Como poderíamos escalar e entrar no caminhão? — ponderou Rick olhando para Peter. — É um plano maluco. E se o caminhão não estiver lá? A Nanigen fica a mais de vinte quilômetros daqui. E estamos umas cem vezes menores do que o normal. Pensem nisso. Isso significa que para nós um quilômetro equivale a cem quilômetros. Se a Nanigen está a mais de vinte quilômetros daqui, isso significa que para nós está a mais de duzentos quilômetros de distância. Ou seja, teremos que fazer o que Lewis e Clark fizeram. E teremos que fazê-lo em menos de quatro dias, porque do contrário morreremos por descompressão. É uma furada, gente.

— A ideia do Rick é lavar as mãos e desistir — afirmou Karen.

Rick se voltou furioso para ela.

— Precisamos ser práticos…

— Você não está sendo prático. Está choramingando — disse Karen.

Peter tentou apartar a briga. Interpôs-se entre Rick e Karen, pensando em desviar a raiva deles e impedi-los de se atracar.

— Por favor — disse, colocando a mão no ombro de Rick. — Brigas não ajudam a ninguém. Vamos dar um passo de cada vez.

Eles seguiram em silêncio.



Com um centímetro e pouco de altura acima do solo da floresta, não enxergavam quase nada, mesmo ao raiar do sol. Samambaias espessas e abundantes brotavam de todos os lados e era especialmente difícil lidar com isso, já que bloqueavam a visão e projetavam grandes sombras. Eles tinham perdido a estufa de vista e não faziam ideia de onde estavam. Mesmo assim, seguiam adiante. Os raios do sol já se infiltravam pelas frestas do dossel da floresta.

À luz do dia passaram a enxergar com mais nitidez. A terra estava repleta de pequenos organismos — nematódeos, ácaros de solo e uma abundância de outras minúsculas criaturas como aquela que cutucara os pés de Jenny Linn no escuro. Os ácaros eram pequenos, como aranhas rastejantes que se escondem nas frestas do solo. Embora invisíveis a olho nu para indivíduos de estatura normal, para os micro-humanos eram visíveis. Criaturas que iam do tamanho de um grão de arroz ao de uma bola de golfe. A maioria oval e com uma armadura grossa e pelos espinhentos. E por serem aracnídeos, Karen King, a aracnóloga, sempre parava para observá-los. Sentia dificuldade para reconhecê-los em meio à grande variedade de tipos. Não se dava conta de toda aquela riqueza natural: ali a biodiversidade se estendia até onde a vista alcançava. Os ácaros pipocavam em toda parte, como siris nos rochedos das

praias: pequenos, inofensivos, escavando e vivendo uma vidinha oculta. Ela pegou um ácaro e o deixou na palma da mão.

Uma criatura tão delicada, tão perfeita. Isso levantou o ânimo de Karen. O que estava acontecendo? Surpresa, percebeu que se sentia feliz naquele estranho mundo novo.

— Não sei por quê — disse. — Eu me sinto como se tivesse encontrado o lugar que sempre procurei por toda a minha vida. Parece que estou de volta a minha casa.

— Eu não — disse Danny Minot.

O ácaro subiu pelo braço de Karen, explorando-o.

— Cuidado, você pode ser mordida — disse Jenny Linn.

— Não por este carinha aqui — retrucou Karen. — Estão vendo as partes da boca? São adaptadas para sugar detritos… coisas mortas. Alimenta-se de lixo.

— Como sabe que é macho?

Karen apontou para o abdome do ácaro.

— Pênis.

— Um cara é sempre um cara, seja pequeno ou não — disse Jenny.

Karen se animou ainda mais à medida que caminhava.

— Os ácaros são incríveis. São altamente especializados. Muitos são parasitas, e são singulares em relação aos hospedeiros. Uma das espécies só vive nos olhos dos morcegos frugívoros… em nenhum outro lugar. Uma outra espécie só vive no ânus da preguiça…

— Faça-me o favor, Karen! — explodiu Danny.

— Dê um tempo, Danny, isso faz parte da natureza. Cerca de metade da população humana tem ácaros nas pestanas. Um grande número de insetos também tem ácaros. Na verdade, alguns ácaros vivem em outros ácaros. Portanto, até os ácaros pegam ácaros.

Danny se abaixou e tirou um ácaro do tornozelo.

— O monstrinho fez um buraco na minha meia.

— Talvez seja um comedor de detritos — disse Jenny.

— Isso não é nem um pouco engraçado.

— Alguém quer passar o meu creme natural de látex na pele? — perguntou Rick Hutter. — Talvez afaste os ácaros.

Eles pararam e Rick estendeu um frasco de plástico de laboratório. Passaram pequenas quantidades do creme no rosto, nas mãos e nos punhos. O odor era pungente. E funcionava. Repelia mesmo os ácaros.



O micromundo tomou de assalto todos os sentidos de Amar Singh. Percebeu que o fato de ser pequeno propiciava novas sensações na pele. Mas as primeiras sensações da nova realidade ocorreram quando o ar bateu no seu rosto, nas mãos, na camisa e despenteou seu cabelo. Era um ar mais denso, como um xarope, e as lufadas de brisa espiralavam e fluíam em torno do corpo. O ar parecia pingar entre os dedos quando ele balançava o braço. No micromundo, caminhar ao ar livre era quase como nadar. Com os corpos muito pequenos a fricção do ar se tornava mais pronunciada. Até que Amar cambaleou com uma lufada de ar que o empurrou para o lado.

— Temos de ter um bom jogo de pernas aqui — disse em voz alta. — Parece que estamos reaprendendo a andar.

Os outros sentiam a mesma dificuldade: cambaleavam com a pressão do ar e às vezes calculavam errado o passo. Qualquer tentativa de pular um obstáculo era um longo salto. No micromundo, o corpo era visivelmente mais forte, mas eles ainda estavam aprendendo a controlar os movimentos!

Era como caminhar na Lua.

— Desconhecemos a nossa própria força — disse Jenny, preparando-se para pular. Pulou alto e agarrou-se à borda de uma folha com as duas mãos. Ficou dependurada e depois se manteve apenas com uma das mãos… Fácil demais. Pulou no chão.

Era a vez de Rick Hutter carregar a mochila. Mesmo entupida de equipamentos, ele conseguia saltar para cima e para baixo com muita facilidade; mesmo com a mochila nas costas, escalava sem muito esforço.

— Estamos mais fortes e mais leves. Aqui neste mundo a gravidade não é grande coisa.

— Ser pequeno tem lá suas vantagens — disse Peter Jansen.

— Ainda não vi nenhuma — disse Danny Minot.

Amar Singh, por sua vez, a cada passo era tomado pelo terror que crescia cada vez mais. Que animais viviam entre as folhas? Comedores de carne. Animais com muitas pernas e armaduras articuláveis, animais com maneiras incomuns de matar as presas. Educado no seio de uma devota família < hindu, aprendera com os pais imigrantes da Inglaterra e estabelecidos em Nova Jersey a não comer carne. Quando criança sempre via o pai abrir as janelas para não ter que matar as moscas. Amar era vegetariano de longa data, arredio à proteína animal. Levava em conta que os animais também são passíveis de dor e sofrimento, inclusive os insetos. No laboratório, pesquisava plantas, não animais. E ali na selva se perguntava se teria que matar animais e comer carne para sobreviver. Ou seria o contrário?

— Somos proteínas — ele disse. — Somos apenas proteínas. Só isso.

— O que está querendo dizer? — perguntou Rick.

— Somos carne ambulante de duas pernas.

— Você está muito sombrio, Amar.

— Estou sendo realista.

— Pelo menos… é interessante — disse Jenny Linn sorvendo o odor do micromundo.

Era um odor muito próprio de compostos de terra que entrava pelo nariz e não era nada ruim; pelo contrário, além de ser maravilhoso, dançava no ar junto a milhares de odores desconhecidos — alguns almiscarados e outros adocicados. Muitos eram prazerosos e adoráveis, como perfumes caros e exóticos.

— É o cheiro dos feromônios, sinalizadores químicos utilizados pelos animais e as plantas para se comunicar — ela continuou. — É a linguagem invisível da natureza. — Ela estava animada, pela primeira vez na vida vivenciava o amplo espectro de odores do mundo natural. Uma revelação que provocava arrepios de prazer e de medo.

Jenny levou terra ao nariz e cheirou. O punhado de terra estava repleto de nematoides, ácaros e criaturinhas gorduchas conhecidas como ursos de água; exalava um leve toque de antibiótico. O solo está repleto de bactérias com diferentes tipos de Streptomyces, pensou.

— Sintam só o cheiro das Streptomyces — disse para os outros. — É uma das bactérias que compõem os antibióticos modernos.

O solo também estava trançado de fios de fungos conhecidos como hifas. Ela tocou em alguns fios de fungo. Eram rijos e um tanto maleáveis. Um centímetro cúbico de solo podia abrigar quilômetros de fios de fungos.

Alguma coisa passou pelos olhos de Jen, caindo no ar denso. Era uma pequena pepita do tamanho de um grão de pimenta com muitos botões.

— Que coisa é essa? — Jen se deteve e observou enquanto a pepita descaía ao solo. Estendeu a palma da mão, pegou uma outra pepita que flutuava lentamente e deixou-a rolar entre os dedos polegar e indicador. Era dura e resistente, como uma pequena noz. — É pólen — disse maravilhada.

Olhou para o alto. Lá estava um pé de hibisco coberto de nuvens de flores brancas. O coração de Jenny Linn pulou de felicidade perante a visão. Por uma fração de segundo sentiu-se feliz por estar tão pequena.

— Isso tudo… é tão maravilhoso — disse, girando lentamente enquanto olhava as nuvens de flores e os flocos de polens que flutuavam como neve.

— Nunca imaginei nada parecido.

— Jenny, nós precisamos continuar a marcha. — Peter Jansen se deteve Para esperá-la e pastorear os outros.

Já Erika Moll, a entomologista, não se sentia feliz. Estava com medo Mesmo conhecendo os insetos, naquela jornada estava com medo deles.

*Se tivéssemos a armadura de quitina que os insetos têm*, pensou. Uma armadura bioplástica, leve e super-resistente. Passou a mão no braço e se deu conta de que tinha uma pele delicada com pelos suaves. Somos macios — pensou. Somos comestíveis. Não disse nada para ninguém, mas por trás da serenidade aparente ocultava-se um sentimento de horror. Ficou com medo de ser traída pelo medo, ficou com medo de entrar em pânico e perder o controle. Mordeu os lábios, fechou os punhos para reprimir o medo e saiu andando.



Peter Jansen sugeriu que se sentassem à beira das folhas para descansar. Queria arrancar uma informação do cérebro de Jarel Kinsky. O cara operava o gerador do tensor e o conhecia muito bem. Eles seriam capazes de operar a máquina caso conseguissem voltar

para a Nanigen e entrar na sala do gerador? Eles estavam muito pequenos, como fariam isso?

— Só alguém de estatura normal consegue operar a máquina? — perguntou.

— Não sei ao certo — respondeu Kinsky cutucando a terra com uma lança de capim. — Segundo o que disseram, o cara que projetou o gerador do tensor adaptou um pequeno controle de emergência para ser operado pelo" micro-humanos. Talvez esse painel de controle esteja em algum lugar da sala de controle. Já o procurei, mas não encontrei. E não encontrei nada nas plantas do projeto. Mas poderei operá-lo se o encontrarmos.

— Vamos precisar de sua ajuda — disse Peter.

Kinsky ergueu a lança em direção a um ácaro que rebolava as pernas dianteiras no alto.

— Quero tanto voltar pra casa, pra minha família... — disse suavemente enquanto repelia o ácaro com a lança.

— Seu chefe parece não se importar com sua família — disse Rick Hutter abruptamente.

— Rick não tem família — sussurrou Danny Minot para Jenny Linn. — Nem namora…

Rick avançou na direção de Danny, que fugiu aos gritos.

— Você não pode resolver os problemas com violência!

— Mas posso resolver você — murmurou Rick.

Peter apertou o ombro de Rick e o deteve, como se dissesse fique calmo. Em seguida voltou-se para Kinsky.

— Existe algum outro meio de retorno para a Nanigen? Além do veículo que a essa altura sabe-se lá onde está.

Kinsky apoiou a cabeça nas mãos com um ar pensativo.

— Bem… poderíamos tentar a Base de Tantalus — disse por fim.

— Base de Tantalus?

— É uma instalação de bioprospecção na Cratera Tantalus, na cordilheira acima do vale. — Kinsky apontou a esmo para uma

montanha que, de onde estavam não passava de um contorno verde entrevisto pelos espaços abertos das copas das árvores. — Fica em algum lugar lá no alto.

— Drake mencionou essa base quando viemos aqui — disse Jenny.

— Eu me lembro — comentou Karen.

— E a base está aberta? — perguntou Peter.

— Acho que não. Morreu gente lá. Foram os predadores.

— Que espécie de predadores? — perguntou Karen.

— Vespas, ouvi dizer. Mas… — Kinsky se mostrou pensativo — havia microaviões na Base de Tantalus.

— Microaviões?

— Pequenas aeronaves. Para micro-humanos.

— E poderíamos voar até a Nanigen?

— Não sei que distância esses aviões percorrem — disse Kinsky. — Nem sei se ainda há algum lá na base.

— A Base de Tantalus está a que distância acima do solo?

— Seiscentos metros acima do Vale de Manoa — disse Kinsky.

— Seiscentos metros de altura! — exclamou Rick. — É impossível… Nosso tamanho…

Kinsky deu de ombros. Os outros se calaram.

Peter Jansen assumiu o comando.

— Tudo bem, ouçam, talvez seja melhor fazer o seguinte. Primeiro, encontramos a estação de suprimentos e pegamos o que for possível. Daí vamos para o estacionamento. E lá esperamos pelo caminhão. Temos que nos apressar!

— Está na cara que vamos morrer — disse Danny com a voz embargada.

— Não podemos cruzar os braços sem fazer nada — disse Peter com a voz firme, percebendo que a qualquer momento Danny entraria em pânico, o que seria perigoso para o grupo todo.

Seguiram à risca o plano de Peter. Ao longo do caminho às vezes alguém reclamava, mas não apresentava uma ideia melhor. Às vezes paravam, bebiam a água que escorria das folhas e logo seguiam adiante. Sempre em busca de uma trilha ou de uma cabana ou de qualquer outro rastro humano. As plantas rasteiras se arqueavam, formando túneis por cima do caminho. Eles entravam nos túneis e vagavam em meio a troncos de estupendas árvores. Sem nenhum sinal da estação de suprimentos.

— Vamos sangrar até morrer se não sairmos logo deste inferno — disse Rick em dado momento. — E ainda nem encontramos essa maldita estação de suprimentos. Para piorar, um psicopata gigante está em nosso encalço para nos matar. Além disso estou com uma bolha. Algo mais para me preocupar? — acrescentou com um tom sarcástico.

— Formigas — disse Kinsky com toda calma.

— Formigas? — Danny interrompeu, com a voz trêmula. — O que há com as formigas?

— Pelo que me disseram são um problema — respondeu Kinsky.



Rick Hutter se deteve na frente de um enorme fruto amarelo que jazia no solo. Olhou para cima e para os lados.

— Sim! — disse. — E um pé de cinamomo. *Melia azederach*. A baga é venenosa, principalmente para insetos e larvas de insetos. Contém cerca de vinte e cinco voláteis diferentes, basicamente compostos de 1-cinamoílo. É morte certa para os insetos. Essa baga pode ser um ingrediente do curare.

Tirou a mochila do ombro e guardou-a. Uma parte da baga de cinamomo ficou para fora da mochila como um ovoide amarelo ou um melão gigante. Karen olhou de cara amarrada.

— Esse veneno vai escorrer.

— Não vai, não — disse Rick sorrindo de orelha a orelha e dando uma palmadinha na baga amarela. — Tem casca dura.

Karen o olhou com ceticismo.

— A vida é sua — disse secamente. O grupo seguiu em frente.



Danny Minot continuava caindo na retaguarda, a cara vermelha. Secou o suor da testa. Tirou o paletó de *tweed* e o jogou no chão. Estava com os mocassins enlameados. Sentou em cima de uma folha, coçou por dentro da camisa, puxou um grãozinho de pólen e o manteve entre o dedo indicador e o polegar.

— Já contei que sou alérgico? Posso entrar em choque se uma coisinha dessas entrar no meu nariz.

Karen soltou uma risada de escárnio.

— Você não é alérgico! Se fosse, a essa altura já estaria morto.

Ele soltou o grãozinho que girou e flutuou pelo ar.

Amar Singh estava maravilhado com a profusão de vida e de pequenas criaturas do micromundo.

— Puxa, seria tão bom se tivéssemos uma câmera. Faria um documentário de tudo — ele disse.

Para os jovens cientistas o micromundo era a encarnação de uma vida maravilhosa e desconhecida. Uma visão de criaturas nunca vistas e nunca nomeadas.

— Cada centímetro quadrado desse lugar é digno de um estudo — disse Amar pensando em realizar um projeto. Uma brilhante tese de PhD sobre a viagem. Caso sobrevivesse, frisou para si mesmo.

Criaturinhas com corpos articuláveis em forma de torpedo se arrastavam com seis pernas ao longo do solo. Eram muito pequenas e estavam em toda parte. Sugavam fios de fungos como se fossem espaguete. Vez por outra se assustavam, estalavam e saltavam em giros pelo ar.

Erika Moll se deteve no meio do caminho, abaixou-se, pegou uma criaturinha que se debatia com estalos vigorosos do rabo e observou-a.

— O que é isso? — perguntou Rick tirando uma delas do cabelo.

— Colêmbolos — disse Erika. Explicou que eram extremamente pequenos no mundo normal. — Não são maiores que o pingo do *i* de um texto.

Explicou que os colêmbolos têm uma espécie de mola no abdome que lhes permite dar saltos para escapar dos predadores. Como se para demonstrar, o colêmbolo saltou da mão dela e sumiu de vista em meio a uma samambaia.

Os calêmbolos que saltavam no ar continuaram perturbando cada passo da caminhada. Com o suor escorrendo pelo corpo todo, Peter Jansen se deu conta de que eles estavam perdendo gordura com muita rapidez.

— Precisamos beber água logo — disse para os outros. — Senão vamos nos desidratar rapidamente.

Eles se agruparam em torno de um tufo de musgo que vertia gotas de orvalho. Coletaram as gotas com as mãos e começaram a beber. Era uma água espessa e tinham que golpeá-la para romper a tensão da superfície. Quando Peter levou um pouco de água à boca, formou-se uma bolha em suas mãos.



Eles chegaram ao tronco maciço de uma árvore que se erguia a partir de um extenso contraforte de raízes. Quando contornaram as raízes, sentiram um odor intenso e sons parecidos com pingos de chuva. Peter, que guiava o caminho, escalou uma das raízes e avistou dois muros baixos que serpenteavam pelo solo a sumir de vista. Os muros eram feitos com bocados de terra e unidos com uma substância seca.

Uma coluna de formigas movia-se em duas direções por entre os muros que ladeavam uma estrada de formigas, formando um túnel em determinado ponto.

Peter agachou-se e acenou para que todos parassem. Eles andaram mais um pouco, deitaram-se de bruços e observaram a coluna de formigas mais abaixo. Seriam perigosas? Cada formiga tinha quase o tamanho do antebraço de Peter. Elas não são assim tão grandes, pensou consigo aliviado porque achava que seriam bem maiores. Mas por outro lado eram muitas. Fluíam em centenas ao longo da estrada e do túnel que haviam construído.

Seus corpos eram de cor marrom-avermelhada e cheios de pelos espinhosos. As cabeças brilhavam, pretas como carvão. O cheiro que deixavam na trilha era como o cheiro da fumaça do tráfego de uma via expressa. Um cheiro azedo e ácido, embora perfumado com uma delicada fragrância.

— O odor penetrante é de ácido fórmico. É uma defesa — disse Erika Moll ajoelhando-se e observando-as atentamente.

— O odor adocicado é do feromônio. Talvez seja o odor da colônia. As formigas se identificam como membros da mesma

colônia com esse odor — disse Jenny Linn.

— São fêmeas. São filhas da rainha — continuou Erika.

Algumas carregavam insetos mortos ou partes de insetos desmembrados. As que carregavam alimentos seguiam na mesma direção, pelo lado esquerdo da trilha.

Erika apontou para a esquerda.

— A próxima entrada é por ali. É para onde estão carregando a comida.

— Conhece essa espécie? — perguntou Peter.

Erika pensou um pouco.

— Hum… o Havaí não tem formigas nativas. As formigas daqui são espécies invasoras. Chegaram aqui com os homens. Estou quase certa de que essas são *Pheidole megacephala*.

— E o nome vulgar? — perguntou Rick. — Sou um ignorante em etnobotânica.

— Formiga-cabeçuda — respondeu Erika. — Foi descoberta originalmente nas ilhas Maurício, no oceano Índico, mas já se disseminou pelo mundo todo. É a formiga mais comum no Havaí. — Acrescentou que a formiga-cabeçuda é um dos insetos mais invasivos e destruidores do planeta — Fizeram um estrago tremendo no ecossistema dessas ilhas. Atacam e matam os insetos nativos daqui. Quase varreram algumas espécies do Havaí. E também matam filhotes de pássaros nos ninhos.

— Aos nossos ouvidos isso não soa nada bem — disse Karen, lembrando que os filhotes dos pássaros eram bem maiores que os micro-humanos.

— Não acho que a cabeça dessas formigas seja muito grande — disse Danny.

— É porque essas são operárias menores. As maiores têm um cabeção.

— Maiores? — disse Danny nervoso. — E o que as maiores são?

— São soldados — prosseguiu Erika. — Entre as formigas-cabeçudas existem duas castas, a das menores e a das maiores. As operárias são menores. São pequenas e abundantes. As maiores são guerreiras guardiãs. São grandes e incomuns.

— As cabeçudas se parecem com o quê?

Erika deu de ombros.

— Com cabeções.

Eram muitas formigas e todas insufladas por uma energia sobrenatural. Claro, uma única não representava perigo, mas milhares… excitadas…! e famintas… Apesar do perigo, os jovens cientistas observaram fascinados. Duas se detiveram, uniram as antenas e logo uma das formigas abanou o traseiro ao som de um chocalho. Obsequiosamente, a outra formiga vomitou uma gotícula na boca da que abanava o traseiro. Erika explicou o ocorrido.

— Está pedindo comida para a companheira de formigueiro. Abanou o traseiro com um barulhinho para mostrar que estava com fome. É uma versão das formigas para o ganido dos cães…

Danny interrompeu a explicação.

— Dispenso o prazer de assistir a uma formiga vomitando na boca de outra formiga. Vamos embora, por favor.

A trilha das formigas não era muito larga. Eles podiam simplesmente pular por cima, mas passaram ao longe para não ter problemas, como bem colocou Peter.

— Não queremos que uma formiga se agarre no tornozelo de ninguém.

Mais à frente, Jarel Kinsky se deteve para observar os galhos frondosos de uma grande árvore.

— Conheço essa árvore — disse. — É uma albesia gigante. Do outro lado tem uma estação de suprimentos, tenho certeza. — Ele caminhou ao longo de uma raiz até certo ponto de onde pulou para o chão. — Isso mesmo. Acho que estamos perto.

Kinsky assumiu a liderança e guiou o grupo ao redor da albesia em direção à esquerda, abrindo caminho por entre folhas secas de samambaia e afastando folhas e plantas com a lança de capim.

Peter Jansen foi para a retaguarda. Não tinha gostado de como as formigas olhavam e queria vigiar enquanto o grupo avançava. Rick Hutter era o último da fila; andava devagar com a baga de cinamomo enfiada na mochila às costas e com uma lança na mão.

— Ei, Rick. Pode me emprestar a sua lança por um momento? Vou para a retaguarda — disse Peter.

Rick assentiu, entregou a lança e continuou andando.

Nesse meio-tempo, Jarel Kinsky empurrou uma folha para o lado e disse em voz alta:

— Se conseguirmos chegar à Nanigen, precisamos encontrar o console escondido para podermos operar o gerador, mesmo que o sr. Drake não queira…

De repente, ele parou. Avistava o topo de uma tenda mais além das raízes da árvore.

— A estação! A estação! — Ele saiu aos gritos em direção à tenda.

Sem perceber a entrada de um formigueiro.

Um túnel artificial feito de torrões de terra emergia da base de uma palmeira. Ele passou correndo pela boca do túnel. Dezenas de formigas-cabeçudas soldados estavam em posição de guarda em torno do túnel. Além de serem duas ou três vezes maiores do que as formigas-cabeçudas operárias tinham um corpo rubro com pelos eriçados espalhados por cima, um cabeção negro e brilhante e uma poderosa armadura equipada com mandíbulas projetadas para a luta. Os olhos eram mármores negros.

As formigas soldados acompanharam a corrida de Kinsky em direção à tenda.

Logo saíram em perseguição a ele, que se desviou quando percebeu que estava sendo perseguido. Mas elas se dispersaram e o cercaram por todos os lados, uma estratégia que impossibilitava a

fuga. Ele se deteve, empunhou a lança de capim e recuou no meio de um círculo fechado de formigas soldados.

— Não! — soltou um grito. Investiu contra uma formiga soldado com a lança em punho, mas a formiga abocanhou a lança e quebrou a ponta. Outras formigas avançaram e o derrubaram; uma delas fechou a mandíbula e ‘ o abocanhou no punho. Ele sacudiu a mão aos gritos para se soltar. Mas ela sacudiu a cabeça como um buldogue furioso até decepar a mão. E depois saltou para trás e saiu em disparada com a mão pendurada na mandíbula. Ele caiu de joelhos aos gritos e com o punho seriamente ferido esguichando sangue aos borbotões. Outra formiga soldado o atacou pelas costas, cravou as presas atrás da orelha e o escalpelou. Ele se contorceu e tombou ao chão. Em uma fração de segundo as formigas soldados abriram os braços e as pernas de Kinsky e o puxaram para direções diferentes, esquartejando-o e cortando-o membro a membro. Quando uma formiga cravou a mandíbula no queixo de Kinsky, os gritos cessaram e um arranhado gutural na garganta verteu sangue e encharcou a cabeça da formiga. Algumas formigas operárias juntaram-se ao ataque e logo ele desaparecia debaixo de um amontoado de formigas frenéticas.

Peter Jansen assumiu a liderança do grupo e empunhou a lança aos gritos na tentativa de repelir as formigas, mas era tarde demais. Ele então se deteve e manteve a posição diante de uma horda de formigas soldados em combate, assistindo ao horror com a lança ainda empunhada. Pensando em ganhar tempo para que o resto do grupo pudesse escapar, fez menção de atacá-las. Só então se deu conta de que Karen King estava ao lado com a faca na mão.

— Cai fora daqui — disse.

— Não — ela retrucou. Agachou-se, encarou as formigas e empunhou a faca. Se pudesse atrasá-las ganharia tempo e os outros fugiriam. Foi quando um outro bando de formigas soldados irrompeu do formigueiro e vasculhou os arredores à procura dos

inimigos. Uma delas disparou na direção de Peter e Karen com as mandíbulas arreganhadas.

Ao ser atacada pela lança de Peter, esquivou-se e reagiu ao ataque com um movimento brusco e rápido.

— Peter, deixe comigo! — gritou Karen.

Ela recuou, deu um salto que nenhum humano normal conseguiria dar e caiu de pé como um gato, distante das formigas. Puxou do cinto o spray de defesa químico que exibiria para Vin Drake. Benzoquinonas. Talvez repelissem as formigas, estava quase certa disso. Jogou um jato na direção de uma formiga soldado que avançava e que na mesma hora se deteve, girou… e saiu em fuga.

— Sim! — exclamou aos gritos. O spray funcionava. Fez uma formiga fugir como um coelho assustado.

Karen percebeu de viés que o resto do grupo se afastava do formigueiro. Ótimo. Precisam de um tempo. Era hora de repelir e deter a investida das formigas. Mas o líquido do spray estava quase acabando. E as formigas soldados saíam do formigueiro aos borbotões. O formigueiro estava em estado de alarme. De repente ela se viu atacada por uma formiga que lhe rasgou a blusa e lhe feriu o pescoço.

— Ai!- Agarrou a formiga por trás. Ergueu-a com uma das mãos e com a outra mão esfaqueou e cortou a cabeça da formiga, que expeliu um líquido claro, hemolinfa, o sangue dos insetos. Depois de ser arremessado para longe, o cérebro esfacelado entrou em convulsão na terra. Mas as formigas não tinham medo, não tinham instinto de preservação, e pareciam nunca terminar. Quando fizeram uma nova investida, Karen se esquivou com uma cambalhota de acrobata de circo e caiu de pé.

E saiu em disparada.

Atrás dela, viu os outros jovens que disparavam à frente com uma velocidade explosiva; impulsionados pelo medo, saltavam por cima de folhas e hastes de samambaias e se desviavam de obstáculos

e disparavam como gazelas. Como posso correr tão rápido? Nunca corri tão rápido assim, ela pensou com seus botões. Claro, o corpo humano se torna mais forte e mais veloz no micromundo. Como se tivesse um poder sobre-humano e uma euforia inesgotável. Ela saltava e se esquivava dos obstáculos com saltos extraordinários de atleta. E então se deu conta de que corria a oitenta quilômetros por hora na escala do micromundo. Matei uma formiga. Com uma faca, com minhas próprias mãos.

Logo eles saíram do campo visual das formigas e avistaram a tenda ao longe.

As formigas operárias ainda estavam esquartejando o corpo de Kinsky, Já tinham arrancado os braços e as pernas, cortado o torso em pedaços e agora cortavam as costelas e a espinha e arrancavam as vísceras ao som de estalidos. Bebiam o sangue derramado ao som de sucções. No solo, um emaranhado de roupa rasgada, sangue e intestinos; a carne estava sendo transportada para dentro do formigueiro.

Karen King se deteve por um momento e, quando olhou para trás, as formigas operárias estavam transportando a cabeça de Kinsky. Parecia que havia um olhar de espanto naquela cabeça destroçada e virada para trás quando foi puxada para dentro do buraco.

# Capítulo 15

**Sede da Nanigen**
**29 de outubro, 10h**

O dia estava ensolarado em Oahu e da janela da sala de reuniões da Nanigen a vista se estendia até a metade da ilha, passando pelos campos de cana-de-açúcar, pela rodovia Farrington e Pearl Harbor, onde os navios da marinha flutuavam como fantasmas cinzentos, terminando nas torres brancas de Honolulu. Uma linha irregular de picos em tons de verde e azul se alongava no horizonte para além da cidade. Eram as montanhas Koolau, a Pali de Oahu. As nuvens já se agrupavam sobre a cordilheira.

— Hoje chove em Pali — murmurou Vincent Drake consigo mesmo, pensando que a chuva resolveria o problema. Se as formigas já não tivessem resolvido. Claro, também levando em conta que os possíveis sobreviventes poderiam encontrar refúgio em alguma estação de suprimentos. Drake pensou que devia ficar atento a esse detalhe.

Ele saiu da janela e sentou-se na longa mesa de madeira polida onde era aguardado por algumas pessoas. Don Makele, chefe da segurança, estava sentado do outro lado da mesa. E lá também

estava Linda Wellgroen, assessora de imprensa da Nanigen, acompanhada da assistente e de algumas pessoas de outros departamentos.

Sozinho no extremo da mesa estava um homem esguio com óculos sem aro. Edward Catei, médico e PhD, principal elemento de ligação com o Consórcio Davros, um grupo de empresas farmacêuticas que injetara capital na Nanigen. O Consórcio Davros investira um bilhão de dólares na Nanigen, e Edward Catei monitorava as realizações da companhia para os investidores da Davros.

— … sete pós-graduados. Recrutados por nós para fazer o trabalho de campo no micromundo. Desaparecidos. Alyson Bender, nossa diretora financeira, também desaparecida — dizia Drake.

— Talvez foram ver o surfe em North Shore — disse Don Makele, chefe da segurança.

Drake olhou para o relógio.

— Eles já deveriam ter se reapresentado.

— Eu poderia comunicar o desaparecimento para o setor de pessoas! desaparecidas — disse Don Makele.

— Boa ideia — disse Drake.

Drake se perguntava quando a polícia encontraria o carro da companhia com o corpo de Alyson e as roupas dos estudantes. O carro caiu no canal e talvez o acidente não faça muito sentido para a polícia. São policiais locais, pensou. Os havaianos preferem viver e deixar viver, sempre optam pela explicação mais simples para ter menos trabalho. Mesmo assim, não queria que a polícia se interessasse muito pelo caso e passou as ordens para Don Makele e para os assessores de imprensa.

— A essa altura a Nanigen não aguentaria ser alvo da mídia. Estamos num estágio crítico de crescimento explosivo. Precisamos de tranquilidade até que os problemas no gerador do tensor estejam atenuados, especialmente o problema da microdescompressão. —

Drake se voltou para Linda Wellgroen, assessora de imprensa. — Sua função é abafar a publicidade em torno do incidente.

Linda assentiu.

— Entendido.

— Seja gentil e prestativa nas coletivas de imprensa, mas sem passar informações — ele continuou. — Seu trabalho é ser maçante.

— Isso está no meu currículo — disse Linda com um sorriso. — "Experiente em divulgação ambígua para a mídia em contextos de crise. Ou seja, quando jogam merda no ventilador, posso ser tão excitante quanto um vigário episcopal discutindo como assar um bolinho inglês.

— Será que os jovens foram até o gerador do tensor? — perguntou Don Makele, chefe da segurança.

— Claro que não — disse Drake com firmeza.

Linda Wellgroen fez algumas anotações no seu bloco.

— Alguma ideia do que aconteceu com a srta. Bender?

Drake assumiu um ar de preocupação.

— Francamente, nesses últimos dias estávamos muito preocupados com Alyson. Andava deprimida, e até descontrolada. Estava de caso com Eric Jansen, e depois que ele se afogou tragicamente… bem… digamos que ela passou a travar uma luta com seus próprios demônios.

— O senhor acha que a srta. Bender se suicidou? — perguntou Linda Wellgroen.

Drake balançou a cabeça.

— Não sei. — Ele voltou-se para Don Makele. — Fale do estado emocional de Alyson para a polícia.

A reunião foi encerrada. Linda Wellgroen enfiou o bloco de notas debaixo do braço e saiu da sala acompanhada pelos outros — mas antes que Don Makele saísse, Vin Drake o pegou pelo cotovelo e disse:

— Espere.

O chefe da segurança permaneceu na sala e Drake fechou a porta. Agora, estava na sala com Makele e o dr. Edward Catei, o consultor da Davros que ainda estava sentado no extremo da mesa. E que não tinha dito uma palavra sequer durante a reunião.

Fazia muitos anos que Drake e Catei se conheciam. Já tinham ganhado muito dinheiro, fazendo transações e acordos juntos. Drake achava que o ponto forte de Ed Catei era a frieza absoluta, como se desprovido de qualquer sentimento. Catei era médico, mas já não exercia a medicina. O negócio dele era dinheiro, contratos e enriquecimento. Ele era quente como a ardósia no inverno.

Passados alguns segundos, Drake se pronunciou.

— A situação é diferente do que contei para os assessores de imprensa. Os jovens entraram no micromundo.

— O que aconteceu, senhor? — perguntou Makele.

— Eles são espiões industriais — respondeu Drake.

Catei se manifestou pela primeira vez.

— Por que acha isso, Vin? — A voz dele soou calma e firme.

— Peguei Peter Jansen na zona do Projeto Omicron. É uma zona proibida. Ele estava com um cartão de memória na mão. Eu me aproximei e ele tremeu com ar de culpa. E depois o peguei pelo braço e tirei de lá. Os robôs podiam matá-lo.

Catei ergueu uma sobrancelha; parecia ter um controle iogue dos músculos faciais.

— Se um bando de estudantes consegue entrar na zona Omicron, aquilo lá não me parece seguro.

Drake se aborreceu.

— A zona tem uma forte vigilância. Mas não temos robôs de segurança ativos o tempo todo… ninguém entra lá. Eu é que devia questioná-lo sobre a segurança, Ed. Você pagou uma grande soma em dinheiro ao professor Ray Hough para que recrutássemos os alunos dele.

— Não paguei um centavo sequer, Vin. Ele recebeu propina da Nanigen. Por baixo dos panos.

— E daí? O responsável pelo comportamento dos estudantes é você,! Ed! Foi você que manipulou a situação em Cambridge e os trouxe para cá.

— Você ainda não tinha resolvido o problema da descompressão — retrucou Catei com toda calma. — Já planejava mandá-los para o micromundo, mesmo com um risco considerável de morte. Ou estou conjeturando?

Drake ignorou o comentário e começou a andar de um lado para o outro.

— Peter Jansen é o líder — disse meio atropelado. — É o irmão de Eric Jansen, nosso falecido vice-presidente. Pelo que sei, Peter culpa irracionalmente a Nanigen pela morte do irmão. E quer se vingar. Está tentando roubar os segredos da companhia. Talvez esteja planejando vender a nossa tecnologia…

— Para quem? — perguntou Catei abruptamente.

— E isso importa?

Catei apertou os olhos.

— Tudo importa.

Drake pareceu não dar ouvidos.

— Um funcionário da Nanigen também está envolvido no esquema de espionagem — continuou. — Um operador da sala de controle central chamado Jarel Kinsky.

— Por que acha isso?

Drake deu de ombros.

— Kinsky também desapareceu. Acho que está no micromundo, no Waipaka Arboretum, onde serve de guia aos estudantes em troca de pagamento. O que eles querem, suponho, é saber como operamos em campo e se apropriarem de nossas descobertas.

Catei apertou os lábios e não disse mais nada.

— O senhor quer que solicite um resgate…? — disse Don Makele.

Drake o interrompeu.

— Tarde demais. Já devem ter morrido. — Olhou para o chefe da segurança com um ar severo. — Don, a Nanigen foi atacada debaixo do seu nariz. E pelo visto você nem tomou conhecimento disso. Tem alguma explicação para isso?

O maxilar de Don Makele se contraiu. Ele vestia uma camisa Aloha. Apesar do barrigão, os musculosos braços sem sinal de gordura do chefe da segurança se enrijeceram como rochas. Isso não passou despercebido a Drake. Makele era um ex-oficial do serviço secreto da marinha. Uma rede de espionagem operando debaixo do nariz dele, uma falha como essa era imperdoável.

— Apresento a minha demissão, senhor — ele disse para Drake. — Efetive-a imediatamente.

Drake sorriu, empertigou-se e pôs a mão no ombro de Makele, que já estava com a camisa de raiom empapada de suor. Foi divertido constatar que umas poucas palavras bem escolhidas faziam um ex-fuzileiro naval tremer nas bases e suar.

— Não aceito o seu pedido de demissão. — Drake estreitou os olhos e olhou atentamente para o chefe da segurança, a essa altura humilhado e ávido para agradá-lo. — Don, vá até o Waipaka Arboretum e recolha todas as estações de suprimentos. Todas. Traga-as pra cá. Serão limpas e reequipadas.

Isso impediria que os sobreviventes se refugiassem em alguma estação. Catei pegou a maleta e se dirigiu para a porta. Acenou para Drake com a cabeça e saiu sem dizer nada.

Drake entendeu o que aquele aceno de cabeça significava. Limpe imediatamente essa sujeira, senão nunca mais o Consórcio Davros vai querer ouvir o seu nome.

Ele se debruçou na janela e olhou para baixo. Os ventos alísios que sopravam nas montanhas não dissipavam a bruma e o aguaceiro, como sempre. Não havia motivo para se preocupar. O tempo de sobrevivência no micromundo para humanos sem armas e

sem equipamentos de proteção era medido por minutos e horas, não por dias.

— A natureza tomará o seu curso — murmurou consigo mesmo.

# Capítulo 16



**Estação Echo**
**29 de outubro, 10h40**

Os sete estudantes reuniram-se à entrada da tenda. Uma placa em cima da porta da tenda anunciava: ESTAÇÃO ECHO DE SUPRIMENTOS. PROPRIEDADE DA NANIGEN MICROTECHNOLOGIES. O sentimento geral era de choque e horror pela brutalidade da morte de Kinsky. Eles também estavam surpresos com a velocidade que haviam imprimido na fuga. Danny Minot estava sem os mocassins que tinham escapulido dos pés durante um salto espetacular que deixaria qualquer atleta olímpico envergonhado. Ficou descalço na lama por um segundo, balançando a cabeça sem acreditar. E todos tinham assistido à luta entre Karen King e as formigas. Os giros e as cambalhotas que dera no ar.

Isso deixava claro que podiam fazer coisas inimagináveis no micromundo.

Eles vasculharam a estação às pressas porque a qualquer momento podia aparecer um exército de formigas. A tenda erguida sobre um piso de concreto estava abastecida com muitas caixas. No centro do piso, uma escotilha de ferro redonda. A escotilha era

operada por uma roda de trava parecida com uma porta estanque de submarino. Peter Jansen girou a roda e levantou a escotilha. Uma escada tombou na escuridão.

— Vou dar uma olhada. — Ele pôs a lanterna de cabeça, ligou-a e desceu a escada.

Logo se viu no meio do escuro. Girou a lanterna e o foco iluminou beliches e mesas. Em seguida, um quadro de interruptores na parede. Acionou-os e as luzes se acenderam.

Era um abrigo subterrâneo de concreto com acomodações espartanas. 3 Ao longo de duas paredes, uma fileira de beliches. E também bancadas de laboratório equipadas com itens básicos. E ainda uma área de refeições com mesa, bancos e fogão. Uma porta se abria para a fonte de energia do abrigo: duas baterias grandes recarregáveis à vista no teto. Uma outra porta se abria para um banheiro e um chuveiro. Alguns saquinhos de comida desidratada dentro de uma caixa. Era um abrigo seguro contra predadores; parecia um abrigo antibomba de um terreno biologicamente perigoso.



— Lá fora as coisas não são como um passeio a Disneylândia — disse Peter Jansen caindo exausto no banco da mesa do abrigo. Não conseguia pensar com clareza. As imagens da morte de Kinsky não lhe saíam da cabeça.

Karen King encostou-se à parede toda lambuzada de sangue de formiga. Um sangue viscoso, claro, ligeiramente amarelado e já ressecado.

Danny Minot se debruçou na mesa de jantar. Isso depois de escarafunchar o rosto e o nariz com a ponta dos dedos.

Um computador estava em cima de uma bancada de laboratório.

— Talvez a gente possa obter algumas informações aqui — disse Jenny Linn enquanto o ligava. A máquina inicializou e uma janela surgiu na tela solicitando a senha. Claro, eles não sabiam a senha. E Jarel Kinsky não estava ali para ajudá-los em situações como essa.

— Não estamos seguros aqui — disse Rick Hutter. — Drake pode aparecer a qualquer momento.

Amar Singh concordou.

— Proponho que a gente se abasteça de comida e equipamentos e caia fora daqui imediatamente.

— Não quero ir lá pra fora — disse Erika Moll com a voz trêmula enquanto se sentava num beliche. Onde estava com a cabeça quando abandonou a universidade em Munique? Queria voltar para a segurança do ambiente de pesquisa europeu. Os americanos gostam de brincar com fogo. Bombas de hidrogênio, lasers megapoderosos, drones assassinos, encolhimento de seres humanos… Os americanos criam demônios. Os americanos despertam demônios tecnológicos que não sabem controlar, mas gostam desse poder.

— Não podemos ficar aqui — disse Karen amigavelmente. Erika estava visivelmente apavorada. — O organismo mais perigoso que enfrentamos não é inseto. É humano.

Um bom argumento. Peter sugeriu que se concentrassem no plano original: seguir até o estacionamento, pegar o caminhão da Nanigen e chegar ao gerador do tensor de qualquer maneira.

— Temos que voltar a ser o que éramos o mais rápido possível. E não temos muito tempo.

— Não sabemos como operar o gerador — disse Jenny.

— Trataremos disso mais tarde.

— Alguns equipamentos poderão facilitar a nossa entrada no caminhão como, por exemplo, a escada de corda que encontramos

dentro da mochila — disse Rick que tinha encontrado algo interessante ao vasculhar as caixas de suprimentos: dois outros rádios de comunicação. Agora dispunham de quatro rádios de comunicação.

— Só há uma coisa a fazer — murmurou Danny. — Pedir socorro. — Ele ergueu um dos rádios.

— Ótimo, chame a Nanigen — disse Rick. — Logo Vin Drake estará em nosso encalço, e não com uma lente de aumento, mas com o bico das botas.

Peter sugeriu que os rádios deviam ficar desligados e que só deviam ser ligados em caso de emergência. Drake poderia ouvi-los.

— Não entendi a colocação — disse Danny. — Nós precisamos pedir socorro.

Alheia à conversa, Jenny abria os armários e revistava todos com atenção. Encontrou um caderno de anotações do laboratório. Abriu e o folheou. Havia anotações à mão nas primeiras páginas — dados meteorológicos, registros de coletas de amostras. Aparentemente, nenhuma anotação útil, até que se deparou com um mapa.

— Olhem isso aqui — disse, abrindo o caderno em cima da mesa.

Era um esboço rudimentar do mapa do Vale de Manoa desenhado em uma página. O mapa localizava dez estações de suprimentos espalhada ao longo de Fern Gully e, parcialmente, ao longo das encostas da montanha até o pico Tantalus, em distâncias crescentes a partir das estufas e do estacionamento. As estações de suprimentos eram designadas pelas letras do alfabeto da OTAN, de Alpha, Bravo e Charlie até Kilo. Uma seta sinalizava PARA A BASE DE TANTALUS — PEDRA GRANDE. Nem a cratera nem a base apareciam no mapa.

Mesmo rudimentar e incompleto, o mapa fornecia informações valiosas. Mostrava o layout básico das estações de suprimentos. Marcos — árvores, pedras, moitas de samambaias — indicavam a localização das estações se identificassem os marcos, poderiam

chegar às estações. Segundo a anotação do mapa, a Estação Alpha ficava debaixo de uma moita de gengibre branco próxima ao estacionamento.

— Talvez seja melhor irmos para a Estação Alpha — disse Peter Jansen.

— Mesmo que tenhamos que sair de lá, poderemos encontrar mais suprimentos e informações.

— Por que deveríamos ir para algum lugar? — perguntou Danny. — Kinsky estava certo. Temos que negociar com Drake.

— Não se atreva a tentar isso! — disse Rick quase aos gritos.

— Parem com isso, por favor! — exclamou Amar Singh, que não suportava brigas. Os primeiros a brigar tinham sido Rick e Karen, e agora as farpas eram trocadas entre Rick e Danny. — As pessoas têm estilos diferentes, Rick. Você precisa ser mais tolerante com Danny…

— Corta essa, Amar. Esse cara está querendo nos levar para a morte com essa estúpida…

Peter Jansen percebeu que a situação podia sair do controle. Um conflito dentro do grupo destruiria a todos. Ou se tornavam uma equipe ou morreriam rapidamente. De um jeito ou de outro aquele grupo de intelectuais irascíveis tinha que entender que a sobrevivência requeria cooperação. Ele então se levantou, caminhou até a cabeceira da mesa e esperou que todos se calassem. Não demorou e todos se calaram.

— Já acabou a briguinha? — disse. — Pois bem, tenho algo a dizer. Não estamos mais no mundo acadêmico de Cambridge, onde vocês se preocupavam em eliminar os rivais para provar que eram mais inteligentes do que eles. Aqui na floresta a questão não é superar ninguém, a questão é manter-se vivo. E cooperar para sobreviver. E matar o que nos põe em perigo para não sermos mortos.

— Ora, então a questão é matar ou morrer — disse Danny Minot desdenhoso. — Isso não passa de uma ultrapassada ideologia

pseudodarwiniana que remonta à época vitoriana.

— Faremos o que for preciso para sobreviver — replicou Peter. — Mas para sobreviver é preciso mais que matar. Pense na condição humana. Um milhão de anos atrás nossos ancestrais sobreviveram nas planícies da África com trabalho de equipe. Bando é uma palavra melhor para o caso… naqueles tempos remotos não passávamos de bandos de seres humanos. Um milhão de anos atrás o topo da cadeia alimentar éramos nós. Éramos caçados por todas as espécies de animais… leões, leopardos, hienas, cães selvagens, crocodilos. Não é de hoje que os humanos lidam com os predadores. Sobrevivemos com cérebro, armas e cooperação… com trabalho de equipe. Portanto, estamos preparados para a jornada. Pensemos nisso como uma chance única na vida de observar a natureza de uma forma que ninguém jamais observou. Mas seja qual for o curso que decidirmos seguir, teremos que trabalhar juntos para não morrer. Mesmo o membro mais fraco de nossa equipe deverá ser tão forte quanto qualquer outro. — Ele se perguntou se não tinha exagerado, se não dera uma de pregador para aqueles pós-graduados.

Fez-se um longo silêncio enquanto o grupo digeria as palavras de Peter.

Danny foi o primeiro a se dirigir a Peter.

— Presumo que quando disse "o membro mais fraco" se referia a mim.

— Não foi bem assim…

Danny o interrompeu.

— Faça-me o favor, Peter. Não sou um hominídeo de beiço caído e testa proeminente que esmaga crânios de leopardos com pedregulhos nas mãos cabeludas e um sorriso na cara. Sou um homem educado em ambiente urbano. Lá fora não é a Harvard Square. E um inferno verde repleto de formigas que parecem

pitbulls. Ficarei neste abrigo à espera de ajuda. Ele bateu na parede. — Isto aqui é à prova de formigas.

Você não será salvo por ninguém aqui — disse Karen.

— Bem, isso é o que veremos. — Danny se afastou e sentou-se sozinho.

— Peter está certo — disse Amar. — Estou dentro da equipe. — Inclinou-se para trás e fechou os olhos com um ar reflexivo.

— Eu também — disse Karen King.

— Peter está certo — disse Erika Moll.

— Acho que precisamos de um líder — disse Jenny Linn. — E acho que esse líder é Peter.

— Peter é o único aqui que se dá bem com todos os membros do grupo — disse Rick, voltando-se para Peter. — Você é o único capaz de nos guiar.

A liderança se confirmou pelo voto rapidamente. Danny se recusou a tomar parte.

A questão agora era fazer a equipe agir em conjunto.

— Antes precisamos comer. Estou faminto — disse Rick.

Na verdade, todos estavam famintos. Ainda mais após uma noite de vigília e sem se alimentar. Sem esquecer da corrida maluca para fugir das formigas.

— Queimamos muitas calorias — disse Peter.

— Nunca senti tanta fome na vida — comentou Erika.

— Estamos muito pequenos. Queimamos calorias com muita rapidez. Como um beija-flor. Não é? — disse Karen.

Eles devoraram alguns saquinhos de comida instantânea sentados à mesa e espalhados pelo abrigo. A comida era pouca e acabou em alguns minutos. Eles encontraram uma barra gigante de chocolate que Karen repartiu em sete pedaços com a faca. O chocolate também acabou logo.



Ainda no abrigo, saíram à procura de qualquer coisa que pudesse ser útil na jornada até o estacionamento; encontraram garrafas plásticas de laboratório com tampas e as empilharam em cima da mesa. Serviriam como cantis de água e para estocar compostos químicos a serem coletados.

— Vamos precisar de armas químicas iguais às dos insetos e plantas — disse Jenny.

— Sim, e vou precisar de um pote para guardar o curare — acrescentou Rick.

— Curare — repetiu Karen. — Tudo bem.

— O curare é mortal — retrucou Rick.

— Se souber prepará-lo.

— Eu sei! — disse Rick bufando.

— E quem lhe ensinou? Algum caçador?

— Li alguns textos…

— Textos sobre o curare. — Karen desviou a atenção e Rick continuou bufando.

Ela encontrou três facões de aço dentro de um baú. Cada qual com um coldre e um diamante de afiar, enfiados na bolsinha de um cinto. Peter sacou um dos facões e testou a lâmina com o dedo polegar.

— Nossa, é afiado.

Fez outro teste e a lâmina do facão cortou a madeira da extremidade de uma mesa como se fosse um queijo macio. Era bem mais afiado que um bisturi.

— Tão afiado quanto um micrótomo — disse Peter. — Lembram que tínhamos um desses no laboratório para fatiar tecidos?

Passou o diamante ao longo do fio do facão que ficou ainda mais afiado. O afiador era para manter o fio da lâmina sempre em bom estado.

— O fio dessa lâmina é muito fino e deve cegar com muita rapidez. Mas será afiado quando for preciso.

Os facões seriam úteis para abrir caminho na vegetação.

— Bom equilíbrio. Uma boa arma — disse Karen girando o facão sobre a cabeça.

Rick se assustou e deu um passo para trás quando o facão girou.

— Assim acaba cortando a cabeça de alguém.

Ela sorriu para ele.

— Sei o que estou fazendo. Você que espete frutinhas e sopre zarabatanas.

— Pare de me preocupar! — explodiu Rick. — Qual é o seu problema?

Peter se meteu entre os dois. O compromisso de trabalhar em equipe era mais fácil na teoria do que na prática.

— Por favor… Rick… Karen… nós agradeceríamos se vocês dois parassem de brigar. Isso é perigoso para o grupo todo.

Jenny deu uma palmadinha no ombro de Rick, dizendo:

— Karen só está pondo o medo pra fora.

Karen não gostou nada do que ouviu, mas ficou quieta; afinal, era verdade. Sabia muito bem que os facões não poderiam repelir alguns predadores como as aves, por exemplo. E se provocava Rick era porque estava com medo. Então, constrangida por ter sido flagrada com medo, subiu a escada,! abriu a escotilha e saiu para se acalmar. Fez uma investigação debaixo da tenda e encontrou pacotes de comida em uma caixa e, em outra, frascos e amostras científicas, talvez deixadas para trás por outra equipe. Em seguida encontrou uma barra de aço oculta debaixo da lona. A barra mais alta do que

ela, com uma das extremidades pontuda, e a outra, larga e achatada. Por um momento não entendeu o que podia ser aquele objeto enorme de metal, mas logo a escala do objeto lhe veio à mente. Ela desceu a escada e informou a descoberta para os outros.

— Um alfinete!

Por que um alfinete estaria dentro da tenda? Ninguém entendeu. Talvez para espetar alguma coisa no solo. De qualquer forma, era um alfinete de aço. E podia muito bem servir de arma.

— Podemos afiá-lo com o diamante até que fique bem afiado — disse Karen. — E podemos entalhar a ponta até ficar bem farpada. Uma ponta assassina. Uma ponta que crave na presa e não a deixe se soltar. Tipo um arpão.

Moldaram a ponta debaixo da tenda porque o alfinete era comprido demais para ser levado escada abaixo. Cortaram e afiaram o aço com os diamantes de afiar. Serraram a cabeça do alfinete primeiro; mais curto e mais equilibrado seria manipulado facilmente por eles. Revezaram-se no trabalho de moldar e afiar a ponta; os diamantes de afiar fizeram isso com extrema rapidez. Terminado o trabalho, Peter pegou o arpão e o manuseou; aquela haste de aço maciça, brilhante e harmoniosa não pesava quase nada. No micromundo, uma peça de aço como aquela podia fazer um estrago nos insetos, se devidamente afiada e atirada com força.

Danny recusou-se a participar das atividades. Sentou-se num beliche de braços cruzados e joelhos dobrados e assistiu. Penalizado, Peter se aproximou e disse com toda calma possível:

— Por favor, vá conosco. Você não estará seguro aqui.

— Você mesmo disse que sou o mais fraco.

— Precisamos de sua ajuda, Danny.

— Para assistir ao suicídio — disse Danny com amargura, recusando-se a sair do lugar.



Rick Hutter tratou de fazer as zarabatanas. Saiu de dentro da tenda com um facão que também o protegeria das formigas e cortou algumas hastes de capim. E depois voltou para o abrigo, cortou uma haste ao comprido e retirou as fibras duras do vegetal. O capim era tão resistente quanto o bambu. Modelou uma dezena de dardos das hastes. Era hora de enrijecer os dardos. Acendeu uma das bocas do fogão. Aqueceu e enrijeceu a ponta dos dardos no fogo com toda atenção. Em seguida rasgou um edredom e retirou um pouco do estofamento.

Era um material macio para estofar a parte de trás dos dardos de modo que pudessem soprá-los e projetá-los no ar. Era hora de encontrar um cordão para amarrar o estofamento.

— Amar… ainda tem aqueles fios de seda de aranha?

Amar balançou a cabeça em negativa.

— Usamos tudo para salvar Peter da cobra.

Tudo bem. Rick vasculhou o lugar até encontrar uma corda. Cortou um pedaço e separou os fios, uma operação que produziu uma pilha de fios resistentes. Enrolou um pedaço do estofamento na extremidade do dardo e o amarrou com um fio. Agora, sim, ótimos dardos: pontas resistentes, estofadas e prontas para serem embebidas no veneno.

Mesmo assim, um bom cientista teria que testar a funcionalidade dos dardos. Como já tinha feito um tubo de zarabatana com uma das hastes, enfiou o dardo na zarabatana, mirou na madeira de um beliche e soprou. O dardo zuniu pela sala, atingiu o beliche… e tombou.

— Merda.

Não tinha penetrado na madeira, portanto, não penetraria no esqueleto de um inseto.

— Falhou — disse Karen apontando para o dardo.

— Precisa de uma ponta de metal — disse Rick.

Mas onde encontrar o metal?

Talheres. Talheres de mesa de aço inoxidável. Ele pegou um garfo na cozinha e vergou um dos dentes. Cortou a base do dente do garfo com o diamante e afiou a peça. Amarrou a ponta de aço no dardo de haste de capim e soprou em direção ao beliche. Dessa vez o dardo penetrou na madeira e manteve-se preso e trepidando.

— Agora, sim, isso abate um besouro — disse Rick. Cortou um por um todos os dentes dos garfos do abrigo; fez um estoque de mais de uma dezena de dardos e algumas zarabatanas. Guardou os dardos numa caixa de plástico que achou no laboratório para mantê-los secos e protegidos de possíveis danos.

Era hora de fazer o curare, mas para isso teria que coletar outros ingredientes. Da mesma forma que os molhos sofisticados, um bom curare requer uma variedade de ingredientes no cozimento, uma verdadeira química de horrores. Para fazer o molho ele só dispunha da baga de cinamomo que deixara na área superior da tenda. Ninguém queria uma baga tóxica de cinamomo dentro do abrigo. Se liberasse vapores, todos adoeceriam. E pela mesma razão o curare não poderia ser fervido no fogão. De todo modo, não havia ingredientes suficientes para o curare e, se houvesse e fosse preparado dentro do abrigo, talvez a fumaça envenenasse a todos. Talvez matasse a todos.

O curare tinha que ser fervido numa fogueira ao ar livre.



Eles ainda juntaram dois binóculos e mais duas lanternas de cabeça aos outros equipamentos. Amar Singh pegou um rolo de fita adesiva.

— Talvez a gente não sobreviva na superselva sem um rolo de fita adesiva — fez uma piadinha.

Rick Hutter abriu uma caixa e soltou um grito:

— Mina de ouro! — Ele tirou um avental de laboratório, luvas de borracha e óculos de segurança de dentro da caixa. — Preciso disso pra fazer o curare. Excelente, excelente! — Enfiou tudo dentro da mochila de lona.

Ainda precisava de um recipiente para cozinhar o curare. No fundo de uma prateleira debaixo das pequenas instalações da cozinha do abrigo encontrou uma grande panela de alumínio. Enfiou a panela na mochila e colocou-as às costas para sentir o peso. Surpresa. Embora volumosa, a mochila estava leve. — Estou forte como uma formiga — comentou.

Jenny Linn vasculhou uma caixa de suprimentos e achou uma velha bússola militar usada pelos soldados americanos desde a guerra da Coreia. Seria usada para mantê-los no caminho certo. Mas ninguém conseguiu achar um GPS em canto algum da estação.

— Isso porque o GPS é incapaz de nos localizar neste lugar — explicou Peter. — O GPS tem uma precisão de aproximadamente dez metros. Em relação a nossa estrutura física atual essa distância equivale a um quilômetro. Em outras palavras, o GPS só poderia nos localizar com a distância de um quilômetro em qualquer direção. Enfim, para nós uma bússola é muito mais precisa que um GPS.

Depois da refeição e de toda aquela trabalheira, todos sentiram uma vontade irresistível de dormir. No relógio de Peter Jansen era quase meio-dia.

— É melhor empacotar o equipamento mais tarde — sugeriu Karen King.

Eles não tinham dormido na noite anterior, mas estavam habituados a varar as noites no laboratório. A própria Karen sempre se gabava de sua energia, mas àquela altura mal conseguia manter os olhos abertos. Fiquei tão cansada de repente, pensou. Por quê? Talvez porque estivesse muito pequena e queimou muitas calorias… Mas não conseguia nem se concentrar… Sem resistir, ela se arrastou até o beliche mais próximo, onde caiu no sono instantaneamente. Todos dormiram.

# Capítulo 17



**Vale de Manoa**
**29 de outubro, 13h**

Uma camionete preta novinha em folha entrou no estacionamento do Waipaka Arboretum próximo às estufas. Don Makele, chefe da segurança da Nanigen, saiu do veículo. Pôs a mochila nas costas e prendeu uma faca ao cinto. Ajoelhou-se em frente à moita de gengibre branco ao lado do estacionamento e desembainhou a faca, uma KABAR de combate com lâmina preta. Afastou delicadamente os talos da planta com a parte cega da lâmina e encontrou uma pequena tenda oculta à sombra das folhas de gengibre: Estação Alpha de suprimentos. Curvou-se por cima das folhas e empurrou a aba da pequena tenda para o lado com a ponta da faca.

— Tem alguém aí? — perguntou.

Sabia que não ouviria a resposta, mesmo que um micro-humano respondesse. De qualquer forma, nenhum micro-humano à vista. Fazia um mês que a Estação Alpha tinha sido arrumada, fechada e abandonada pela última equipe de campo que lá esteve.

Makele cravou a faca no solo e escavou um círculo ao redor da estação com a lâmina girando para um lado e para o outro. Fez uma alavanca e puxou o abrigo subterrâneo para fora com grãos de terra caindo e a lona da tenda balançando no topo da estrutura. Levantou-se, bateu a tenda na sola do sapato para remover o resto de terra e depois colocou-a na mochila.

Pegou um mapa e o estudou. Próxima parada: Estação Bravo. Saiu em passos ligeiros para o caminho que levava a Fern Gully. Percorridos uns quinze metros, saiu da trilha sem reduzir a velocidade e entrou na selva, de acordo com o mapa, a Estação Bravo ficava ao sul de um pé de *koa* cujo tronco estava marcado para facilitar a sua localização. Depois de alguns minutos vagando pela área, encontrou a árvore; pregada ao tronco, uma placa refletiva laranja. Ajoelhou-se no ponto indicado e observou o interior da tenda. Ninguém. E no abrigo subterrâneo?

Levantou-se, gritou "Ei!" e deu uma pisada firme ao lado da tenda. Uma pisada assustaria quem estivesse dentro do abrigo subterrâneo e o faria sair. Mas ninguém apareceu, nenhum movimento, nenhuma criatura pequena saiu correndo. Fez novamente uma alavanca com a faca na terra, puxou o abrigo subterrâneo para fora e enfiou a Estação Bravo dentro da mochila. Consultou o mapa e olhou para a encosta que subia ao longo de penhascos até o alto do monte Tantalus. Parecia uma perda de tempo recolher todas as estações e levá-las de volta à Nanigen. O micromundo já devia ter engolido os estudantes sem deixar rastros. Em todo caso, era melhor seguir as ordens de Drake. Pouco se importava em frustrar as últimas esperanças de sobrevivência daqueles jovens que talvez estivessem mortos. Não estava fazendo nada de errado, só estava recolhendo as estações.

Don Makele embrenhou-se ao longo da encosta, recolhendo as estações Foxtrot, Golf e Hotel com movimentos rápidos e fáceis pela selva. Localizou a Estação índia no alto da encosta e retirou-a.

Localizou a Estação Juliet ainda mais no alto e retirou a lama que a encobria. Mas não encontrou a Estação Kilo. Segundo as informações, estava fincada entre os ramos de uma videira perto de uma cachoeira ao pé de um penhasco. Mas simplesmente não a encontrou e algum tempo depois chegou à conclusão de que tinha sido levada por um aguaceiro. Às vezes isso acontecia com as estações. Eram muito pequenas e o clima era inóspito.

Makele então tomou o caminho de volta, descendo a encosta na direção de Fern Gully, rumo à Estação Echo, que ficava em meio a um amontoado de pés de albesia no interior de Fern Gully.



— **EI**!

O som retumbou dentro do abrigo subterrâneo, despertando os jovens pesquisadores. O estrondo fez o lugar trepidar e todos foram jogados de um lado para o outro como se atingidos por um grande terremoto. As luzes se apagaram. Caixotes, caixas e equipamentos de laboratório caindo encheram o escuro de uma barulheira infernal enquanto o lugar estremecia. Peter Jansen entendeu o que estava acontecendo.

— Tem alguém lá fora! — berrou. — Vamos sair! Rápido! Rápido! — Ele tateou o beliche, pegou a lanterna de cabeça e acendeu.

As luzes se acenderam. As baterias estavam de novo encaixadas nos contatos.

Rick Hutter pegou os dardos e subiu a escada aos trancos e barrancos com Karen King atrás. Os outros pegaram mochilas, facões e tudo que puderam em completa histeria.

Rick era o primeiro da fila e chegou ao alto da escada. Segurou a escotilha e de repente tudo voou pelos ares e todos despencaram da escada. O abrigo subterrâneo tombou de lado com um barulho ensurdecedor de marteladas que fez tudo trepidar.

— Ah… que… coisa… estúpida… — As palavras sacudiram o abrigo como um ataque de artilharia.



Makele escavou um círculo ao redor da Estação Echo, alavancou-a para fora da terra e espiou pela porta da tenda. Os suprimentos estavam espalhados por todos os lados. Era um cenário incomum e ele resolveu abrir a escotilha para espiar lá dentro. Pinçou a roda da escotilha com os dedos polegar e indicador, mas a roda escapuliu. Já não era mais possível abrir a escotilha.

— Merda.

Recolocou a estação no lugar de origem, ajoelhou-se e cutucou a escotilha com a ponta da faca, mas não funcionou. Estava bem fechada e nem com a ponta da faca conseguiu abri-la. Ergueu a faca por cima da cabeça. Cortaria a estação ao meio.



A faca KABAR, que aos olhos dos micro-humanos era como um prédio de dez andares, atravessou o abrigo subterrâneo com um rugido, espalhando blocos de concreto por todos os lados. Foi um

golpe tão violento que a lâmina atravessou o abrigo, penetrou na terra e abriu um buraco gigantesco. E depois começou a serrar com um movimento para a frente e para trás.

Rick pulou na base da escotilha e tentou abri-la com um giro. Conseguiu e empurrou a mochila para fora. Mas em seguida o abrigo se elevou de tal maneira que ele não via mais o chão lá embaixo. Depois, virou de lado e se viu deitado na escada com os outros acotovelados atrás. Tentou ajudá-los. Agarrou a mão de Amar, que acabou caindo quando estava sendo puxado para fora. O abrigo se elevou ainda mais às sacudidelas.

— Me ajude a puxar os outros para fora! — gritou Peter aproximando-se de Rick.

Conseguiram puxar Danny pela escotilha, que gritou e acabou caindo. E o mesmo aconteceu com Erika.

O braço de Jenny Linn estava entre a lâmina da faca e o concreto do abrigo subterrâneo. Karen King tentou ajudá-la enquanto a lâmina se deslocava de lado e ameaçava esmagá-las.

— Meu braço — disse Jenny com um gemido. — Não consigo mexê-lo.

Uma mesa deslizou e espremeu-a contra o concreto, depois um fragmento do concreto esmagou a mesa e abalroou Karen. Ela se surpreendeu com a própria força quando o chutou para longe enquanto tentava freneticamente libertar Jenny.

O abrigo abaixou novamente e, ao chocar-se contra o solo, a faca o cortou ao meio e projetou Jenny e Karen pelos ares. Lá no alto, uma torre humana, um homem, quase tocava o céu. Era um desconhecido. O cara abriu a boca com as palavras retumbando e ergueu a faca.

Karen ajudou Jenny a se levantar quando a faca girou por cima delas. O braço de Jen estava frouxo, em um ângulo estranho.

— Corra! — gritou Karen quando a gigantesca faca foi de encontro a elas.

# Capítulo 18



**Fern Gully**
**29 de outubro, 14h**

A faca passou por entre Karen e Jenny e separou-as, penetrando solo adentro. Foi retirada com um estrondo retumbante que estremeceu o mundo. Jenny caiu de joelhos, amparando o braço e gemendo.

Karen ajudou-a a se levantar e, com ela às costas, saiu correndo em uma velocidade surpreendente. A faca ribombou novamente no solo, mas dessa vez Karen mergulhou debaixo de uma moita de samambaia ainda com Jenny às costas.

O estrondo fez a terra tremer com um eco que ressoou por algum tempo. O homem recuou com os pedaços quebrados da estação nas mãos. Enfiou os pedaços dentro de uma mochila, saiu andando e sumiu de vista.

Fez-se silêncio. Jenny começou a chorar.

— Meu braço — disse. — Está doendo… está doendo muito.

Ela estava com o braço quebrado.

— Não se preocupe, daremos um jeito nisso — disse Karen, tentando parecer otimista. O braço de Jen estava em péssimas

condições, talvez com o úmero fraturado em diversos pontos. Karen abriu a mochila de lona no chão, pegou o fone do rádio e começou a chamar. — Alguém aí? Alguém aí? Estou com a Jenny. Ela quebrou o braço. Alguém ouvindo?

Soou a voz de Peter.

— Estamos todos aqui. Estamos bem.

Eles reuniram-se debaixo da moita de samambaia. Colocaram Jenny em cima de uma folha improvisada como cama. Ninguém tinha experiência.

Karen abriu o kit de primeiros socorros e pegou uma seringa com morfina. Mostrou a seringa para Jenny.

— Quer isso?

— Não. — Jenny balançou a cabeça. — Vai me deixar muito grogue. — "Apesar da dor, precisava estar consciente. Preferiu dois analgésicos à morfina. Foi ajudada a sentar-se na maca depois que Karen cortou um pedaço de pano para fazer uma tipoia. — Ficarei bem — disse, com o corpo oscilando e o rosto e os lábios pálidos.

Mas Jenny não estava bem. Estava com o braço muito inchado e a pele estava escura.

Hemorragia interna.

Karen olhou nos olhos de Peter e ele pensava o mesmo. Os dois se lembraram das palavras de Jarel Kinsky sobre a descompressão. Qualquer pequeno corte poderia provocar a morte. E aquilo não era um corte pequeno.

Peter consultou o relógio. Já eram duas da tarde. Eles tinham dormido por duas horas.

O chão era só escombros. Parecia a cena de um naufrágio. Mochilas e sacolas tinham se espalhado por todos os lados quando a faca partiu o abrigo ao meio. Ainda bem que encontraram os facões e o arpão. A baga de cinamomo de Rick estava no chão e não mais na tenda. Restavam alguns suprimentos e equipamentos de sobrevivência. Mas para onde iriam? Será que as outras estações

tinham sido removidas como a Estação Echo? Será que aquele sujeito tinha acabado com todas? Será que ele trabalhava para Vin Drake?

Era melhor apostar no pior.

Eles tinham sido descobertos. As estações tinham sido removidas. Onde poderiam se esconder? Para onde iriam? Como voltariam para a Nanigen naquelas circunstâncias?

O céu escureceu enquanto discutiam sobre o que fazer. Uma rajada de vento balançava as folhas de *Qyrtandra* ao redor, deixando à vista a superfície felpuda da parte interna das folhas. Peter olhou para o alto e o vento fustigava e arrancava as folhas, projetando-as no ar…

Eles ouviram um som estranho, um *splash* forte seguido por outro splash. Assistiram surpresos quando uma esfera de ar achatada flutuou no ar e explodiu em centenas de gotículas para todos os lados do terreno. Era a chuva da tarde.

— Vamos para um ponto mais alto! — gritou Peter. — Por aqui.

Eles agarraram tudo o que puderam carregar e saíram às pressas encosta acima. Karen carregou Jenny às costas com os pingos de chuva explodindo em volta como bombas.



Na Nanigen, Vin Drake afastou-se da tela do computador. Acabara de consultar o radar meteorológico da Koolau Pali. Aqueles ventos alísios eram muito confiáveis. Os ventos sopram na direção de Oahu, deixando as montanhas molhadas. Os picos da Koolau Pali figuravam entre as regiões mais úmidas do planeta.

Don Makele bateu à porta, entrou e colocou os pedaços da Estação Echo em cima da mesa.

— As camas estavam desarrumadas e tinham usado o banheiro. Saíram correndo pelo terreno. Ordenei que parassem e tentei detê-los com a faca. Mas se espalharam como baratas.

— Isso não é nada bom, Don — disse Drake. — Realmente, não é nada bom. Eu falei para dar um jeito nisso.

— O que faço agora, senhor?

Drake recostou-se na cadeira, tamborilando uma caneta de ouro nos dentes. Na parede atrás, um retrato do rosto dele em meio a uma explosão de cores intensas, uma imagem de poder que muito lhe agradava, pintado por um artista badalado do Brooklyn.

— Feche os portões de segurança na entrada do Vale de Manoa. Detenha o caminhão de transporte. Ninguém deve entrar ou sair do vale. E traga- > me os dois melhores homens da segurança.

— Vou trazer Telius e Johnstone. Eu mesmo os treinei em Cabul.

— Eles têm experiência no micromundo?

— Muita — disse Makele. — O que eles devem fazer?

— Resgatar os jovens.

— Mas o senhor mandou fechar o vale…

— Limite-se a seguir minhas ordens, Don.

— É claro, é claro.

— Encontro-os lá fora. No estacionamento B, em vinte minutos.



Os pingos de chuva explodiam no chão com jatos de água e terra. Peter sumiu no meio de uma nuvem de borrifos ao ser atingido por um pingo. Foi atingido em cheio e se estatelou tossindo no chão. Os outros saíram correndo aos escorregões no meio dos pingos. De repente, ouviu-se um som semelhante ao de um trem de carga.

Era uma enxurrada saindo de uma fenda de Fern Gully. Esboroou-se em cima de uma pedra e, após passar por baixo de uma samambaia, uma parede de água barrenta os atingiu e os obrigou a nadar para se salvar. O fluxo da enxurrada levou Jenny ao chão e ouviu-se um grito.

— Jenny!

Karen também estava no chão e não conseguia enxergá-la. Uma folha passou rodopiando na correnteza. Rick estava ajoelhado em cima e gritou.

— Agarre a minha mão! — Pegou-a pela mão e puxou-a para cima da folha que rodopiou e seguiu correnteza abaixo.

Karen tossiu engasgada.

— Perdi a Jenny! — disse aos gritos, olhando histericamente ao redor. Jenny não conseguiria nadar de braço quebrado.

Em cima de uma pedra, Danny Minot se sobressaía por entre as ondas que arrebentavam.

Dentro d'água, uma minhoca boiava de um lado para o outro enquanto Jenny Linn lutava para nadar, mas era impedida pela tipoia que fazia o braço quebrado pender de um modo assustador. Ora a cabeça afundava, ora vinha à tona.

Rick seesticou por cima da folha e gritou:

— Jenny! Estenda a mão! Jenny!

— Aguente aí, Rick! — Karen o agarrou pelos pés para que ele não escorregasse para fora da folha enquanto fazia o salvamento.

Jenny girou e se aproximou de Rick com o braço sadio estendido. Mas ele não conseguiu agarrá-la, só conseguiu tocá-la com a ponta dos dedos e soltou um berro de frustração.

Ela se aproximou da pedra onde Danny estava todo encolhido e gritou

— Danny, por favor! — Ela esticou o braço sadio tremendo toda e a ponto de afundar na correnteza.

Ele estendeu a mão para pegá-la. Ela fechou os dedos em volta da mão estendida. Ele se esticou na pedra e puxou-a pelo outro braço, e logo se viu escorregando para fora da pedra.

Ela gritou de dor quando foi puxada pelo braço quebrado, mas não se importou.

— Por favor, não me solte, por favor! — Jenny esticou o braço sadio e agarrou Danny pela camisa.

Muitas vezes o afogado acaba afogando aquele que tenta salvá-lo. Danny sabia alguma coisa sobre os afogados. Eram muito perigosos.

Olhou ao redor. Alguém assistia à cena? Os olhos dele se encontraram com os olhos dela.

— Perdão — ele disse. Abriu as mãos e soltou-a na correnteza. Também estava a ponto de ser puxado para dentro d'água e se afogaria junto com ela…

Danny virou de costas. Não conseguiu encarar o olhar de Jenny Linn. Tinha feito de tudo para salvá-la. Seria puxado para dentro da água se não a tivesse soltado… e ambos teriam morrido; de um jeito ou de outro, o destino de Jenny estava traçado. Sou uma boa pessoa… Ele se encolheu todo enquanto a água batia com violência na pedra. Ninguém tinha visto. Só Jenny. Mas o olhar dela…

Karen soltou um grito quando Danny deixou Jenny para trás.

— Não! Jenny! Não!

Os dois viram quando a cabeça de Jenny submergiu outra vez na correnteza e depois sumiu de vista.

# Capítulo 19

**Sede da Nanigen**
**29 de outubro, 14h30**

Vin Drake atravessou o estacionamento para conversar com Telius e Johnstone, que o aguardavam no espaço entre os dois últimos carros. Era melhor conversar ao ar livre, pois tudo que se dissesse podia ser ouvido, gravado e preservado. Ele precisava estar atento aos detalhes. Detalhes são evidências. E as evidências podem escapulir. Podem voar mundo afora. Era preciso ter as evidências sob controle.

— Violaram a segurança — disse Drake para os dois homens. Telius, um tipo baixinho, troncudo e careca, abaixou a cabeça para ouvir, com olhos vivazes e atentos como se à procura de um pequeno objeto perdido. Johnstone, bem mais alto que Telius," à vontade e de óculos escuros, com uma tatuagem no couro cabeludo sob um corte de cabelo curto, se pôs ereto com as mãos para trás. — Estamos lidando com espiões industriais — continuou Drake. — Espiões que podem destruir a Nanigen. Parece que estão trabalhando para um governo estrangeiro. Não sei se vocês sabem

que os governos inimigos estão de olho em algumas atividades secretas da Nanigen.

— Não sabemos nada disso — disse Telius.

— Claro que não sabem — disse Drake.

Um carro passou perto e estacionou. Drake se calou e saiu andando ao longo do limite do estacionamento acompanhado pelos dois homens; o recém-chegado entrou no prédio. O vento varreu as sementes dos pés de acácia que brotavam no terreno baldio vizinho.

Drake se virou e olhou para a construção metálica.

— O prédio não parece grande coisa. Mas logo, logo serão feitos negócios lá dentro que valerão cem bilhões de dólares no mínimo. Cem bilhões de dólares. — Fez uma pausa para a cifra ser absorvida. — Uma riqueza incalculável para os sortudos que tiverem ações da Nanigen. — Franziu os olhos à luz do sol e olhou de lado para os dois homens. — Vocês conhecem o negócio de ações? Um proprietário de ações pode vendê-las com um lucro espetacular quando a companhia está presente no pregão da Bolsa. — Será que os dois homens entendiam onde ele queria chegar? Ambos estavam impassíveis. Nenhum pensamento, nenhuma emoção, nada a ser lido ou inferido. Rostos profissionais, ele pensou e continuou.

— Quero que entrem no micromundo em missão de resgate dos espiões. Terão um kit para se mover livremente. Um hexápode, armas, tudo de que precisarem. Os espiões caíram… quer dizer, se perderam no perímetro da Estação Echo de suprimentos, um raio de uns vinte metros aproximadamente. Portanto, iniciem a busca no perímetro da Estação Echo. Mas talvez eles estejam seguindo micropistas à procura das estações de suprimentos para se refugiar. Todas as estações de suprimentos foram removidas, exceto a Kilo, que não foi encontrada. Sigam a rede de pistas entre uma e outra estação para encontrar os desaparecidos. E… ah… — Como dizer de maneira a não dar margem a erros? — Um detalhe importante: mesmo que encontrem os desaparecidos, o resgate será um fracasso.

Entenderam? Apesar de todos os esforços do resgate, os espiões não serão encontrados. Não me interessa como farão isso. Só exijo que eles desapareçam, e não quero ouvir rumores sobre o que possa ter acontecido com eles. Se sumirem sem deixar uma pista sequer, haverá… uma recompensa. — Drake pôs as mãos nos bolsos e sorveu a brisa que lhe beijava o rosto. — Fracasso é a única opção — acrescentou suavemente.

Ele se virou para os dois homens. E não viu nada. Apenas dois rostos sem expressão. Um pássaro sobrevoou e pousou em um dos pés de acácia.

— Se o resgate fracassar, vocês terão lotes de ações da Nanigen como recompensa. Quando a Nanigen abrir seu capital, um simples lote de ações valerá pelo menos um milhão de dólares. Entenderam?

O olhar dos dois homens estava plano como o estacionamento.

Mas tinham entendido. Disso Drake tinha certeza.

— Vocês vão se tornar capitalistas. — Ele deu uma palmadinha no ombro de Telius ao sair.



A chuva parou com a mesma rapidez com que apareceu. Uma névoa dourada tomou a floresta quando as nuvens se espalharam e os riachos escoaram para o rio que drenava o Vale de Manoa. Com boa parte do equipamento perdida e com Jenny desaparecida na água, o grupo se reuniu e logo se dispersou em busca das perdas e principalmente de Jenny. Eles seguiram o fluxo da água monte abaixo com dois rádios transmissores de comunicação.

— Jenny! Onde está você? Jenny! — gritavam sem resposta e sem sinal dela.

— Encontrei o arpão — disse Rick em dado momento. A arma estava longe. E a mochila com a caixa de plástico e os dardos estava presa a uma pedra. O brilho amarelo da baga de cinamomo se insinuou por baixo de uma folha.

Karen King seguia em frente inconsolável enquanto o resto do grupo procurava Jenny Linn. Ela tremia com a imagem dos olhos de Jen quando afundou pela última vez.

O homem é o pior dos horrores. O que Jenny tinha visto?

Então, um suave e pálido drapejado que estava debaixo de um galho chegou aos olhos de Karen. Aquilo era mão humana. Ela acabava de encontrar o corpo de Jenny quebrado, coberto de lama, retorcido e preso de uma forma bizarra debaixo de um galho. Estava com a expressão desconsolada dos afogados, o braço quebrado pendendo à altura dos quadris como um pano de chão torcido e os olhos vazios. Fios que mais pareciam espaguetes cobriam e drapejavam o corpo como um véu. Os fios de fungos começavam a brotar.

Karen ajoelhou-se ao lado do corpo chorando, tirou um fio do rosto e fechou os olhos de Jen.

O grupo se reuniu ao redor. Rick se flagrou a chorar e se constrangeu com isso. Tentou reprimir as lágrimas, mas não conseguiu. Peter o enlaçou pelos ombros, mas foi repelido.

— Fiz de tudo — disse Danny aos prantos. — Simplesmente não pude salvá-la.

Ele recebeu um abraço carinhoso de Erika.

— Você é um homem corajoso, Danny. Só me dei conta disso agora.

De repente ouviu-se um rangido. O véu de fios de fungos que cobria o corpo de Jen pareceu se mover.

— O que é isso? — disse Erika com os olhos arregalados de horror; um fio de fungo ondulou como um dedo curvado e penetrou na pele de Jen com um chiado, perfurando o corpo e deglutindo os

nutrientes. O véu de fungos começava a consumir o corpo. Erika encolheu-se e levantou-se.

— Precisamos enterrá-la… o mais rápido possível — disse Peter.

Cavaram a terra com o arpão e os facões. Era macia, fértil e viva, abrigava pequenas criaturas que se moviam e se contorciam. Era quase um organismo vivo, por pleno direito. Pelo visto Jenny era o único ser não vivo na terra. Eles ajeitaram o braço quebrado e a colocaram no túmulo cavado na terra com os braços cruzados sobre o peito. Não conseguiram retirar os fungos de cima do corpo porque estavam fortemente aderidos e profundos.

Erika Moll chorou descontroladamente. Peter cortou uma pétala de uma flor de hibisco do chão e a estendeu sobre o corpo de Jenny como uma mortalha branca. A pétala encobriu o movimento dos fungos embaixo.

Erika sugeriu que fosse recitada uma prece. Mesmo não sendo religiosa, recebera educação católica das freiras de uma escola de Munique. E com as freiras aprendera a recitar o Salmo 23 em alemão.

— *Der Herr ist mein Hirte* — começou vacilante, tentando se lembrar.

Peter conhecia o salmo:

> *O Senhor é meu pastor; e nada me faltará.*
> *Ele me faz repousar em verdes pastagens…*

— Encantamentos mágicos — comentou Danny. — Palavras que não têm nada a ver com a conhecida "realidade", mas que talvez ajudem psicologicamente. Talvez a prece estimule as partes primitivas do cérebro. Para ser franco, me senti melhor.

Fecharam o túmulo de Jenny com terra. Logo o corpo seria consumido pelos fungos e pelos vermes nematoides, e também

digerido pelas bactérias e devorado pelos ácaros terrestres que se acotovelavam por todos os lados. Jenny Linn não deixaria rastros na terra; seus restos mortais seriam engolidos e reciclados, seu corpo retornaria aos corpos de outras criaturas. No micromundo, tão logo uma vida terminava, uma outra vida começava.

Depois da cerimônia, Peter tentou elevar o ânimo do grupo.

— Jenny não gostaria que desistíssemos. Ela partiu lutando. E agora devemos honrá-la, devemos lutar pela nossa sobrevivência.

Pegaram uma mochila e dois sacos de lona. Não era hora de velar o túmulo de Jenny, continuariam a caminhada rumo ao estacionamento.

O bloco de anotações do laboratório com o mapa não estava perdido; Karen o tinha enfiado na mochila. Embora encharcado, o mapa estava legível. No desenho, uma trilha ou um caminho saía da Estação Echo em direção à Estação Delta e terminava na Estação Alpha perto do estacionamento. Era uma longa jornada pela frente.

— Nem sabemos se restou alguma estação. Mas podemos seguir a trilha.

— Isso se a encontrarmos — disse Karen.

Mas não a encontraram. A paisagem estava transformada pela chuva que alterara os marcos do entorno e abrira novos canais pelo solo. Peter pegou uma bússola, observou o mapa e avistou uma linha que desembocava no estacionamento. O grupo saiu caminhando com ele à frente, abrindo o caminho com um facão. Logo atrás seguia Karen com o arpão no ombro. Rick Hutter carregava o equipamento em silêncio, atento e com um facão na mão, pronto para entrar em ação.

Como era do seu feitio, Danny parou para descansar.

— Seus pés estão doendo? — perguntou Peter.

— O que acha? — resmungou Danny.

— Podemos fazer sapatos pra você.

— Bobagem — disse Danny.

— Mas precisamos tentar — disse Erika.

— Fiz de tudo pra salvar Jenny.

Erika enrolou os pés de Danny com tiras de capim seco cortadas por Peter e convertidas em rústicos mocassins. Amar lembrou do rolo de fita adesiva achada na Estação Echo e o tirou de dentro do saco de lona. Envolveu os mocassins de capim com a fita adesiva para manter os pés bem firmes. Danny se levantou e deu alguns passos para experimentar os mocassins de capim com fita adesiva. Estavam surpreendentemente resistentes (incrivelmente confortáveis.



Ecoou o ronco surdo de um helicóptero no alto. Um mosquito saiu planando de dentro das árvores e sobrevoou o grupo. Era enorme, mas se manteve suspenso no ar sem dificuldade; bateu as asas e observou o grupo. O dorso e as pernas eram listrados em preto e branco. Da cabeça pendia uma longa probóscide. Na extremidade da probóscide emergiam duas lâminas semelhantes a tesouras cobertas de sangue ressecado. Os instrumentos de sucção de sangue eram bem afiados e podiam atravessar o corpo de um micro-humano.

Danny Minot perdeu a paciência.

— Sai fora! — gritou e saiu correndo com os braços agitados e os mocassins atrapalhados.

Atraído pela agitação ou pelo cheiro, o mosquito saiu em caçada e pairou no ar em frente ao pescoço de Danny. Sem aviso prévio, mergulhou e Danny teria o ombro espetado pela probóscide se não

tivesse se jogado no chão e rolando de barriga para cima e chutando o ar.

— Sai fora!

O mosquito zumbiu no ar, preparando-se para uma nova investida. Karen King se pôs por cima de Danny e brandiu o facão para protegê-lo e enfrentar o oponente.

Mas o mosquito não se intimidava com facilidade.

— Todos em fila — gritou Peter. — Formem um círculo de defesa.

Formaram um anel defensivo em volta de Danny que ainda estava deitado no chão e aterrorizado. Brandiram os facões para o alto enquanto observaram o mosquito que voava ao redor. Acontece que o mosquito farejava o cheiro de sangue e talvez até o de dióxido de carbono liberado pela respiração do grupo. E assim atacava e retrocedia com os olhos arregalados e a probóscide agitada.

— Ora… vejam — exclamou Erika Moll.

— O quê?

— E uma fêmea *Aedes albopictus*.

— E daí? — perguntou Danny de pernas bambas.

— É um mosquito tigre asiático. As fêmeas são agressivas e transmitem doenças.

Rick Hutter agarrou o braço de Karen King.

— Passe logo o arpão…

— Ei! — ela se desviou.

Mas ele pegou o arpão e o brandiu na direção do inseto.

— Fique frio, Rick — disse Peter. — Espere uma chance.

O mosquito foi de encontro a Rick. Era a chance. Ele girou o arpão como se fosse um bastão e o golpeou na cabeça.

— Vê se escolhe alguém maior que você! — gritou.

O mosquito trovejou e se retirou oscilando pelo ar.

Karen soltou uma risada.

— O que há de tão engraçado? — perguntou Rick.

— Foi despachado de volta para o hotel na Costa Rica pelo mosquito. Andou um bocado, hein, Rick.

— Não acho nada engraçado — ele disse.

— Devolve o arpão. — Ela tentou puxá-lo. Os dois travaram uma disputa corpo a corpo pelo arpão. Ela venceu. Conseguiu puxá-lo e ele soltou um palavrão.

Indignada e com a cabeça fervendo, ela apontou o arpão para a cara dele.

— Nunca mais use esse vocabulário comigo.

— Está bem. — Ele deu um passo atrás de mãos erguidas.

Ela arremessou o arpão aos pés dele.

— Tome.

Peter se interpôs entre Karen e Rick.

— Ei, nós somos uma equipe ou não? Vocês dois precisam parar com essas briguinhas.

Ela fumegou de raiva.

— Eu não estava brigando com ele. Se estivesse, ele estaria se borrando todo.



Peter Jansen seguiu na frente do grupo em busca do caminho, cortando os obstáculos com o facão e uma vez ou outra parando para afiá-lo com o diamante. A lâmina poderia cortar qualquer coisa se estivesse com o fio afiado. Ele tentou animar o grupo.

— Conhecem o comentário de Robert Louis Stevenson sobre as viagens? — disse. — "Viajar com esperança é muito melhor do que chegar."

— Que se foda a esperança, prefiro a chegada — retrucou Danny Minot.

No final da fila, Rick Hutter ouviu o diálogo e ponderou a respeito dos outros. Karen King, por exemplo. Não conseguia entendê-la. Era cheia de si, arrogante, agressiva e se achava a maioral em relação a aranhas, aracnídeos e lutas corpo a corpo. Claro, era bonita, mas beleza não é tudo. Mesmo assim, se sentia bem com a presença dela no grupo. Era uma guerreira no sentido exato da palavra. Parecia feita de gelo; fria, alerta, no limite, media cada movimento. Como se lutasse pela própria vida… bem, claro, era o que fazia. Ele a desprezava; mesmo assim… se sentia feliz por tê-la por perto.

E Erika Moll, que caminhava pálida e apavorada? Tentava se manter inteira, mas estava à beira de um colapso nervoso. Jen sendo devorada pelos fungos… isso acabou com Erika, pensou Rick. Se não retomar o equilíbrio, ela acaba de uma vez por todas. Mas quem teria força e vontade para continuar vivo naquele pequeno reino de horrores?

E Amar Singh? Aos olhos de Rick parecia resignado com o próprio destino, como se decidido a morrer.

Danny Minot marchava com os mocassins de capim e fita adesiva. *Ele pensa mais do que aparenta*, pensou Rick observando-o. Talvez sobreviva. E Peter Jansen, como consegue isso? Sempre tão sereno, quase gentil e profundamente em paz consigo mesmo. Isso era impenetrável para Rick. O papel de líder combinava com Peter. Parecia que tinha se encontrado no micromundo.

E agora era a vez do próprio Rick Hutter.

Não era um tipo introspectivo. Raramente pensava a respeito de si mesmo. Mas agora fazia isso. Estava acontecendo alguma coisa estranha, e ele não conseguia entender direito o que era. Ele estava se sentindo bem e se perguntava por que se sentia bem. Eu devia estar me sentindo péssimo. Jenny morreu. Kinsky foi dilacerado

pelas formigas. Quem será o próximo? Acontece que Rick sempre sonhou com uma expedição como aquela, mas nunca achou que seria possível. Uma jornada ao coração oculto da natureza, ao mundo das maravilhas invisíveis.

Rick se sentia bem, mas poderia morrer ali. A natureza não é nem gentil nem boazinha. É inclemente. Não se ganham pontos por tentativas na natureza. Ou você sobrevive ou não sobrevive. Talvez nenhum de nós consiga se safar dessa. Ele se perguntou se os seus dias acabariam naquele lugar, engolido pelo labirinto de perigos além da imaginação daquele pequeno vale nas redondezas de Honolulu.

*O negócio é seguir em frente*, concluiu. Ser esperto. Ser inteligente. Passar pelo buraco da agulha.



Após uma caminhada que pareceu de quilômetros, Rick inalou um estranho odor agridoce no ar. O que era aquilo? Olhou para o alto de uma árvore com galhos serpentiformes e um tronco cinza prateado, onde pequeninas flores se estendiam como estrelas. O odor das flores lembrava o sêmen, mas com um toque desagradável e perigoso.

Sim.

*Nux vomica*.

Ele então chamou os outros.

— Esperem um pouco. Encontrei algo.

Ajoelhou-se ao lado de uma raiz nodosa que se sobressaía solo afora.

— É uma árvore de estricnina — disse. Escavou a raiz com o facão, topou com o filamento interno da casca e cortou-a com todo cuidado. — Esta casca contém brucina — explicou. — Um alcaloide que induz a paralisia. A semente é melhor porque é incrivelmente tóxica, mas a casca também serve.

Rick pegou a casca sem deixar a seiva aderir nas mãos, amarrou-a com uma corda e saiu arrastando-a atrás.

— Não posso pô-la na mochila. Envenenaria tudo — disse.

— Esta casca é perigosa — disse Karen.

— Karen, dá um tempo, isso vai nos trazer alimento. Estou faminto.

Erika se afastou e respirou o ar à procura de um possível cheiro de formigas. O ar penetrou nos pulmões e saiu ligeiramente pesado. Cada lugar observado, cada estalo e cada fenda na terra, cada lâmina de grama e cada planta rasteira estavam impregnados de minúsculas criaturas vivas: insetos, ácaros, vermes, nematoides. E agora ela enxergava a massa de bactérias na terra, minúsculos pontos amontoados. Tudo estava vivo. Cada coisa se alimentava de outra coisa. Ela então se deu conta… de que estava faminta.

Todos estavam famintos e não havia nada para comer. Eles beberam água no vão de uma raiz e seguiram em frente, com Rick arrastando o pedaço de casca.

— Já temos estricnina e cinamomo — ele disse. — Mas não é o suficiente. Precisamos de um outro ingrediente. — Esquadrinhou a vegetação dos arredores em busca de alguma planta tóxica conhecida. E achou o que procurava. Achou pelo cheiro. Reconheceu um cheiro cortante que saía de uma moita.

— Oleandro — disse, caminhando em direção à moita de folhas longas, pontudas e brilhantes. — A seiva é terrivelmente nociva. — Empurrou as folhas até atingir o tronco da moita.

Em seguida amolou o facão e cortou algumas lascas do tronco. E recuou apressado quando escorreu uma seiva leitosa e translúcida.

— A seiva mata rapidamente se tocar na pele. É uma mistura letal de cardenolidas. Para o coração na mesma hora. Os vapores não podem ser inalados. Também provocam ataque cardíaco. — Ele revirou o saco de lona enquanto a seiva escorria pelo tronco e depois vestiu o avental de laboratório, as luvas de borracha e os óculos de proteção encontrados na Estação Echo.

Amar soltou uma risada.

— Você está parecendo um cientista maluco.

— A loucura é o meu estilo — disse Rick. Abriu um frasco plástico de laboratório, prendeu a respiração e coletou a seiva que encheu o frasco e escorreu pelas luvas. E depois tampou o frasco e lavou a parte externa com uma gota de orvalho. Encheu um segundo frasco da mesma maneira e ergueu os dois frascos com um sorriso triunfante. — Só falta cozinhar os ingredientes até que se tornem uma pasta. E para isso vamos precisar de uma fogueira.

Mas a floresta estava encharcada depois da chuva. Nada pegaria fogo.

— Não tem problema — ele disse. — Só vamos precisar da *Aleurites moluccana*.

— E o que é isso? — perguntou Karen.

— Nogueira-da-índia — disse Rick. — Os havaianos a chamam de *kukui*. Existem pés de *kukui* por toda esta floresta. — Girou o corpo com os olhos voltados para o alto. — Sim! Logo ali, um pé de *kukui*. — Apontou para uma árvore com folhas largas e prateadas que se destacava com a brancura de um cúmulo-nimbo a dez metros de distância. Estava carregada de frutos verdes e redondos.

Eles se aproximaram da nogueira-da-índia e encontraram frutos suculentos espalhados pelo solo ao redor da árvore.

— Observem o que vou fazer — disse Rick.

Ele descascou a polpa da fruta com o facão até atingir o âmago duro, a noz.

— Noz de kukui — disse. — Essa noz é cheia de óleo. Os antigos havaianos abasteciam as lamparinas de pedra com óleo da noz de kukui. É uma boa fonte de luz. Também colocavam nozes na ponta dos bastões que serviam de tochas. São inflamáveis.

Foi difícil quebrar a noz de kukui que era envolta de uma casca dura e brilhante. Mas se revezaram com o facão para quebrá-la. Depois de algum tempo o fio extremamente afiado da pesada lâmina cortou a casca da noz. Depois de alguns cortes a noz oleosa apareceu. E depois de picada formou uma pilha de pedacinhos no solo. Acrescentaram um pouco de capim que Peter arrancou de uma moita e que apesar da chuva ainda estava seco. Rick pôs uma panela de metal em cima da pilha de nozes e vestiu o equipamento químico. Depois de ajeitar os óculos de proteção, ele colocou na panela as tiras de casca de raiz de estricnina, pedaços de cinamomo, dois frascos de seiva de oleandro e água coletada de uma folha.

Ele próprio acendeu a fogueira com um isqueiro à prova de vento.

As chamas consumiram a estopa e a fogueira da noz de kukui ardeu amarela e brilhante. Comparada aos padrões do mundo regular, a fogueira não era maior que a chama de uma vela, mas no micromundo era gigantesca. Eles recuaram piscando os olhos com o rosto aquecido pelas chamas e a água da panela ferveu rapidamente. Com dois minutos de fervura o conteúdo da panela virou uma gosma.

— Curare fresquinho — disse Rick. — Tomara que seja.

Com as luvas de borracha e uma lasca de madeira na mão, Rick prendeu o fôlego e introduziu o curare dentro de um frasco de laboratório com todo cuidado. Era hora de embeber a ponta dos dardos na mistura de veneno. Aquela gosma era mesmo venenosa? Ele só teria certeza depois de testá-la em situação de caça. Fechou o frasco e empurrou os óculos até a testa.

Peter olhou para a gosma marrom dentro do frasco de plástico e perguntou:

— Acha mesmo que isso vai funcionar com uma caça grande? Com um gafanhoto, por exemplo?

Rick abriu um sorriso amarelo.

— Ainda não está pronto.

— Como assim?

— Precisa de mais um ingrediente.

— Qual…?

— Cianeto.

— O quê? — perguntou Peter enquanto os outros se juntavam para ouvir.

— Você ouviu… cianeto — disse Rick. — E sei onde conseguir.

— Onde? — Peter quis saber.

Rick girou a cabeça lentamente antes de responder.

— Posso sentir o cheiro. Cianeto de hidrogênio. Também conhecido como ácido prússico. Esse sopro de amêndoa amarga… estão sentindo o cheiro? Cianeto… veneno universal, mata praticamente qualquer ser vivo, e rápido. Cianeto… veneno favorito dos espiões durante a Guerra Fria. Existe um animal aqui que produz cianeto. Pode estar escondido debaixo de uma folha. Pode estar dormindo.

O grupo todo arregalou os olhos quando Rick se embrenhou na superselva seguindo o próprio nariz e se detendo aqui e ali para cheirar o ar. Até que ele começou a revirar e a puxar uma folhagem. O cheiro se intensificou e todos coçaram o nariz quando ele apontou para a folhagem e enfiou a cabeça debaixo de uma folha.

— Peguei! — sussurrou consigo mesmo.

Uma carapaça oleosa e acastanhada brilhava ao longo de inúmeras pernas curvas debaixo de uma folha.

— E um miriápode — disse Rick. — Sou ignorante em botânica, mas sei que esses carinhas produzem cianeto.

Erika gemeu.

— Não! Esse animal é grande. É muito perigoso.

Rick deu uma risadinha.

— Um miriápode? — Voltou-se para Karen King. — Ei… Karen! Como esse animal reage quando se sente ameaçado?

Karen sorriu.

— Miriápodes? Como gatos assustados.

— Espere! Você garante que isso não é uma centopeia? — Danny estremeceu ao lembrar de quando Peter disse que as centopeias liberam um ferrão desagradável.

— Não, essa coisinha não é uma centopeia — disse Karen ajoelhando-se para olhar debaixo da folha. — Centopeias são predadoras. Miriápodes não ingerem carne, ingerem folhas podres — explicou. — É um animal pacífico e sem ferrão.

— Exatamente o que pensei. — Rick içou a folha que cobria o miriápode que jazia enrolado e aparentemente adormecido. Era um animal cilíndrico com uma armadura segmentada e umas cem pernas. Em relação aos micro-humanos tinha uma envergadura de aproximadamente cinco metros de comprimento, como uma grande jiboia constritora. Respirava suavemente com chiados emitidos pelos buracos da carapaça, uma espécie de ronco do miriápode.

Rick brandiu o facão.

— Acorde! — gritou batendo com a parte cega da lâmina no corpo alongado do animal.

O miriápode se debateu abruptamente. Os humanos deram um passo atrás e o cheiro se tornou mais forte. O miriápode enrolou o corpo e fez uma espiral em defesa própria. Rick tapou o nariz, avançou e o golpeou novamente. Não queria feri-lo, só queria assustá-lo. O estratagema funcionou. Um odor pungente de amêndoas junto a um fedor desagradavelmente azedo impregnou o ar quando emergiram as bolhas oleosas dos poros da carapaça. Rick

abriu um frasco de plástico limpo, vestiu as luvas e o avental às pressas e pôs os óculos protetores.

O miriápode continuou no mesmo lugar. Ainda enrolado e aparentemente apavorado.

Protegido pelo equipamento Rick se adiantou e fez a substância escorrer para dentro do frasco até obter mais ou menos uma xícara.

— Isso é o óleo. Está cheio de cianeto — explicou, despejou no frasco junto ao curare gosmento e misturou tudo com uma vareta. — O pobre miserável liberou o cianeto de susto — disse erguendo o frasco que fedia a curare e substâncias letais. — Agora, é hora de começar a caçada — acrescentou.

# Capítulo 20



**Sede da Nanigen**
**29 de outubro, 16h**

Vin Drake olhou para o núcleo do tensor pela divisória de vidro à prova de balas que dava à câmara a aparência de um tanque de peixes. Lá dentro, os hexágonos dos tubos de conversão de tamanho nivelavam-se ao piso de plástico. Dois homens estavam em volta do núcleo: Telius e Johnstone.

Era hora de se aprontar. Eles vestiram a leve armadura de Kevlar com peitoral e as coberturas de braços e grevas para as pernas. No conjunto era uma armadura resistente e capaz de repelir as mandíbulas de uma formiga soldado. Ambos carregavam um rifle Express a gás calibre 600. Uma arma reforçada por um tanque de gás pressurizado que disparava uma pesada agulha de metal em cuja ponta havia uma supertoxina de amplo espectro. De longo alcance e com total poder paralisante, a supertoxina era igualmente eficaz contra insetos, aves e mamíferos. Era uma arma projetada especialmente para proteger os micro-humanos no micromundo.

— Esperem o hexápode — disse Drake.

Os dois homens assentiram e abaixaram os olhos como se à procura de uma moedinha no chão. Telius era um homem de poucas palavras.

Drake caminhou até uma porta onde uma placa avisava: ÁREA RESTRITA. Debaixo da placa, um símbolo que lembrava vagamente o símbolo de biorrisco junto à palavra MICRORRISCO.

Era a porta de entrada que se estendia do núcleo do tensor ao Projeto Omicron. Claro, nenhuma placa indicava isso na porta.

Drake pegou um controle remoto, um mecanismo que lembrava um pouco o controle de um videogame, e digitou um código. Isso desarmou os robôs que estavam na zona Omicron, e ele então atravessou um emaranhado de pequenos laboratórios sem janelas com acesso especial para o núcleo do tensor. Não era permitida a presença de ninguém na zona Omicron, exceto à equipe de engenheiros topo de linha da Nanigen. Na realidade, apenas uns poucos funcionários da Nanigen sabiam da existência do Omicron. Lá dentro, objetos cobertos por panos negros e enfileirados em cima de bancadas de laboratórios.

Nenhum funcionário fazia ideia do que eram aqueles objetos escondidos pelos panos. Eram objetos secretos. Nem mesmo os funcionários que tinham permissão para entrar na zona Omicron podiam vê-los.

Drake retirou o pano que cobria um dos objetos. Era um robô com seis pernas parecido com o robô que pesquisou o solo de Marte ou com um inseto de metal. Não era muito grande e tinha mais ou menos trinta centímetros de diâmetro.

Ele levou o robô de seis pernas até o núcleo do tensor e o entregou a Johnstone.

— O transporte de vocês. Está totalmente carregado. Um quadrilátero microlítico.

— Tudo bem — balbuciou Johnstone, mastigando alguma coisa.

— Que merda — vociferou Drake. — O que tem na boca?

— Barrinha energética, senhor. Quando se está com muita fome…

— Você conhece as regras. Nada de comer no núcleo. Isso pode contaminar o gerador.

— Desculpe-me, senhor.

— Tudo bem. Engole isso. — Drake apoiou a mão no ombro do homem em um gesto de camaradagem. Um pouco de clemência é extremamente eficaz com quem trabalha para você.

Telius colocou o mecanismo de seis pernas no Hexágono 3. Os dois homens ocuparam os Hexágonos 1 e 2. Drake dirigiu-se à sala de controle. Ele mesmo operaria o gerador. Já tinha dispensado todos os funcionários que trabalhavam naquele setor. Ninguém poderia testemunhar o encolhimento daqueles homens e dos equipamentos, o que seria um erro imperdoável. Ele programou o Hexágono 3 para encolher o autômato a um tamanho menor que o dos humanos. Don Makele entrou na sala justamente na hora em que era iniciada a sequência operacional.

Drake e Makele assistiram juntos enquanto o gerador zumbia, as estruturas de força embaixo do piso erguiam-se e os hexágonos desciam. Já com os dois homens encolhidos, Drake colocou os micro-humanos em uma caixa de transporte, e o hexápode, em outra caixa. Entregou as duas caixas para Don Makele.

— Vamos torcer para que o resgate seja bem-sucedido.

— Tomara — disse Makele.

Seria muito perigoso se Peter e o resto do grupo soubessem que Drake tinha assassinado Eric. Drake também estava preocupado com a possibilidade de que Eric tivesse compartilhado com o irmão atividades extremamente sigilosas que jamais poderiam vir a público — e de que Peter tivesse aberto o bico para os outros estudantes. Os negócios da Nanigen poderiam ser destruídos se esse fato se tornasse público.

Aquilo era apenas uma questão de negócios. Nada pessoal, uma simples lógica, apenas para manter o fluxo dos negócios. Será que Don Makele pensava alguma coisa a respeito? Drake não sabia ao certo o que Makele pensava ou sabia. Olhou de viés e de maneira cortante para o chefe da segurança.

— Qual é o número de lotes de ações da companhia que você tem?

— Dois lotes, senhor.

— Vou lhe dar mais dois.

Don Makele manteve-se impassível.

— Muito obrigado.

Ele acabara de ganhar dois milhões de dólares naquele bate-papo. Ficaria de boca fechada.

# Capítulo 21



**Fern Gully**
**29 de outubro, 16h**

Fiquem calados e não se mexam. Eles têm audição e visão apuradas — disse Erika Moll. Ela olhava para dentro de uma moita de *mamaki* que ultrapassava a altura do grupo e cujas folhas eram grandes e lobadas. Uma criatura gigantesca, um inseto alado, escalava uma das folhas. Duas asas verdes e rendadas camufladas de folhas fechavam um corpo verde e brilhante. O inseto tinha uma antena comprida, olhos bojudos, pernas articuláveis e uma barriga protuberante com muita gordura. Respirava com um chiado de ar audível que fluía para dentro e para fora de uma fileira de buracos nos flancos.

Era um gafanhoto.

Rick puxou uma das zarabatanas que estavam no seu ombro. Encaixou um dardo dentro do tubo. A ponta metálica do dardo empapada de veneno exalou um odor desagradável de amêndoa amarga e sujeira: o curare. Preso à base do dardo, um tufo do estofamento do colchão encontrado por Rick na Estação Echo.

Ele se ajoelhou e levou a zarabatana aos lábios com todo cuidado para que o curare não tocasse na boca. Os olhos lacrimejaram com o cianeto e a garganta se fechou.

— Onde fica o coração? — ele sussurrou para Erika Moll, que estava acocorada ao lado porque conhecia melhor a anatomia do inseto e guiaria o disparo.

— O coração? No dorsal posterior ao metatórax — ela disse.

Rick fez uma careta.

— Hein?

Erika sorriu.

— Logo abaixo do alto das costas.

Rick assentiu.

— Não posso atirar. As asas estão cobrindo o alvo. — Ele ajeitou a zarabatana de diversas maneiras e no fim decidiu atirar nas entranhas. Mirou na parte inferior do abdome, respirou fundo e soprou.

O dardo atingiu o gafanhoto, que arfou e agitou as asas. Por um momento pensaram que o inseto levantaria voo, mas isso não aconteceu. Ouviram um silvo dilacerante. Um silvo de alarme ou de dor? O gafanhoto tombou dependurado na beira da folha com a respiração acelerada.

Amar encolheu-se diante da cena. Jamais imaginara que o sofrimento de um inseto o afetaria tanto. O curare de Rick era poderosíssimo.

Eles observaram. O gafanhoto balançou de cabeça para baixo. A respiração desacelerou, os chiados enrouqueceram e a respiração cessou. Logo depois o gafanhoto caiu no chão.

— Bom trabalho, Rick!

— Rick, o caçador!

A princípio o gafanhoto morto não pareceu apetitoso para o grupo, exceto para Erika Moll.

— Já comi cupins na Tanzânia. Eram deliciosos — disse. — Os insetos são iguarias muito apreciadas na África.

Danny Minot sentou-se em cima de um graveto passando mal. Sentia ânsias de vômito só de olhar o inseto morto.

— Talvez a gente encontre um hambúrguer por aí — ele disse, tentando fazer uma piada.

— A carne de inseto não é tão nociva quanto à de hambúrguer — retrucou Amar Singh. — Sem dúvida alguma, massa de músculos, sangue e pele de bovino me reviram o estômago. Nunca comeria carne de bovino. Mas um gafanhoto… bem… talvez.

A fome aumentou ainda mais à medida que observavam o inseto morto. Os minúsculos corpos dos micro-humanos tinham queimado muita energia. Eles simplesmente precisavam de se alimentar. Precisavam muito de se alimentar. A fome acabou falando mais alto que a repulsa.

Esquartejaram o gafanhoto com a ajuda dos facões e a orientação de Erika sobre a anatomia do inseto. Depois que retiraram a carne e os órgãos, ela frisou que as partes comestíveis deveriam ser lavadas na água. A hemolinfa, um líquido amarelo-esverdeado transparente análogo ao sangue, vertia da carcaça aberta. Cortaram a resistente cobertura bioplástica e removeram as pernas para retirar a carne de dentro. Depois de aberta, a parte superior das pernas traseiras deixou à vista uma massa de carnes e músculos brancos. Separaram bifes das partes mais gordas das pernas. E lavaram com muito zelo porque o sangue podia estar com as toxinas do dardo. Os bifes exalaram um aroma delicioso depois de lavados e enxaguados em gotas de orvalho. Comeram a carne crua. O sabor era suavemente adocicado.

— Até que não é ruim — comentou Rick. — Tem gosto de sushi.

— Uma delícia — disse Karen.

Inclusive Danny se dispôs a comer, a princípio cheio de dedos, mas o apetite crescente o fez mastigar o filé de gafanhoto com

prazer.

— Só falta o sal — ele sussurrou.

Uma gordura macia e amarelada escorria do abdome do inseto.

— A gordura do abdome é muito boa — disse Erika. Como ninguém ousou provar, ela própria ingeriu um pouco da gordura crua. — Docinha — comentou. — Tem um ligeiro gosto de nozes.

O organismo de todos estava precisando de gordura, e não demorou, todos escavavam e recolhiam a gordura do abdome do gafanhoto com as mãos, levavam à boca e lambiam os dedos.

— Parecemos leões em cima da caça — comentou Peter.

Era muita gordura para ser ingerida. E como eles não queriam desperdiçá-la, embrulharam a gordura e a carne em pedaços de musgo para levar na caminhada e guardaram os embrulhos nos sacos de lona para mantê-las frescas. E acabaram de comer o resto dos bifes que os sustentaria por um bom tempo.

Sentindo-se revigorados, era hora de consultar o mapa. Peter estava com o mapa e os guiou com a bússola. Apontou para os traços.

— Acho que estamos bem aqui — disse ao reparar na moita de samambaias desenhada no mapa. — Já estamos bem perto da Estação Bravo e talvez cheguemos lá ao anoitecer. — Olhou para o céu. A luz esmaecia, a tarde ia longe. — Vamos torcer para que a estação esteja intacta.

Peter apontou a bússola para o tronco de uma palmeira distante e o grupo seguiu em frente, carregando os sacos de lona e parando uma vez ou outra para farejar uma possível aproximação das formigas. Toda vez que aparecia uma formiga outras vinham atrás. Eles se afastavam em marcha acelerada para não excitar as formigas. As entradas dos formigueiros eram mais perigosas. Com o pôr do sol as grandes sombras cobriram o solo da floresta e Peter como guia tornou-se mais cauteloso com as formigas e ainda mais cauteloso

para não topar com a entrada de um formigueiro. Quanto mais longe delas, melhor.

— Parem! — ele disse. Examinou um marco no galho de uma cicadófita que parecia uma árvore em miniatura: três entalhes em V e acima dos entalhes um X pintado com tinta alaranjada.

Era uma tinta brilhante.

Acabavam de encontrar uma trilha.

Ele avançou e encontrou um outro X alaranjado pintado em cima de um seixo. A trilha se estendia pelo terreno e era marcada com pontos brilhantes.

Alguns minutos depois, parou à beira de um buraco enorme. Tudo indicava que tinham cavado o solo e arrancado alguma coisa. Ao redor do buraco, pegadas gigantescas. Pegadas cheias de água, como piscinas. Ele consultou o mapa.

— Aqui é a Estação Bravo — disse. — Mas não há sinal dela.

Aquelas pegadas contavam uma história. Alguém tinha removido a estação do solo e levado embora.

— Temos que pensar no pior — disse Karen King, que tirou a mochila das costas, sentou-se perto do buraco e secou a testa. — Isso é obra do Vin Drake. Ou seja, ele sabe que ainda estamos vivos. E quer eliminar as nossas fontes de sobrevivência.

— Isso significa que talvez já esteja nos caçando — disse Peter.

— Mas como poderia nos encontrar? — perguntou Rick.

Era uma boa pergunta. Eles estavam com pouco mais de um centímetro de altura e dificilmente seriam notados por uma pessoa de estatura normal.

— A partir de agora é essencial que os rádios não sejam utilizados — disse Peter.

Com o desaparecimento da Estação Bravo não teriam onde se esconder durante a noite. O sol se punha e logo a noite cairia, como sempre acontece nos trópicos.

Com o pôr do sol Erika se alarmou ainda mais.

— Não quero assustar — chamou a atenção de todos —, mas a grande maioria dos insetos é noturna e não diurna. E muitos são predadores.

— Temos que montar acampamento — disse Peter. — Temos que erguer um forte.



Não longe dali um hexápode autômato disparava ao longo da floresta; pulava por cima dos seixos, afastava as folhas com as seis pernas e trabalhava com uma energia incrível. Os motores das pernas guinchavam.

No comando, Johnstone consultava os dados e apertava um mecanismo que parecia uma luva, um controle manual. Os dados informavam os níveis de força que os servomotores imprimiam nas seis pernas da máquina. Sentado no banco do copiloto, Telius olhava para todos os lados. Ambos vestiam armaduras completas.

O autômato era movido por uma microbateria de lítio nanolaminada. Uma bateria de longa duração com uma carga extra de energia. Os veículos comuns não eram funcionais no micromundo; atolavam e as rodas giravam sem mais utilidade. E também não conseguiam passar por cima dos obstáculos. Para substituí-los, a Nanigen se inspirou nos insetos para projetar o novo transporte. Funcionava extremamente bem.

O autômato aproximou-se de um buraco.

— Pare — disse Telius.

Johnstone parou o veículo e olhou para o buraco.

— É a Echo.

— Era — corrigiu Telius.

Saltaram do veículo com as armaduras chocalhando. Caíram de pé. Ambos tinham muita prática com os movimentos corporais no micromundo e sabiam como usar a própria força. Enquanto circulavam o buraco, observavam musgo e terra. A chuva anterior tinha apagado a maioria das pistas deixadas pela passagem dos estudantes, mas Johnstone sabia que ainda estavam ali. Podia rastrear qualquer pessoa em qualquer lugar. Ficou intrigado com um musgo em cima de uma pedra. Subiu na pedra para investigar. Era um musgo à altura da cintura. Apalpou um caule delgado de esporos que se projetava do musgo com uma cápsula de esporo quebrada na extremidade. O caule estava inclinado para o ângulo direito quebrado e alguns esporos estavam espalhados e outros aderidos ao musgo. No amontoado macio de grânulos dos esporos Telius encontrou a marca de uma mão humana. Alguém tinha quebrado o caule de esporos, espalhando o pólen e deixando a marca da mão ali. Mais à frente, Telius encontrou um amontoado confuso de pegadas humanas que subia por um monte de terra e chegava a um ponto debaixo de uma folha que poderia protegê-los dos pingos da chuva.

Johnstone ajoelhou-se para examinar as pegadas.

— São de cinco… não, seis. Caminhavam em fila. — Ele desviou os olhos.

— Para sudeste.

— O que há no sudeste? — perguntou Telius.

— O estacionamento. — Johnstone apertou os olhos sorrindo.

Telius olhou para ele sem entender.

Johnstone tirou um ácaro de cima da ombreira da armadura e o arremessou longe.

— Merda de ácaros. Já sabemos qual é o plano deles.

— E qual é?

— Querem pegar uma carona até a Nanigen.

Ele estava certo. Telius concordou e seguiu as pegadas com passos apressados. Johnstone pulou de volta no hexápode e seguiu Telius, que saltava os obstáculos com passos que variavam entre o trote de um cão e uma corrida.

Vez por outra Telius se detinha para examinar as pegadas na terra fofa. Os alvos não estavam nem um pouco preocupados em encobrir os rastros. Nem sequer suspeitavam de que seriam seguidos.

Mas já estava escurecendo. Telius e Johnstone conheciam bem o micromundo. Sabiam que teriam que acampar durante a noite. Sabiam que não podiam se movimentar à noite. Jamais.

Estacionaram o hexápode. Johnstone fincou um cabo com estacas à altura do peito no solo ao redor do veículo enquanto Telius cavava uma toca debaixo do veículo. Eletrificaram a cerca com um capacitor — eletrocutaria qualquer animal que tocasse ali — e se agacharam de costas um para o outro dentro da toca, cada qual com um rifle Express calibre 600 engatilhado e pronto para entrar em ação.

Telius curvou a cabeça e pôs uma pitada de rapé no lábio inferior. Johnstone tinha levado o radiolocalizador para dentro da toca para ouvir qualquer transmissão de rádio que houvesse durante a noite. Ele não estava preocupado. Era a décima incursão que fazia ao micromundo e sabia o que estava fazendo. Ligou o radiolocalizador e, de olho na tela, se pôs à espera de sinais de transmissão na banda de setenta gigahertz — frequência utilizada nos radiotransmissores da Nanigen. Não havia sinal de conversas trocadas pelo rádio.

— Talvez não estejam com os rádios — disse.

Telius grunhiu alguma coisa em resposta e soltou uma cusparada de tabaco.

Eles engoliram a comida empacotada. Depois se levantaram para urinar, um de cada vez; enquanto um urinava, o outro dava cobertura com o rifle a gás a poucos passos de distância para o caso

de alguma coisa tentar ultrapassar a cerca eletrificada. Algum filho da mãe lá fora podia farejar a presença de alguém urinando.

Mais tarde se revezaram na sentinela; enquanto um dormia, o outro ficava de prontidão. A sentinela mantinha os olhos acima do nível do chão com óculos infravermelhos.

Johnstone não conseguia entender como aquele maldito mundo era tão animado à noite. Com os óculos IV detectava o movimento constante das criaturinhas que transitavam de um lado para o outro, ocupadas com seus malditos assuntos — insetos, um milhão de insetos rastejavam por tudo quanto é canto. Ele nem se dava ao trabalho de querer saber quem era quem. Se você viu um inseto, já viu todos. Desde que não fosse algum tipo de predador. Ele estava à espera da sombra de um camundongo. Queria matar alguma coisa grande naquela noite. Acertar um camundongo com um Express 600 era como acertar um búfalo, coisa que já tinha feito algumas vezes na África.

— Esta noite estou seco pra matar um camundongo — comentou. — Seria o máximo.

Telius grunhiu alguma coisa.

— Só não quero dar de cara com a porra de uma lacraia — acrescentou Johnstone.

# Capítulo 22



**Próximo à Estação Bravo**
**29 de outubro, 18h**

Os seis sobreviventes acharam melhor acampar no pé de uma pequena árvore em uma elevação do solo. A área não seria inundada se chovesse durante a noite. A árvore, uma *ohia*, florescia com botões vermelhos que cintilavam à luz do anoitecer.

— É melhor erguer uma paliçada — disse Peter.

Cataram gravetos secos e talos de grama morta. Separaram as lascas compridas, fincaram todas juntinhas na terra e formaram uma parede de estacas afiadas ao redor do acampamento com as pontas voltadas para fora. Fizeram uma abertura na paliçada para servir de passagem, circundada por uma barreira de estacas em ziguezague para dificultar a entrada de estranhos. Ainda sob a luz do dia, incrementaram a resistência da fortaleza. Arrastaram um monte de folhas secas para dentro da paliçada e ergueram um telhado para protegê-los da chuva e dos predadores voadores.

Em seguida, espalharam folhas no interior da paliçada. Era um grande leito improvisado que não os deixaria em contato direto com a terra sempre congestionada de vermes microscópicos. Cortaram a

lona de uma tenda que serviria de encerado sobre o leito de folhas para manter a superfície seca e mais confortável para dormir.

A fortaleza estava erguida.

Karen pegou o frasco de vaporizador que estava praticamente vazio depois de ser utilizado no combate às formigas.

— Aqui dentro tem benzoquinona. Sobraram algumas gotas para repelir um outro ataque.

— Agora, sim, me sinto bem mais confortável — disse Danny com sarcasmo.

Rick Hutter mergulhou a ponta do arpão no curare e o deixou encostado na paliçada para entrar em ação.

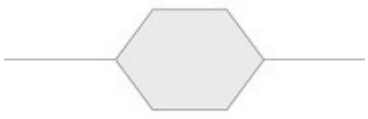
— Faremos um revezamento na sentinela — lembrou Peter para todos.

— Trocaremos de posto de duas em duas horas.

Acender uma fogueira seria apenas uma questão de tempo. No mundo normal nada seria mais natural do que acender uma fogueira para se aquecer e se proteger dos predadores. Mas no micromundo a situação era diferente.

— Os insetos são atraídos pela luz. Uma fogueira poderia atrair predadores a centenas de metros daqui. É melhor nem usarmos as lanternas de cabeça — disse Erika Moll.

Isso significava que passariam a noite em total escuridão.



À medida que as sombras viravam noite, o mundo perdia as cores e assumia um tom cinzento e negro. Eles ouviram quando aquelas batidas se aproximaram — batidas intermináveis de pés no chão.

— O que é isso? — a voz de Danny se elevou trêmula.

Logo uma horda fantasmagórica de delicadas criaturas irrompeu nas proximidades do acampamento. Eram opiliões com uma altura inacreditável e que caminhavam sobre oito pernas finas e compridas. Do ponto de vista dos jovens as pernas deviam medir mais de quatro metros. No corpo dos opiliões empoleirava-se uma pepita oval de onde emergiam dois olhos brilhantes. As pernas batiam e deslizavam pelo terreno à procura de alimento.

— Aranhas gigantes — sibilou Danny entre dentes.

— Não são aranhas — disse Karen King. — São opiliões.

— E o que é isso?

— São primos das aranhas. São inofensivos.

— Opiliões são venenosos — retrucou Danny.

— Não são! — rebateu Karen. — Não têm veneno. A maioria se alimenta de fungos e matéria em decomposição, detritos. Acho essas pernas lindas. São as girafas do micromundo.

— Só mesmo uma aracnóloga diria isso — disse Rick Hutter.

A horda de opiliões seguiu em frente e as batidas de pernas se dissiparam. Uma escuridão ainda mais intensa invadiu a floresta como uma grande onda. Os ruídos em volta se transformaram. Isso significava que uma nova horda de criaturas se aproximava.

— Mudança de guarda — a voz de Karen King soou no escuro. — Uma nova leva esfomeada.

Eles já não conseguiam enxergar uns aos outros.

À medida que a noite avançava, os ruídos se tornavam mais fortes e mais insistentes, fazendo um círculo em torno do acampamento. Ressoavam de todos os lados em grande variedade: guinchos, estrondos, gemidos, marteladas, silvos, rosnados e pulsações. A isso se juntavam as vibrações que percorriam o solo porque certos insetos se comunicam com batidas ao longo das mais diversas superfícies. Os jovens pesquisadores não entendiam uma palavra de tal comunicação.



Eles se enroscaram uns nos outros quando Amar Singh assumiu o primeiro turno de sentinela. Ele subiu até o teto de folhas da cabana com o arpão na mão e sentou-se com a coluna ereta, ouvindo e farejando o ar impregnado de feromônios.

— Não sei que cheiro é esse — disse baixinho. — Acho tudo isso muito estranho.

Como é que eles ainda podiam sentir o cheiro de alguma coisa? Já que estavam com o corpo encolhido por um fator de cem, se perguntou Amar. Os átomos existentes no corpo não estariam também cem vezes menores? Sendo assim, como é que os átomos microscópicos de um corpo podiam interagir com os átomos do mundo circundante? Isso impediria os humanos de sentir os cheiros. Isso os impediria de sentir o gosto de tudo. E como é que eles conseguiam respirar? Como é que as microscópicas moléculas de hemoglobina das células vermelhas do sangue conseguiam capturar as moléculas de oxigênio no ar que respiravam?

— Eis um paradoxo — disse em voz alta. — Como é que os átomos microscópicos do nosso corpo conseguem interagir com os átomos de grandeza regular do mundo circundante? Como é que conseguimos sentir o cheiro das coisas? Como é que conseguimos ter paladar? Como é que o nosso sangue consegue absorver o oxigênio? Já devíamos estar mortos.

Ninguém encontrou uma explicação.

— Talvez Kinsky tivesse a resposta — disse Rick.

— Ou talvez não — retrucou Peter. — Acho que nem a Nanigen consegue entender sua própria tecnologia.

Rick já vinha pensando a respeito da microdescompressão. Sempre examinava secretamente os braços e as mãos em busca de ferimentos. Mas nada ocorrera até então.

— Talvez a microdescompressão seja causada por alguma incompatibilidade entre as grandezas dos átomos — disse. — Talvez alguma coisa dê errado nas interações entre os pequenos átomos do nosso corpo e os grandes átomos circundantes.

Amar pegou um ácaro que subia pela camisa e o jogou de lado com cuidado para não feri-lo.

— E as bactérias intestinais? São trilhões de bactérias nos intestinos. Será que também encolheram?

Ninguém fazia a menor ideia.

Amar não parou por aí.

— E o que poderá acontecer se as microscópicas bactérias do nosso corpo forem soltas no ecossistema?

— Talvez todas morram de descompressão — respondeu Rick.



Um brilho prateado clareou levemente a floresta. Lá no alto a lua seguia para o meio do céu. E acompanhando a lua um grito fantasmagórico ecoou pela floresta: *puuu… eee… ooo… o-o-o…*

— Meu Deus, o que é isso? — perguntou alguém.

— Talvez uma coruja. Ouvimos em frequência mais baixa.

O pio ecoou novamente na copa de uma árvore como uma ameaça de morte embrulhada no lamento. Era a presença fatídica de uma coruja em algum lugar lá em cima.

— Agora entendo como um camundongo se sente — disse Erika.

Após o pio as duas asas sinistras da coruja cruzaram silenciosamente a copa da árvore. Ela estava com uma presa maior na mira e não se interessaria por coisinhas minúsculas como os micro-humanos.

Um estalo fez o grupo todo estremecer. O chão se ergueu.

— Tem alguma coisa aí embaixo! — disse Danny aos gritos e aos pulos. Ele se desequilibrou quando o chão se abriu e tentou se equilibrar como se estivesse no convés de um navio em águas agitadas.

Os outros se levantaram do leito de folhas com os facões empunhados enquanto a terra rugia e tremia. Amar empunhou o arpão por cima da cabeça com o coração disparado no peito. Ele seria obrigado a matar. Ele sabia disso. O grupo se dispersou e seguiu às pressas em direção à paliçada. Era melhor sair da fortaleza ou esperar até que a ameaça se concretizasse?

A ameaça se concretizou; um gigantesco cilindro rosa-acinzentado emergiu das entranhas da terra empurrando tudo à frente. Danny soltou um grito. Amar fez menção de arremessar o arpão, mas no último instante olhou melhor o movimento que a terra fazia.

— Gente, é só uma minhoca — ele disse abaixando o arpão. Não mataria uma minhoca se pudesse evitar; ela só estava fazendo o seu trabalho no chão e não ameaçava ninguém.

A minhoca não achou o que procurava. Recuou aos escorregões para dentro da terra e seguiu adiante perfurando como uma escavadeira e fazendo a cerca da paliçada tremer.

À medida que a lua subia os morcegos apareciam. Agora eram gritos assoviados, sons de *staccato* e rugidos sussurrados nas copas das árvores agitadas e nos vórtices mais acima: o sonar dos morcegos. Um rumor fantasmagórico de predadores voando com feixes de ultrassom que detectavam o ar atrás das presas. A frequência do sonar dos morcegos é muito alta para os ouvidos humanos. Mas no micromundo os morcegos eram como submarinos rasgando as profundezas.

Eles ouviram quando um morcego focalizou uma mariposa e matou-a.

A princípio ouviram uma lenta cadeia de pulsações. Logo o morcego emitiu as pulsações na direção da presa, identificou e avaliou a mariposa e calculou a distância em que estava e para onde voava. E depois as pulsações aceleraram e se tornaram mais altas. Erika Moll explicou o que estava acontecendo.

— O morcego está focalizando a mariposa com o sonar. Envia um feixe de ultrassom para a presa e fica à escuta dos ecos que retornam. São os ecos que identificam o tamanho e o formato da mariposa e para onde está voando. As pulsações aceleram quando o morcego focaliza a mariposa.

A mariposa, por sua vez, defende-se com um som alto de tamborilar ao ser esquadrinhada por um morcego.

— A audição das mariposas é muito apurada — continuou Erika quando a mariposa ouviu o sonar do morcego e começou a fazer barulho para se defender. As batidas emitidas pelos tambores do abdome da mariposa, que eram interceptadas pelo sonar do morcego, o confundiam e a deixavam invisível. A medida que o morcego se aproximava, as pulsações aceleravam e o ritmo das batidas da mariposa também acelerava para interceptar o sonar do predador. *Ping, ping, ping*, fazia o morcego. *Pom-pom-pom-pom*, fazia a mariposa para interceptar o sonar do morcego. Até que as batidas

da mariposa silenciaram abruptamente. — O morcego comeu a mariposa — disse Erika.

Eles ouviam quase em estado hipnótico o sonar dos morcegos por cima deles. De repente, um morcego sobrevoou a fortaleza com um vupt de asas de veludo. A emissão do sonar os deixou com os ouvidos zumbindo e quase surdos.

— Que mundo apavorante — disse Karen King. — E mesmo assim me sinto feliz por estar aqui. Eu devo estar louca.

— Pelo menos é interessante — comentou Rick.

— Seria bom se tivéssemos uma fogueira — resmungou Erika.

— Não podemos fazer isso. Uma fogueira nos colocaria no alvo dos predadores lá de fora — disse Peter.

Pouco antes Erika insistira em não se fazer uma fogueira, mas mesmo o velho ser humano ancestral que havia nela suplicava por uma fogueira. Uma fogueira simples, quente, luminosa e reconfortante. Uma fogueira significava segurança, mesa farta e lar. Mas em volta só havia frio e ruídos estranhos. Ela então se deu conta de que as batidas do coração ecoavam na garganta e que estava com a boca seca e que se sentia apavorada como nunca antes na vida. Enquanto o lado primitivo queria gritar a plenos pulmões e sair correndo, o lado racional sabia que seria um erro fatal se corresse às cegas no meio da noite em plena superselva. O bom senso aconselhava a se manter em silêncio e não se mover, mesmo sob a ameaça do medo primitivo do escuro.

O escuro parecia enredar e observar aqueles seres humanos.

— Daria tudo por uma luz — ela sussurrou. — Nem que fosse uma luzinha de nada. Isso me faria um bem incrível.

Peter pegou-a pela mão.

— Não tenha medo, Erika — disse.

Ela começou a chorar baixinho sem largar a mão dele.

Amar Singh apoiou o arpão nos joelhos. Confiando apenas no tato e torcendo para não se ferir, passou mais curare na ponta do

arpão sem enxergar nada. Peter começou a amolar o facão com o diamante de afiar. Um som metálico acompanhou o afiador enquanto deslizava sobre a lâmina do facão. Em seguida eles foram dormir ou tentar dormir.



Agora, os sons eram outros. Um cobertor de silêncio estendeu-se ao redor.

E a quietude os despertou. Ficaram de ouvidos atentos. A quietude era mais : inquietante que tudo mais.

— O que está havendo? — perguntou Rick Hutter.

— Peguem as armas — sussurrou Peter afobado.

Agora, o som era metálico — o som dos facões sendo apanhados e empunhados.

Logo ressoou um estranho assobio. Ressoou de diversos pontos. E aproximou-se. O que se aproximava?

— O que é isso?

— Parece uma respiração.

— Talvez seja um camundongo.

— Não é um camundongo.

— Seja lá o que for, tem pulmões.

— Sim… muitos pulmões.

— Peguem as lanternas de cabeça, rápido. Acendam ao meu sinal — disse Peter.

— Que cheiro é esse?

Um odor acre e mofado impregnou o ar. Aumentou, tomou corpo e entrou na pele deles como um óleo.

— É veneno — disse Peter Jansen.

— Que tipo de veneno? — perguntou Karen abruptamente.

Peter puxou pela memória para se lembrar dos diferentes tipos de veneno. Mas não reconheceu aquele em particular.

— Não sei se…

Um animal gigantesco aproximou-se do acampamento aos estalos.

— Acendam as lanternas! — disse Peter aos gritos.

Os feixes das lanternas de cabeça iluminaram um centípede enorme que se dirigia à paliçada. Com quatro olhos na cabeça vermelha cor de sangue e uma boca complexa que abria um par de presas avermelhadas com extremidades negras, o bicho se movia em ondas com quarenta pernas sob uma armadura segmentada cor de mogno que protegia o corpo. Era uma lacraia havaiana gigantesca, uma escolopendra, um dos maiores centípedes do planeta.

# Capítulo 23



**Fern Gully**
**30 de outubro, 2h**

Quando a escolopendra arrebentou as estacas e irrompeu pela paliçada, o grupo saiu correndo aos pulos e gritos. Com um apurado olfato agora incitado pelo odor humano, a centopeia confundiu o alvo e enterrou as presas no leito de folhas enquanto o grupo se dispersava. Com uma velocidade assustadora, ela se enrolou em volta do leito de folhas. Baldes de veneno jorrando de suas presas e impregnando o ar de fedor.

As pernas da centopeia gigante se estendiam até as presas pontudas — pés-presas. E os pés-presas carregados de veneno ejetavam ferrões. As quarenta pernas da escolopendra patinavam e babavam veneno.

Quando o telhado de folhas ruiu, Amar caiu em cima da centopeia e tentou se proteger de barriga para cima.

Karen conhecia alguns rudimentos da anatomia da centopeia e gritou:

— Cuidado com as pernas! Têm filamentos de veneno!

Amar contorceu o corpo e começou a rolar de um lado para o outro enquanto os pés-presas patinavam e investiam em sua direção com uma baba venenosa. Ele estava a ponto de ser picado por um daqueles pés.

— Amar! — gritou Peter enquanto avançava e golpeava a centopeia para afastá-la, mas o facão não penetrava na armadura. Em meio aos gritos e aos feixes luminosos e cruzados das lanternas, os outros também desfechavam golpes com os facões para abrir uma via de escape para Amar. Karen borrifava o spray de benzoquinona, mas nenhuma das tentativas incomodava a centopeia.

De repente, ela deixou de lado o leito de folhas e arremessou a cabeça para a frente e para trás enquanto abria e fechava a boca e observava o alvo. Mesmo com uma visão deficiente, detectava o odor com as antenas que estavam em plena atividade. Até que uma das antenas atirou Karen contra a cerca da paliçada.

A centopeia girou e encarou-a.

Amar, que estava deitado de costas, aproveitou a oportunidade para rolar e se levantar, soltando um grito com o arpão empunhado.

— Ei!

O grito não surtiu efeito e ele então pulou no dorso da centopeia. Ficou de pé em cima da armadura e tentou manter o equilíbrio sem saber onde enterrar o arpão ao mesmo tempo em que a centopeia se erguia.

— Acerte no coração! — gritou Karen.

Ele não sabia onde ficava o coração; o corpo se dividia em muitos segmentos.

— Onde? — ele gritou.

— No quarto segmento!

Ele contou quatro segmentos a partir da cabeça, ergueu o arpão e hesitou. Que criatura magnífica. Ela ergueu o dorso enquanto ele hesitava e isso o fez enterrar o arpão antes de ser jogado para fora. A centopeia se contorceu com o arpão enterrado no dorso, girou e de

novo se contorceu com as presas agora se fechando; uma das presas rasgou a camisa dele e com um esguicho o deixou encharcado de veneno.

Amar se encolheu e gemeu de dor com o peito em brasa enquanto a centopeia se agitava com o arpão ainda enterrado no dorso. Rick e Karen o arrastaram às pressas para longe. A centopeia desenrolou o corpo e de novo enrolou, sibilando e com o arpão ainda no dorso.

— Vamos para o alto! — gritou Karen. — Centopeias não sobem em árvores!



Como estavam acampados debaixo de uma árvore coberta de musgo, eles pularam e se agarraram com as mãos e os pés no musgo e iniciaram uma escalada. E como a gravidade era menos intensa no micromundo, escalaram a árvore com rapidez e facilidade. Os espasmos de dor impediram Amar de se agarrar na árvore e Peter o puxou pelos braços sem tocar no peito ferido. Logo depois estavam dentro de uma caverna de musgo a sessenta centímetros do solo, observando a centopeia lá embaixo.

Ela se arrastava para fora das ruínas da fortaleza com o arpão balançando no dorso. Os silvos eram ouvidos lá no alto. Ela não foi muito longe. Logo se deteve e parou de respirar. Amar desfechara um golpe mortal com o arpão. O curare de Rick surtira efeito.

Fora do alcance de qualquer outra centopeia, eles se encolheram na caverna de musgo a sessenta centímetros do solo e desligaram as lanternas de cabeça. Amar Singh começou a perder o controle. Peter e Karen o seguraram e tentaram acalmá-lo. Ele estava em estado de

choque, suava muito, a temperatura do corpo abaixava e a pele estava fria e pegajosa. Foi enrolado no cobertor térmico.

Só depois o examinaram com a ajuda de uma lanterna. Já tinha perdido muito sangue, o golpe da presa da centopeia abrira o peito até o osso e o ferimento estava encharcado de veneno. Qual teria sido a quantidade de veneno absorvido pelo corpo e o que isso poderia acarretar?

Amar se debateu e delirou, com a respiração acelerada e arfante.

— Isso queima…

— Escute. Você foi envenenado — disse Peter.

— Temos que sair deste lugar!

— Fique calmo.

— Não! — Ele se debateu muito enquanto tentavam contê-lo e acalmá-lo. — Está chegando! Está quase aqui! — disse gemendo.

— O quê?

— Nós vamos morrer! — ele gritou e tentou se desvencilhar.

Eles o agarraram com força, ainda tentando acalmá-lo.

Peter sabia que o veneno das centopeias não era conhecido a fundo pelos cientistas. Não havia vacina, não havia antídoto. O medo de Peter é que o companheiro tivesse uma parada respiratória. Alguns sintomas do envenenamento de centopeia são como os da raiva. Amar era tomado pelas ondas da hiperestesia, sensibilidade excessiva a qualquer estímulo. Os sons se tornavam mais altos e o mais leve toque na pele o fazia estremecer. A todo instante tentava tirar o cobertor térmico de cima do corpo.

— Isso queima, isso queima — ele não parava de falar.

Peter acendeu a lanterna para observá-lo melhor.

— Apague isso! — Amar agitou os braços com os olhos incomodados pela luz. Não chorava, mas as lágrimas escorriam pelo rosto. Parecia tomado por uma sensação inelutável de fatalidade. A qualquer momento poderia acontecer alguma coisa terrível. —

Temos que sair deste lugar! — disse gemendo. — Está se aproximando! Está se aproximando!

Mas não dizia que coisa era "aquela" que se aproximava.

— Corram! — gritou e se arrastou pela caverna de musgo a fim de pular para fora. Foi agarrado pelos braços e pelas pernas para que não pulasse da árvore no meio da noite.

Amar Singh se debateu e delirou por um bom tempo, mas nas primeiras horas da madrugada aquietou-se e pareceu estabilizado. Talvez vencido pela exaustão. Peter achou que isso era um bom sinal e torceu para que o companheiro se recuperasse.

— Eu vou morrer — sussurrou Amar.

— Não vai, não. Acredite.

— Já perdi a fé. Já acreditei na reencarnação. E hoje sei que não existe vida após a morte.

— O veneno está falando mais alto, Amar.

— Magoei muita gente durante a vida. E já não posso mudar isso.

— Que é isso, Amar? Você nunca magoou ninguém — disse Peter tentando passar segurança.

Foi um diálogo no escuro, porque todos temiam acender as lanternas. Erika Moll, que tinha medo do escuro desde a infância e que era atingida pelo sofrimento mais do que os outros, caiu em prantos durante os assustadores delírios de Amar. E as lágrimas não pararam mais de rolar.

— Por favor, alguém pode calar essa mulher? Foi ruim aguentar a loucura de Amar e esse choro está me tirando do sério — disse Danny Minot, esfregando o nariz e passando os dedos pelo rosto.

Mesmo notando que ele também não estava bem, Peter enlaçou Erika e afagou-lhe os cabelos. Já tinham sido amantes, mas aquilo ali era uma questão de sobrevivência e não de amor. A questão era manter todos vivos.

— Tudo ficará bem — ele disse, apertando a mão dela.

Erika começou recitar a Oração ao Senhor. ”Vater unser im Himmel…”

— Ela recorre a Deus quando se decepciona com a ciência — disse Danny.

— O que você sabe de Deus? — disse Rick.

— Tanto quanto você.

Logo todos foram dormir. O musgo era quente e macio e eles estavam exaustos depois de uma batalha lancinante. Ninguém queria dormir, mas o sono os acolheu gentilmente nos braços.

# Capítulo 24



**Chinatown, Honolulu**
**30 de outubro, 11h30**

Sentado à mesa no restaurante Deluxe Plate, no centro de Honolulu, o tenente Dan Watanabe pegou um Spam sushi com dois dedos — o prato é uma bola de arroz frito embrulhada em alga marinha com uma fatia de presuntada no centro. Depois de uma mordida, a combinação de alga, arroz frito e carne de porco salgada deixa na boca um sabor só encontrado no Havaí.

Ele mastigou e saboreou o sushi bem devagar. Durante a Segunda Guerra Mundial, os navios chegavam carregados de latas de Spam para alimentar as tropas americanas no Havaí. Os soldados combatiam à base de Spam e no fim o Spam e a bomba atômica garantiram a vitória americana. Os havaianos, por sua vez, se tomaram de amores pela carne de porco enlatada e nunca mais a deixaram de lado. Watanabe acreditava que a presuntada era um alimento para o cérebro e que podia ajudá-lo a pensar melhor no caso.

Agora mesmo ele reflete sobre o desaparecimento de um executivo da Nanigen. Aparentemente, Eric Jansen afogou-se no

Pontal de Makapuu quando o seu barco virou na arrebentação. Mas o corpo está desaparecido. Talvez tenha sido devorado pelos tubarões brancos que cruzam o Canal de Molokai — uma extensão de mar entre o Pontal de Makapuu e a ilha de Molokai. Mas pode ter sido levado pelos ventos e as correntes e desaguado nos arredores de Koko Head. De um jeito ou de outro, o corpo de Eric desapareceu. Em seguida, Peter Jansen, o irmão dele, apareceu no Havaí.

E depois Peter também desapareceu.

A polícia de Honolulu recebeu uma chamada na qual Donald Makele, o chefe da segurança da Nanigen, relatou o desaparecimento de sete pós-graduados de Massachusetts junto com Alyson F. Bender, uma executiva da Nanigen. Um dos estudantes era Peter Jansen. Os jovens passariam por um processo de seleção para trabalhar na companhia. Os oito, inclusive Alyson, tinham saído para se divertir à noite e não voltaram mais.

Don Makele telefonou para o setor de desaparecidos do Departamento de Polícia de Honolulu. A ocorrência foi registrada e estampada no *Daily Highlights*, um boletim de circulação matinal do departamento. Watanabe tomou conhecimento do fato ao folhear o *Highlights*. Dois executivos da Nanigen — Eric Jansen e Alyson Bender — estavam desaparecidos. E mais sete estudantes.

Nove pessoas ligadas à Nanigen. Desaparecidas.

Claro, muita gente desaparece no Havaí, principalmente turistas jovens. O surfe pode ser perigoso. Às vezes os garotos se embriagam até cair e outras vezes se empapuçam de drogas, de muita maconha Puna, e acabam esquecendo do próprio nome. Perdem o voo para Kauai e seguem para o litoral de Pali com as mochilas nas costas sem deixar rastros. Mas nove pessoas de lugares diferentes e com afazeres diferentes e todas ligadas à Nanigen, todas desaparecidas?

Dan Watanabe tomou um gole de café e terminou o resto do sushi com uma sensação de desconforto aliada à curiosidade

profissional. Ele quase sentia no ar o vestígio da causa provável. O perfume do crime não solucionado.

— Mais? — disse a garçonete Misty, oferecendo um bule de café.

— Obrigado.

O café Kona é muito forte, anima as tardes de qualquer um.

— Sobremesa, Dan? Temos torta de *haupia*.

Ele bateu na barriga.

— Meu Deus. Não, obrigado, Misty. Já comi a minha cota de carne de porco.

Ela deixou a conta em cima da mesa e ele olhou pela janela. Uma senhora chinesa passou puxando um carrinho de compras pela calçada com o rabo de um peixe embrulhado em jornal para fora. Uma nuvem passageira cobriu a rua e deixou tudo à sombra; a luz do sol retornou seguida por uma outra nuvem. Os ventos sempre trazem sol e chuva para Oahu. O sol e a chuva estão sempre na ilha, e os arco-íris estão sempre nas montanhas.

O tenente pôs os óculos escuros e seguiu em direção à delegacia em passos lentos enquanto passava a língua pelos dentes para remover os resíduos de comida grudados nos molares. Entrou na sua sala com um plano.

Investigar a Nanigen.

Uma investigação sigilosa.

O caso era delicado. A Nanigen era uma empresa de grande capital com um diretor-executivo famoso. Não se poderia afirmar que não tivesse conexões políticas. O caso roubaria tempo da investigação de um outro caso bizarro que envolvia três mortos: o advogado Willy Fong, o detetive particular Marcos Rodriguez e um jovem asiático não identificado. Os três mortos dentro do escritório do próprio Fong com hemorragia e muitos cortes pelo corpo. O imbróglio Willy Fong, como ele chamava, teria que esperar. De qualquer forma, o imbróglio de Willy Fong não estava chegando a lugar algum.

Ainda na delegacia, Watanabe entrou na sala de Marty Kalama, o chefe.

— Quero investigar os desaparecimentos da Nanigen.

— Por quê, Dan? — perguntou Kalama, recostando-se na cadeira e piscando os olhos sem parar.

O tenente sabia que o chefe não estava questionando os seus métodos. Só queria saber qual era a sua linha de raciocínio.

— Antes vou esperar um pouco pra ver se os desaparecidos aparecem. Se não aparecerem, reunirei uma equipe. Mas por enquanto só quero dar uma espiada por conta própria. Na moita — respondeu.

— Suspeita de ação criminosa?

— Não tenho uma causa provável. Mas as coisas não estão batendo direito.

— Tudo bem — disse Kalama. — Explique.

— Peter Jansen viu o vídeo do afogamento do irmão, o Eric, e pareceu reconhecer uma mulher, uma testemunha. Mas se conteve e disse que não a conhecia. Achei que estava mentindo. Mandei dois homens da equipe à Nanigen para colher informações sobre Eric Jansen, o executivo que se afogou. Conversaram com Drake, o presidente da companhia. O cara foi educado, mas, segundo os meus homens, ficou muito nervoso sem nenhuma razão aparente para tanto nervosismo, como se estivesse em alguma inspeção de trânsito.

— Talvez o sr…

— Drake.

— Pois é. Talvez o sr. Drake estivesse chateado pela perda do executivo.

— Ele agiu como se tivesse um cadáver no porta-malas do carro — retrucou o tenente.

Marty Kalama o olhou por cima dos óculos.

— Dan, até agora você não apresentou qualquer evidência.

O tenente bateu na própria barriga.

— Minhas tripas. O Spam está me dizendo.

Kalama assentiu.

— Tenha cuidado.

— Com o quê?

— Sabe o que a Nanigen produz?

Watanabe sorriu. Caramba. Ainda não tinha prestado atenção aos negócios da Nanigen.

— Produz pequenos robôs — continuou Kalama. — Muito pequenos mesmos.

— Tudo bem. E daí?

— Uma empresa desse porte deve ter contratos com o governo. E encrenca na certa.

— Sabe mais alguma coisa sobre a Nanigen? — perguntou Watanabe.

— Sou apenas um policial. E um policial não sabe porra nenhuma.

Watanabe sorriu.

— Vou deixá-lo fora disso.

— Para o diabo com o que você vai fazer. Cai fora daqui — disse Kalama tirando os óculos e limpando-os com um lenço de papel enquanto Watanabe se retirava. O tenente era reservado e esperto, um dos melhores detetives; ou seja, aqueles que arrumavam as piores encrencas. O tipo de encrenca que Marty Kalama adorava.

# Capítulo 25



**Fern Gully**
**30 de outubro, 7h**

Quando amanheceu, os seis sobreviventes estavam embolados dentro de um buraco de musgo de uma árvore numa encosta da floresta tropical de Koolau Pali. Os pássaros cantavam lenta e intensamente como se fossem baleias se comunicando nas profundezas do oceano.

Peter Jansen pôs a cabeça para fora do esconderijo de musgo no tronco do pé de *ohia* e observou os arredores. Lá embaixo, os destroços da fortaleza destruída e o corpo da centopeia próximo aos destroços. Boa parte da carcaça tinha sido removida pelas formigas que já começavam a esquartejá-la.

Estamos quase no fundo de um mar, pensou consigo, um mar de selva tão fundo quanto o oceano.

Esticou o pescoço e olhou para o alto do tronco. A jovem e pequena árvore parecia em chamas com a copa ardendo em botões vermelhos.

— Talvez seja melhor subirmos até o topo da árvore — ele disse.

— Pra quê? — perguntou Rick.

Ele olhou para o relógio.

— Para ter uma vista do estacionamento. Para ter certeza de que estamos na direção certa. E para observar o que está acontecendo no estacionamento.

— Faz sentido — disse Rick.

Ambos olharam para dentro do buraco de musgo. O grupo estava amontoado e Amar continuava embrulhado no cobertor aluminizado, a essa altura dormindo. O ferimento no lado esquerdo da cabeça se estendia até a fronte. Se não era um ferimento, era um sintoma da descompressão — por via das dúvidas, decidiram que Rick tomaria conta de Amar e que os outros subiriam até o alto da árvore. Rick ficaria com um rádio e os outros levariam os três restantes.

— Não liguem o rádio a não ser em caso de emergência — disse Peter.

— Será que alguém da Nanigen está na escuta? — perguntou Karen.

— A frequência do rádio só alcança trinta metros. Mas Drake pode ter suspeitado de que estamos vivos e estar na escuta. E ele é capaz de qualquer coisa — disse Peter.

O grupo saiu para escalar a árvore. Peter seria o guia até o topo. Estava com um cinto munido de bobina e linha e uma escada de corda tirada da mochila. Karen King estava com a zarabatana, os dardos e o frasco de curare de Rick. Seria a caçadora da expedição.



A escalada da árvore acabou sendo fácil. Musgos, líquens e um tronco resistente serviram de pontos de apoio para a subida. No

micromundo, eles eram mais fortes e conseguiam se dependurar com uma das mãos ou até com alguns dedos. E as quedas não eram relevantes. Não eram quedas perigosas. Nem se arranhavam.

Eles acabaram se revezando como guia na escalada do tronco. O guia era apoiado por outra pessoa logo abaixo com a bobina e o cinto, subindo o caminho pelo tronco acima com a escada de corda e jogando-a para que os outros subissem.

O tronco da árvore estava coberto por uma casca densamente felpuda de musgos e hepáticas, plantinhas bem pequenas, algumas quase microscópicas, se bem que para os micro-humanos essas plantinhas eram tão grandes quanto um matagal. A árvore também estava envolvida por uma crosta de inúmeras espécies de líquens franzidos, rendados e nodosos. As folhas eram suaves e arredondadas e os galhos serpenteavam em várias direções.

Não demorou e Danny Minot desistiu.

— Não consigo fazer isso. — Ele sentou-se em cima de um montinho de líquen de frente para o sol.

— Quer ficar aí enquanto prosseguimos? — disse Peter.

— O que eu quero é tomar um café expresso e ler Wittgenstein na Algiers Coffeehouse da Harvard Square — disse Danny com um sorriso maldoso.

Peter entregou-lhe um radiotransmissor.

— Chame em caso de emergência.

— Tudo bem.

Peter pousou a mão no ombro dele.

— Vai dar tudo certo.

— Claro que não vai dar — disse Danny, acomodando-se no montinho de líquen franzido.

— Não podemos desistir.

Danny fez uma careta, recostou-se no líquen e colocou o fone de ouvido.

— Testando. Testando. — A voz dele estalou nos ouvidos dos outros.

— Ei… rádio desligado — advertiu Peter.

— Vin Drake! Socorro! S.O.S. Estamos presos em cima de uma árvore! — disse Danny aos gritos no microfone.

— Desligue isso.

— Eu só estava brincando.



— Peguei uma transmissão. — Johnstone se debruçou sobre o rádio da cabine do hexápode com os fones no ouvido. Soltou uma gargalhada. — Babacas burros… estão pedindo ajuda ao Drake. — Olhou para as copas das árvores ao redor. — Estão em cima de alguma árvore em algum canto aqui perto.

Telius resmungou com um binóculo dependurado no pescoço. Levantou-se e olhou as copas das árvores com o binóculo, atento a movimentos e vozes. Os espiões estavam em algum canto acima deles. Não seria fácil encontrá-los.

Ele não viu nada. Apontou um dedo sem falar: por ali.

Johnstone operou o controle. Em seguida o hexápode se moveu agilmente pelo solo da floresta e quase sem fazer barulho; só se ouvia o chiado tênue dos motores localizados nas pernas.

Telius apontou para o pé de uma árvore. Um pé de pândano. E depois apontou para o alto do tronco.

— Lá em cima — disse.

Johnstone operou o controle e as garras dos pés do veículo foram substituídas por revestimentos com almofadas macias e recobertas de delgadas cerdas. Eram nanocerdas similares às almofadas das

patas das lagartixas; grudavam em qualquer superfície, inclusive vidro. O hexápode se moveu pelo tronco acima rumo ao topo da árvore. Na cabine, os dois homens não sentiam o movimento na vertical. Na verdade, quase não sentiam a gravidade.



Os alpinistas atingiram os ramos da copa da árvore *ohia* com Karen King como guia no último trecho do caminho. Ela engatinhou ao longo do ramo mais alto e mais enfolhado e de lá, em frente ao sol, descortinou uma paisagem deslumbrante. Foi seguida pelos outros que se puseram de pé no ramo enfolhado e embalado pela brisa. Os botões avermelhados e dispersos da *ohia* eram como fogos de artifício. As flores explodiam em estames vermelhos e exalavam um perfume incrivelmente doce.

Daquele ponto florido se avistavam o Vale de Manoa e as cristas das montanhas circundantes. Os flancos das montanhas cobertas de verde e cortadas de falésias rodeavam o vale e mergulhavam de picos e desfiladeiros envoltos de nuvens. As cachoeiras se projetavam das fendas pelas encostas abaixo da floresta. Ao norte, no pico Tantalus, a borda curvilínea de uma cratera vulcânica mirava o vale. Ao sudoeste, para além da estreita boca do vale, os edifícios de Honolulu mostravam que o vale estava bem perto da cidade. Mesmo assim, a sede da Nanigen, no extremo de Pearl Harbor, parecia estar a milhões de quilômetros de distância.

Mais à frente, ao sudeste, eles avistaram a estufa e o estacionamento, uma extensão de terra pontuada de poças de chuva. O estacionamento estava vazio; nada de gente, nada de veículos. Na estreita boca do vale avistaram o túnel de acesso que se estendia ao

longo de um penhasco. Avistaram o portão de segurança. Estava fechado.

Peter consultou a bússola e leu as coordenadas até o estacionamento em voz alta.

— O estacionamento está a cento e setenta graus ao sul-sudeste.

Ele olhou para o relógio. Eram nove e meia da manhã. O caminhão só chegaria ali pela tarde. Isso se chegasse. Naquele momento o vale estava aparentemente sem atividade humana.

Eles ouviram um estrondo por cima da folhagem. Abaixaram-se e se agarraram às folhas por instinto, e assim ficaram.

— Cuidado! — gritou Peter se esparramando todo. Uma borboleta gigantesca cruzou o ar. As asas rajadas de laranja, dourado e negro troavam enquanto voavam em círculos à luz do sol. Parecia uma brincadeira. Ela pairou no ar com as asas agitadas e aterrissou em cima de uma flor da *ohia*.

Gotículas de néctar cintilavam no botão. A probóscide da borboleta desenrolou, introduziu-se até o fundo da flor e alcançou uma gotícula. A sucção ressoava enquanto a borboleta engolia galões e galões de néctar.

Peter ergueu a cabeça lentamente.

Karen soltou uma risada.

— Devia ver a sua cara. Morrendo de medo de uma borboleta.

— Bem… é… hum… impressionante — disse Peter envergonhado.

De acordo com Erika era uma *kamehameha* nativa do Havaí. Soprava um vento com um odor amargo enquanto a borboleta se alimentava na flor, ora cutucando aqui, ora cutucando ali. Era uma visão adorável, mas o cheiro era insuportável.

— É uma defesa química — disse Erika. — Fenóis, se bem me lembro. Seus componentes amargos fazem uma ave vomitar.

Sem olhar para eles, a borboleta deixou a flor de lado, alçou voo com movimentos poderosos e sumiu no oceano azulado do ar.

Mas deixou uma lição. As flores vertiam gotas de açúcar. Justamente a energia de que eles precisavam. Karen King rastejou para dentro de uma flor e sorveu uma gota de néctar com as mãos.

— Experimentem isto. — A voz soou abafada de dentro da flor. Ela estremecia com ondas de energia à medida que engolia o néctar.

Os outros se arrastaram para dentro das flores e sorveram todo o néctar que puderam.



Enquanto se empanturravam, um movimento ao longe chamou a atenção de Peter.

— Alguém se aproxima — disse.

Eles desviaram os olhos e um veículo se aproximava no distante e sinuoso caminho de Honolulu. Uma camionete preta seguia ao longo da estrada à beira do penhasco como se fosse uma escalada, até que parou no portão em frente ao túnel. Com o binóculo, Peter observou o motorista que saiu da camionete, tirou uma placa amarela da traseira e colocou-a no portão.

— Ele pôs uma placa — disse.

— O que diz a placa? — perguntou Karen.

Peter balançou a cabeça.

— Não consigo ver.

— É o veículo de transporte?

— Espere.

O homem entrou na camionete e atravessou o portão, que se fechou atrás. E depois a camionete saiu do túnel, desceu o vale e parou no estacionamento. O homem saiu do veículo.

Peter observou tudo com o binóculo.

— Acho que é o mesmo cara que arrancou as estações de suprimentos. Um tipo musculoso com uma camisa *Aloha*. Na placa da camionete está escrito SEGURANÇA DA NANIGEN.

— Não é o veículo de transporte — disse Karen.

— Não é.

O homem perambulou pelo estacionamento, chutando o chão e espiando tudo. A certa altura ajoelhou-se e passou a mão debaixo de uma moita de gengibre branco.

— Ele está procurando alguma coisa no chão ao lado do estacionamento — disse Peter.

— Procurando a gente? — perguntou Karen.

— Parece que sim.

— Isso não é nada bom.

— Começou a falar no radiotransmissor. Ahn… ahn.

— O quê?

— Está olhando direto pra cá.

Karen ironizou.

— Ele não pode nos ver.

— Está apontando pra cá. E continua falando no rádio. Até parece que sabe onde estamos.

— Isso é impossível — disse Karen.

O homem então se debruçou na traseira da camionete e tirou um cilindro, talvez um spray. Acoplou o cilindro no ombro e saiu borrifando a vegetação na beira do estacionamento. E depois também borrifou toda a área do estacionamento.

— O que é aquilo? — perguntou Erika.

— Aposto que é veneno — disse Karen. — Eles sabem que estamos vivos. Acharam que podíamos pegar uma carona no caminhão e resolveram bombardear o estacionamento. Estejam certos de que não haverá mais transporte. Eles querem nos encurralar neste vale. Querem que a gente morra aqui mesmo.

— Eles que se enganem com essa ideia — disse Peter.

Karen pareceu cética.

— Como assim?

— Vamos revisar o nosso plano — disse Peter.

— Como? — perguntou Karen.

— Vamos para o Tantalus — disse Peter.

— Tantalus? Isso é loucura.

— Mas por quê? — perguntou Erika.

Peter disse que lá em cima tinha uma base da Nanigen. E que devia haver gente na base. Talvez pudessem ajudá-los. E lembrou que Jarel Kinsky mencionara aviões na Base de Tantalus. E que os chamara de microaviões.

— Microaviões? — repetiu Karen.

— Eu vi um desses na Nanigen. E vocês também viram… lembram? Aquele que achei no carro do meu irmão. Amar me ajudou a ampliá-lo. Tinha controles e uma cabine. Talvez a gente possa se apossar de um microavião e fugir daqui.

Karen olhou fixamente para Peter.

— Isso é completamente insano. Você não sabe nada dessa Base de Tantalus.

— Pelo menos não somos esperados lá e contamos com o fator surpresa.

— Olhe só a montanha — disse Karen estendendo o braço. O pico Tantalus dominava a paisagem nas alturas, uma carcaça de um cone vulcânico coberto de uma superselva quase vertical. — São uns seiscentos e poucos metros de altura. — Fez uma pausa para pensar. — Para nós seria como escalar o Everest sete vezes.

— Em compensação a gravidade não é problema para nós — retrucou Peter calmamente. Pegou o binóculo e esquadrinhou o Tantalus. De uma abertura no lábio da cratera emergia uma pedra enorme. — Talvez seja a Pedra Grande. Segundo o mapa, a Base de Tantalus está aos pés dessa pedra.

Mas Peter não podia ver a base, que devia ter poucos metros de diâmetro e não era visível àquela distância. Ele checou na bússola as coordenadas da pedra.

— Fica a trezentos e trinta graus daqui — disse. — É só seguirmos a linha da bússola…

— Levaremos semanas nisso — disse Karen. — Em poucos dias seremos atingidos pela descompressão.

— Os soldados caminham cinquenta quilômetros por dia — disse Peter.

— Nós não somos soldados — resmungou Erika.

— Acho que devemos tentar — disse Karen. — E o que faremos com Amar? Ele não pode andar.

— Podemos carregá-lo — disse Peter.

— E o que faremos com Danny? Esse cara é um saco — disse Karen.

— Danny é um de nós. Cuidaremos dele — disse Peter com firmeza.

O bip do rádio soou seguido por uma voz esganiçada e histérica. Era uma chamada de Danny.

— Por falar no diabo — murmurou Karen.

Peter pôs o fone no ouvido e ouviu os gritos de Danny.

— Socorro! Ai, meu Deus! Socorro!



Empoleirado num ramo ensolarado mais abaixo, Danny Minot acabou caindo no sono. De boca aberta roncou de cansaço depois de uma noite longa e aterrorizante. E não ouviu uma aproximação

ruidosa que planou acima dele como um helicóptero de olhos inexpressivos e atentos. Era uma vespa.

Ela aterrissou e avançou em passos lentos. Tocou a antena suavemente no braço esquerdo e depois no pescoço e no peito de Danny. Sentiu o gosto da pele. Era uma pele branca e macia como de uma lagarta. Um hospedeiro. Da extremidade do abdome da vespa emergiu um tubo comprido que parecia uma mangueira de jardim. E da extremidade do tubo emergiu uma broca.

Ela ajeitou o corpo de Danny entre as patas posteriores e cravou a broca no ombro dele. Injetou um anestésico. E depois a broca enterrou no fundo da carne.

Ela arfou com gemidos fantasmagóricos que lembravam uma mulher no trabalho de parto.

Era um sonho. O sonho se transformou. Danny se viu com uma linda mulher nos braços. Ela estava nua e gemia de desejo. Eles se beijaram. Ela enfiou a língua na garganta dele… os olhos da mulher eram complexos e bojudos… ela o apertou para que ele não se desvencilhasse… ele acordou abruptamente…

— Ai!

E se deparou com os olhos de uma vespa gigantesca. Ele estava preso entre as patas e tinha um ferrão cravado no ombro. Mas não sentia nada. Estava com o braço anestesiado.

— Não! — Ele tentou puxar o ferrão com as duas mãos para fora. Mas a vespa é que o puxou e alçou voo.

Ele rolou de costas, protegendo o braço.

— Aiii! Ai! Socorro!

O braço estava insensível e dependurado como um peso morto no ombro, como se tivesse recebido uma dose cavalar de novocaína. Pela camisa se espraiava um pequeno furo rodeado por uma umidade escura: sangue. Ele desabotoou a camisa e vertia sangue de um furo aberto no ombro com a simetria de uma broca. Mas não sentia dor.

Ele agarrou o radiotransmissor.

— Socorro! Ai, meu Deus! Socorro! — gritou.

— Danny? — soou a voz de Peter.

— Fui picado por alguma coisa… Oh, meu Deus.

— Que coisa?

— Não estou sentindo nada. Ele está morto.

— Quem está morto?

— Meu braço. Era tão grande… — Danny gemeu de terror.

Soou a voz de Rick Hutter que tomava conta de Amar Singh na caverna de musgo mais abaixo.

— O que está havendo?

— Danny foi picado — disse Peter. — Danny… fique onde está. Já vou descer.

— Já espantei a coisa.

— Que bom.

Danny encolheu-se, desviando os olhos do ombro. O sangue escorria pela camisa. Ele pôs a mão na testa. Será que estava com febre? Será que estava delirando? Começou a sussurrar.

— Não é veneno… estou bem… Não é veneno. Não é veneno, não é veneno…

Peter fez uma descida rápida e fácil com o kit de primeiros socorros, ora dependurando-se com as duas mãos, ora dependurando-se com uma das mãos.

Danny estava choramingando na posição fetal, com o rosto pálido e o braço esquerdo frouxo.

— Não estou sentindo o braço.

Peter abriu a camisa de Danny e examinou o ombro. Um pequeno ferimento causado por uma picada. Surpreendeu-se, quando o limpou com um cotonete embebido em iodo, por vê-lo impassível.

Procurou sinais de envenenamento. Viu se havia constrição ou dilatação nas pupilas dos olhos. Pareciam normais. Tomou o pulso e

verificou a respiração, sempre atento a mudanças na cor da pele e no estado mental de Danny, agora apavorado. Examinou o braço. Estava frouxo, mas a pele estava com cor. Deu um beliscão.

— Sentiu?

Danny balançou a cabeça em negativa.

— Náusea? Dor? — perguntou Peter.

— Não é veneno… Não é veneno…

— Não acho que tenha sido envenenado. — Uma picada com veneno o teria deixado muito mal; estaria sentindo muita dor e talvez já estivesse morto. O estado geral era estável. — Mas acho que está apavorado. O que picou você?

— Uma abelha, uma vespa. Sei lá — sussurrou Danny.

As vespas eram mais comuns que as abelhas no Havaí. Talvez a região tivesse milhares de espécies de vespas diferentes, a maioria não nomeada e não identificada. Seria difícil dizer que espécie de vespa tinha picado Danny.

Se é que tinha sido uma vespa. Peter pôs um band-aid em cima da picada. Rasgou uma tira da manga da própria camisa e fez uma tipoia para o braço de Danny se perguntando como o levaria até o chão.

— Consegue pular?

— Não. Talvez.

— O pulo não vai nos machucar — disse Peter enquanto chamava Karen King e Erika Moll pelo rádio, ambas ainda no topo da árvore. — Eu e Danny vamos pular daqui. Seria bom se fizessem o mesmo.

Karen e Erika se debruçaram por cima de um amontoado de folhas. Não avistaram o chão. Entreolharam-se e balançaram a cabeça.

— Tudo bem, vamos nessa — disse Karen a Peter, examinando a zarabatana para ver se estava bem presa nas costas. — Um, dois, três… — Erika pulou, seguida por Karen segundos depois.

Karen mergulhou de braços abertos como um paraquedista.

— Uau! — gritou eufórica ouvindo os gritos de Erika mais abaixo. Ambas estavam incontrolavelmente eufóricas.

Karen esticou os braços e as pernas e se esparramou no espaço aberto. O ar fluiu suavemente espesso e aguentou o peso do corpo. Era como surfar no ar. Colidiu com um galho e seguiu descendo ilesa e de braços abertos. Era como surfar nas águas do vento. Mais embaixo, Erika mergulhava com muita rapidez.

Karen pensou em retardar a queda. Rolou o corpo para a esquerda e para a direita enquanto ajeitava os braços e as pernas ao vento de maneira a retardar a queda ao máximo.

— Uauuuu! — soltou um grito quando as folhas se aproximaram. Já tinha perdido Erika de vista… mas ouvia os gritos dela…

Quando atravessou as folhas, topou com Erika presa em uma teia de aranha e se debatendo para escapar. Uma aranha esverdeada estava dependurada na beira da teia… Uma santola… extremamente venenosa…

Ainda em queda livre e com o corpo virado de lado, Karen rememorou numa fração de segundo o que sabia daquela aranha. Só conseguiria salvar Erika se caísse direto na teia. Não sentiu medo. Podia lidar com uma santola… Colidiu na beirada da teia e se manteve dependurada e balançando no ar.

A teia devia ter entre quinze e dezoito metros de diâmetro, pouco maior que uma rede de segurança de circo. Mas ao contrário de uma rede de segurança, era pegajosa e os raios de fios salpicavam gotas brilhantes de cola. Enquanto Karen se encharcava de cola e se grudava cada vez mais na teia, Erika se debatia e gritava de pânico também presa aos fios e fora do alcance. A aranha hesitou. Talvez não reconheça os humanos como presas, pensou Karen, mas vai atacar. A santola atacou em seguida.

— Fique quieta — gritou para Erika. Rolou o corpo e se pôs na frente da aranha; puxou o facão. — Ahha! — exclamou em alto e

bom som quando observou a teia à procura do fio condutor. Lá estava… saía de um dos pés da aranha e atravessava a espiral de fios até o centro. Jogou-se na teia e cortou o fio condutor.

As aranhas captam a presença de presas na teia por meio do fio condutor. Cortá-lo é como cortar um nervo, além de assustar a aranha.

A santola se afastou às pressas e se meteu numa folha enrolada — o ninho.

— Elas se assustam facilmente — disse Karen para Erika. Cortou um outro fio e as duas se soltaram. — Desculpe, querida — acrescentou para a aranha.

Elas aterrissaram em meio a um emaranhado de seda pegajosa. Erika tremia da cabeça aos pés.

— Achei que ia morrer.

Karen tirou os fios de seda de cima dela.

— Não acharia isso se conhecesse a estrutura das teias.

— Mas conheço bem os besouros — retrucou Erika.

Peter e Danny aterrissaram em cima de algumas folhas ali por perto. E depois Rick e Amar desceram com a ajuda de uma corda. Já reunidos embaixo da *ohia*, Peter anunciou a mudança do plano. Iriam para o Tantalus.



Dez minutos depois, Rick e Peter carregavam Amar enquanto o grupo entrava numa floresta de samambaias, um labirinto aparentemente interminável de caules com folhas longas e úmidas que faziam arcos como túneis estendidos em todas as direções. Espalhadas em meio às samambaias, árvores *koas* e *olopuas* junto a

brancos hibiscos *kokio* se contorciam em direção à parte superior da floresta.

Peter indicou o caminho sem tirar os olhos da bússola.

— Por aqui.

Era um corredor sinuoso por entre as samambaias. Lá no alto as frondes arqueadas cobriam o mundo de verde.

Danny saiu aos tropeções e mais adiante se deteve de olhos arregalados na direção de Amar Singh.

— Ele… ele está sangrando.

Ninguém tinha reparado. Amar se apoiou em Rick e caiu de joelhos, um filete de sangue verteu de uma narina e escorreu pelo lábio superior. O sangue jorrou pelo chão em abundância.

— Vou ficar aqui — sussurrou Amar. — É a descompressão.

# Capítulo 26



**Sob a grande copa**
**30 de outubro, 12h**

Eles estão escondidos ali — disse Telius para Johnstone quando olhou de binóculo para um amontoado de hastes de samambaias no solo da floresta. Ambos estavam sentados de cabeça para baixo nos assentos da cabine do hexápode que, por sua vez, se agarrava a uma folha de pândano, também de cabeça para baixo. Os dois homens fizeram a correção pelo rádio.

Telius manteve os olhos parados por um momento e depois fez um aceno silencioso com um dedo: solte-nos.

Johnstone apertou um botão e os coxins do hexápode se desprenderam da folha e o deixaram em queda livre. Johnstone manuseou os controles e as pernas do autômato se encolheram durante a queda. Foi caindo de pernas dobradas até que atingiu o chão, derrapou e parou de cabeça para baixo. Os dois homens estavam a salvo dentro da gaiola de proteção.

Johnstone acionou os controles. As pernas do hexápode se esticaram, ergueram o veículo, seguiram pela beira da floresta de samambaias e entraram. Telius se levantou e girou a cabeça para

ouvir melhor. Tinha ouvido alguma coisa. Indicou o lugar com o dedo e Johnstone se dirigiu para um caule de samambaia.

O hexápode escalou o tronco, entrou na folhagem e se deteve. Telius olhou de binóculo. Os alvos estavam lá embaixo. Eram seis. Um deles sangrava pelo nariz. Talvez pela descompressão. Os outros estavam em torno do ferido. O cara parecia um indiano. O sangue escorria do nariz até os lábios e o queixo. Opa… era mesmo a descompressão. Era um caso perdido.

— O pobre fodido está com hemorragia — ele murmurou para Johnstone que, por sua vez, grunhiu alguma coisa.

Enquanto observava, Telius identificou o líder do grupo — um cara esguio de cabelos castanhos e ondulados que falava com os outros eme pé e a certa distância. Só podia ser o líder do grupo. Telius reconhecia de longe um oficial. Claro, o oficial era sempre o primeiro alvo.

Estava bem configurado. Telius balançou a cabeça para Johnstone, pegou o rifle a gás e mirou no líder enquanto Johnstone assumia a tarefa de apontar o binóculo para o alvo e lhe passava as instruções. Telius mirou na cabeça do líder. Era uma arma de longo alcance, cerca de quatro metros. A folha de samambaia e o hexápode sacudiram com a brisa. Telius balançou a cabeça. Sem estabilidade. Seria um disparo arriscado e ele não deixava nada ao acaso. Teria que ser rápido no gatilho para acertar os alvos em movimento depois que derrubasse o líder, porque os outros se espalhariam como coelhos assustados. Acenou para que Johnstone abaixasse o autômato.

Johnstone virou o veículo e o fez descer pela folha de samambaia até uma posição mais estável. Telius acenou e Johnstone se deteve. Depois de se soltar, Telius saiu fora com um giro no ar e caiu no chão de quatro como um gato e com o rifle às costas. E depois se arrastou para mais perto dos alvos.



Peter abriu o kit de primeiros socorros, abaixou-se e pressionou uma compressa no nariz de Amar. Não sabia mais o que fazer. O sangramento não parava.

— Já estou acabado. Sigam em frente, por favor — disse Amar.

— Não vamos abandoná-lo.

— Sou apenas uma proteína. Deixem-me aqui.

— Amar está certo — disse Danny tocando no braço ferido. — É melhor deixá-lo aqui. Ou morreremos todos.

Peter o ignorou e retirou a compressa empapada de sangue do nariz de Amar. Já tinha perdido muito sangue e acabaria desenvolvendo uma anemia. Sem falar nos ferimentos dos braços… aparentemente, o veneno da centopeia acelerara a descompressão. O único tratamento seria a câmara de descompressão, mas eles estavam distantes da Nanigen.

— Temos que pedir socorro pelo rádio — disse Danny, abaixando-se e encarando os outros.

— Talvez Danny esteja certo — disse Erika. — Pode ser que haja uma boa alma na Nanigen.

— Talvez seja melhor pedir socorro — disse Karen. — Pode ser a única chance de salvar Amar.

Peter se levantou com o rádio na mão. — Tudo bem.



Embaixo da folha de samambaia, Telius se preparava para atirar. Pouco antes tinha estado com o líder na mira do rifle a gás, mas o cara se debruçou sobre o moribundo com hemorragia para tentar ajudá-lo. Hum. Talvez pudesse matar os dois com um único tiro. O líder e o moribundo — claro, é isso! Ajustou a mira, apertou o gatilho e o rifle a gás desfechou um violento coice para trás.



De repente, soou um silvo. Uma agulha de aço com uns trinta centímetros de comprimento passou raspando pela nuca de Peter, rasgou-lhe a camisa, penetrou no corpo de Amar Singh e detonou. A explosão arremessou fragmentos de metal e sangue para todos os lados. Arrancou o corpo de Amar do chão e o fez se espatifar no ar. Peter ficou petrificado, a cara confusa, enquanto os pedacinhos de Amar se esparramavam em volta.

Levantou-se encharcado no sangue de Amar.

— O quê…? — esboçou uma pergunta.

Os outros assistiam como se fosse uma cena irreal.

Karen olhou em volta.

— Atirador! — gritou. — Saiam daqui, protejam-se! — Enquanto corria na direção da samambaia mais próxima, notou que Peter

ainda estava paralisado… como se não conseguisse processar o ocorrido.

O segundo disparo atingiu uma folha acima da cabeça de Peter e explodiu. O impacto o fez cair no chão. Karen percebeu que o atirador estava com ele na mira. Deu meia-volta e saiu correndo na direção dele.

— Corra em ziguezague e agachado! — ela gritou. Ele precisava fugir com movimentos imprevisíveis: o atirador poderia atingi-lo durante a fuga.

— Rápido! — gritou novamente.

Peter entendeu. Saiu em disparada para a esquerda, para a direita, esquerda — direita — pare. Corra. Sempre em frente e se abrigue nas samambaias. Karen também corria em ziguezague por perto, mas não muito perto, pois se o próximo tiro…

Ele tropeçou e caiu esparramado no chão.

— Peter! — ela gritou. — Não!

Ele estava imóvel, era um alvo fácil.

— Karen… saia daqui — ele disse enquanto se levantava.

Foram as últimas palavras que disse. Logo uma agulha cruzou o ar, atingiu-lhe o peito e explodiu. Peter Jansen tombou e morreu antes de atingir o solo.

# PARTE III

# TANTALUS

# Capítulo 27



**Fern Gully**
**30 de outubro, 12h15**

Rick Hutter se viu puxado pela camisa de um bom esconderijo e ouviu o grito de Karen King.

— Levante… saia daí!

Ele pegou a zarabatana e o estojo de dardos no chão e saiu em disparada para se proteger. A essa altura Karen não estava mais à vista. Ele chegou debaixo de um toco, esbarrou em algumas folhas e continuou correndo por entre as hastes de samambaia que serviam de cobertura. Foi quando avistou o veículo inseto. Um mecanismo de seis pernas dirigido por um sujeito com uma armadura subia por uma folha de samambaia com um pequeno chiado. O homem tinha a mesma altura dele. Era um micro-humano. Parecia experiente e seguro de si.

O motorista parou o veículo e empunhou uma arma esquisita com um cano de grosso calibre. Enfiou uma agulha de metal na culatra, mirou e atirou. A arma deu um coice e silvou.

Rick assistiu à cena deitado e ofegante atrás de uma pedra, percebendo que o homem se sentia à vontade com a matança. Já

tinha despedaçado Peter e Amar a sangue-frio. Filho da puta. Pegue a zarabatana. Acerte um dardo nesse filho da puta. Acho que Karen salvou a minha vida. Fui um idiota em ficar agachado daquele jeito. Ela tirou o meu rabo da reta.

Rick abriu o estojo e olhou para o dardo com uma sensação de inutilidade. Não passava de uma vareta com um dente de garfo na ponta. Nunca penetraria na armadura daquele filho da puta. Abriu o vidro de curare, enfiou a ponta lá dentro e o fedor o fez recuar tossindo. Envenene esse dardo de qualquer maneira.

Enfiou o dardo no tubo, rastejou e olhou por cima da pedra.

Onde está o veículo? Tinha sumido de vista.

Onde se meteu?

Rick rastejou por trás da pedra com olhos e ouvidos atentos. Ouviu um chiado à esquerda. O veículo inseto. Levantou-se, correu na direção do veículo e mergulhou num amontoado de musgo quando o chiado aumentou. Ficou à espera. O chiado se aproximou ainda mais. Esticou a cabeça para fora do musgo com todo cuidado.

O veículo inseto subiu pelo musgo e parou quase em cima de Rick, que rapidamente esquadrinhou o fundo. Mas não conseguiu enxergar o cara dali.

Soou outro silvo. Era o canalha que atirava novamente.

Será que alguém mais tinha sobrevivido? *Talvez Karen estivesse morta*, pensou Rick. *E Erika também. Talvez estejam despedaçadas*.

Isso o deixou furioso.

Isso o deixou com vontade de matar. Mesmo à custa da própria vida.

Acabaram os disparos e o veículo seguiu adiante. Mais à frente se deteve e o homem falou ao rádio.

— Uma mulher a sua direita. Essa puta tem uma faca.

Essa puta.

Karen.

Não… ela levaria um tiro. Rick rastejou agitado por cima do musgo e se meteu debaixo de uma folha morta. Dali tinha uma visão direta do homem. Usava capacete, peitoral e braçadeiras, tudo de metal. Mas o queixo estava a descoberto. E o pescoço também.

Rick mirou no pescoço. Acerte na jugular. Puxou o ar lentamente para não fazer barulho e soprou com todo o fôlego que tinha.

O dardo não acertou no pescoço, mas cravou na carne tenra debaixo do queixo. Acertou no queixo, bem acima do pomo de adão. O homem soltou um grito de espanto, tombou para dentro do veículo e saiu do campo de visão. Seguiram-se uma tosse escarrada, pancadas e baques. O homem se debateu desnorteado dentro do veículo como um peixe fora d'água. Depois, silêncio.

Rick carregou a zarabatana com outro dardo envenenado e subiu na máquina. Olhou lá para dentro pronto para atirar. O homem jazia desconjuntado com a cara vermelha como uma cereja e os olhos esbugalhados, uma baba espumante escorria da boca; envenenamento por cianeto, pensou Rick. Somente a ponta estofada do dardo estava visível debaixo do queixo. O dardo penetrara em linha vertical em direção à língua e ao céu da boca e espetara o cérebro.

— Isso foi pelo Peter — disse Rick com as mãos trêmulas e logo com todo o corpo trêmulo. Era a primeira vez que matava; nunca imaginara que seria capaz de matar.

Soou um silvo à direita.

Que merda, tiros, essa não, ele pensou — um outro francoatirador. Para atirar nos meus amigos. Pegue o filho da puta. Rick pulou do veículo e saiu correndo em direção ao silvo com a zarabatana já carregada na mão. De repente, tudo escureceu por cima da cabeça e depois… uma sombra moveu-se por entre as samambaias. Ele se deteve. E logo se sentiu muito pequeno e muito indefeso. Que coisa gigantesca era aquela?

Karen percebeu que um homem saía por entre duas hastes de samambaia. Era um tipo pequeno, ágil e com movimentos felinos. Usava armadura e luva na mão direita. A mão esquerda livre se fechou em volta do gatilho de uma arma e era ela que estava na mira. Ele estava a um metro de distância. Perto demais.

Karen tinha uma faca. Mas isso não era páreo para aquela arma. Ela olhou em volta. Nenhum lugar onde se esconder.

Ele saiu por trás das hastes de samambaias com ela na mira da arma. Parecia uma brincadeira porque já estava em posição e poderia matá-la sem a menor dificuldade.

— Fim de linha — ele disse ao microfone e depois de uma pausa acrescentou. — Entendido? — Claro, sem resposta. — Entendido?

Ainda sem resposta, ele deu um passo à frente.

Foi quando irrompeu uma sombra atrás dele. A princípio Karen não sabia o que era. Era uma coisa marrom e peluda por dentro das folhas de uma samambaia. A sombra se moveu um pouco e se deteve. Talvez seja um mamífero, ela pensou, ou quem sabe um rato grande com uma pelagem marrom. Mas logo surgiu uma perna comprida, pontiaguda e articulável, um exoesqueleto coberto de pelos marrons eriçados. Só quando as folhas se abriram é que os olhos apareceram. Oito olhos.

Era uma aranha gigantesca do tamanho de uma casa. Tão gigantesca que dificilmente seria reconhecida como aranha. Mas Karen conhecia a espécie. Era uma aranha-armadeira marrom, muito comum nos trópicos. E era carnívora. As aranhas-armadeiras não tecem teias; são predadoras e fazem emboscadas em caçadas terrestres. E aquela se espremia toda no solo, significando que estava à caça. O corpo achatado e coberto de pelos tinha presas em forma de foice que se dobravam debaixo de apêndices bulbosos. Era uma fêmea. Uma fêmea que estaria enlouquecida atrás de proteínas se estivesse colocando ovos.

A imobilidade da aranha deixou Karen apreensiva. Era uma predadora de tocaia e a imobilidade significava más notícias. Significava que daria o bote.

O homem estava de costas e alheio à presença da aranha. Uma constelação de olhos o espreitava com pequenas gotas negras de vidro. O suave gemido do ar inspirado e expirado pelos pulmões da aranha localizados no abdome chegou aos ouvidos de Karen.

— Johnstone. Está me ouvindo? — disse o homem.

Ele se calou para ouvir o outro homem.

— O que houve com seu parceiro? — sussurrou Karen. — Faça-o falar.

Ele apenas a encarou. Não gostava de conversa.

Ela se manteve estática. Sem movimentos súbitos. Sabia que a aranha não enxergava bem, mesmo com muitos olhos, mas tinha uma audição apurada. Dez "ouvidos" dispersos pelas pernas — orifícios na armadura para captar os sons. Exatamente, oitenta. E os milhares de pelos nas pernas também são instrumentos auditivos, sensores vibratórios. Com os órgãos auditivos nas pernas, a aranha dispõe de uma imagem 3-D do mundo.

Se Karen fizesse qualquer ruído ou vibração, a aranha captaria a imagem sônica de uma presença. E a reconheceria como uma presa. E Karen sabia que o ataque se daria num piscar de olhos.

Ela ajoelhou-se bem devagar e pegou uma pedra. Ergueu o braço lentamente.

O homem sorriu.

— Faça isso. Já que vai se sentir melhor.

Ela atirou a pedra. A pedra atingiu o peitoral da armadura e ele caiu com um baque.

Apontou a arma para ela, mirou, deu uma risada e as presas da aranha se fecharam em torno dele e o levantaram; a arma se quebrou. Ele soltou um grito.

A aranha deu alguns passos à frente e sabe-se lá por que caiu de costas enquanto Karen corria em busca de um lugar seguro. Ainda deitada de costas, a aranha ergueu o homem no ar e enterrou as presas. As pontas afiadas como tesouras penetraram na armadura e injetaram veneno no corpo dele.

O homem transpirou muito quando o veneno foi injetado, até que a armadura estalou e das rachaduras verteram sangue misturado a veneno. O veneno agiu e o fez se curvar para trás sacudindo a cabeça de um lado para o outro. As neurotoxinas do veneno incendiavam o sistema nervoso central. Depois de se debater, ele entrou em convulsões violentas como as da epilepsia. Os olhos reviraram de tal forma durante as convulsões que apenas o branco era visível. E de repente o branco tornou-se vermelho-fogo. Os vasos de sangue estouravam nos olhos como se rompessem cada ponto do corpo; as enzimas digestivas do veneno liquidificavam a carne. Logo as hemorragias internas se espraiaram e o coração deixou de bater.

Aquele veneno era um Ebola de trinta segundos.

A aranha bombeou o veneno no corpo até que a armadura rachou e se partiu ao meio. O peitoral da armadura se abriu e as vísceras do homem irromperam com gotas de veneno.

Karen estava escondida debaixo de uma samambaia, já com Rick agachado ao lado com a zarabatana na mão.

Eles assistiram enquanto a aranha digeria a refeição.

Depois de matar a presa, a aranha girou e ergueu-se nas oito pernas para fatiá-la. Fez isso com o morto agarrado aos palpos, um par de apêndices parecidos com mãos nos dois lados da boca. As garras com lâminas internas serralhadas se abriram como canivetes. Maceraram e cortaram o corpo até convertê-lo em massa de sangue, carne, ossos partidos e dejetos intestinais, junto a tiras de Kevlar e pedaços de plástico. Os palpos da aranha fizeram um trabalho hábil na massa de carne, moldando-a em forma de bola enquanto

esguichava um líquido digestivo pela extremidade das garras. Um ou dois minutos depois os restos do corpo do homem eram apenas uma esfera liquefeita salpicada de fragmentos ósseos e pedacinhos de armadura.

— Interessante — sussurrou Karen. — A digestão da aranha é feita fora do corpo.

— Eu não sabia — disse Rick.

Já digerida a presa, a aranha enfiou o alimento embolotado na boca e sugou os fluidos da mistura com a barriga roncando sem parar enquanto bombeava. O brilho nos olhos é de devaneio, pensou Karen, ou então de satisfação.

— Precisamos nos preocupar? — perguntou Rick.

— Não enquanto ela estiver ocupada. Mas é melhor sairmos daqui antes que recomece a caçada.

Chamaram por Erika e Danny. Erika estava escondida debaixo de uma flor de hibisco, e Danny se enfiara debaixo da raiz de uma árvore.



Restavam quatro sobreviventes. Rick, Karen, Erika e Danny. Eles se reuniram, pegaram o equipamento e correram para as samambaias, deixando os corpos de Peter e Amar para trás com uma sensação terrível de vazio. Amar Singh, doce e gentil, amante das plantas, morto. Peter Jansen, também morto. Era difícil acreditar que Peter tinha morrido.

Os quatro estavam arrasados com a perda de Peter.

— Ele era tão equilibrado — disse Rick. — Eu realmente acreditava que ele podia nos tirar dessa.

— Era a nossa esperança — disse Erika em prantos. — Eu acreditava que ele acabaria nos salvando.

— Era o que eu também previa — disse Danny sentando-se e ajeitando a tipoia no braço. E depois apertou a fita adesiva dos sapatos de capim com a outra mão, abaixou a cabeça entre os joelhos e acrescentou com a voz alta e embargada. — Aconteceu o inevitável… a catástrofe… Nós realmente estamos totalmente, completamente… mortos.

— Na realidade, ainda estamos vivos — disse Rick.

— Não por muito tempo — sussurrou Danny.

— Peter era a esperança de todos nós — disse Karen. — Ele era tão… calmo. Nunca perdia a coragem. — Ela secou o suor do rosto, ajeitou a mochila e saiu caminhando. Não queria admitir para si mesma, mas pela primeira vez na vida estava descontrolada, sem saber como agir. Não fazia ideia de como poderiam retornar para a Nanigen. — Peter era o único capaz de nos guiar. E agora estamos sem o nosso líder.

— Sim, e obviamente Drake sabe que estamos vivos e está tentando nos eliminar… mandando assassinos de aluguel para isso — comentou Rick. — Já nos livramos de dois matadores, mas não sabemos se há outros por aí com ordens de nos matar.

— Dois matadores? — repetiu Karen.

— Olhe para a frente — disse Rick com um sorriso malicioso.

O hexápode equilibrava-se meio torto em cima de um amontoado de musgo. Ele pulou para dentro do veículo. Em seguida arremessou um cadáver que girou no ar e se estatelou com um baque aos pés de Karen que, por sua vez, observou o dardo enterrado no pescoço do cadáver ainda com a armadura, os olhos esbugalhados… a língua espumosa dependurada para fora da boca…

Ela prendeu o fôlego. Eram dois atiradores de elite. Rick não tinha dito nada.

— Você matou… este homem…

— Entrem — disse Rick à frente dos controles. — Vamos motorizados para Tantalus. E agora já temos uma arma.

# Capítulo 28



**Vale de Manoa**
**30 de outubro, 13h45**

A camionete subiu pela estrada estreita que dava no vale Manoa. Era uma velha Toyota pintada de spray em várias cores, com rack para prancha de surfe e pneus que pareciam sofrer de elefantíase de tão grandes que eram. Parou em frente ao portão do túnel e um homem pulou lá de dentro. Caminhou até o portão e leu a placa: PROPRIEDADE PARTICULAR. PROIBIDA A ENTRADA.

— Merda — disse Eric Jansen, sacudindo o portão. Observou a fechadura. Com controle digital de segurança. Tentou alguns códigos da empresa, nenhum funcionou. Claro, o canalha do Vin mudou a senha, pensou.

Voltou para a camionete, deu marcha a ré, pegou um desvio na estrada e entrou no meio do mato. Se alguém da Nanigen encontrasse o veículo, presumiria ser de um plantador de maconha supervisionando sua colheita na montanha. E não o vice-presidente da empresa à procura do irmão.

Pôs a mochila às costas, seguiu pela estrada apressado, deslizou por baixo do portão e atravessou o túnel correndo. Ao sair do túnel,

deixou a estrada, entrou na floresta e lá abriu a mochila e tirou um laptop e uma caixa artesanal de circuitos eletrônicos com uma aparência complicada: placas soldadas, antena. Colocou os fones de ouvido e ficou à escuta, esquadrinhando os arredores com uma banda de setenta gigahertz. Não ouviu nada. Mudou a frequência, checou a banda sem fio de comunicação privada da Tantalus Nanigen e ouviu um silvo ilegível. Sempre ouvia isso nas conversas internas da companhia. O único problema era decifrá-lo.

Ficou esperando, na escuta, durante três horas, até que a bateria descarregou. Guardou o equipamento, voltou correndo para a estrada, atravessou o túnel, entrou na camionete e se foi. Ninguém o tinha visto, pois não havia ninguém lá. Retornaria no dia seguinte para outra escuta. Talvez Peter e os outros estivessem em algum canto do vale. Eric não sabia onde eles estavam, mas sabia que estavam desaparecidos.

# Capítulo 29



**Honolulu**
**30 de outubro, 13h**

De sua sala sem janelas, Dan Watanabe telefonou para um policial da unidade de desaparecidos.

— Quero saber se há informações novas sobre aqueles estudantes.

— Engraçado você perguntar. Telefone para Nanci Harfield. Ela está agora mesmo no Distrito 8.

Nanci Harfield era sargento na Divisão de Trânsito e o Distrito 8 cobria o lado sudoeste de Oahu.

— Estou em Kaena — ela disse para Watanabe. — Um carro de luxo capotou no canal debaixo da Ponte 1929. O veículo está registrado em nome de Alyson Bender e pertence à Nanigen MicroTechnologies. Há um corpo preso às ferragens. Pela aparência, de uma mulher. Não há sinais de outros corpos.

— Gostaria de dar uma olhada — disse Watanabe.

Ele entrou no seu Ford Crown Victoria sem identificação e dirigiu facilmente a uns 140 km por hora ao longo da rodovia em torno de Pearl Harbor até chegar a Waianae, uma cidade localizada na costa

sudoeste de Oahu. A região era o lado de sotavento da ilha, um lugar seco e ensolarado com praias banhadas por ondas tranquilas onde os pequenos keikis podiam brincar e remar. Mas também era o lado mais duro da ilha na questão da aplicação da lei. Ali havia muitos arrombadores de carros e ladrões insignificantes, mas pouquíssimos casos de violência. Antes, por volta dos anos 1800, época do reino do Havaí, o lado de sotavento de Oahu era um lugar violento, um covil de facínoras que roubavam e assassinavam os que se aventuravam por lá. Agora, os crimes eram principalmente contra a propriedade.

Um automóvel estava capotado em cima de um banco de areia em Kaena Point. O caminhão guincho do Departamento de Polícia estava estacionado na estrada. O cabo que ligava o guindaste ao automóvel descia pelo mato com dificuldade. O automóvel ficou de bico enquanto era içado pelo cabo e só ficou na posição correta quando colocado em terra firme. Era um Bentley conversível azul-marinho com uma capota lisa rasgada e quebrada. Da carroceria pingavam areia e água, e sentado no banco do motorista, jazia o corpo de uma mulher.

Ao descer a encosta, Watanabe escorregou e rasgou a calça, lamentando-se por ter vindo com sapatos comuns.

Quando chegou ao automóvel, o cabo já o havia colocado em terra firme. A morta vestia terninho escuro. Os cabelos caíam enroscados no rosto e entupiam a boca. A mulher tinha as órbitas vazias: os peixes comeram seus olhos.

O tenente se curvou por cima do cadáver e observou o interior do conversível. Peças de vestuário espalhadas em cantos encharcados, dependuradas nos bancos e enroladas nas ferragens da capota. Bermudas. Um cinto de couro de cobra mastigado pelos peixes. Uma calcinha verde-clara. Outra bermuda, ainda com a etiqueta de preço. Uma camisa Hilo Hattie. Uma calça jeans com um rasgão no joelho direito.

— Essa moça ia lavar roupa? — perguntou para um oficial. Eram roupas de moda jovem. Pegou um jarro plástico que estava enfiado sob o painel e leu a etiqueta. — Etanol. Humm. — Encontrou uma bolsinha no banco traseiro. Na bolsinha, uma carteira de habilitação em nome de Jenny H. Linn. Um dos estudantes desaparecidos. Mas ali só estava o corpo de uma mulher… que podia não ser de Alyson Bender. A certeza só viria depois do exame pericial.

Watanabe escalou a encosta de volta à estrada. Nanci Harfield e um outro oficial acabavam de fotografar e medir as marcas de pneus na areia que levavam ao limite da estrada.

Ele se dirigiu a Harfield.

— O que acha?

— Parece que o carro parou aqui antes de se projetar. Só depois despencou. — A policial tinha procurado pegadas entre os cascalhos e as marcas dos pneus. O chão estava revirado, mas sem pegadas claras. — Pelo visto, a motorista parou bem aqui — continuou. — E depois despencou com o carro sem usar os freios. Se houvesse freadas, as marcas estariam no chão. E sem marcas pode-se concluir que ela não tentou parar. Talvez tenha parado aqui para pensar, depois ligou o carro e despencou.

— Suicídio? — perguntou Watanabe.

— É uma possibilidade. Compatível com as marcas.

A equipe de peritos fotografou e filmou. Retiraram o corpo e o transferiram para uma ambulância que saiu do local sem fazer alarde e com as luzes piscando. Foi seguida pelo caminhão guincho da polícia que levava o Bentley ainda pingando água salgada.

Sentado atrás de sua escrivaninha na central de polícia, Watanabe olhou fixamente para a parede de metal riscada para onde sempre olhava quando queria clarear as ideias. Não lhe saía da cabeça que alguém tinha plantado as roupas dentro do carro. Principalmente aquela carteira. Ninguém deixa uma carteira para trás quando sai de algum lugar. Jenny Linn teria levado a carteira se tivesse saído voluntariamente. E se não tivesse saído voluntariamente? E se tivesse sido sequestrada? Será que tinha acontecido um acidente de barco? Isso explicaria aquela gente toda desaparecida ao mesmo tempo.

Ele telefonou para a Unidade de Crimes Contra a Propriedade e perguntou se havia alguma queixa de desaparecimento de barcos. Não recentemente. E de novo fixou os olhos na parede. Era hora de deglutir um providencial Spam sushi.

Mas o telefone tocou. Era um oficial da unidade de desaparecidos.

— Temos um outro desaparecido.

— É mesmo? Quem?

— Joanna Kinsky telefonou para comunicar que o marido não voltou do trabalho na noite passada. É um dos engenheiros da Nanigen.

— Outro desaparecido da Nanigen? Você só pode estar brincando…

— A sra. Kinsky disse que havia telefonado para a companhia. E que lá disseram que ninguém via o marido dela desde a tarde de ontem.

O chefe da segurança não havia relatado o ocorrido. Era muita gente da Nanigen saindo de cena na pacata e pequena Honolulu.

Outra chamada telefônica. Era Dorothy Girt, cientista forense da Seção de Investigação Científica.

— Dan… pode descer aqui pra ver uma coisa? É o caso Fong. Encontrei algo.

Merda. O imbróglio Willy Fong. Era tudo de que não precisava naquele momento.



Don Makele entrou no escritório de Vin Drake com a cara amarrada de preocupação.

— Telius e Johnstone estão mortos.

Drake trincou os dentes.

— O que houve?

— Perdi o contato de rádio com eles. Já tinham localizado os sobreviventes. Já tinham iniciado… hum… a operação de resgate — disse Makele, suando em bicas. — Nesse meio-tempo foram atacados por alguma coisa. Ouvi gritos e depois… Telius… bem… ele foi comido.

— Comido?

— Ouvi tudo. Foi algum predador. O rádio emudeceu. Fiquei chamando um tempão. Não houve mais transmissões.

— O que acha disso?

— Acho que todos estão mortos.

— Por quê?

— Eram os meus melhores homens. Alguma coisa arrebentou as armas e as armaduras.

— Então, os estudantes…

Makele assentiu.

— Sem chance.

Drake recostou-se na cadeira.

— Então, acidente com um predador.

Makele mordiscou os lábios.

— Quando eu estive no Afeganistão, pude observar uma peculiaridade dos acidentes.

— E qual é? — perguntou Drake.

— São mais frequentes entre os idiotas.

Drake deu uma risada.

— Isso é verdade.

— O resgate… fracassou, senhor.

Drake se deu conta de que Don Makele havia entendido perfeitamente o significado de *resgate*. Apesar disso, ainda tinha lá suas dúvidas.

— Como pode estar certo, Don, de que o resgate… hum… não foi bem-sucedido?

— Não há sobreviventes. Tenho certeza disso.

— Então, mostre os corpos.

— Mas eles não estão…

— Não acreditarei que os estudantes estejam mortos até que apareçam evidências da morte. — Drake recostou-se na cadeira. — Não pouparemos esforços para salvá-los enquanto houver esperança. Mas sem muito esforço. Fui claro?

Makele saiu do escritório sem dizer nada. Não havia mais nada a dizer.

Já Vin Drake sentiu-se razoavelmente bem com a notícia da morte de Telius e Johnstone. Não teria mais que pagar bônus em lotes de ações para os dois. Mas ainda não podia dar a morte dos estudantes por certa. Até porque já tinham mostrado algumas habilidades de sobrevivência e uma tenacidade surpreendente, de modo que as tentativas de acabar de uma vez por todas com eles seguiriam em frente, porque alguns poderiam ter sobrevivido.

# Capítulo 30



**A Pali**
**30 de outubro, 16h**

Essa coisa seria o máximo no trânsito de Boston — comentou Karen King enquanto dirigia o hexápode em meio a uma selva de pedras e talos de capim de uma encosta íngreme. O veículo sacolejava de um lado para o outro.

— Cuidado com o meu braço. Por favor! — disse Danny sentado no banco do copiloto e protegendo o braço esquerdo, que parecia uma salsicha pendurada na boca. Já estava muito inchado e apertava a manga da camisa. O hexápode seguia adiante, firme e forte, as pernas chiavam ao escalar aquele mundo vertical com miríades de verdes cintilantes. Erika estava encolhida e amarrada a uma corda no compartimento de carga à traseira. Rick caminhava ao lado do veículo de olhos atentos nos predadores, com o rifle de gás na mão e uma bandoleira de balas de agulha pendurada no ombro.

O terreno tornava-se cada vez mais íngreme. Além da terra, os cascalhos, a areia e as pedras de lava protuberantes ornamentadas de capim e pequenas samambaias. Pés de *koas* e guava retorciam-se aqui e ali em meio às hastes retas e delgadas das palmeiras *loulu*.

Algumas árvores estavam tomadas de trepadeiras. Os galhos agitavam-se aos ventos que sopravam continuamente na montanha, às vezes sacolejando o veículo e os humanos. Uma parede — uma nuvem — de névoa infiltrava-se na vegetação junto à cintilação dos raios do sol.

Os jovens pesquisadores estavam abalados com as mortes de Peter Jansen e Amar Singh. O grupo de oito pessoas reduzira-se a quatro sobreviventes no micromundo. Em dois dias o número caiu pela metade. Cinquenta por cento de fatalidades, uma terrível estatística, pensou Rick Hutter. Pior que a expectativa de vida dos soldados que combateram na Normandia. E ele previa mais baixas no caminho — a menos que fossem resgatados como que por milagre. Mas o problema é que não podiam se revelar para ninguém da Nanigen; as forças de Vin Drake se mobilizavam para encontrá-los e dar cabo deles.

— Vin Drake ainda está em nosso encalço — ele disse. — Tenho certeza disso.

— Pare com isso — disse Karen. Não fazia sentido mencionar Vin Drake quando isso os deixava ainda mais indefesos. — Peter não desistiria — acrescentou mais calma enquanto manipulava os controles do hexápode e o conduzia em direção a uma gigantesca pedra. Rick pulou em cima para pegar uma carona.

Seguiram pela vegetação da montanha acima. Reentrâncias nas copas das árvores abriam uma paisagem deslumbrante. Falésias e lâminas descaíam por todos os lados e uma cachoeira rugia nos arredores. Lá no alto uma crista estendia-se em curva, desenhando o lábio da Cratera Tantalus. À medida que marchavam, os pés do hexápode despertavam organismos vivos. Colêmbolos saltitavam apavorados pelo ar; lagartas fervilhavam e se contorciam; ácaros corriam de um lado para o outro e alguns escalavam as pernas da máquina. Eram espantados para fora porque poderiam se espalhar e depositar pequenos excrementos lá dentro, fazendo uma sujeira

danada no equipamento. Uma revoada de milhares de insetos zumbiu e espiralou pelo ar sob o brilho do sol.

— Não consigo suportar essa abundância de vida — disse Danny, dobrando-se sobre o braço machucado com uma expressão de dor.

— Se as baterias aguentarem, nós chegaremos à Tantalus pelo anoitecer — disse Rick.

— E depois? — perguntou Karen, manuseando os controles.

— Faremos um reconhecimento. Estudaremos a base e decidiremos o próximo passo.

— E se a base não estiver lá? E se foi retirada como as estações?

— Por que você é sempre tão pessimista?

— Só estou tentando me manter realista, Rick.

— Tudo bem, Karen. Qual é o seu plano?

Ela não tinha um plano e não respondeu. Seguir em direção à Tantalus e esperar por alguma mudança, isso não era bem um plano, era uma ave-maria. Seguiram em frente e ela refletiu sobre a situação do grupo. Ela própria estava muito amedrontada, admitia isso, mas o medo a impelia e a tornava cada vez mais viva. Quanto tempo mais viveria? Talvez um dia, talvez algumas horas. Se minha vida for tão curta quanto a de um inseto, o melhor é dar tudo de mim, disse para si mesma.

Karen olhou para Rick. Como ele fazia aquilo? Seguia em frente com a arma dependurada no ombro e a arrogância de quem não estava nem aí para o mundo. Por um segundo sentiu inveja dele, se bem que não gostava dele.

Ela ouviu um gemido. Era Erika que estava sentada à traseira do veículo com os braços enrodilhados nos joelhos.

— Tudo bem com você, Erika? — perguntou.

— Tudo bem.

— Está… assustada?

— É óbvio que estou assustada.

— Não fique assim. Pense que tudo vai acabar bem — disse Karen.

Erika não replicou. Pelo visto, não sabia lidar com a pressão da jornada. Karen ficou muito preocupada com ela.



Don Makele se dirigiu ao centro de comunicação da Nanigen, um pequeno escritório com equipamento de rádio e internet sem fio.

— Preciso rastrear os dados de comunicação de uma peça do equipamento perdida no Vale de Manoa — disse para a jovem que monitorava os canais da companhia e lhe deu o número de série da peça.

— Que tipo de equipamento? — perguntou a mulher.

— Experimental. — Ele não podia dizer que era um hexápode avançado do Projeto Omicron.

Ela digitou os comandos por controle remoto e ligou o poderoso transmissor de setenta e dois gigahertz do telhado da estufa do Waipaka Arboretum. Era um transmissor com visada direta.

— Para onde devo apontar?

— Noroeste. Na direção da Estação Echo de suprimentos.

Ela digitou no teclado, orientando o transmissor.

— Peguei.

— Agora, use o comando ping.

A mulher teclou um dos comandos e olhou para a tela.

— Nada — disse.

— Faça uma busca padrão no entorno.

Ela digitou no teclado durante um tempo mais longo. Mesmo assim, nada.

— Aponte o transmissor para o lado da montanha. Faça checagens sequenciais.

Ela digitou um pouco mais e se mostrou radiante.

— Peguei — disse.

— Onde está o equipamento?

— Meu Deus. Lá nos penhascos. Está a meio caminho da Cratera Tantalus. — Ela apontou para a tela, para uma imagem do terreno na lateral da montanha bem acima do Vale de Manoa. — Como o equipamento foi parar lá? — perguntou.

— Não sei — disse Makele.

Alguém tinha sobrevivido. E agora dirigia o hexápode montanha acima. Interessante.

Makele retornou ao escritório de Drake.

— Rastreei o hexápode, só por curiosidade. E tive um retorno. Adivinhe? Ele está a meio caminho da Cratera Tantalus.

Drake apertou os olhos. Que inferno. Alguém tinha sobrevivido ao predador que acabara com a raça de Telius e Johnstone.

— Podemos encontrá-lo e recuperá-lo?

— Aquelas encostas são muito íngremes. Não sei se poderíamos alcançá-lo agora. Até porque não temos a localização exata dele. Só temos uma localização aproximada das falésias. Um perímetro de duzentos metros.

Um sorriso discreto se esboçou no canto da boca de Drake e cresceu até se abrir de orelha a orelha.

— Talvez… talvez estejam se dirigindo para a Base de Tantalus.

— Sim. É possível.

Drake soltou uma gargalhada.

— Base de Tantalus! Ahhh! Gostaria muito de ver a cara deles quando virem Tantalus. Vão ter uma baita surpresa… se chegarem lá. — Ele assumiu um ar sério. — Suba até a cratera e trate de garantir que tenham essa surpresa. Ficarei rastreando o progresso deles.



Rick dirigia o hexápode quando o painel de comunicação acendeu, após um bip, com uma mensagem cintilante: RESPOSTA 23094-451.

— Que diabo é isso? — ele perguntou.

Danny tombou no banco do copiloto.

— Desligue isso.

— Não posso. Esse treco age por conta própria.

Será que alguém tentava se comunicar com eles? Talvez Drake, pensou Rick. Mas o painel desligou e o deixou com a sensação de que talvez Drake já soubesse onde eles estavam. Nesse caso, o que fariam quando fossem encontrados? O rifle a gás não surtia efeito em pessoas de dimensão normal. Karen caminhava ao lado do veículo.

— O rádio está bem estranho — disse.

Ela deu de ombros.

O terreno fez uma elevação com um ângulo agudo. Rick comandou o autômato por uma falésia baixinha acima. E depois seguiu em frente, contornou uma moita de tiririca e se deparou com uma pedra.

— Pare! — disse ao avistar algo debaixo da pedra. Algo negro e brilhante.

— Tem um besouro escondido ali — acrescentou. — Erika, de que espécie é?

Ela fixou os olhos no besouro. Era um Metromenus, da mesma espécie do outro que tinham visto quando chegaram ao micromundo.

— Cuidado — disse. — Ele borrifou um jato terrível.

— Exatamente — disse Rick.

— Qual é a sua? — disse Karen.

— Há uma guerra química lá fora. Também precisamos de armas químicas.

— Não precisamos disso — afirmou Karen. — Já temos o spray de benzoquinona. — Ela tirou do bolso o spray com o composto5 de autodefesa que tinha feito no laboratório e que apresentaria para Vin Drake. Mas apertou o injetor e não saiu nada. Tinha sido gasto na centopeia.

Decidido a recarregá-lo, Rick rastejou com o rifle a gás, mirou e atirou no besouro. A agulha penetrou na armadura. Soou uma explosão abafada e logo o besouro estremecia e borrifava substâncias químicas em volta enquanto era acometido de espasmos. E no fim, o ar fedeu a ácido.

Erika garantiu que ainda restava uma boa quantidade de substâncias dentro do besouro e Rick então vestiu o traje de cientista maluco — avental de borracha, óculos de proteção e luvas — e se pôs ao trabalho.

Primeiro, virou o besouro de barriga para cima. Depois, começou a dar pancadinhas nos segmentos das juntas do abdome com o facão para encontrar uma abertura.

— Corte entre o sexto e o sétimo segmento. Erga as placas de escleritos… com cuidado — disse Erika.

Ele fez o corte, passando a lâmina ao longo dos segmentos indicados, e depois fez uma alavanca com o facão e ergueu as placas blindadas que se soltaram com o som de um rasgão, deixando a gordura à mostra. Começou a cortar a gordura com todo cuidado.

— Procure um par de bolsas químicas na base do abdome — disse Erika, ajoelhando-se ao lado. — Não estoure as bolsas, senão vai se arrepender.

Rick ergueu um órgão parecido com uma bola de futebol americano e depois ergueu o outro. Eram as bolsas de substâncias químicas. Os músculos as mantinham fechadas. Seguindo as instruções de Erika, cortou um dos músculos e começou a jorrar um líquido da bolsa. Um líquido fedorento.

— É benzoquinona — disse Erika. — Misturada com ácido caprílico, um detergente. Esse ácido gruda os elementos químicos nas superfícies, o que aumenta o seu poder como arma. Não deixe cair na pele.

Foi um prazer para Karen vê-la interessada em alguma coisa. Erika andava muito calada, muito deprimida. Pelo menos, isso a distraía.

Rick coletou o líquido com um frasco e, depois de tampá-lo, estendeu para Karen.

— Aí está. Sua proteção.

Ela ficou impressionada. Ele tinha muita energia. Ela devia ter pensado em coletar as substâncias químicas muito antes. Ele se mostrava inteiramente capacitado para transitar no micromundo, e parecia gostar disso. Mas nem por isso gostava de Rick Hutter, se bem que ela ficou surpresa quando se viu feliz por tê-lo como companheiro na jornada.

— Obrigada — disse, antes de pôr o frasco no bolso.

— De nada — ele disse, antes de tirar o traje de cientista maluco e guardá-lo.

E eles retomaram a escalada.

A terra virou uma ladeira muito íngreme — quase uma vertical — e em seguida eles chegaram à base de um penhasco interminável que se projetava para cima até onde a vista não alcançava, estendendo-se em rochas espumantes drapeadas de líquens e musgos e pontilhadas de tufos de samambaias *uluhe*. Aparentemente, era impossível contorná-lo.

— Que se dane o precipício. Em frente, velocidade máxima — disse Rick.

Já convencidos de que o equipamento estava firme, ele e Erika pularam na traseira e se amarraram enquanto Karen assumia a direção. Os pés do hexápode se fixaram como uma luva na rocha e ele seguiu para o alto. E logo estava a toda velocidade e ganhava altitude com muita rapidez.

Mas o penhasco parecia não ter fim.

O dia acabava e eles não faziam ideia de quanto tinham percorrido e de quanto ainda tinham a percorrer. O leitor da bateria assinalava que estava acabando a energia, o veículo só contava com mais ou menos um terço da força da bateria.

— Acho que é melhor acampar aqui no penhasco — disse Rick. — Talvez aqui seja mais seguro que em qualquer outro lugar.

Eles encontraram uma saliência no paredão e estacionaram. Era um lugar adorável com vista para todo o vale. Comeram os últimos bifes do gafanhoto.

Danny espalhou algumas tralhas na traseira do veículo para passar a noite ali. Estava com o braço muito inchado, dependurado e sem vida. Nem parecia pertencer a ele; era um peso morto.

— Oooh — ele sussurrou, fazendo uma careta e protegendo o braço.

— O que foi agora? — perguntou Rick.

— Meu braço estalou.

— Estalou?

— Não foi nada. Só um estalo.

— Vou dar uma olhada — disse Rick, inclinando-se por cima de Danny.

— Não.

— Pare com isso. Arregace logo a manga.

— Não é nada, está bem?

O braço esquerdo de Danny, além de estar dependurado e sem vida, deixava a camisa esticada e a manga bojuda e apertada. E a camisa estava imunda.

— Arregace a manga para o braço tomar um pouco de ar fresco — disse Rick. — Está infeccionado.

— Cai fora. Você não é minha mãe. — Danny enfiou um trapo debaixo da nuca como travesseiro e se enroscou na cama improvisada.

Pali escureceu. Os ruídos secretos da noite e dos insetos se elevaram outra vez.

Rick sentou no banco do copiloto.

— É melhor dormir, Karen. Ficarei acordado.

— Está tudo bem. Por que você não tenta dormir, Rick? Faço a primeira sentinela.

Ambos ficaram acordados, ambos fizeram uma sentinela silenciosa enquanto Erika e Danny dormiam. Os morcegos apareceram e cruzaram o céu com guinchos e ecos enquanto pegavam mariposas e outros insetos pelo ar.

— Esses morcegos não me deixam dormir — disse Danny inquieto, roncando em seguida. A lua subia no Vale de Manoa, transformando as cachoeiras em fios prateados caindo no vazio. Um arco de luz brilhante cercou uma das cachoeiras. Rick fixou os olhos no arco: que luz era aquela em volta da cachoeira? Tremeluzia e mudava de forma.

Karen também notou. Apontou o arpão na direção da luz.

— Faz ideia do que seja aquilo?

— Não.

— E um arco-íris lunar. — Ela tocou no braço dele. — Olhe só! Um arco-íris lunar duplo.

Eu nem sabia que arco-íris lunares existiam, pensou Rick. Somos peregrinos nesse perigoso Éden. Que sorte ser prisioneiro no Éden ao lado de Karen King. Olhou de relance para ela. Até que era bonita e muito mais à luz do luar. Nada a abatia demais, nada a derrotava. Era uma boa parceira de expedição. Embora não se dessem bem, era preciso reconhecer que ela sempre esbanjava coragem. O que o incomodava era o temperamento tão desregrado, tão do contra de Karen King. Ele adormeceu e acordou com ela respirando docemente adormecida, com a cabeça no ombro dele.

# Capítulo 31



**Rua Beretania, Honolulu**
**30 de outubro, 16h30**

Que estranho — exclamou Dorothy Girt, a experiente cientista forense do Departamento de Polícia de Honolulu, com os olhos fixos no microscópio binocular Zeiss. — Nunca vi nada igual.

Levantou-se e Dan Watanabe sentou-se ao microscópio. Eles estavam na área aberta subdividida em pequenos laboratórios. Laboratórios que abrigavam equipamentos de testes e de imagiologia, microscópios e computadores. Ele ajustou as lentes e fixou os olhos.

Surgiu… um minúsculo objeto aparentemente metálico.

— Qual é o tamanho disso?

— Um milímetro.

Era maior que uma semente de papoula. Mas era uma máquina. Ou parecia ser.

— Que diabo é…? — ele iniciou a frase.

— Estou sentindo o mesmo.

— De onde veio isso?

— Do escritório de Fong — respondeu Dorothy Girt. — Os peritos fizeram uma varredura nas pistas do local. Pegaram esse objeto em cima de uma fita adesiva perto da tranca de uma janela.

Watanabe ampliou o foco e esquadrinhou atentamente o objeto. Danificado, talvez quebrado, recoberto por um material escuro parecido com alcatrão. Lembra vagamente um aspirador de pó, fora essa coisa em cima parecida com um ventilador. Lâminas de ventilador dentro de um compartimento. Como as lâminas de um jato. E ainda um pescoço longo e flexível, como o pescoço de um ganso, e duas peças de metal achatadas e cortantes acopladas na extremidade.

— Isso deve ter caído do computador de alguém — ele disse.

Dorothy Girt, que estava debruçada sobre a bancada ao lado, se empertigou e disse baixinho:

— Computadores têm facas?

Ele olhou novamente. As duas peças de metal achatadas no pescoço de um ganso agora pareciam duas lâminas. Punhais cruzados e brilhantes na extremidade de um braço flexível.

— Você acha…? — ele iniciou a frase.

— Dan, eu quero saber o que você acha.

Ele girou o zoom e ampliou a imagem dos punhais ao máximo. Na verdade, eram instrumentos de precisão forjados e polidos. As lâminas lembravam o tantô, punhal japonês utilizado pelos samurais. E estavam manchadas de um material escuro e sujo. Foi quando se deu conta de que eram células. Células vermelhas de sangue seco. Células misturadas com fibrina.

— Estou vendo sangue — disse.

— Também vi.

— Qual o tamanho dessas lâminas?

— Menos de meio milímetro — respondeu Dorothy.

— Então, nada a ver — ele disse. — As vítimas sangraram até morrer com cortes de mais de dois centímetros de profundidade.

Cortes na jugular. São lâminas pequenas demais para cortar a garganta de alguém. Seria o mesmo que matar uma baleia com um canivete. Não há como.

Ambos fizeram silêncio por algum tempo.

— A não ser que seja como nos aniversários — acrescentou Watanabe.

— Dan, não entendi…

— Você ganha um presente de aniversário embrulhado. E corta o papel com…?

— Tesoura.

— As lâminas são tesouras. Abrem ferimentos mais largos nas vítimas — ele concluiu.

Watanabe esquadrinhou o mecanismo em busca de marcas distintivas — um número de série, uma palavra impressa, um logotipo de empresa. Não encontrou nada. Ou o inventor do mecanismo não tinha colocado marcas de identificação ou então tinha apagado muito bem. Em outras palavras: o inventor não queria ser rastreado.

— Os legistas encontraram outros mecanismos iguais nas autópsias? Nos ferimentos, no sangue? — perguntou.

— Não — ela respondeu. — Mas o mais provável é que não tenham reparado.

— E a situação dos cadáveres?

— Cremaram Fong. Enterraram Rodriguez. O não identificado está na geladeira.

— Ele precisa de uma segunda olhadela.

— Ele será visto.

Watanabe se afastou do microscópio com as mãos nos bolsos e começou a andar de um lado para o outro no laboratório. Estava intrigado.

— Como esse mecanismo foi encontrado na janela? Como foi parar na janela se saiu de um corpo? Como entrou no corpo? —

Retornou ao microscópio e examinou o pequeno compartimento daquilo que parecia um ventilador. Opa… era uma hélice. — Meu Deus. Dorothy, essa coisa podia voar.

— Isso é especulação — ela disse secamente.

— Essa coisa podia nadar no sangue.

— É possível.

— Pode conseguir o DNA do sangue encontrado no mecanismo?

Ela sorriu com um ar presunçoso.

— Posso obter o DNA do espirro de uma pulga, Dan.

— Quero saber se o sangue encontrado no mecanismo bate com o sangue de alguma vítima.

— Isso seria interessante — disse Dorothy com um brilho desavergonhado nos olhos.

— Eles produzem pequenos robôs — murmurou Dan.

— O quê?

Ele se levantou.

— Bom trabalho, Dorothy.

Dorothy sorriu acanhada para Wanatabe, um sorriso que nem parecia um sorriso. O que o tenente pensava a respeito do que ela fazia no laboratório forense além de fazer um bom trabalho? Ela pinçou o minúsculo objeto com todo zelo e o pôs dentro de um frasco menor que um dedo mindinho, e depois levou o frasco para o setor privado das evidências. Afinal, aquilo podia ser uma arma mortífera.

Enquanto isso, Watanabe pensava. Nanigen. Pequenos robôs. Aparentemente, havia uma ligação entre o imbróglio Willy Fong e a Nanigen.

Era hora de uma conversinha com o presidente da companhia.



Vin Drake assumira o controle do centro de comunicação. Já tinha despachado a jovem operadora e trancado a porta da sala, e agora observava na tela o mapa tridimensional do terreno ao longo dos penhascos a noroeste do Vale de Manoa, do fundo do vale até a estrutura da Cratera Tantalus a seiscentos metros de altitude. Perto do topo dos penhascos, na parte inferior da cratera, ele viu um círculo com um retículo de mira.

Aquilo era a localização aproximada do hexápode roubado. É uma prova de que os sobreviventes estavam próximos das encostas mais baixas da Cratera Tantalus. Pela marcha da escalada talvez chegassem à Base de Tantalus na manhã do dia seguinte, a menos que fossem pegos por algum predador. Ele não podia controlar os predadores. Só podia controlar a Base de Tantalus.

Sentado na sala de comunicação, Drake pôs os fones e chamou Don Makele.

— O hexápode está se aproximando.

# Capítulo 32



**Penhascos do Tantalus**
**31 de outubro, 9h45**

O hexápode escalou uma borda da pedra e chegou a um terreno coberto de musgo. Um pequeno lago cintilava sob uma pequena cachoeira. Os pingos da água faziam o lago cintilar com uma profusão de cores.

Rick, Karen e Erika saíram do veículo. Aproximaram-se e a superfície do lago era clara como um espelho de cristal.

— Estamos muito sujos — disse Erika.

— Eu queria tanto nadar — disse Karen.

A água os refletia cansados e suados, e as roupas em andrajos imundos. Karen ajoelhou-se e riscou-a com o dedo sem quebrá-la. Foi apenas um toque no menisco da água, a textura impermeável da superfície. E depois ela esparramou o menisco com a mão e penetrou na superfície.

— Que água tentadora — disse.

— Não faça isso. Poderá morrer — disse Danny de dentro do veículo.

— Não há nada perigoso aqui — retrucou Karen.

Rick não estava tão seguro. Enfiou o arpão no lago até o fundo e agitou a água para ver se emergia alguma criatura perigosa lá de dentro. A água cintilou e os organismos unicelulares vagaram e rodopiaram, mas nada pareceu perigoso.

O lago era pequeno e raso e eles tinham uma visão de toda a extensão. Não havia motivo para preocupação.

— Eu vou nadar — disse Erika.

— Eu não vou — disse Danny.

Rick e Karen se entreolharam.

Erika foi para trás de uma moita de musgo e voltou nua.

— Algum problema? Somos biólogos — disse quando Danny arregalou os olhos. Entrou no lago e a água ondulou com o seu peso, sem se agitar. Ela penetrou na água até a altura do pescoço, nadou um pouco e se pôs debaixo da cachoeira. Perdeu o fôlego quando a água estourou na cabeça. — A água está uma delícia. Venham.

Karen sentiu-se desafiada e tirou a roupa. Rick sentiu-se embaraçado ao vê-la se despindo e hesitou, ficando ainda mais envergonhado com a ideia de nadar nu junto com as duas. Mesmo assim, despiu-se às pressas e pulou na água.

— Bem-vindo ao Éden — disse Erika.

— Um Éden perigoso — retrucou Rick, mergulhando e esfregando a cabeça.

Enquanto nadava, Karen percebeu que o lago era como um aquário com inúmeros seres vivos que não eram peixes e sim organismos unicelulares que se projetavam aos giros e mergulhavam. Uma criaturinha em forma de torpedo esbarrou nela.

Era um paramécio de água doce, um protozoário unicelular coberto de cílios que o impulsionavam pela água. Fez cócegas na pele quando passou ao longo do braço. Ela fechou as mãos em cuia e pegou o paramécio junto com um pouco d'água. Os cílios foram de encontro às mãos e a célula inteira se arrepiou. Aquilo lembrava um gato arredio a colo.

— Não vou te machucar — disse Karen acariciando a célula com a ponta do dedo. Ao serem tocados, os cílios desviaram e foram de encontro ao dedo. Era como acariciar um veludo rebelde.

Por que estou falando com uma célula? Que coisa mais boba. As células são máquinas, disse para si mesma. São apenas reguladores de proteínas em bolsas cheias de água. Mesmo assim… são pequenos seres com objetivos e desejos próprios. Claro, as células não são inteligentes à maneira dos humanos. Não concebem galáxias nem compõem sinfonias, mas com um sistema biológico sofisticado se adaptam perfeitamente, sobrevivem em diferentes ambientes e fazem cópias de si mesmas sempre que é preciso.

— Boa sorte — ela disse em voz alta quando abriu as mãos e libertou a célula que saiu nadando a toda velocidade e girando como um saca-rolha. — Não somos muito diferentes desse protozoário — comentou para Rick.

— Não vejo semelhança alguma — ele disse.

— Não somos protozoários no dia em que somos concebidos? Como diz o biólogo John Tyler Bonner: "O ser humano é um organismo unicelular com um corpo fértil e complicado."

Rick abriu um sorriso.

— A melhor parte é o corpo fértil.

— Grosso — disse Karen enquanto Erika sorria para ele.

Uma sombra cruzou o lago e ecoaram gritos distantes. Eles submergiram a cabeça por instinto. Logo emergiram da água e olharam em volta.

— Aves — disse Rick.

— De que espécie? — perguntou Karen.

— Não faço ideia. De qualquer forma, já se foram.

Eles lavaram as roupas sujas de lama no lago e as estenderam para secar, e depois se deitaram no musgo para se aquecer ao sol. As roupas secaram rapidamente.

— Precisamos ir — disse Rick Hutter abotoando a camisa.

Nesse momento os gritos distantes chegaram mais perto e as sombras escuras pairaram por cima e os fizeram pular de susto.

Um bando de aves cruzou os penhascos, pousou e alçou voo. Estavam forrageando. Os gritos ecoavam no ar.

Uma ave pousou em frente ao grupo. Era enorme e tinha penas negras e brilhantes, bico amarelo e olhos atentos. Ciscou, inspecionou o terreno e emitiu um grito rouco. Alçou voo repentinamente. Em seguida surgiram outras aves iguais que circularam no ar, observaram o cenário e pousaram nas árvores em frente ao penhasco. Eles se viram observados por muitos olhos. As aves faziam um cerco no lago aos gritos.

Rick saiu correndo até o veículo e pegou o rifle a gás.

— São mainás! — gritou. — Vamos nos esconder!

Os mainás são carnívoros.



Danny deu um pulo e se escondeu debaixo do veículo. Karen jogou-se atrás de uma pedra. Erika se meteu num monte de musgo. Rick ajoelhou-se a céu aberto com o rifle a gás na mão, observando as sombras escuras que cruzavam o penhasco com gritos que se estendiam com o vento.

Rick foi visto pelas aves, que não se intimidaram com aquela presença tão pequenina. Um mainá pairou no ar, pousou e saiu ciscando a terra em direção a ele, que disparou o rifle que por sua vez soltou um chiado e um coice. Mas o mainá alçou voo e escapou. Um tiro perdido. Ele recarregou a arma e enfiou outra agulha no cano com nervosismo. Era um rifle de dardos que só atirava um projétil de cada vez.

E devia haver umas vinte ou trinta aves. Circundavam o penhasco com gritos ensurdecedores.

— Elas caçam em bando — ele disse.

Um outro mainá pousou.

Ele apertou o gatilho. E nada.

— Merda!

Travada. Tentou destravar a arma com muito mais nervosismo. A ave deu um salto e o observou. Posicionou o bico ameaçadoramente e arrancou a arma. Era um objeto brilhante e atraente. A ave arremessou a arma, que se quebrou contra uma pedra. E depois ergueu a cabeça, abriu o bico e soltou um grito que fez a terra tremer.

Rick aproveitou a oportunidade e saiu rastejando em direção ao arpão que estava próximo ao lago.

O mainá olhou para a moita de musgo onde Erika estava escondida. Ela ficou de olho no mainá e de repente perdeu o tino. Saiu em disparada, protegendo a cabeça e chorando histericamente.

— Não, Erika! — gritou Rick.

A agitação chamou a atenção do mainá, que zuniu pelo ar para pegá-la.

Karen King assistia a tudo e tomou uma decisão repentina. Sacrificaria a própria vida em prol de Erika, que assim teria uma chance de viver. Foi bom enquanto durou, pensou Karen, levantando-se e correndo em direção ao mainá de braços agitados.

— Ei! Vem me pegar!

O mainá fez um desvio de curso com o bico aberto e partiu em direção a Karen, que se esparramou no chão sem ser atingida. Na crise de pânico, Erika pulou para dentro do veículo e tentou dar a partida; não sabia o que estava fazendo, só pensava em fugir dali.

— Pare com isso! Agora mesmo! — gritou Danny.

Erika o ignorou, ligou o veículo e subiu pelas rochas, deixando-se ainda mais exposta.

E deixando os outros para trás.

— Erika! Volte! — gritou Karen.

Erika já não ouvia mais ninguém.

O veículo brilhante que escalava o penhasco com seis pernas em bom estado era saboroso e interessante. Um mainá aproximou-se e arrancou Erika do banco do veículo, que despencou penhasco abaixo com sacolas e equipamentos voando pelos ares. E depois sumiu.

O mainá pousou com a presa ao bico e começou a sacudir a cabeça de um lado para o outro enquanto batia a presa contra a rocha para matá-la. E depois alçou voo com o corpo ainda no bico. Surgiu um outro mainá e os dois brigaram pelos restos mortais de Erika Moll, cortando o corpo ao meio em pleno ar.



Mas ainda não tinha terminado. Rick girou os olhos com o arpão na mão: onde estava Karen? Estava a descoberto, toda esparramada no chão, e sob a mira de um mainá com uma listra preta incomum no bico que a olhava fixamente. Talvez pensando no que ela era. Seria comestível?

— Karen! — gritou Rick quando arremessou o arpão.

O arpão era um fio de metal e penetrou nas penas sem profundidade. Sem tirar os olhos de Karen, o mainá se sacudiu e fez o arpão cair no chão.

Karen encolheu-se como se querendo parecer menor do que estava e menos apetitosa.

— Aqui! — Rick saiu correndo para distrair o mainá.

— Rick, não!

O mainá se virou para Karen ao ouvir o grito. Avançou, pegou-a com o bico, jogou a cabeça de um lado para o outro e engoliu-a de uma só vez. E depois alçou voo com asas retumbantes.

— Desgraçado! — Rick agitou o arpão para o mainá, que agora era apenas um pontinho flutuante ao longe. — Volte com ela! — A ave que tinha engolido Karen se meteu no meio do bando que fazia uma algazarra nas árvores e sumiu. — Volte! Volte! Vamos ter uma luta justa!

Rick brandiu o arpão aos pulos com as mãos agitadas e com vontade de chorar. O mainá com uma listra preta no bico tinha escapado. Mas não era hora de desistir.

De repente, ele lembrou que as aves não têm estômago. As aves têm papo.

# Capítulo 33



**Borda do Tantalus**
**31 de outubro, 10h15**

Karen King encolheu-se na posição fetal dentro do papo do mainá e prendeu o fôlego. Pressionada pelas paredes musculares do papo, era difícil até se mexer. As paredes do papo são viscosas, gosmentas, fedorentas e sem suco digestivo. O papo é apenas um depósito para o alimento, que só depois desce pelo sistema digestivo.

As batidas regulares dos músculos peitorais que impulsionavam as asas fizeram Karen perceber que a ave estava voando. Ela então tapou o rosto com os braços e pressionou o corpo contra as paredes para abrir espaço para o nariz e a boca.

E conseguiu respirar melhor.

O ar fedia a acidez de insetos podres, mas pelo menos era ar. Infelizmente, pouco ar. Logo, o lugar esquentou e ela começou a arfar. Foi tomada por uma onda de claustrofobia e pensou em soltar um grito. Mas se conteve. Se começasse a gritar e se debater, o ar acabaria e ela sufocaria. O único jeito de continuar viva era se manter calma, poupar os movimentos e conservar o ar nos pulmões

o máximo possível. Pôs a coluna ereta e esticou as pernas para a frente. Isso abriu um pouco mais de espaço no papo. Mesmo assim, o ar tornava-se cada vez mais rarefeito.

Ela pensou em pegar a faca que estava enfiada no fundo do bolso. Não conseguiu. O braço estava para trás e contra as paredes musculares do papo.

*Droga. Preciso dessa faca.*

Karen jurou que no futuro sempre manteria a faca pendurada no pescoço, se é que haveria futuro… Ela abaixou o braço direito espremido na parede muscular atrás com toda força. Introduziu as pontas dos dedos no bolso e soltou o fôlego chiando e tossindo engasgada com o ar desagradável. Os dedos se fecharam em torno do frasco que também estava no bolso.

— O que é isso?

— O frasco de spray. Com toxinas de besouro.

Rick o tinha recarregado.

Uma arma.

Ela se contorceu com uma careta e puxou o frasco para fora.

Nesse mesmo instante, o mainá fez manobras de voo. As paredes musculares do papo comprimiram e o ar nos pulmões de Karen chiou. Logo, ela se viu envolvida por uma sensação de leveza e de queda. Seguiram-se um solavanco e um baque. O mainá pousou. Ela perdeu os sentidos.



Em busca de alimento, o mainá pousou no mesmo ponto onde a tinha apanhado. Empinou a cabeça e olhou para Rick Hutter.

Ele reconheceu a listra negra no bico. Era o mesmo mainá. O que tinha engolido Karen. Ele não sabia se ela ainda estava viva. Mas talvez estivesse. Empunhou o arpão e avançou na direção do oponente.

— Vem aqui me pegar, seu filho da mãe covarde.

À maneira massai. Era assim que precisava agir. Qualquer jovem guerreiro massai de 13 ou 14 anos é capaz de matar um leão com uma lança. É possível, ele disse em voz alta. Tudo é uma questão de técnica.

O mainá avançou.

Rick então calculou a distância e os movimentos, e planejou as ações corporais e o ângulo do arpão. A força e o peso do mainá seriam usados contra ele próprio, da mesma forma que os caçadores massai agem com os leões. O caçador massai provoca o leão para um combate e no último instante crava a lança no chão com a ponta angulada na direção do oponente e se ajoelha atrás: o leão corre em direção a ele e se empala na lança.

O mainá investiu de bico empinado. Tão logo se viu atacado, Rick cravou o arpão na terra com a ponta angulada para cima. E rapidamente mergulhou para baixo para sair do caminho.

O mainá abaixou a cabeça para pegá-lo e espetou o pescoço no arpão com a ponta embebida em veneno e afiada como um bisturi cirúrgico. O mainá recuou sacudindo a cabeça para se livrar do arpão cravado no pescoço, e Rick rastejou para longe e empunhou o facão.

— Vem lutar! — gritou.

Karen recuperou os sentidos com o grito e iniciou a hiperventilação, mas o ar nos pulmões ainda era insuficiente para respirar. Com os olhos faiscando pela falta de oxigênio, ela se deu conta de que estava com o frasco na mão. Apertou o spray e se viu envolvida pela ardência insuportável das substâncias químicas que

se dispersavam pelo ar. As paredes musculares apertaram ainda mais com um brilho de estrelas em meio à névoa, e depois, o nada…



O mainá ficou atordoado e vomitou, o arpão ainda cravado no papo.

Karen King despencou inconsciente no musgo e o mainá alçou voo.

Rick se ajoelhou e tomou a pulsação no pescoço, o coração estava batendo. Fez uma respiração boca a boca.

Ela respirou com um arranhado, tossiu e abriu os olhos.

— Ohh.

— Continue respirando. Está tudo bem com você.

Ela ainda estava com a mão fechada em torno do spray. Rick a fez abrir a mão e soltar o frasco. Arrastou-a para baixo de uma samambaia. Depois de ajudá-la a sentar, aninhou-a nos braços.

— Respire fundo — disse, tirando uma mecha de cabelo do rosto dela e acariciando-a; não sabia se as aves tinham ido embora ou se estavam caçando nas redondezas, mas ainda ouvia os gritos ao longe. Encostou-a no caule, sentou-se de joelhos dobrados e enlaçou-a com os braços.

— Obrigada, Rick.

— Está ferida?

— Só um pouco tonta.

— Você não estava respirando. Cheguei a pensar que…

Os gritos se dissiparam. As aves se bandearam para outras paragens.

Rick checou às pressas o equipamento restante. A sobrevivência do grupo periclitava. O veículo estava destruído. Erika estava morta. Grande parte dos suprimentos despencara no penhasco com o veículo. O mainá fugira com o arpão espetado no pescoço. Abriu a mochila que estava perto. Sobravam o curare e a zarabatana. E um último facão que estava no chão. Danny Minot tinha sumido.

Na mesma hora, a voz de Danny ecoou lá do alto. No pânico, escalara uma trepadeira e agora agitava os braços agachado em cima de uma pedra.

— Estou vendo a Grande Pedra! Já estamos quase lá!

# Capítulo 34



**NANIGEN**
**31 de outubro, 10h20**

No controle da sala de comunicação, Drake olhou para a tela do sistema remoto que rastreava o hexápode. Sentiu-se um tanto confuso com o que viu na tela. O retículo de mira que indicava a posição aproximada do veículo no penhasco subitamente caiu cerca de trinta metros. Pensou que podia ser um erro no sistema. Mas resolveu aguardar e passado algum tempo o hexápode voltou à posição anterior. E não se movia.

Ele sorriu discretamente. Sim. Pelo visto, aquele maldito veículo despencara penhasco abaixo. Só podia ser isso. O veículo despencara penhasco abaixo.

Claro, o corpo de um micro-humano sobrevivia a quedas de qualquer distância. Mas o veículo não se movia e isso indicava que tinha sofrido avarias. Talvez estivesse destruído.

Os sobreviventes já entraram em pânico, pensou consigo. Não chegariam ao Tantalus. Já deviam estar sofrendo a descompressão. A coisa devia estar bem ruim para eles.

Drake ligou para Makele.

— Você esteve no Tantalus?

— Sim.

— E?

— Não fiz nada. Não foi preciso. É…

— De qualquer forma, não chegarão ao Tantalus. Sofreram uma queda, pobres almas.

# Capítulo 35



**Parque Industrial de Kalikimaki**
**31 de outubro, 10h30**

O tenente Dan Watanabe estacionou o Ford marrom na área do estacionamento delimitada para VISITANTES. De um lado do prédio de estrutura metálica estava o esqueleto de um armazém inacabado, e do outro, um terreno baldio tomado pelo mato. Avistou uma área coberta de cascalhos nas proximidades do armazém. Caminhou até lá e catou algumas lascas. Calcário quebrado. Interessante. Aparentemente, o mesmo material encontrado nos pneus de Rodriguez, o detetive particular. Enfiou algumas pedrinhas no bolso para que Dorothy Girt desse uma olhada.

O estacionamento ao redor do prédio da Nanigen estava lotado de carros.

— O que está havendo? — perguntou o tenente para a recepcionista.

— Eles não me dizem muita coisa.

Uma cafeteira em cima da mesa exalava o odor azedo de um café requentado por horas a fio.

— Posso fazer um café para o senhor? — perguntou a recepcionista.

— Acho que você já fez.

Don Makele entrou na recepção. O chefe da segurança da companhia era um homem troncudo e musculoso.

— Notícias dos estudantes desaparecidos? — perguntou.

— Podemos conversar no seu escritório?

Eles entraram pela parte principal do prédio e caminharam ao longo de muitas portas fechadas. Os vidros dos janelões que davam para as salas eram blindados por dentro. Por que a blindagem? Por que vidros escuros? Durante a caminhada Dan Watanabe ouvia um zumbido, uma vibração que vinha do chão. Isso indicava a presença de uma forte corrente elétrica alternada que cruzava o prédio. Para quê?

Makele introduziu Watanabe no escritório. Sem janela. A foto de uma mulher, talvez a esposa do cara, dois filhos, duas keikis. O tenente desviou os olhos para uma placa na parede. Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Sentou-se na cadeira.

— Crianças lindas.

— Sou louco por elas — disse Makele.

— Serviu na Marinha?

— Na Inteligência.

— Que legal. — Conversa fiada não faz mal a ninguém e pode pescar algumas coisas. — Encontramos Alyson Bender, a diretora financeira de vocês… — o tenente foi interrompido.

— Já sabemos. Ela estava muito deprimida.

— E por que estava assim?

— A perda do namorado, Eric Jansen. O rapaz que se afogou.

— Com isso devo entender que a srta. Bender e o sr. Jansen tinham um caso — disse o tenente, sentindo o desconforto do chefe da segurança à flor da pele. Instinto policial. — Sete pessoas

desaparecidas nessas ilhas. Improvável — continuou. — Já me comuniquei com a vizinhança para saber se alguém tinha visto os estudantes. Como Molokai, por exemplo. Naquele lugar todo mundo sabe de tudo o que acontece por lá. Não teriam outro assunto se tivessem visto sete jovens de Massachusetts.

— Sei muito bem disso. Nasci em *Moloka'i* — disse Makele.

Não passou despercebido a Watanabe que Makele pronunciara o nome da ilha à maneira antiga. *Moloka'i*. Com uma parada glótica. Isso o fez se perguntar se o cara falava havaiano. Às vezes os nativos de Molokai falavam havaiano. Aprendiam com os avós, ou os "tios", como chamavam os professores tradicionais.

— Molokai é um belo lugar — frisou Watanabe.

— É o Havaí antigo. Ou o que restou dele.

Watanabe mudou de assunto.

— Conhece um cavalheiro chamado Marcos Rodriguez?

Makele se mostrou impassível.

— Não.

— E Willy Fong? Um advogado do lado norte da via expressa? — O tenente não mencionou que ambos estavam mortos.

Sabe-se lá como, Makele sabia disso.

— Ah, claro. — Ele mostrou-se confuso. — Não foram esfaqueados?

— Sim, no escritório de Fong. Ele, Rodriguez e um outro homem ainda não identificado.

Makele se mostrou ainda mais confuso. Começou a gesticular.

— O que não estou sabendo, tenente? — disse.

— Não sei — Watanabe ficou de olho na reação do outro.

Surpreso e irritado, o chefe da segurança tentou aparentar tranquilidade, mas se remexeu na cadeira. Isso motivou Watanabe. *Ele está nervoso*, pensou.

— O que sei dos crimes é o que o noticiário informa — disse Makele.

— E o que o faz pensar que foram crimes?

— E o que informa o noticiário. — Makele fez uma pausa.

— Na verdade, informam que foi suicídio — retrucou Watanabe. — Por que acha que foi assassinato?

Makele não considerou a pergunta casual.

— Alguma razão especial para trazer o assunto à baila, tenente?

— Por acaso Fong ou Rodriguez faziam algum trabalho para a Nanigen?

— Isso é brincadeira? A Nanigen nunca contrataria caras como esses — afirmou o chefe da segurança.

Don Makele estava perfeitamente ciente do ocorrido com Fong e Rodriguez. Na noite do arrombamento, dezenove robôs da segurança da Nanigen tinham marchado em formação de enxame e atacado o intruso — retalharam o corpo, circularam no fluxo sanguíneo e cortaram as artérias por dentro. Mas os robôs não eram programados para isso. Não eram programados para matar. Eram programados para fotografar e arranhar os intrusos para que sangrassem e deixassem rastros — e também eram programados para ativar um alarme silencioso. Só isso. Nada perigoso e tampouco letal. Sendo assim, alguém tinha programado os robôs para matar. *Vin Drake fez isso*, pensou Makele. Os robôs retalharam o corpo do intruso e pularam para o corpo de um outro homem como pulgas. Pulgas letais, pulgas sedentas de sangue. Um assaltante e dois comparsas matando-se um ao outro. Acidentes que acontecem com muita frequência entre os otários. Mas o que o detetive sabia? Makele não fazia ideia e isso o deixou nervoso.

Resolveu bancar o durão. Inclinou-se para a frente e perguntou em tom autoritário.

— Nossa empresa ou algum funcionário nosso é objeto de investigação criminal?

Um silêncio significativo estendeu-se do lado de Watanabe.

— Não — ele disse por fim. — Não desta vez.

— Fico feliz por saber disso, tenente. Nossa empresa é extremamente ética. Todo mundo sabe que Vincent Drake, o fundador, investe dinheiro em pesquisas médicas para a cura de algumas doenças nas quais ninguém mais investe porque não são lucrativas. O sr. Drake é um homem bom que coloca o coração onde o dinheiro dele está.

O tenente Dan Watanabe ouviu com um olhar neutro.

— Você quer dizer que ele coloca o dinheiro onde o coração está.

— Foi isso que eu disse. — Makele devolveu o olhar.

Watanabe colocou o cartão de visitas em cima da mesa de Makele e escreveu o número de um telefone atrás.

— É do meu celular. Ligue-me a qualquer hora se surgir alguma novidade. Acho que o sr. Drake está me esperando.



Vin Drake estava recostado na cadeira de executivo atrás da escrivaninha. No piso, uma antiguidade, um tapete oriental. No ar, um aroma agradável de charuto. Pelo prazer que exalava, Watanabe concluiu que devia ser um charuto de mais de dez dólares. Era um escritório sem janelas. Com uma iluminação suave e indireta. Mas atrás de uma porta lateral havia um banheiro privativo em mármore. Isso dentro de um galpão. Interessante. O cara sabe se cuidar.

— Estamos muito perturbados com os últimos acontecimentos — disse Drake. — Tomara que vocês possam nos ajudar.

— Estamos fazendo todo o possível — disse Watanabe. — Só quero ir mais a fundo nos desaparecimentos.

— Claro.

Watanabe apreciou o retrato na parede às costas de Drake. Nada mau. Talvez um tanto pretensioso, mas vibrante.

— O senhor pode me dizer o que a sua empresa produz?

— Produzimos basicamente pequenos robôs usados na exploração da natureza para a descoberta de novos medicamentos capazes de salvar vidas humanas.

— De que tamanho?

Drake deu de ombros enquanto aproximava o dedo indicador do polegar.

Watanabe se mostrou surpreso.

— Mais ou menos um centímetro? Do tamanho de um amendoim?

— Talvez um pouco menor — respondeu Drake.

— Quanto menor?

— Um pouco.

— Um milímetro?

Drake abriu um sorriso.

— Isso é inviável.

— Mas o senhor já fez?

— Fiz o quê?

— Robôs de um milímetro.

— Já estamos entrando na área do segredo industrial. — Drake recostou-se na cadeira.

— Já teve algum acidente industrial com os robôs?

— Acidentes? — Drake franziu a testa e soltou um risinho. — Sim… isso é frequente.

— E alguém se feriu?

— Pelo contrário. — Drake deu uma risada. — Os robôs é que são pisados por acidente. Os robôs sempre perdem. — Ele suspirou e olhou para o relógio. — Tenho uma reunião agora.

— Lógico. Só mais uma coisa. — Watanabe podia descrever o que tinha visto no microscópio, mas não podia mostrar a foto do

mecanismo porque era uma evidência e as evidências não devem ser mostradas. Então, deixou as coisas vagas. — Encontramos um mecanismo muito pequeno que talvez tenha hélice e lâminas afiadas. Aparentemente, capaz de voar ou de nadar no sistema sanguíneo humano. Por acaso é um produto da Nanigen?

Drake demorou um pouco para responder; para Watanabe demorou demais.

— Não — respondeu. — Não produzimos robôs assim.

— E alguém produz?

Drake olhou no fundo dos olhos de Watanabe. Aonde o policial queria chegar?

— Talvez o senhor esteja descrevendo um dispositivo teórico.

— De que tipo?

— Bem, provavelmente um microrrobô cirúrgico.

— Um o quê?

— Microrrobô cirúrgico. Também chamado *surgibot*. Um robô extremamente pequeno que talvez um dia seja utilizado em procedimentos médicos. Teoricamente, pequeno a ponto de poder circular no fluxo sanguíneo dos pacientes. Equipado com bisturis, um esquadrão de *surgibots* poderia realizar microcirurgias. Depois de injetados no paciente, circulariam no sistema sanguíneo até o tecido alvo. Os microrrobôs cirúrgicos poderiam fazer incisões nas placas arteriais por dentro, por exemplo. Um esquadrão de *surgibots* seria capaz de eliminar as células cancerígenas em processo de metástase. Também seria capaz de eliminar as células cancerígenas de uma só vez, portanto de vencer o câncer. Mas por enquanto o *surgibot* é apenas um sonho e não uma realidade.

— Então, o senhor realmente não produz esses… como se chamam… *surgibots*?

— Nesse nível, não.

— Desculpe, não entendi — disse Watanabe.

Drake suspirou.

— Já estamos entrando numa área muito delicada.

— Por quê?

— A Nanigen se dedica a pesquisas… para o senhor.

— Para mim? — disse o tenente sem poder acreditar.

— O senhor paga impostos?

— Claro.

— A Nanigen trabalha para o senhor.

— Ah, então o senhor trabalha para o governo?

— É melhor parar por aqui, tenente.

Ou seja, a Nanigen trabalhava em segredo em alguma coisa relacionada a robôs extremamente pequenos para o governo, e Drake aconselhava o policial a cair fora, dando a entender que se meteria em encrenca com o governo se insistisse com aquilo. Ótimo. Watanabe mudou de tática abruptamente.

— Por que seu vice-presidente pulou do barco?

— O quê? O que o senhor disse?

— Eric Jansen era um excelente navegador. Capaz de manter um barco estável mesmo na arrebentação. Pulou na água por algum motivo. Por que fez isso?

Drake levantou-se com o rosto vermelho.

— Não sei aonde o senhor quer chegar. Solicitamos aos senhores que encontrassem nossos estudantes desaparecidos. E os senhores não encontraram ninguém. Nossa empresa perdeu dois executivos importantíssimos. E até agora os senhores não ajudaram em nada.

Watanabe se levantou.

— Senhor, encontramos a srta. Bender. E ainda estamos procurando Eric Jansen. — Tirou a carteira e estendeu um cartão de visitas.

Drake pegou o cartão e suspirou com ar de desagrado enquanto o lia.

— Para ser franco, estamos desapontados com a polícia de Honolulu. — Largou o cartão na escrivaninha. — Sabe-se lá o que

realmente estão fazendo.

— Bem, o Departamento de Polícia de Honolulu é mais antigo que o Departamento de Polícia de Nova York… não sei se sabe disso. Estamos investigando os casos, senhor, da maneira que sempre investigamos.



— Já temos mais cinco. — Dorothy Girt espalhou as fotos na bancada diante de Watanabe. Fotos que mostravam o mesmo mecanismo, uma hélice dentro de um compartimento e um pescoço de ganso com lâminas na extremidade. — Foram encontrados no corpo do asiático. Um serviço fedorento.

— E como os encontrou, Dorothy? São minúsculos.

Ela olhou para ele com um sorriso frio e triunfante e abriu uma gaveta de onde tirou um objeto pesado. Era um ímã industrial.

— Passei isso nos ferimentos. Droga, como isso é pesado!

Deixou o ímã de lado e mostrou uma foto ampliada de um dos robôs que estava segmentado com maestria, o corte propiciava uma visão perfeita. Chips e circuitos extremamente pequenos, algo que se assemelhava a uma bateria, eixo de motor, equipamentos…

— Foi cortado ao meio com perfeição! Como fez isso, Dorothy?

— Foi simples. Coloquei em cima de um bloco de epóxi, como se faz com amostras de tecido. E depois cortei com um micrótomo, como se faz com amostras de tecido. — A lâmina superafiada do micrótomo cortara o microrrobô ao meio. — Olhe só esse detalhe, Dan.

Ele se curvou sobre a foto e seguiu o dedo de Dorothy até um objeto que parecia uma caixa e estava nas entranhas do robô. Na

caixa estava impresso um *N* microscópico.

— Quer dizer que o presidente da empresa mentiu para mim. — Watanabe pensou em dar uma palmadinha nas costas de Dorothy Girt, mas se conteve, porque ela não era do tipo que apreciaria um gesto como esse. Achou melhor balançar a cabeça em sinal de respeito à maneira japonesa… um hábito de família. — Excelente trabalho, Dorothy.

— Hum — ela grunhiu. Sempre fazia um trabalho excelente.

# Capítulo 36



**Cratera Tantalus**
**31 de outubro, 13h**

Droga de Mãe Natureza. Só tem monstros de apetite insaciável — murmurou Danny, que arrastava os pés revestidos de capim seco pelo caminho e protegia o braço. Estava bem mais inchado e a manga da camisa começava a rasgar.

Rick Hutter e Karen King seguiam em frente nas proximidades; ele com a mochila às costas e ela com o facão empunhado e pronto para agir. Eram os últimos três sobreviventes. Marchavam ao longo de uma ampla curvatura de terra coberta de areia e cascalho. Era o lábio da Cratera Tantalus. A terra aberta estendia-se até uma linha de bambus ao longe, onde atingia uma altura descomunal. Uma pedra do tamanho de uma montanha coberta de musgo e riscada de voçorocas espreitava por um espaço aberto do bambuzal. Na ótica com dimensão reduzida do grupo a pedra parecia estar a quilômetros de distância.

O sol os castigava. Fazia horas que não chovia no Monte Tantalus. Eles estavam sedentos. Os corpos muito pequenos perdem líquido com muita rapidez.

Karen achava que eles estavam muito expostos. Como alvos sem cobertura em movimento pelo deserto. Uma ave sobrevoou o Tantalus e ela se encolheu e apertou o facão. Mas não era um mainá; era um falcão que circulava pelas redondezas e aquele minúsculo grupo de humanos não era uma refeição atraente para aquele tipo de pássaro — pelo menos era o que ela esperava.

— Tudo bem, Karen? — perguntou Rick.

— Deixe de se preocupar comigo.

— Mas…

— Estou bem. Olhe o Danny. Ele não parece bem.

Danny estava sentado em uma pedra, aparentemente incapaz de prosseguir. Estava muito pálido e ajeitava a tipoia no braço machucado.

— Você está bem, cara?

— O que quer dizer com isso?

— Como está o seu braço?

— Não há nada de errado com o meu braço!

Mas o fato é que Danny olhava fixamente para o braço, onde os músculos se contraíam, forçavam o pano da manga, e depois descontraíam e forçavam outra vez. Talvez espasmos involuntários. Ele já não devia ter o controle dos próprios músculos.

— Por que será que esse braço está fazendo isso? — perguntou Rick enquanto os espasmos se moviam em ondas no braço de Danny como se com vida própria.

— Meu braço não está fazendo nada — insistiu Danny.

— Mas Danny, olhe as contrações…

— Não! — gritou Danny empurrando Rick e afastando o braço machucado, e depois protegendo-o com o braço sadio e virando as costas para Rick, como se estivesse protegendo uma bola de futebol.

Rick se convenceu de que Danny realmente tinha perdido o controle do próprio braço.

— Consegue mexer o braço?

— Acabei de fazer isso.

Ouviu-se um rasgão.

— Não… não… — Danny começou a gemer.

A manga da camisa começou a rasgar até que rasgou de vez e deixou à vista uma cena de horror. Uma pele translúcida como um pergaminho oleoso. Ovoides brancos se movimentavam debaixo da pele. Faziam isso com um ar satisfeito.

— São ovos de vespa — disse Rick. — Parasitos.

— Não! — Danny soltou um grito.

Eram as larvas desenvolvidas pelos ovos. Larvas de parasitos. E se alimentavam dos tecidos do braço de Danny. Ele olhou para o braço e o protegeu com gemidos. Os ovos se quebravam com estalidos… as larvas estavam cavando… deglutindo o braço… ele gemeu e gritou.

— Estão chocando!

Rick tentou acalmá-lo.

— Nós vamos conseguir ajuda médica. Já estamos perto da Base…

— Estou morrendo!

— Você não vai morrer. São parasitos. Precisam de você vivo.

— Por quê?

— Para continuar se alimentando…

— Oh, Deus, oh, Deus…

Karen o ajudou a se levantar.

— Vamos lá. Você tem que seguir em frente.

Eles seguiram em frente, mas Danny atrasava a caminhada. Tropeçava e parava para se sentar. Não tirava os olhos do braço, como se hipnotizado pelas larvas.

No meio do caminho eles se depararam com um tubo redondo feito de barro. Emergia do solo como uma chaminé torta.

— Que pena que Erika não está mais aqui. Ela nos diria o que é isso — disse Karen.

Mas a chaminé de barro podia ser perigosa, talvez o abrigo de algum inseto. Eles passaram ao longe e prontos para sair em disparada se alguma coisa se movesse. Só depois que ultrapassaram a chaminé é que perceberam que a Grande Pedra estava mais próxima.



Ela é mãe. Como uma borboleta, extrai o sustento do néctar das flores. Mesmo assim, é uma predadora carnívora. Caça para os filhotes que se alimentam de carne. Como todos os predadores, é inteligente, capaz de aprender e dona de excelente memória. De fato, possui nove cérebros. Um cérebro mestre e oito cérebros menores ao longo de um cordão espinhal como as contas de um colar. Entre os insetos, é um dos mais sagazes.

Acasala com parceiros que tombam mortos após o ato. É uma rainha que passa a vida isolada. Uma vespa solitária.

Ela emergiu da chaminé esticando a cabeça e logo aparecendo de corpo inteiro. Fitou o sol com as asas recolhidas e planas no dorso como um leque fechado. Abriu e agitou as asas, se aquecendo ao sol.

Os três humanos ficaram paralisados quando viram a vespa na chaminé. Gigantesca e com um abdome articulável pintado de listras pretas e amarelas. Ela agitou as asas ruidosamente e alçou voo com as pernas balançando.

— Abaixem!

— Todos no chão!

Eles se jogaram no chão e se arrastaram procurando gramíneas ou seixos que servissem de cobertura.

A vespa ainda não os tinha visto. Mas depois que saiu da chaminé sobrevoou em ziguezague, orientando-se para uma caçada. Esquadrinhou cada detalhe do terreno com um mapa preciso na memória.

De repente, uma novidade.

Três objetos ocupavam um quadrante do terreno a sudeste da chaminé. Objetos vivos que se arrastavam pelo chão. Pareciam presas.



A vespa mudou o curso do voo na mesma hora e mergulhou.

Depois de uma guinada, desceu em alta velocidade rumo ao solo. Pousou em cima do alvo: Rick Hutter.

Ele rolou de costas com o facão empunhado quando se viu montado pelas pernas da vespa. Ela bateu as asas e o agarrou suavemente com as mandíbulas.

— Rick! — Karen brandiu o facão e se apressou a ajudá-lo. Sufocado com as mandíbulas no peito, ele perdeu a respiração. Mas a vespa o manteve intacto. Agiu com cortesia.

Em seguida, contraiu o abdome e expeliu o ferrão. As placas blindadas na extremidade do abdome se separaram e do movimento emergiram dois apêndices finos recobertos de pelos sensitivos. Eram os palpos do ferrão. E com os palpos a vespa provou o gosto do pescoço e do rosto de Rick.

Gostou do sabor.

Foi rápida a ferroada. Os dois ferrões encerrados no ovipositor emergiram de um orifício sob os palpos gustativos. Enquanto os

ferrões emergiam, um após o outro, o ovipositor deslizava para frente e para trás e perfurava a pele de Rick na axila.

As agulhadas no corpo o fizeram engasgar. Foi uma dor terrível. Karen brandiu o facão e investiu contra a vespa, mas era tarde demais. O inseto alçou voo com Rick se debatendo preso entre suas pernas e logo depois o corpo dele parou.

A vespa pousou na chaminé e o empurrou para dentro com a cabeça. E o abdome listrado desapareceu chaminé abaixo com o ferrão na traseira.



Agachados no terreno arenoso, Karen King e Danny Minot discutiram o que fazer.

— Rick está morto — ele disse.

— Como sabe disso? — ela retrucou.

Danny revirou os olhos.

Karen lamentou a falta de Erika, que certamente teria alguma informação sobre a vespa.

— Talvez ele ainda esteja vivo.

Danny apenas grunhiu.

Karen queimou os miolos para se lembrar das aulas de entomologia sobre as vespas.

— Acho que era uma vespa solitária.

— E daí? Vamos embora, por favor.

— Espere. — Ela lembrou de uma aula sobre insetos da época do colégio. — Vespas solitárias… claro, fêmeas. Constroem ninhos para a ninhada. Paralisam as presas, se bem me lembro. Mas não matam.

As presas alimentam a ninhada. — Não tinha uma ideia exata sobre a espécie e os hábitos da vespa com que lidava.

— Vamos! — Danny se levantou e saiu andando.

Karen desembainhou o facão.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

— Rick salvou minha vida — ela disse.

— Você está maluca.

Ela não disse nada. Puxou o afiador do cinto e amolou a lâmina do facão.

— Aquela filha da puta está com o Rick.

— Por favor, Karen! Não faça isso!

Ela não deu ouvidos a ele. Abriu a mochila e tirou um rádio e uma lanterna de cabeça de dentro. Entregou outro rádio a ele.

— Deixe ligado. — Ela se levantou e correu até a chaminé. E de lá disse ao rádio. — Danny, está me ouvindo?

Ele se deitou de barriga para baixo à sombra de uma plantinha.

— Você está maluca! — gritou ao rádio.

Ela observou a chaminé. Feita de barro e com um cheiro estranho. Cola de saliva de inseto. Sentiu uma vibração lenta sob os pés. As asas da vespa batendo lá embaixo. Um ninho. A vibração persistiu. E depois se deslocou para o nível do solo e chegou mais perto.

Karen foi para o lado da sombra a fim de se camuflar junto à chaminé.

A vespa pôs a cabeça para fora e Karen se comprimiu contra a chaminé. Foi vista por dois olhos semicirculares. Claro que tinha sido vista, se bem que a vespa não esboçou reação; pelo contrário, alçou voo. Fez um Z para frente e para trás no ar, um ziguezague para se orientar, e tomou o rumo noroeste em busca de paragens mais além, talvez para outras opções de caça.

Quando a vespa se tornou um pontinho invisível, Karen girou o corpo e começou a esfaquear a chaminé. Quebrou-a em pedaços, de

olho para noroeste, porque a vespa podia voltar. O céu estava vazio. Ela afastou os pedaços de argila e pulou dentro do túnel.

— Não me deixe aqui! — gritou Danny.

Ela ajustou os fones e falou pelo rádio.

— Está me ouvindo?

— Karen, você vai morrer. Ficarei sozinho.

— Me avise se a vespa chegar.

— Ohhh…

— Câmbio — ela encerrou a comunicação. Teria que ser rápida para encontrar Rick e o tirar lá de dentro. A vespa podia voltar a qualquer momento.

As paredes redondas do túnel de barro estendiam-se abaixo. Ela se apoiou nas mãos e nos cotovelos e rastejou para descer. Era um lugar apertado. A luz do dia que entrava por trás se rarefez. Era hora de acender a lanterna. O túnel exalou um odor forte, se bem que não era desagradável. Feromônios da vespa, disse para si mesma. O odor se mesclou a um fedor insuportável à medida que penetrava terra adentro.

De repente, um precipício à frente. O túnel terminava com um mergulho em eixo vertical para baixo. Ela olhou para baixo quase tomada pela claustrofobia. Era um buraco negro sem fim, um buraco negro aparentemente sem fundo. Rick está lá, que sorte a minha, pensou. Bem, ele salvou a minha vida. É uma dívida e tenho que pagar. E nem gosto desse cara.

Karen espremeu-se nas paredes do túnel e sentou-se com as pernas dependuradas no vazio. Apoiou as mãos e os joelhos nas paredes e desceu precipício abaixo. Nem pensou que podia cair. Mas se ficasse entalada no poço, talvez nunca mais conseguisse sair. Só de pensar em se entalar naquele precipício e ser atacada por uma vespa… não. Nem pense nisso.



Lá fora, Danny Minot abriu a mochila à procura de alimento. Precisava se fortalecer. Se bem que isso não importava, de qualquer maneira já se considerava morto. Pegou os fones e deixou o rádio à mão. Examinou o braço. Horrível.

Uma chamada pelo rádio. Ele o agarrou.

— O quê?

— Está vendo alguma coisa?

— Não, não.

— Danny, fique atento. Fique de olho. E me avise se a vespa chegar para que eu caia fora daqui. Isso é do seu interesse.

— Pode deixar, pode deixar. — Ele ajeitou o fone na cabeça, abrigou-se à sombra e recostou-se na pedra de olho na direção noroeste de onde viria a vespa.

Karen chegou ao fundo da chaminé. Era um lugar mais espaçoso que terminava em uma acentuada curva horizontal. Rastejou até a curva e o túnel se abriu para uma câmara. Focalizou a luz da lanterna lá dentro. Um grande número de túneis — uns vinte — espraiava-se na escuridão como uma explosão estelar.

— Rick?

Talvez estivesse naquele lugar. Provavelmente, morto.

Ela entrou rastejando em um dos túneis que terminava mais à frente em uma parede. Era feita de escombros espalhados aleatoriamente e ligada por grãos de areia e cascalhos colados com saliva e com lacunas em diversos pontos. Ela jogou um feixe de luz em uma lacuna para enxergar o que tinha do outro lado da parede.

Só então se deu conta de que as lacunas na parede eram respiradouros. Ou seja: vida do outro lado da parede. A porta era uma espécie de rolha ou plugue com muitos orifícios. Estalos de mastigação e de sucção emanavam pelos orifícios. E também um cheiro de podre. Alguma coisa viva e faminta não parava de comer do outro lado da parede.

— Rick! — ela chamou. — Você está aí?

Fez-se silêncio por um momento e depois os estalos retornaram. Ele não respondeu.

Karen aproximou o olho de uma lacuna e a lanterna iluminou o outro lado. A luz incidiu em uma superfície cor de marfim brilhante. Uma superfície vincada de segmentos. Segmentos que atravessavam a lacuna um após o outro como um vagão de metrô atravessando um túnel. Ela ouviu uma respiração inumana. E apavorou-se com aquela coisa viva lá dentro. Era tão grande quanto uma morsa.

Ainda havia muitos outros túneis para investigar. Rastejou de volta à câmara principal e de lá para o túnel seguinte, onde tentou enxergar por entre um bloqueio de pedra e barro que o obstruía.

— Rick? — gritou. — Pode me ouvir?

A voz de Danny Minot ecoou no fone, fraca e instável devido à profundidade do lugar que ela estava.

— O que está havendo? — ele perguntou.

— Cheguei a uma câmara espaçosa. Daqui saem pelo menos uns vinte túneis em todas as direções. E cada túnel leva a uma cela. Talvez haja uma larva em cada cela.

Karen começou a quebrar a argila da porta da parede com o facão.

— Rick! — gritou. — Está me ouvindo?

Talvez esteja me ouvindo e não possa responder. Ou talvez esteja morto. Talvez seja melhor sair daqui. Só mais uma tentativa. Abriu um buraco na parede e se arrastou lá para dentro.

A cela abrigava uma larva de vespa do tamanho de Karen, uma bolha obesa com uma cabeça sem olhos que chiava ao respirar e uma boca com duas presas negras e afiadas. O rebento da vespa mãe estava provido de alimento: duas lagartas, um *koa* e uma aranha em estado deplorável. E se alimentava do *koa*, um inseto de carapaça verde. Por toda a cela espalhavam-se fragmentos de carapaças de insetos e tiras de carne. Além de três cabeças de insetos intactas e em putrefação.

Karen entrou na cela e manteve-se a distância da maléfica boca da larva. A boca que triturava o *koa*.

De ouvidos abertos ouviu sussurros de ar que saíam pelos orifícios dos exoesqueletos estocados. Ótimo. Isso significava que o alimento estocado ainda estava vivo. E que talvez Rick estivesse vivo. O abdome de uma aranha imobilizada se mexia como se a respirar, mas, ao contrário do resto do estoque, ela estava letalmente imobilizada com seus oito olhos vidrados.

A larva sacudia a cabeça, arrancava as tiras da carne do *koa* com as mandíbulas e sugava como se fossem espaguetes. O *koa* ainda respirava.

Karen reprimiu o impulso de esfaquear a larva. Queria matá-la, mas se conteve. As larvas também fazem parte da natureza. E não são mais cruéis que os leões, que se alimentam da caça que as leoas trazem. As vespas são os leões do mundo dos insetos. Fazem coisas boas, mantêm o equilíbrio da população dos insetos que devoram plantas da mesma maneira que os leões mantêm o equilíbrio do ecossistema. Mesmo assim, não permitiria que Rick fosse comido por uma vespa.



Karen saiu rastejando para fora da cela e entrou no túnel seguinte. Gritou através de um respiradouro, tratou de alargá-lo e entrou. Lá dentro, encontrou uma larva adulta que polia uma roupagem nova após ter devorado tudo o mais.

— Rick! — gritou. O solo amorteceu a voz. Talvez estivesse ali, escondido em cima ou embaixo, em algum canto de alguma cela.

Os fones estalaram.

— O que está havendo? — soou a voz de Danny.

— Ainda não o encontrei. Este lugar é um labirinto.

Ela entrou em outra cela que abrigava um casulo de seda. Uma vespinha recém-nascida e bem enroscada em fios de seda que logo sairia do casulo como adulta. A vespinha tremeu quando a luz da lanterna incidiu no casulo. Karen se retirou e recolocou as pedras da porta. Era a última coisa de que precisava: uma vespinha recém-nascida a vagar pelos arredores, e pior, com um ferrão.

— Rick! Sou eu, Karen! — Ela prendeu o fôlego e se pôs à escuta.

Nada ressoou nos seus ouvidos a não ser as mastigações das larvas e as batidas assustadas do seu coração humano.



Dentro de uma cela totalmente escura Rick Hutter não consegue se mover nem falar. Embora imobilizado pela ferroada, está na posse

de todos os sentidos. Sente os grânulos do chão de terra nas costas e nas pernas. Sente o fedor dos insetos podres. Não enxerga a larva que vive ali, mas ouve claramente quando ela mastiga e suga o alimento. Ele respira sem dificuldade. E também pisca os olhos — talvez possa fazer mais. Tenta mexer um dedo. Será que o dedo realmente se mexeu?

*Socorro. Alguém me ajude*.

*Isso é só um pensamento*.

Rick percebeu que o veneno da vespa o deixou com o sistema nervoso parcialmente paralisado, apenas os nervos simpáticos controlados pela vontade consciente. O sistema nervoso autônomo, a parte inconsciente, ainda funciona normalmente. O coração está batendo; a respiração e os outros sistemas estão em plena atividade. Mas não controla o próprio corpo. Parece um motor parado; não poderia manipular controles nem pisar nos aceleradores. De repente, sente uma dor e não sabe bem o que é; um calor se espalha por baixo e a bexiga esvazia automaticamente. Sente-se aliviado.

O veneno da vespa funciona como um sistema de refrigeração. Mantém a presa viva e fresca antes de ser digerida.

Ainda ouve a mastigação e a sucção aos seus pés. Talvez a larva esteja terminando a refeição; os pedaços do exoesqueleto estão sendo atirados ao redor. Ela faz uma barulheira danada quando arranca os nacos. Os estalos da mastigação ressoam ao redor. Então, a larva tem presas. Fica apavorado só de imaginar que será tocado pelas presas. Fica obcecado ao tentar adivinhar que parte do corpo a larva vai morder primeiro. O rosto? Os genitais? Será que vai cravar as presas na cavidade abdominal?

Apesar do horror da situação, Rick Hutter está estranhamente entediado. Paralisado no escuro, só lhe resta imaginar a aproximação da própria morte. Concentra-se nos momentos felizes da vida. Talvez seja a última chance de relembrá-los. Lembra dos tempos de surfe na praia de Jersey, em Belmar, onde a família passava uma

semana de férias em motéis; não passava mais tempo porque tinha pouco dinheiro. O pai era motorista de caminhão de uma cadeia de lojas de conveniência. Lembra de quando, aos 5 anos de idade, se sentava no banco do motorista do caminhão e dizia para quem quisesse ouvir que depois de crescido seria motorista de caminhão como o pai. Lembra de quando abriu e leu a carta de aceitação da Stanford sem poder acreditar… a universidade oferecia uma bolsa de estudos integral. Lembra de quando se graduou em Harvard, outra vez financiado por uma bolsa de estudos. Lembra de quando entrevistou uma *curandera* na Costa Rica que preparou um chá curativo com folhas de janaguba.

Também lembra de quando tentou extrair um composto das folhas de janaguba no laboratório. Naquela noite, Karen King fazia uma experiência com as aranhas e trabalhou até tarde. Ficaram a sós, sentados lado a lado na bancada do laboratório, sem dizer nada, o clima era pesado e de rejeição mútua. Mas acabaram se tocando nas mãos por acidente… Eu devia ter sido mais ousado com ela naquela noite… claro, eu levaria um soco…

Pensamentos de um moribundo em torno das oportunidades sexuais perdidas. De qualquer forma, quem disse isso? Talvez seja mesmo real…

Ele se sente sonolento… quase apagando…

— Rick!

Ele acorda com a voz de Karen King, que ressoa debilmente pela terra adentro.

*Estou aqui*, Karen, grita mentalmente. Não consegue mexer a boca.

— Rick! Onde está você?

Rápido! Um liquidificador Hoover com presas está aqui comigo.

A lanterna de Karen cintilou por uma fração de segundo — a primeira luz depois de um longo tempo — e apagou. E de novo ele se vê engolfado pelo escuro. Ela se foi.

Volte, ele grita mentalmente. Não se esqueça de mim!

Silêncio. Ela se foi.

E o horror dos horrores aparece no escuro. Um horror úmido com um tornozelo escorregadio que aperta a pata no chão. Isso não está acontecendo. Os segmentos da larva martelam nas pernas de Rick, *bump, bump, bump*. Não! Os segmentos da larva deslizam pelo peito e dificultam a respiração. Não! Por favor, não! A larva da vespa se esparrama com todo o peso em cima e o sufoca. As batidas do coração da larva ecoam no peito. Soa um estalo úmido. As presas começam a trabalhar.

*Clique-clique. Snip-snap*. Estalo.

A luz retorna. Um raio incide na cela. Lâminas negras e afiadas cintilam na boca lisa e insólita da larva que parece um ânus esmaecido. Rick Hutter está cara a cara com a boca.

Karen ilumina a cela com a lanterna de cabeça e se depara com a cena.

— Oh, meu Deus, Rick!

Ela escava a pequena abertura na parede e joga as pedras para o lado.

As presas da vespa roçam na testa de Rick. Fuçam à procura de um ponto macio para morder e mastigar. Roçam no ombro e deixam um rastro de baba. Ele sente as alfinetadas das presas no nariz. Uma boca úmida pousa nos lábios como um beijo babado. Ele tosse sufocado.

— Já chego aí…!

*Rápido, esse puto quer me dar um chupão*.

Karen atravessa a abertura da cela e dá um pontapé na larva, afastando-a do rosto de Rick.

— Deixe-o em paz!

Karen crava o facão na larva, que começa a soltar chiados arfantes pelos orifícios de ventilação. Gira o facão no ar e degola a cabeça bolha com um único golpe. O corpo decapitado entra em

convulsões e descreve um C invertido enquanto se debate para a frente e para trás. Esfaqueia o corpo decapitado seguidas vezes para acabar com a larva de uma vez por todas.

E depois dá um abraço em Rick e o arrasta para fora, deixando a larva decapitada a se debater contra as paredes da cela. Eles são envolvidos por um odor estranho.

*Isso é ruim*, pensa Rick. *Feromônio de alarme*.

Karen também pensa isso. É um grito de socorro da larva moribunda para a mãe, um chamado na linguagem do cheiro. O odor impregna o ninho. Se a mãe o detectar…

Soa a voz de Danny.

— O que está havendo?

— Estou com Rick. Ele está vivo. Fique de olho enquanto o tiro daqui.

Ele parece um saco de batatas, um peso morto, mas a força de Karen é descomunal. Já está com ele e lutará com unhas e dentes para mantê-lo a salvo. Sai rastejando e puxando Rick pela grande câmara em direção à coluna vertical…

Soa a voz de Danny.

— Ela está chegando!

# Capítulo 37



**Cratera Tantalus**
**31 de outubro, 14h**

A vespa solitária aproximou-se em voo lento com uma lagarta dependurada entre as pernas. Sobrevoou o ninho em ziguezague e voou mais baixo à procura da chaminé de barro.

Passado algum tempo, notou que a chaminé estava destruída. E o ninho, depredado e invadido. Intrusos.

Danny Minot se esgueirou pela pedra e se escondeu debaixo de uma planta a fim de se camuflar de pedra e planta.

— Sua idiota! — sussurrou para Karen. Ele fora abandonado no micromundo.

A vespa mãe aterrissou com a lagarta. Agitou as asas e seguiu até a entrada. O cheiro da morte do bebê escorreu pelo buraco. Ela agitou as asas furiosamente que ressoaram como um trovão pelo ar. Deixou a lagarta de lado e entrou no buraco.

Karen King ouviu um estrondo lá em cima — o zumbido das asas da vespa, o sacolejo do seu exoesqueleto.

— Danny! — ela chamou. — O que está havendo?

Sem resposta.

— Fale comigo, Danny!

A vespa mãe desceu pelo ninho armada de uma fúria maternal.



Karen ouviu a aproximação da vespa. Agachou-se na base da coluna da câmara e deixou Rick deitado atrás. Os sons eram assustadores — e reveladores. Um odor penetrante dominava o espaço — uma onda que antecipava o furor da mãe.

Karen pegou o diamante de afiar e amolou a lâmina do facão freneticamente.

— Aguente firme, Rick — murmurou.

Amolou o facão até pô-lo em condições de cortar a resistente armadura bioplástica da oponente. Depois se posicionou ao lado da abertura, empunhando o facão.

— Vem, vamos logo com isso — murmurou.

A mãe chegou à base da coluna. Houve uma pausa.

Em seguida, um cabeção preto e amarelo se meteu na abertura.

Virado para baixo.

Karen golpeou a cara da vespa com toda força.

A lâmina acertou no olho e só deixou uma marca. Os olhos da mãe eram uma couraça.

A vespa se arremessou de cabeça — ainda virada para baixo — pela câmara, abocanhou o facão e o arrastou pela abertura afora depois de tirá-lo das mãos de Karen. Sons metálicos ecoaram no ar: a última arma de Karen fora estraçalhada.

A câmara estremeceu: a vespa batia as asas contra as paredes do túnel, preparando-se para atacar. O bicho arfava.

Karen olhou por cima do ombro e a luz da lanterna de cabeça deixou Rick à vista. Parecia morto…

Quando desvirou a cabeça, a faca pendurada no pescoço balançou em frente aos olhos. Ainda bem que tinha jurado nunca mais carregá-la no bolso. Minha faca. Puxou a faca e desembainhou-a.

A cabeça da vespa se meteu na abertura — ainda virada para baixo. As mandíbulas estalaram para Karen, que se jogou ao solo e passou por baixo da cabeça da vespa. Rastejando, agarrou-se às cerdas que cobriam a cabeça da oponente, que se sacudiu e arremessou-a de volta ao chão.

Karen se viu diante dos três olhinhos no topo da cabeça da vespa e logo se dependurou no pescoço e se viu girando e batendo contra as paredes do túnel diante das mandíbulas que abriam e fechavam. Foi uma tremenda surra. Mas após algumas tentativas para se agarrar em algum ponto do corpo da vespa, acabou fincando os dedos na nuca, exatamente na sutura occipital, uma rachadura entre a cápsula da cabeça e o pleural, a primeira placa blindada do tórax. Um ponto da nuca onde há uma junta na carapaça. O tecido sobre a rachadura era bem macio.

O pescoço da vespa era tão estreito que Karen pôde envolvê-lo com os dedos e dar-lhe uma gravata. Talvez assim pudesse abatê-la.

A vespa recuou abruptamente para dentro do túnel, arrastando Karen consigo. O seu corpo batendo e depois a batida contra as paredes do túnel. A vespa ondulou o corpo e projetou o abdome para fora a fim de ferroá-la, e retornou à cela sacudindo a cabeça a fim de se livrar da intrusa. Mas ela se agarrou bem firme, localizou a junta na nuca, soltou uma das mãos, puxou a faca e rapidamente serrou a linha da rachadura em volta do pescoço da vespa.

A cabeça da vespa tombou.

Rolou por dentro da cela seguida por um jorro de sangue.

As mandíbulas abriram e fecharam duas vezes e depois se aquietaram. O corpo decapitado se esvaiu em sangue e jorrou em cima de Karen. E as asas, que antes batiam contra as paredes, agora estavam inertes sobre um corpo também inerte.

Karen recuou trêmula, ajoelhou-se e pegou a mão de Rick.

— Consegui.

Ele olhou de viés um movimento que vinha por trás, piscou os olhos e gritou mentalmente: *Cuidado*!



Embora o cérebro mestre da vespa estivesse desligado dos oito cérebros menores, os cérebros menores ainda enviavam mensagens para o resto do corpo. E assim as pernas entraram em atividade e arrastaram o corpo decapitado pela câmara. E depois o corpo se contraiu, projetou o abdome para a frente e expeliu o ferrão.

Karen ouviu o movimento atrás, girou e se desviou do ferrão da vespa, que se aproximava enquanto o abdome se debatia contra a parede. Conseguiu se desvencilhar do ferrão quando estava prestes a ser atingida no rosto e quando as lâminas gêmeas se moviam como tesouras a poucos centímetros dos olhos. Os palpos do ferrão deslizaram pelo rosto e pela boca de Karen, mas logo o lançador do ferrão se deteve suavemente com as lâminas imobilizadas em seu colo. Uma gota transparente de veneno escorreu e ficou dependurada nas lâminas. Karen se viu refletida na gota de veneno da vespa.

Esgueirou-se por baixo do ferrão, esquivando-se do veneno e das lâminas, ajoelhou-se e limpou o rosto de Rick.

— Como está, soldado?

Ele estava paralisado. O rosto parecia uma máscara. Os olhos mexiam e piscavam inexpressivos sem os movimentos dos músculos da face. E ele tinha urinado nas calças. Pelo menos respirava e o coração batia. Veneno de vespa é uma coisa complicada, ela pensou. Grande parte do sistema nervoso de Rick não funcionava. Será que ele queria falar? Ela não sabia.

— Consegue piscar? — perguntou. — Se piscar, significa sim. Se não piscar, significa não. Entendeu?

Ele piscou. Sim. O rosto tremeu.

— Rick! Isso é um sorriso?

*Sim*. Uma tentativa.

— Já é um começo. Sente dor?

*Sim*.

— Onde está doendo? Deixa pra lá. Vou puxá-lo. Doeu?

Ele não piscou. *Não*.

Ela o ergueu por debaixo dos braços e o arrastou para longe das gotas de veneno que pingavam do ferrão. Mas enquanto o arrastava se deu conta da gravidade da situação. Ele não sobreviveria se não recuperasse o movimento dos músculos. O sistema nervoso dele precisava de ajuda. Que merda de veneno — projetou o foco da lanterna nas gotas de veneno que pingavam do ferrão. Parece uma bomba inteligente, só danifica partes do sistema nervoso. Um veneno terrível, mas também sofisticado. A natureza faz magias com as substâncias químicas que nenhuma droga humana consegue fazer.

Rick precisava de ajuda, senão logo estaria morto.

Enquanto observava as gotas de veneno, ocorreu-lhe que talvez ele pudesse ser salvo pelo mesmo veneno que o tinha paralisado.

Era hora de coletá-lo. Pôs a mão à cintura, puxou o cantil preso ao cinto do facão, despejou a água, pôs o gargalo debaixo das gotas que estavam pingando e ficou à espera. Em seguida, tampou a garrafa. Tudo bem.

— Tenho um plano. Um plano doido, mas pode dar certo.

Rick olhou fixamente para ela.



Karen apoiou os joelhos nas paredes da coluna do ninho e o escalou. Sentiu-se a própria Mulher Maravilha, nunca faria aquilo no mundo normal. Foi uma longa subida intercalada com paradas de descanso, mas sentiu-se feliz e forte como uma formiga. Por fim, chegou à entrada do ninho.

Danny Minot já tinha perdido as esperanças. Mal pôde acreditar quando Rick Hutter emergiu do buraco seguido por Karen King, que parecia ter saído de uma guerra.

— Consegui resgatá-lo — ela disse triunfante com o resgatado apoiado aos ombros. Atravessou a areia e o deixou ao lado de Danny à sombra da planta.

Ajoelhou-se e observou Rick atentamente. Danny se agachou encolhido para se proteger do vento.

— Consegue ficar de pé? — ela perguntou para Rick.

Ele piscou os olhos.

— Sim? Quer tentar? — Ajudou-o a ficar de pé. Ele vacilou, bambeou e prostrou-se de joelhos no chão.

Ela mostrou o cantil com o veneno da vespa para ele.

— Talvez isso o salve. Talvez, sem garantias. Mas antes precisamos… — desviou os olhos para o bambuzal no final do deserto — voltar para a floresta.

Karen tinha em mente a morte do atirador de elite, as convulsões decorrentes do veneno da aranha. Essa morte deixava informações que poderiam salvar Rick.

# Capítulo 38



**Base de Tantalus**
**31 de outubro, 14h30**

O vento soprava na borda da Cratera Tantalus. Karen King e Danny Minot puxavam o cobertor térmico improvisado de rede com Rick dentro e seguiam em passos lentos. Ela estava com a mochila e a zarabatana às costas. Moviam-se lentamente em direção ao bambuzal e à Pedra Grande. De repente, Rick começou a arfar.

— Abaixe-o — disse Karen.

Rick estava muito pálido, o rosto retorcido e com os lábios azuis. Absorvia pouco oxigênio. O que mais preocupava era a respiração: ofegante, irregular e insuficiente. Talvez o veneno da vespa estivesse afetando o centro respiratório no tronco cerebral. Ele estaria acabado se parasse de respirar.

Ela desabotoou a camisa de Rick e encontrou um ferimento no peito. O que era aquilo? Um sintoma da microdescompressão? Um ferimento por ter sido arrastado pela vespa? Precisavam sair do campo aberto. Ali eram grãos para os pássaros e alimento para as vespas.

— Como está se sentindo?

Rick mexeu a cabeça lentamente de um lado para o outro.

— Mal? Só não durma. Está bem? Por favor.

Ela fixou os olhos no bambuzal da floresta à frente.

— Vamos nos abrigar naquela floresta. Falta pouco, Rick.

Ela torcia e rezava para encontrar o que precisava. Sob as ramagens. Ouviu um suspiro.

— Rick, o que foi?

Silêncio. Ele tinha perdido os sentidos. Ela o sacudiu.

— Rick! Acorde! Sou eu, Karen!

Ele abriu e fechou os olhos. Começava a perder a consciência. Tudo bem. Talvez pudesse enfurecê-lo. Era boa nisso. Ela o esbofeteou.

— Rick, acorde!

Ele abriu os olhos. O estratagema funcionou.

— Quase morri por me arriscar a tirar o seu rabo nojento daquele buraco. Não se atreva a morrer agora.

— Talvez seja melhor deixá-lo para trás — sussurrou Danny.

— Nunca mais repita isso — ela disse furiosa.

Finalmente, chegaram à floresta e acomodaram Rick sob a sombra. Depois de lhe dar água fresca com as mãos em cuia, ela observou as folhagens lá no alto. Em que planta estaria o que ela procurava? Isso não importava. O que importava era saber se havia aranhas naquelas plantas.

Precisava encontrar uma determinada espécie de aranha.

Ela ajoelhou-se.

— Rick. Você precisa reagir.

Ele esboçou um sorriso.

— O que vai fazer? — perguntou Danny.

Ela não respondeu. Enfiou a mão na mochila e tirou um frasco de plástico de laboratório vazio e limpo. Saiu andando e observando as plantas dos arredores. Em dado momento pegou a zarabatana e os dardos e apertou o passo pela vegetação adentro.

— Aonde vai? — gritou Danny.

— Fique de olho nele. Se alguma coisa acontecer com ele, juro que…

— Karen!

Ela saiu correndo. Acabara de avistar um feixe brilhante e colorido debaixo de uma folha. Era verde, vermelho e amarelo. Podia ser o que procurava.

E era.

O que procurava era uma aranha não muito venenosa. O veneno das aranhas pode matar as presas que são na maioria das vezes insetos, mas varia muito em toxidade para humanos e mamíferos. O veneno da viúva-negra está entre os piores porque com uma única mordida pode matar um cavalo. Outras aranhas, no entanto, são menos nocivas para os humanos.

Karen se postou debaixo de uma aranha e observou-a lá no alto. Era pequena e tinha pernas transparentes como vidro e um corpo com manchas coloridas que faziam o desenho de um rosto humano sorridente — o rosto de um palhaço.

Era uma aranha da cara feliz. *Theridion grallator*. Comum no Havaí e bastante estudada pelos cientistas. Conhecida pela mordida sem efeitos prejudiciais aos seres humanos.

Repousava no emaranhado de fios de uma pequena teia debaixo de uma folha.

A aranha da cara feliz é muito reservada. Foge ao primeiro sinal de perigo.

— Não fuja de mim — sussurrou Karen enquanto escalava o caule da planta. Sentou-se discretamente em cima de uma outra folha a certa distância, e depois tirou um dardo e abriu o cantil que continha o veneno da vespa quase até o gargalo. Mergulhou o dardo no veneno, carregou a arma e mirou.

A aranha recuou, olhando-a fixamente. Parecia assustada. Claro, estava assustada, encolheu-se na pequena teia.

Karen sabia que as “orelhas” nas pernas da aranha faziam uma imagem sônica do perímetro e a ouviam. Talvez nunca tivesse se deparado com seres humanos e não soubesse o que tinha por perto.

Ela soprou.

O dardo alojou-se no dorso estampado.

A aranha deu um salto para trás, agitando as pernas para escapar, mas o veneno agiu rapidamente e a imobilizou. O ar ressoava nos pulmões com um chiado fraco e os movimentos respiratórios eram visíveis no dorso. Ótimo. Ainda estava respirando e com o coração batendo. Isso era o mais importante: pressão sanguínea para bombear o veneno para fora.

Karen escalou um pouco mais. Sacudiu um fio da teia.

— Eia!

A aranha não se moveu.

Ela entrou rastejando nos fios da teia, agitou a perna da aranha e os pelos sensoriais sacudiram. Nenhuma reação.

Ela então se deitou na teia, destampou o frasco vazio de laboratório e o posicionou debaixo das presas da aranha. Olhou no fundo dos olhos da aranha, ergueu uma das presas com dois dedos e retirou a película que a envolvia.

Como coletar o fluxo do veneno? As glândulas venenosas localizam-se na fronte, atrás dos olhos. Ela esmurrou a fronte. A aranha se mexeu e das presas verteram algumas gotas de veneno. Ela tampou o frasco. E torceu de coração que a aranha despertasse bem da experiência. Cortou alguns fios da teia e pulou para o chão.



— Veneno de aranha — disse Karen curvando-se por cima de Rick e mostrando o frasco. — Para estimular os nervos. Contém excitotoxinas. Entendeu?

Ele piscou os olhos. *Sim, entendi*.

— Excitotoxinas. Incendiarão os seus nervos. Mas há um risco. Não conheço esse veneno. Não sei como controlar a dose. Isso poderá destruir as células do seu corpo. E consumi-lo.

O desastre digestivo no corpo do atirador de elite passou pela mente de Rick.

Ela apertou a mão dele.

— Estou com medo.

Ele apertou a mão dela.

— Quer isso? — ela perguntou.

Ele piscou. *Sim*.

Ela tirou um dardo da caixa. Um dardo limpo, sem curare. Mergulhou a ponta no veneno da aranha. Puxou a ponta ligeiramente embebida. Ergueu o dardo de maneira que ele o visse.

— Tem certeza?

Sim.

Levou a ponta do dardo à fronte dele. Procurou uma veia e enterrou. Não muito fundo. Apertou a mão dele e ficou à espera.

— Rick…

Passados alguns segundos, nenhum efeito. Ela se perguntou se tinha dado uma dose suficiente… Mas logo se surpreendeu. A respiração dele acelerou. Ela tocou no pescoço dele e a pulsação estava agitada. O veneno estava surtindo efeito.

Logo Rick engasgou ruidosamente e puxou o ar para os pulmões. Seguiu-se uma crise. Ele olhou em volta como um selvagem e tentou se levantar com os olhos esbugalhados e o corpo tremendo. Ela o comprimiu por cima e prendeu os braços dele, não com muita força. As golfadas de ar da hiperventilação o fizeram arfar e arquear. Ela

achou que ele poderia se ferir e jogou todo o peso por cima para imobilizá-lo.

Ele soltou um gemido. Livrou uma das mãos abruptamente, agarrou a garganta de Karen e apertou, estrangulando-a e descarregando a raiva. Mas logo abriu os dedos e soltou a garganta. Ela pôs a mão no ombro dele. O toque tornou-se um carinho. O carinho subiu pelo pescoço, roçou debaixo da orelha, acariciou a pele e entrou nos cabelos. Ela o beijou e, por incrível que pareça, ele retribuiu o beijo.

Ela interrompeu o beijo.

— Isso dói?

— Dói… como assim… diabos… — ele grasnou. — Já… estava… gostando disso.

Karen o ajudou a sentar-se. Ele hesitou e quase tombou, mas ela o amparou com os braços e disse carinhosamente que tudo ficaria bem.

— Rick, você salvou a minha vida. Você salvou a minha vida.

Danny assistiu à troca de carinhos entre Rick e Karen com desconforto. Achou que aquilo não acrescentava nada aos esforços para retornar à Nanigen. Até porque ele precisava urgentemente de um médico. Olhou para o braço e quase vomitou. As larvas estavam mais agitadas do que nunca.

Passado algum tempo, Rick estava de pé. Eles retomaram a caminhada. Entraram na floresta onde os bambus eram tão altos quanto as sequoias. Atravessaram o bambuzal e surgiu à frente uma cena deslumbrante. Estavam diante da Pedra Grande, na borda da Cratera Tantalus. Olharam para o fundo.



A cratera se estendia abaixo, uma bacia com uma exuberante floresta tropical circundada de terra nua e salpicada de árvores destruídas pelo vento. Os picos da Koolau Pali espetavam as nuvens em torno da cratera enquanto o vento açoitava os arredores. No sopé da Pedra Grande, a Base de Tantalus.

Uma base que passaria despercebida a pessoas de estatura normal, uma pista de quase um metro de comprimento com marcas pintadas. Karen achou que era uma pista de aviões. Ladeando-a, um amontoado de miniaturas de prédios de cimento. O mais alto parecia ser um hangar. Os menores pareciam ser abrigos antibombas. Estavam parcialmente enterrados no solo com folhagens e ramagens secas por cima, misturando-se ao microterreno.

Karen sorriu de felicidade.

— Uau! Rick, nós conseguimos!

Ele sorriu e ela esfregou as mãos e os braços dele. Era para estimular a circulação sanguínea.

— Suas mãos estão mais quentes. Acho que já está bem melhor.

Eles não queriam chamar a atenção do pessoal da base. Eram funcionários da Nanigen e provavelmente seguiam as ordens de Vin Drake. Ficaram observando a base durante um tempo. Sem atividades. Colocaram-se debaixo de um pé de *mamaki*. A Pedra Grande pairava acima como uma montanha.

Sem atividade na pista de pouso e decolagem, o lugar parecia deserto.

A pista estava coberta de pedras, barro seco e ramagens. Um cone de barro — um formigueiro — erguia-se nas proximidades.

Uma trilha de formigas se estendia pela pista em direção ao fundo da cratera.

— Isso não me parece nada bom — sussurrou Danny Minot.

O coração de Karen apertou. Se ali não havia micro-humanos, não haveria veículos para a Nanigen e não haveria chance de ajuda. O lugar estava abandonado e tomado pelas formigas.

Mas talvez houvesse aviões.



Eles desceram pela encosta em passos lentos e entraram no hangar. Havia espaço para aviões, mas não havia aviões. Karen saiu para explorar a base enquanto Rick e Danny descansavam. Encontrou um compartimento que talvez fosse um depósito de peças e suprimentos e que estaria vazio se não fossem os pregadores nas paredes e os parafusos espalhados pelo chão. Entrou em outro compartimento. Vazio. O compartimento seguinte tinha acomodações alagadas de chuva e praticamente tomadas de lama.

A Base de Tantalus estava abandonada. Sem nenhum sinal de vida humana. Sem nenhum indício de estradas para Honolulu. Sem nenhum veículo terrestre. Sem nenhuma aeronave. Apenas um vento que fustigava o solo e assoviava pelos corredores vazios do Tantalus.

Eles saíram do complexo e se sentaram de frente para a cratera. Por um vão na parede da cratera avistavam a cidade e o oceano Pacífico que se espraiava de azul mais além. A Nanigen estava a quilômetros de distância dali e eles não sabiam como voltar para casa.

Danny Minot deitou-se no chão de cascalho, amparou o braço e começou a chorar. Os soluços ecoaram para fora do hangar e se misturaram ao céu nublado e ao vento.

Karen observou uma formiga que transportava uma semente pelo corredor. E depois ela desviou os olhos para a Pedra Grande, a linha do horizonte e as nuvens. Alguma coisa se mexeu perto da pedra e parecia ser uma silhueta humana.

# Capítulo 39

**Base de Tantalus**
**31 de outubro, 17h**

Será que vinham sendo observados por aquele homem há muito tempo? Karen não fazia ideia. Talvez enquanto estavam explorando a base. Os cabelos brancos e compridos do homem brilhavam e se agitavam na brisa. Ele vestia uma armadura. De que material seria feita? Mesmo à distância, os seus olhos eram frios e duros. Ele ergueu um objeto e ela percebeu ser um rifle a gás.

— Abaixem-se! — gritou e deu um puxão em Rick.

O homem apertou o gatilho. Ecoou um silvo seguido de um brilho metálico que cruzou o ar, cravou-se no solo à frente e explodiu. Karen saiu rastejando e puxando Rick, mas sem encontrar um lugar para se proteger. Um outro atirador de elite… Drake estava por trás…

A voz do homem soou mais alta que o vento.

— Isso foi um aviso. Levantem-se com as mãos para cima. Joguem as armas na frente de vocês.

Eles obedeceram. Karen ergueu a zarabatana para que ele visse e jogou-a no chão. E jogou a caixa de dardos ao lado da zarabatana.

— Coloque as mãos na cabeça.

Ela obedeceu e gritou:

— Estou com dois feridos. Precisamos de ajuda.

O homem não respondeu. Saiu caminhando com a arma empunhada. Só quando chegou mais perto é que eles viram que era um velho com o rosto maltratado pelo sol e os olhos intensamente azuis. Era um tipo musculoso e aparentava grande vigor físico. Quantos anos teria? Pela aparência, entre 50 e 80. A armadura era feita com a parte mais resistente da carapaça de um besouro. Uma cicatriz descia pela testa e o pescoço e entrava por baixo da armadura. Ele observou atentamente os três jovens.

Em seguida desviou os olhos e observou os arredores. Karen percebeu que estava preocupado com os predadores. Ele gesticulou com a arma.

— Seus nomes.

Karen deu o nome de todos e perguntou:

— Quem é você?

Ele ignorou a pergunta.

— Meu braço… — Danny começou a falar, mas se calou quando viu a arma apontada para o seu rosto.

— Precisamos de atendimento médico — disse Karen.

O homem limitou-se a encará-los. Mexeu na zarabatana com o pé.

— Interessante — disse. Pegou a zarabatana, olhou para o dardo e o cheirou. — Envenenado? — perguntou.

Ela assentiu.

— Onde estão suas armas?

— Perdemos a única que tínhamos. Foi um ataque de pássaros…

— Foram mandados por Vin Drake — ele a interrompeu. — Por quê?

Ela se explicou.

— Não, Drake tentou nos matar…

O homem a interrompeu novamente.

— Isso é um dos truques dele.

— Acredite em nós — ela disse.

— De onde vieram?

— Do jardim botânico.

— E subiram até aqui? Isso é impossível.

Karen se aproximou do homem e tentou puxar a arma.

— Devolva a minha arma.

Ele arregalou os olhos, talvez de surpresa ou raiva. Fez uma pausa, virou a arma para baixo e desengatilhou-a. Abriu um sorriso com os dentes brancos expostos.

— De algum jeito, você me impressionou. — Ele devolveu a zarabatana a ela. — Bem-vindos ao Tantalus. Sou Ben Rourke. O inventor do gerador do tensor.

Karen olhou nos olhos dele.

— E você, como veio parar aqui?

— Náufrago por acaso, eremita por escolha — ele respondeu.



Ben Rourke vivia em uma caverna próxima à Pedra Grande, uns dois metros acima da Base de Tantalus. Ele os guiou pelo declive em direção à Pedra Grande, ajudando Rick pelo caminho. A entrada da caverna era um buraco no sopé da pedra que parecia a entrada de uma mina e lá dentro corria um túnel em linha horizontal. Seguiram túnel adentro por um caminho cada vez mais escuro. Algum tempo depois chegaram a uma porta de madeira entalhada. Estava fechada e trancada com um gancho de ferro. Rourke abriu a porta e os fez

entrar em outra seção do túnel também escura. Ligou um interruptor e uma fileira de lâmpadas LED iluminou o ambiente.

— Bem-vindos ao Reduto do Rourke — disse. — É assim que chamo o meu cantinho. — Deu um passo atrás e trancou a porta com um pino de ferro.

— É para manter o lugar a salvo dos centípedes. — Ele deu alguns passos curtos e pesados.

O túnel se estendia ao longo de um declive que seguia montanha adentro, virando à direita e à esquerda e ladeando outros túneis de frente para a escuridão.

— Isso aqui é um ninho de ratos vazio — explicou. — Foi o pessoal do Drake que os envenenou e fechou o ninho, alegando que os ratos ameaçavam os humanos da Base de Tantalus. Fui eu que reabri os túneis para morar aqui.

As lâmpadas LED brilhavam de azul nos intervalos do teto.

— De onde vem a energia? — perguntou Karen.

— De um painel solar. No alto de uma árvore. O fio desce até aqui e carrega as baterias. Levei três semanas para trazer as malditas baterias lá da Base de Tantalus, mesmo com ajuda de um hexápode autômato. Vin Drake não faz ideia dos tesouros que o pessoal dele deixou para trás quando abandonou a base. Ele acha que estou morto.

— Você tem alguma relação com ele? — perguntou Karen.

— De ódio.

— O que houve?

— Conto outra hora.

Ben Rourke era um tipo misterioso. Como tinha parado naquele lugar? Como sobrevivera à microdescompressão?

Rick alongou os membros do corpo e esfregou os braços. Sob a luz pôde ver que estava com muitos ferimentos. Pelo menos se movimentava. Ele se perguntou quanto tempo restava aos três sobreviventes antes que a descompressão começasse e os fizesse

adoecer. Fazia muito tempo que estavam no micromundo? Parecia uma eternidade, mas só tinham se passado três dias, fez questão de recordar. Os primeiros sintomas aparecem no terceiro ou no quarto dia.

Eles chegaram a uma outra porta pesada de madeira. As portas pareciam portas estanque de navio e separavam as diversas seções do ninho. Depois que entraram, Rourke fechou a porta e repetiu que era preciso ter todo cuidado com os predadores do lugar. Ligou um interruptor e as luzes revelaram um salão de teto alto mobiliado e com estantes de livros, equipamentos de laboratório e muitos suprimentos. Era um ambiente doméstico.

— Lar doce lar — disse, despindo-se da armadura e pendurando-a num espaço de armazenamento. Passagens laterais levavam aos ambientes adjacentes e um deles tinha equipamentos eletrônicos.

No salão, um computador em cima de uma escrivaninha e várias cadeiras feitas de gravetos e talos de capim. Ocupando todo o centro, uma lareira circular. Na grade próxima à lareira, tiras de carne de inseto defumada. E também um bom estoque de frutas secas, sementes comestíveis e raízes secas de inhame.

A cama de Ben Rourke era uma casca de noz-molucana estofada com lascas macias de troncos de árvores. Encostada à parede, uma pilha alta de nozes. Ele levou vários pedaços de amêndoa oleosa para a lareira e acendeu-a com uma tocha a gás. O fogo iluminou e aqueceu o salão e a fumaça saiu por um buraco no teto.

Ben parecia um homem de mil e uma utilidades, inteligente e com um conhecimento profundo e de muitas coisas. Parecia feliz naquela fortaleza; parecia gostar da vida que levava. E sua história era intrigante. Como é que tinha parado naquele lugar? Por que odiava Vin Drake? Drake tinha feito algum mal a ele? Karen e Rick olharam para os ferimentos que tinham nos braços e nas mãos e pensaram em persuadi-lo a ajudá-los a partir imediatamente para a

Nanigen, a não ser que tivesse um jeito de combater a descompressão.

Mas era prioritário que Rick e Danny recebessem ajuda médica. Rourke começou por Rick. Massageou os membros, examinou o fundo do olho e fez algumas perguntas. Abriu um pequeno baú de remédios que parecia o baú de um capitão de navio em uma viagem longa, com itens como fórceps, compressas esterilizadas, um bisturi comprido, uma serra de amputação, um vidro de iodo e uma garrafa de Jack Daniels. Observou a picada do ferrão da vespa e encharcou o braço de Rick com iodo. Rick deu um pulo e ele disse que o iodo curava tudo.

— Vocês estão precisando de um banho — acrescentou.

— Faz três dias que estamos no micromundo — disse Karen.

— Três dias — repetiu Rourke pensativo. — Na verdade, isso corresponde a muito mais tempo. Ainda não se deram conta da compressão do tempo?

— O que quer dizer? — perguntou Rick.

— Aqui no micromundo o tempo se move com mais rapidez, os corpos se movem com mais rapidez, o coração humano bate como o de um beija-flor.

— E tivemos que dormir durante o dia — frisou Karen.

— Claro que sim. E o tempo de vocês está correndo. Já estão afetados pela descompressão, posso ver. Logo virão os golpes mais fortes. Ferimentos, dor nas juntas, sangramento nasal, o fim.

— Como você evitou a descompressão? — perguntou Karen.

— Não evitei. Quase morri. Mas descobri um jeito de sobreviver a isso. Talvez outras pessoas também possam sobreviver.

— O que fez? — perguntou Rick.

— Por ora temos que cuidar do braço do nosso amigo. — Rourke desviou os olhos.

Danny estava acomodado na poltrona ao lado da lareira. Uma poltrona maciça e confortável, se bem que era feita de vime com um

trançado de hastes de samambaia e gravetos. Ele estava estirado e amparava o braço. A manga da camisa rasgada deixava à vista os caroços protuberantes das larvas na epiderme do braço. Rourke cutucou o braço com cuidado.

— Talvez sejam os ovos de uma vespa parasita. Achou que o seu braço era uma lagarta.

— Eu vou morrer?

— Claro que vai — disse Rourke, acrescentando quando Danny abriu a boca de pavor. — A questão é quando. É melhor amputar esse braço se não quiser morrer logo. — Ele pegou o bisturi comprido e estendeu a garrafa de Jack Daniels. — Anestésico. Beba enquanto fervo os instrumentos.

— Não.

— Os vermes vão migrar se não tirar fora esse braço.

— Para onde?

— Para o cérebro. — Rourke encostou os dentes da serra de amputação no braço ferido.

Danny saltou da poltrona e deu um passo para trás, segurando a garrafa na frente como se fosse um taco.

— Afaste-se de mim!

— Não derrame o uísque. Não me sobrou muito.

— Você não é médico! — Danny tomou um gole direto da garrafa. — Quero um médico de verdade! — Secou os lábios e tossiu.

— Não é uma boa hora para sair daqui, sr. Minot — disse Rourke enquanto recolocava os instrumentos no baú. — Já está anoitecendo. E à noite é mais prudente se abrigar debaixo da terra.

# Capítulo 40

**Reduto do Rourke**
**31 de outubro, 19h**

Ben Rourke alimentou o fogo com mais pedaços de amêndoas e pôs um caldeirão de metal sobre as chamas. Suspendeu o caldeirão com um gancho e uma barra de ferro articulável fincada no chão — peças de metal recolhidas na Base de Tantalus. Algumas colheres de chá de água ferveram quase que instantaneamente. Retirou uma porção de água quente do caldeirão com um recipiente e levou para uma banheira de madeira dentro de um nicho à parede.

Era uma banheira com um espaço privado. Ele retirou água fria de um tanque e acrescentou à água quente.

Rick entrou na água. Com o veneno ainda no organismo e sem controle motor, ele enrijeceu e sentiu-se tonto. Pegou um pedaço de sabão rústico e macio. Um sabão medieval, talvez Rourke o tenha feito de cinzas e gordura de insetos. Foi um alívio poder se banhar depois de se arrastar durante três dias na lama. Mas isso não o impediu de reparar nas manchas escuras espalhadas pelos braços e pernas. Ele se convenceu de que eram hematomas decorrentes do

encontro com a vespa. Sentia-se estranho, mas isso só podia ser efeito do veneno.

Danny recusou o banho, alegando que água poderia estimular as larvas. Sentou-se numa poltrona e começou a beber o uísque de Rourke com os olhos fixos no fogo da lareira.

Karen também se deleitou na banheira de água quente. A sensação de estar limpa era indescritível. Em seguida lavou as roupas, colocou-as para secar, vestiu um roupão de Rourke e sentou-se perto do fogo com o corpo refrescado. Rick vestiu uma calça e uma camisa de trabalho de Rourke. Eram roupas velhas, mas confortáveis e limpas.

Enquanto isso o anfitrião cozinhava para os hóspedes, adicionando à panela de água fervente carne defumada de inseto, raízes comestíveis, folhas verdes e sal. Logo a comida estava pronta e o aroma dos temperos impregnou o ar. Eles recuperaram rapidamente a energia com o delicioso ensopado de inseto e vegetais. E depois se acomodaram nas estranhas poltronas dispostas perto da lareira para ouvir a história de Ben Rourke.



Ben era físico e engenheiro projetista de sistemas, especializado em campos magnéticos. Depois de conhecer os dados de experiências militares realizadas anteriormente em Huntsville, começou a investigar o método de encolhimento da matéria nos campos tensores. Após solucionar algumas equações aparentemente insolúveis referentes à turbulência nos campos tensores, Vin Drake tomou conhecimento do trabalho de Rourke e o contratou como um dos engenheiros fundadores da Nanigen. Com a assistência de

outros engenheiros da Nanigen, construiu o gerador do tensor com equipamentos industriais adquiridos na Ásia. Para isso Drake captou uma grande soma em dinheiro do Consórcio Davros; o homem tinha um toque mágico, fazia tudo parecer excitante e muito lucrativo.

Ben Rourke apresentou-se voluntariamente como o primeiro humano a passar pelo gerador do tensor. O gerador ainda era uma incógnita e ele fez questão de ser o primeiro a correr o risco. Os organismos vivos são complicados e frágeis, e geralmente os animais encolhidos no gerador sucumbiam de hemorragias que os levavam à morte.

— Drake não levava em conta o risco — disse. — Insistia que não havia problema algum.

Na experiência, Rourke permaneceu pouco tempo encolhido e retornou a sua dimensão normal. Mas as pessoas encolhidas posteriormente no gerador e que passavam mais tempo nesse estado ou adoeciam ou se feriam à toa ou tinham misteriosos sangramentos. Eram rapidamente devolvidas à dimensão normal, mas os exames revelavam uma inexplicável deterioração da capacidade sanguínea de coagulação.

Enquanto isso, a Nanigen nadava no dinheiro dos investidores como líder na exploração do micromundo. A princípio a empresa decidiu se concentrar na exploração da Cratera Tantalus. Como a região possuía uma biodiversidade extremamente rica que propiciava uma grande gama de componentes químicos e biológicos, a empresa construiu a Base de Tantalus em módulos.

— Os módulos eram construídos a partir de um modelo em escala 1:10, e encolhidos no gerador adaptados ao tamanho dos micro-humanos.

Logo os módulos foram estocados com suprimentos e equipamentos e colocados na Cratera Tantalus.

No início, as equipes de campo permaneciam na Base de Tantalus pelo tempo limite de trinta e seis horas. Retornavam para a Nanigen e retomavam o tamanho normal. Mas depois a Nanigen instalou as estações de suprimentos no baixo vale do Waipaka Arboretum para abrigar as equipes de campo.

Com a alta rotatividade das equipes, era difícil operar os robôs de escavação e coletar as amostras. Apesar dos muitos riscos, Drake insistia em mantê-las o máximo de tempo possível no micromundo. A certa altura ele fez uma sondagem para ver se Rourke concordava em permanecer na base por um tempo mais longo — era um teste para adaptar o corpo humano ao micromundo nessas condições.

— Eu confiava nele e confiava na minha invenção — disse Rourke. — A patente do meu projeto era da Nanigen e eu participaria dos lucros se tivesse sucesso. Aceitei correr o risco de permanecer um tempo mais longo no micromundo para garantir o sucesso da Nanigen.

Ben Rourke então liderou uma equipe de voluntários para uma permanência de uma semana na base.

— O projeto do gerador do tensor era meu e achei que deveria ser o primeiro a testar uma estada mais longa. Achei que deveria assumir o risco.

Rourke foi acompanhado de dois outros voluntários da Nanigen, o engenheiro Fabrio Farzetti e a médica Amanda Cowells, responsável pelas condições clínicas do grupo. Foram encolhidos no gerador e colocados na Base de Tantalus.

— A princípio tudo correu às mil maravilhas — ele continuou. — Fizemos experiências e testamos o equipamento da base. Mantínhamos contatos regulares com a Nanigen através de um sistema especial de comunicação, um equipamento de vídeo com equalizador de audiofrequência que nos permitia conversar com pessoas de tamanho normal. — Ele apontou para uma porta de madeira aberta na sala e do outro lado estavam o equipamento

eletrônico e uma tela de vídeo. — Aquele é o equipamento de vídeo. Fui eu que o trouxe da Base de Tantalus. Com esse equipamento poderei me comunicar com a Nanigen se algum dia Vin Drake perder o comando. Mas não vou recorrer ao sistema enquanto Drake estiver no comando. Ele acha que estou morto. Seria um erro fatal se o deixasse saber que estou vivo.

Depois de alguns dias na base, os três voluntários desenvolveram sintomas de microdescompressão.

— Ferimentos nas pernas e nos braços. E depois Farzetti adoeceu. A dra. Cowells achou que era hemorragia interna. Solicitamos que fosse evacuado.

Fabrio Farzetti morreria se não fosse hospitalizado com urgência.

— Drake nos disse que a evacuação de Farzetti não seria possível — continuou. — Alegou que o gerador estava enguiçado. E nos garantiu que estava sendo consertado.

Como Ben Rourke conhecia o gerador melhor que qualquer outro, dirigia os trabalhos de reparo pelo sistema de vídeo no micromundo e as equipes de engenheiros seguiam as instruções na sede da Nanigen. Mas o fato é que a máquina continuou enguiçada e Farzetti morreu, apesar de todos os esforços da dra. Amanda Cowells para salvá-lo.

— Foi Drake que sabotou o gerador — ele disse.

— Por quê? — perguntou Karen.

— Éramos ratinhos de laboratório — ele respondeu. — Drake só queria que lhe passássemos todos os dados antes de morrermos.

E depois foi a vez da dra. Cowells cair doente. Rourke cuidava dela e implorava o tempo todo por ajuda através do sistema de vídeo.

— Até que cheguei à conclusão de que nunca receberíamos ajuda. Drake estava determinado a levar aquela experiência perversa até o fim… até a morte de todos nós. Queria mais informações sobre a microdescompressão e fazia disso uma experiência nazista. Tentei

abrir os olhos das outras equipes da Nanigen através do vídeo, mas ninguém me deu ouvidos. Sei muito bem que Drake se deleitou em assistir a nossa morte… o sofrimento alheio lhe dá prazer. Nem lhe passava pela cabeça que as pessoas encolhidas eram humanas. E quem acreditaria que ele estava fazendo aquilo? Gente como ele age sem a menor consideração ética ou moral. Esse tipo de crueldade é invisível aos olhos porque as pessoas comuns não acreditam que se possa cometer tanta maldade. Os psicopatas agem por anos a fio sem serem reconhecidos quando são bons atores — disse Rourke.

Karen King quis saber se Drake agia sozinho.

— Será que ele tem cúmplices?

— Algumas pessoas da Nanigen suspeitam da integridade dele — respondeu Rourke. — Talvez o pessoal do Projeto Omicron saiba de alguma coisa.

— O que é isso?

— Projeto Omicron? É o lado sombrio da Nanigen.

— Lado sombrio?

— A Nanigen pesquisa para o governo americano. E essa pesquisa é o Projeto Omicron.

— E o que faz o Projeto Omicron?

— Está envolvido com armamentos — disse Rourke. — Mas isso é tudo que sei.

— E como soube?

— Falatórios dos funcionários. Inevitáveis — ele disse sorrindo e acariciando o queixo enquanto se dirigia a uma pilha de nozes. Escolheu a maior, jogou-a na lareira e o fogo ardeu.

*É um tipo solitário, um eremita*, pensou Karen olhando para o fogo e em seguida pensando em como era no Leste. Também vivia como eremita no apartamento apertado de Somerville e passava a maior parte do tempo no laboratório. Varava as noites estudando e isso se tornou um hábito. Sem amizades estreitas, sem namorado e sem um cinema uma vez ou outra. Sacrificava uma vida normal em troca de

um PhD para se tornar cientista. Fazia mais de um ano que havia dormido com um homem pela última vez. Talvez por medo do temperamento dela e do trabalho com as aranhas que ela fazia no laboratório. Ela sabia que tinha um temperamento esquentado. Talvez um modo de ser. Talvez ela fosse mais feliz sozinha, do mesmo jeito que Ben Rourke era mais feliz como eremita. De repente a vida em Cambridge quase lhe pareceu um outro universo.

— E se eu quisesse ficar aqui no micromundo, Ben? Será que eu sobreviveria?

Fez-se um longo silêncio. Rick Hutter olhava fixamente para ela.

Rourke se levantou e jogou outra noz no fogo.

— Por que quer ficar aqui, srta. King? — disse.

Karen desviou os olhos para o fogo.

— Aqui é perigoso… mas é maravilhoso. Tenho visto… coisas inimagináveis.

Rourke se levantou outra vez, se serviu de mais ensopado, retornou à poltrona, soprou o ensopado até esfriá-lo e disse em seguida:

— Segundo um ditado zen, os sábios podem viver confortavelmente no inferno. Na verdade, aqui não é tão ruim assim. Você só precisa aprender algumas habilidades extras.

Karen olhou para a fumaça que saía pelo buraco no teto, se perguntou para onde escoava e concluiu que talvez Rourke tivesse cavado uma chaminé com as próprias mãos. Quanto trabalho apenas para ter uma lareira. Seria preciso trabalhar muito para sobreviver no micromundo? Ben tinha conseguido. Será que ela conseguiria?

Rick se virou para Karen.

— É bom lembrar. Nosso tempo está passando.

Ele estava certo.

— Ben, nós precisamos voltar para a Nanigen — ela disse.

Rourke recostou-se e olhou com os olhos apertados para os três.

— Estou me perguntando se posso confiar em vocês.

— É claro que pode.

— Tomara que sim. Venham comigo e veremos como levá-los para casa. Alguém está carregando algum metal? — Ele pediu para que Karen deixasse a faca de lado.



A sala de estar se estendia até um pequeno túnel que levava a uma alcova que estava com a porta fechada. Rourke abriu a porta. Lá dentro, um grande disco de metal cinzento faiscava no solo com um furo no centro, como uma rosca.

— É um ímã de neodímio de dois mil Gauss — ele explicou. — Um campo magnético superpotente. Também adoeci depois que Farzetti e Cowells morreram. Mas bolei a teoria de que um potente campo magnético poderia estabilizar as flutuações dimensionais que acarretavam reações enzimáticas nocivas ao organismo como a má coagulação do sangue, por exemplo. Fiquei duas semanas dentro do campo magnético. Eu estava muito doente. Quase à beira da morte. E quando saí de lá me sentia muito bem. Fiquei imune à microdescompressão.

— E nós sobreviveríamos se ficássemos dentro desse ímã? — perguntou Rick.

— Claro — disse Rourke enfaticamente.

— Mas acho melhor chegarmos ao gerador — disse Rick.

— Claro. Por isso vou mostrar o segredo de Tantalus para vocês — disse Rourke.

Saíram da alcova e seguiram ao longo de um túnel comprido e depois subiram por um outro túnel com os três pesquisadores ansiosos para saber para onde estavam sendo levados. Pelo visto,

Ben Rourke gostava de revelações misteriosas. Entraram em uma ampla câmara mergulhada na penumbra com muitas sombras não identificadas. Rourke apertou um interruptor e uma fileira de lâmpadas LED acendeu. Três aviões estavam plantados no piso. Era um hangar subterrâneo com portões enormes.

— Meu Deus! — exclamou Karen.

Os aviões que estavam com a cabine de pilotagem aberta, tinham asas enflechadas, cauda dupla, um propulsor na traseira e rodas retráteis.

— Estavam com defeito e o pessoal do Drake os deixou para trás. Fui eu que os consertei com peças coletadas aqui e ali. Já sobrevoei todas essas montanhas com esses aviões. — Rourke bateu na cabine de um avião. — Também são equipados com armas.

— Onde? Não estou vendo arma alguma — disse Rick enquanto observava as asas.

Rourke se debruçou na cabine e tirou um facão de dentro.

— É meio medieval, mas foi o melhor que pude fazer. — Ele recolocou o facão na cabine.

— Podemos voar até a Nanigen? — perguntou Karen.

— É um voo longo. — Ele explicou que a velocidade máxima dos microaviões era de sete milhas por hora. — Em Oahu as correntes de vento desenvolvem uma média de vinte e quatro quilômetros por hora. Se voarem contra o vento, voarão para trás. Se voarem a favor do vento, talvez cheguem a Pearl Harbor. Ou talvez não. Mas isso também depende de mim. Não sei se eu vou emprestar os aviões para vocês. Só têm um assento e só carregam uma pessoa. Só tenho três aviões e vocês são três. Ou seja, não vai sobrar nenhum para mim.

— Dr. Rourke, posso pagar uma grande soma em dinheiro por um avião — disse Danny. — Herdei um bom dinheiro. Será todo seu.

— Não preciso de dinheiro, sr. Minot.

— Do que precisa então?

— Que acabem com Vin Drake. Se fizerem isso, terão os meus aviões.

— Claro que podemos acabar com o sr. Drake — disse Danny.

Karen se manteve calada. Rick olhou para ela. O que estava acontecendo com Karen? Em seguida ele quis saber como é que Rourke sobreviveria sem os aviões.

— Construo outro — Rourke descartou a pergunta. — Já tenho muitas peças coletadas. — Ele entrou na cabine, sentou e explicou como operar os controles. — É muito simples. Tudo é controlado por computador. Aqui é o manche. Se cometerem erros, o computador corrige. Aqui está o rádio e aqui, o fone de ouvido.

Eles poderiam se comunicar durante o voo. Mas o avião não tinha radar nem instrumentos de navegação.

Como encontrariam a Nanigen?

— Lá de cima é muito fácil avistar o Parque Industrial de Kalikimaki. É um conglomerado de armazéns na rodovia Farrington. — Rourke deu algumas indicações de curso.

— Tudo bem — disse Rick. — E quando chegarmos à Nanigen?

— Encontrarão robôs de segurança protegendo o núcleo do tensor.

— Robôs de segurança?

— Microrrobôs voadores. Mas vocês não terão problemas. Estão muito pequenos e não serão captados pelos sensores dos robôs. Não poderão vê-los. Não vão perceber nada nem se vocês passarem voando por cima deles. E vocês poderão operar o gerador mesmo com o tamanho reduzido que estão. Eu mesmo projetei um microcontrole. Está localizado no piso, debaixo de uma escotilha. A escotilha está no centro do hexágono número três. E o hexágono está marcado com um círculo branco. Um círculo que pode ser visto lá do alto.

— Esse controle é complicado?

— Nem um pouco. Basta abrir a escotilha e apertar o botão vermelho de emergência. Logo retomarão o tamanho normal… — Rourke fez uma pausa e olhou para Rick. Para o braço de Rick.

Ele estava encostado num avião e a manga da camisa enrolada deixava à vista os ferimentos que se alastravam pelo braço.

— Você está arrebentando — disse Rourke.

— Arrebentando? — Rick achou que ele se referia ao avião.

— Estará acabado depois que começar a sangrar. Vamos para o ímã — disse Rourke abruptamente. — Faltam poucas horas pra você arrebentar.

Karen examinou os próprios braços. Também não estavam em bom estado. Era uma corrida contra o tempo. Espere até o amanhecer e torça para que ninguém comece a sangrar.

Ben Rourke aconselhou que dormissem dentro do ímã. Não garantiu nada, mas o campo magnético poderia retardar o aparecimento dos sintomas. Na alcova do ímã também havia uma lareira e Rourke acendeu o fogo. Karen e Rick entraram no furo do ímã e se embrulharam nos cobertores para tentar dormir. Eles estavam exaustos, mas não conseguiam relaxar. O tempo passava muito depressa no micromundo e era difícil dormir.

Danny Minot recusou-se a dormir no ímã. Preferiu dormir na sala principal, embrulhado num cobertor e acomodado numa poltrona.

Rourke alimentou o fogo da lareira.

— Vou preparar os aviões no hangar. Precisam partir assim que o dia clarear. — Ele entrou no túnel que levava ao hangar. Faria uma checagem dos microaviões; testaria os instrumentos e carregaria as baterias elétricas, deixando-os prontos para partir assim que o dia amanhecesse.



Quando se viu sozinho no salão, Danny Minot encolheu-se na poltrona. Não conseguiu pegar no sono. Acabou de beber o Jack Daniels e zuniu a garrafa para longe. O braço se agitava e se remexia por vontade própria com os estalidos dos novos caroços na pele. Quando levantou o cobertor, as larvas se remexeram ainda mais. Ele não suportou. Caiu em prantos e perdeu o controle. Talvez pelo álcool, ou talvez pelo péssimo estado do braço ou pela situação toda. Ele chorava com os olhos fixos na passagem por onde Rourke tinha saído. Já fazia muito tempo que ele tinha saído?

De repente, o braço de Danny rasgou.

Parecia uma folha de papel sendo rasgada com estalidos. Ele não sentia nada e então olhou para o braço e uma cabeça emergia pelo rasgão. Uma cabeça brilhante de uma larva que se contorcia, girava a cabeça e se alongava para sair de corpo inteiro.

— Oh, Deus! A larva está chocando! — sussurrou.

E depois a larva fez uma coisa terrível e estranha. Cuspiu uma gosma pegajosa, um fiapo de baba… aliás, um fio de seda. Com uma parte do corpo para dentro do braço e a outra para fora, a larva tecia fios de seda em volta de si, com giros rápidos de cabeça. Construía um casulo de seda com a parte traseira ainda enraizada no braço de Danny.

O que ela está fazendo? Não chocava! Só estava passando para outra fase. Tornava-se um casulo. A larva recusava-se a sair do braço!

Aterrorizado, ele tentou puxá-la. Ela chicoteou raivosa, cuspindo seda e ameaçando morder com dentes minúsculos. Não queria sair.

Queria se ancorar no braço para construir um casulo de seda.

— Karen? Rick? — ele disse baixinho. A porta da alcova estava fechada. Não podiam ouvi-lo. De qualquer forma, não poderiam ajudá-lo. — Ohhh…

Danny entrou em crise de pânico. E a saleta com a tela de vídeo? Segundo Rourke lá havia um sistema de comunicação com a Nanigen. Ele olhou ao redor. Rick e Karen estavam na alcova do ímã, muito distantes. Rourke estava no hangar. Ele afastou o cobertor, levantou-se e foi dar uma olhada na tela de vídeo que estava na saleta de comunicação. Encontrou uma lente. Era uma minicâmera apontada para fora da tela. Uma capa cobria a superfície da tela. Retirou a capa. Dois botões: um de ligar e desligar e o outro vermelho com a palavra LINK escrita por cima. Muito simples. Apertou o botão que ligava o equipamento e a tela brilhou de azul. E depois apertou o botão vermelho, o LINK.

Soou uma voz feminina, mas sem imagem na tela.

— Serviço de segurança da Nanigen. De onde está chamando?

— Da Tantalus. Alguém me ajude…

— Quem é o senhor? Qual é a situação?

— Sou Daniel Minot…

A tela exibiu abruptamente o rosto de uma mulher com uma expressão amável e profissional.

— Por favor, coloque-me em contato com o sr. Vin Drake, por favor — ele disse.

— É tarde da noite, senhor.

— Mas é uma emergência! Por favor, diga-lhe que estou na Tantalus e que preciso de ajuda.

# Capítulo 41

**Praia de Waikiki**
**31 de outubro, 22h30**

Vincent Drake estava sentado na melhor mesa do The Sea, ao lado de uma nova amante, Emily St. Claire, surfista e designer de interiores. Com vista privilegiada para a praia de Waikiki, o restaurante The Sea é um dos mais chiques de Honolulu. A mesa era de canto, um lugar privado com uma ampla janela de frente para a extensão de toda a praia até Diamond Head. Uma brisa soprava as folhas de uma palmeira próxima à janela. Depois de jantar, ela degustava a sobremesa, uma torta com cobertura de *ganache* de chocolate, com uma taça de Château d'Yquem.

Drake girou o copo de uísque escocês, um Macallan 1958.

— Tenho que voltar para o Leste. Ficarei lá por alguns dias.

— Pra quê? — perguntou Emily St. Claire.

— Pra me encontrar com alguns sócios. Quer ir comigo?

— Boston, em novembro? Nem pensar.

As luzes das residências alinhadas ao longo de Diamond Head e do Farol de Diamond Head piscavam.

— Depois poderíamos dar um pulo em Paris — disse Drake.

— Hum. Talvez, se formos num jatinho da Gulfstream — ela disse.

Soou um zumbido e Drake pôs a mão no paletó. Era o celular exclusivo da companhia.

— Com licença — disse, enquanto tirava o celular do bolso. Levantou-se, colocou o guardanapo em cima da mesa e caminhou até uma janela aberta perto de outras mesas.

Na tela do celular, o rosto de Danny Minot ao vivo.

— O quê? Você disse que está na Base de Tantalus? — perguntou Drake.

— Não exatamente — respondeu Danny. — Estamos na fortaleza de Ben Rourke.

— O quê?

— Ele pegou alguns equipa…

— Está me dizendo que Ben Rourke está vivo?

— Isso mesmo — disse Danny convicto. — E ele não gosta nem um pouco do senhor, sr. Drake.

— Descreva essa… fortaleza.

— Fica num velho ninho de ratos. Preciso de socorro médico…

Drake o interrompeu.

— Onde fica esse… ahn… ninho de ratos? Exatamente.

— Fica a uns dois metros acima da Base de Tantalus.

Drake calou-se por alguns segundos. Eles tinham escalado os penhascos. Eles tinham sobrevivido à superselva inexplorada onde deveriam ter morrido em minutos.

— Sr. Drake! Preciso de um hospital! — A voz de Danny acelerou. — Meu braço. Infeccionou. Veja…

Drake fixou os olhos na tela do celular quando Danny ergueu o braço e puxou a manga. O braço era uma sacola, uma bolha salpicada de… cabeças brancas. Tumores gigantescos. Tumores… que se moviam… se contorciam. O estômago de Drake revirou.

— Estão chocando, sr. Drake! — Danny aproximou o braço da câmera. A imagem ampliada deixou mais nítida uma das cabeças brancas. Era a cabeça de uma larva que se espremia para sair de um buraco na pele. A boca pulsava e cuspia fios de seda. A câmera moveu-se e mostrou outras larvas que pipocavam agitadas na pele.
— Muito obrigado, sr. Minot, vejo claramente…

— Isso é horrível! Estou com o braço dormente.

— Sinto muito, Daniel… — A garganta de Drake apertou. Ele notou que Emily St. Claire estava impaciente.

— Pelo amor de Deus, me ajude! — suplicou o pequeno rosto na tela do celular.

— Há mais alguém com você? — perguntou Drake abruptamente levando o celular à orelha.

— Deixei de vê-lo!

Drake colocou o celular na frente do rosto para que Danny o visse.

— Nós vamos ajudá-lo — disse amavelmente. — Há mais alguém com você?

— Preciso de um hospital dos melhores…

— Sim, sim, um hospital dos melhores. Há mais alguém com você?

— Karen King e Rick Hutter.

— O que aconteceu com os outros?

— Todos mortos, sr. Drake.

— Peter Jansen também está morto?

— Sim.

— Tem certeza de que ele está morto?

— Levou um tiro. O peito dele explodiu. Eu vi.

— Que horror. E onde estão King e Hutter?

— Não estou nem aí pra eles! Preciso de um hospital!

— Mas onde eles estão?

— Dormindo. — Danny balançou a cabeça de mau humor. — Rourke está no hangar.

— Hangar? Que hangar, Daniel?

— Rourke roubou alguns aviões da Base de Tantalus. Ele é um ladrão, sr. Drake…

Então, Rourke estava com alguns microaviões. Como tinha sobrevivido à microdescompressão? Ele já sabia como lidar com a descompressão. Isso era incrivelmente valioso.

— Como Rourke sobreviveu à descompressão, Daniel?

Um brilho de astúcia cintilou no rosto de Danny.

— O quê? Ah, muito simples.

— O que ele fez?

— Contarei… se o senhor me ajudar.

— Farei de tudo para ajudá-lo, Daniel.

— Ben sabe o segredo — disse Danny.

— E que segredo é esse?

— Algo bem simples.

— Diga logo!

Drake chegava aonde Danny queria. Não confiava em Drake, mas sabia que podia ser mais esperto que ele.

— Sr. Drake, leve-me a um hospital e lhe direi como sobreviver à descompressão.

Drake apertou os lábios.

— Tudo bem…

— Esse é o trato, sr. Drake. Sem negociação.

— É claro, concordo. Daniel, preste atenção no que deverá fazer. Faça exatamente o que vou lhe dizer.

— Só quero que me ajude…!

— Você consegue pilotar esses aviões?

Qualquer idiota consegue pilotar esses aviões, até você, meu pequeno Daniel.

— Ouça, preciso de ajuda…

— Isso é o que mais quero fazer.

— Basta me tirar daqui! — disse Danny aos berros no celular.

— Será que pode me ouvir por um momento?

Drake deu alguns passos e encostou-se à janela. Precisava tirar Daniel de lá. Precisava conversar com ele e pressioná-lo para obter informação sobre Rourke… e depois cuidaria dos outros micro-humanos num curto espaço de tempo. Olhou ao longo da praia de Waikiki. O pequeno Daniel precisaria de um ponto de referência. Uma luz acendeu e apagou…

Farol de Diamond Head.

À esquerda, para dentro da ilha, as nuvens pairavam por cima dos picos montanhosos. O vento soprava. Soprava do Tantalus em direção a Diamond Head. Isso era importante.

— Daniel, você conhece Diamond Head?

— Todo mundo conhece.

— Quero que pegue um avião e voe em direção a Diamond Head.

— O quê?

— São fáceis de pilotar. Não tem erro. Talvez haja alguma turbulência, nada mais.

Silêncio.

— Está me ouvindo, Daniel?

— Sim.

— Uma luz estará piscando perto do mar quando você se aproximar de Diamond Head. É o Farol de Diamond Head. Voe até o farol. É fácil achá-lo. Estarei à espera com um carro esporte vermelho estacionado bem perto do farol. Aterrisse no capô do meu carro.

— Quero um helicóptero médico à minha espera.

— Primeiro terá que retomar o tamanho normal. Está muito pequeno para um helicóptero.

Danny soltou uma risada.

— Poderiam me perder dentro do helicóptero? Ah, ah, ah!

— Isso foi engraçado, Daniel — disse Drake. — Vamos levá-lo para o melhor hospital.

— Elas estão chocando!

— Voe até o farol. — Drake desligou o celular e o enfiou no bolso; retornou à mesa e deu um beijo no rosto de Emily St. Claire. — É uma emergência, desculpe.

— Oh, Deus, Vin. Para onde vai?

— Para a Nanigen. Estão precisando de mim. — Ele acenou para o garçom que se apressou em atendê-lo.

Emily St. Claire balançou os cabelos e bebeu um gole de vinho. Colocou a taça na mesa. Sem olhar para Drake.

— Faça o que for melhor para você — disse.

— Prometo que vou recompensá-la por isso, Emily. Iremos ao Taiti no jatinho da Gulfstream.

— Prefiro Moçambique.

— Feito — disse Drake. Enfiou a mão no bolso do paletó e tirou um maço de notas de cem dólares da carteira. Estendeu para o garçom sem olhar para o dinheiro e disse: — Tome conta da moça — saiu apressado.

Vin Drake dirigiu o carro até uma grande loja de departamentos na Kapiolani Boulevard. No caminho, telefonou para Don Makele.

— Encontre-me no Farol de Diamond Head o mais rápido possível. Traga um microrrádio de comunicação. E venha no caminhão da segurança. Vou precisar do caminhão.

Drake saiu da loja com um saco plástico volumoso na mão. Pôs o saco no porta-malas do carro.



Danny desligou a tela de vídeo, retornou ao salão e bebeu água de um recipiente. Estava com uma sede insaciável. As larvas estouravam e o líquido que escorria do braço molhava a camisa e descia pela calça. Aquelas desgraçadas teciam fios de seda em volta das roupas para fazer casulos! Grudavam no braço! Ele estava aterrorizado e com o coração acelerado, mas sabia o que deveria fazer. Naquele mundo a lei era matar ou morrer. Ele encolheu-se na poltrona perto da lareira. Fechou os olhos e roncou para fingir que estava dormindo quando Rourke retornou do hangar.

Observou com o rabo do olho quando Rourke alimentou o fogo e foi se deitar na cama.

Levantou-se e saiu rastejando em direção ao túnel.

— Aonde vai? — perguntou Rourke.

Ele congelou.

— No banheiro.

— Me chame se precisar de alguma coisa.

— Está certo, Ben.

Danny entrou no túnel, passou pelo banheiro de Ben que estava aberto e percorreu às pressas o corredor que terminava no hangar. Chegou e acendeu as luzes. Três microaviões. Qual escolher? Escolheu o maior e torceu para que tivesse mais alcance e mais potência. O cabo da bateria se estendia pelo chão. Desconectou o cabo. Lembrou que tinha esquecido de abrir as portas do hangar.

As portas estavam fechadas com pinos de metal. Puxou os pinos e as portas deslizantes abriram à frente um céu tropical com estrelas, uma lua crescente e as silhuetas fantasmagóricas das árvores. Subiu

na cabine de pilotagem, acomodou-se, curvou-se para a frente e tocou no painel de instrumentos.

Foi tomado por um súbito terror. E a chave de ignição?

Checou o painel de controle e encontrou um botão com o símbolo POWER por cima. Apertou o botão. O painel de controle acendeu e a aeronave sacolejou com o motor elétrico acionado. Pronto para decolar. Levou ao colo o braço esquerdo, que agora parecia um tenebroso acessório de filme de terror: a manga estava rasgada e as larvas mastigavam o caminho de saída. Duas outras larvas irrompiam pela pele e já teciam casulos ao redor. Que coisa horrível, como a natureza podia ser tão cruel? Aquilo era tão medonho e tão desumano que não parecia justo.

Ele acionou a alavanca e viu o movimento dos ailerons. Empurrou o manete para a frente. O propulsor girou rápido com um rangido na parte traseira enquanto a aeronave trepidava ao longo da pista. Puxou o manche, a aeronave saiu do hangar e decolou engolida pela noite voraz.

# Capítulo 42



**Waikiki**
**31 de outubro, 23h15**

Era tarde da noite quando Eric Jansen atravessou a Kapiolani de volta ao seu apartamento, carregando uma caixa de isopor com uma porção de carne de porco *kalua* e arroz. Na frente do prédio cumprimentou dois sujeitos que estavam sentados em cadeiras de vime, bebendo cerveja e ouvindo música perto de uma camionete colorida. Entrou pelos fundos e subiu as escadas até o apartamento no segundo andar.

Era um apartamento de um único quarto e mobiliado. Sentou-se à pequena mesa, abriu a caixa e preparou-se para comer. Achou melhor checar o monitor antes porque tinha ficado fora por mais de uma hora. Foi ao quarto e abriu uma gaveta da cômoda onde guardava um laptop, uma caixa de metal eletrônica maciça, um soldador elétrico, um rolo de arame para solda, alicates, tesouras e fita adesiva.

Uma luz piscava na caixa. Ou seja, tinham feito uma ligação de emergência para a rede interna da Nanigen. Puta merda. Eric tinha perdido a ligação.

Era uma mensagem criptografada. Ele digitou no teclado do laptop e acionou o programa decodificador que baixara da VPN (Rede Privada Virtual da Nanigen). O programa decifrou a ligação em um minuto e em seguida soaram vozes no laptop.

— O quê? Você disse que está na Base de Tantalus?

— Não exatamente. Estamos na fortaleza de Ben Rourke.

— O quê?

— Ele pegou alguns equipa…

— Está me dizendo que Ben Rourke está vivo?

— Isso mesmo. E ele não gosta nem um pouco do senhor, sr. Drake.

Eric se debruçou na cômoda para ouvir melhor. Era uma ligação de emergência a partir de Tantalus através do link de videoconferência. Ele não captava a imagem, mas captava o som. E a conversa continuava.

— O que aconteceu com os outros?

— Todos mortos, sr. Drake.

— Peter Jansen também está morto?

— Sim.

— Tem certeza de que ele está morto?

— Levou um tiro. O peito dele explodiu. Eu vi.

Eric quase perdeu o fôlego, como se tivesse levado um soco.

— Não — disse. Fechou os olhos — Não — repetiu esmurrando a cômoda.

— Não! — Ele girou o corpo, esmurrou a cama com os dois punhos, ergueu uma cadeira, atirou-a contra a parede, sentou-se na cama e enterrou o rosto nas mãos. — Peter… oh, Peter… Maldito seja você, Drake… Maldito seja.

Não chorou por muito tempo. Não tinha mais tempo para isso. Levantou-se, reiniciou a gravação e ouviu o fim da mensagem: "Uma luz estará piscando perto do mar quando você se aproximar de Diamond Head. Voe até o farol…"

Eric Jansen vinha monitorando com muita ansiedade as comunicações internas da companhia à espera de notícias do irmão e dos outros estudantes. Achava que Drake os tinha despejado em algum lugar, talvez no jardim botânico, mas sem muita certeza. Já tinha ido de camionete até lá; entrou no vale pelo túnel, acionou o equipamento de escuta e nada. No fundo, achava que Peter retornaria a qualquer momento. Levava fé na engenhosidade do irmão. E mantinha-se atento na esperança de resgatá-lo junto com os outros estudantes.

Mas cometera um erro terrível. Não procurara a polícia imediatamente, mesmo que isso implicasse a sua morte.

Era uma ligação de quase uma hora antes. Droga! Que perda de tempo precioso com essa comida! Acabou de esbravejar, abriu outra gaveta, pegou o laptop e os fones de ouvido e desceu as escadas apressado. Os dois rapazes ainda estavam sentados perto da camionete estacionada na frente do prédio. Como estava sem carro, Eric alugava a camionete por cinquenta dólares cada vez que era usada. Entregou cinquenta dólares ao rapaz, entrou na camionete e pôs o equipamento no banco ao lado.

— A que horas vai voltar?

— Não sei — ele disse.

— Tudo bem com você?

— Morte na família.

— Puxa vida, sinto muito, cara.

Depois que o carro entrou na avenida Kalakaua, Eric se deu conta de que não era o melhor caminho. Era a via principal de Waikiki e estava congestionada de pedestres e carros. Teria sido melhor tomar um outro caminho para Diamond Head. Mas talvez não fizesse muita diferença. Ele caiu em prantos depois que o carro fluiu pelo tráfego, atravessando sinais luminosos e hotéis, mas dessa vez não reprimiu as lágrimas. Tudo por minha culpa, disse para si mesmo baixinho. Meu irmão morreu por minha culpa.



Por questão de segurança, Drake planejara o assassinato com diferentes planos de ação. Eric não sabia que plano tinha sido empreendido. Mas o fato é que o barco enguiçou no meio das ondas e logo surgiram dois Hellstorms para pegá-lo. Quando o barco parou, os dois robôs assassinos entraram na cabine em seu encalço. Ele achou que fossem moscas ou pernilongos até que percebeu as hélices e as munições. Pulou do barco com os robôs assassinos voando em sua perseguição e, cada vez que os via, submergia na água. Pouco antes de pular do barco enviou uma mensagem de texto para Peter avisando-lhe para não viajar, mas não teve tempo para explicar as coisas.

Eric era um exímio nadador e sabia lidar com as ondas. Pulou sem o colete salva-vidas e, cada vez que passava uma onda, mergulhava fundo para se manter a salvo dos robôs. Sabia que a rebentação era o lugar mais seguro para se abrigar. Mais seguro que qualquer outro. E de lá nadou até uma pequena enseada e refugiou-se numa praia deserta conhecida na região como Secret Beach. Ficava enfiada entre as penínsulas. Era muito pouco visível e só tinha acesso através de uma trilha.

Só saiu da água na Secret Beach quando se certificou de que não estava sendo visto. Pediu carona até Honolulu para dois homens da região que não lhe fizeram perguntas e não quiseram saber de onde vinha. Procurar a polícia não seria uma boa opção. Nunca acreditariam que ele estava sendo perseguido por dois robôs pequeninos que, além de voar, tinham armas carregadas com supertoxinas e obedeciam às ordens do presidente da Nanigen para

matá-lo. Pensariam que se tratava de um esquizofrênico. E se recorresse à polícia, Drake saberia que ele estava vivo e mandaria os Hellstorms para matá-lo sumariamente. Evitou o apartamento em Honolulu, talvez houvesse uma cilada armada por Drake. Foi a uma loja de penhores e empenhou o relógio Hublot por alguns milhares de dólares. E depois se escondeu a fim de traçar um plano para incriminar Drake na justiça. Pagou o aluguel de um apartamento barato com dinheiro vivo.

Na condição de vice-presidente da Nanigen, encarregado do setor de tecnologia, Eric Jansen conhecia a rede de comunicação interna da companhia na palma da mão. Sua formação em física o ajudou. Foi até a loja Radio Shack, adquiriu o dispositivo de escuta e depois o ativou. Rastreou os canais intercorporativos da Nanigen e ficou sabendo que o irmão e os outros estudantes estavam desaparecidos desde que tinham chegado ao Havaí. Não lhe passou pela cabeça que Drake os tivesse assassinado; isso seria óbvio demais e Drake era um homem esperto. Presumiu que seriam mantidos no micromundo por um tempo e que depois reapareceriam.

Eric esperou pela chegada de Peter porque levava fé nele. Achou que o irmão superaria tudo, reapareceria de alguma forma e que poderia resgatá-lo. E depois eles iriam à polícia como duas testemunhas dos crimes de Drake.

Aquilo não podia ter acontecido.

Um erro imperdoável. Ele devia ter ido imediatamente à polícia. Mesmo que não acreditassem nele, mesmo que fosse morto por Drake, talvez assim tivesse salvado a vida de Peter. A fonte de todo o problema? Projeto Omicron. Achou melhor não revelar o que tinha descoberto sobre o Projeto Omicron para Peter. Tentava proteger o irmão caçula. E tudo em vão.

Eric passou pelo Kapiolani Park e costurou por entre os carros a toda velocidade na esperança de chegar a tempo ao farol.

# Capítulo 43

**Montanhas Koolau**
**31 de outubro, 23h10**

Danny Minot estava a 2.200 pés de altitude quando apontou o nariz do microavião para cima a fim de ganhar mais altura e não esbarrar nas laterais da Cratera Tantalus, onde as árvores faziam um alinhamento escuro, traiçoeiro e ameaçador. Olhou para baixo para ver se estava sendo seguido por algum microavião. Não viu nada. Fez o avião ganhar altitude.

Era mais fácil do que um videogame. Os microaviões eram projetados para ser quase à prova de acidentes. Será que tinham luzes de navegação? Apertou um botão e as luzes vermelha e verde acenderam nas extremidades das asas, a luz branca apontando para a frente. Apagou-as para que ninguém o seguisse e, passado algum tempo, reacendeu-as. Ele se sentia mais seguro voando com as familiares luzes cintilantes nas asas.

Logo a cidade de Honolulu estendeu-se abaixo. Os hotéis de Haikiki pareciam absurdamente gigantescos. Os automóveis enfileiravam-se em linhas brancas e vermelhas ao longo das avenidas e um navio de cruzeiro estava ancorado no porto. O mar

era uma mancha escura se estendendo além dos limites da cidade. A lua flutuava acima do mar, projetando uma avenida de luzes cintilante na água. A esquerda da praia de Waikiki espraiava-se um maciço escuro. Era Diamond Head. Vista de cima, Diamond Head era uma cratera, um aro, com poucas luzes no centro. Ele pôde divisar Diamond Head com seu formato exato, uma península montanhosa na borda mais alta da cratera. Mas nenhuma luz piscava. Apenas a silhueta sombria de Diamond Head era visível. Onde é que estava o tal farol?

Danny aumentou a potência e seguiu na direção de Diamond Head.

De repente, a aeronave virou e balançou de um lado para o outro. Ele gritou de pavor. Acabava de entrar na corrente de vento que soprava sobre as montanhas. Ele esbravejou e lutou com o manche enquanto a aeronave oscilava em redemoinhos de vento. Mas depois ela se estabilizou e voou com muita rapidez, nivelada e estável em meio ao vento. Conseguira entrar no fluxo laminar. Era como seguir na corrente principal de um rio. Ele olhou para baixo. A floresta se movia lá embaixo, ou ele é que se movia por cima da floresta. O altímetro mostrava uma altitude superior a três mil metros. Sob o luar descortinava-se uma paisagem deslumbrante.

Atrás da aeronave, a barlavento, o buraco da Cratera Tantalus. Uma cratera tão escura quanto qualquer caverna, sem luz e sem nenhum sinal do Reduto do Rourke ou da Base de Tantalus. Lá embaixo as estradas serpenteavam subindo pelos flancos da cordilheira. Com pontos de luz ao longo do percurso. As torres da cidade tornavam-se cada vez mais visíveis e mais próximas, ardendo em energia e atingindo alturas impossíveis. Por um momento ele achou que estivesse sobrevoando a capital de um império galáctico alienígena. Mas era apenas Honolulu. E ainda não tinha avistado o Farol de Diamond Head.

O vento o levava em direção aos hotéis na orla da praia de Waikiki. Ele tentou virar para a esquerda, na direção de Diamond Head. Tentou a manobra com o manche e o manete. Inclinou para a esquerda e manteve a potência máxima. Olhou em volta.

Não queria entrar na cidade, isso seria fatal. Acabaria esmagado pelo tráfego ou sugado pelo ar-condicionado de algum prédio. Aumentou a potência para EMERGÊNCIA MÁXIMA e manteve o curso desejado: Diamond Head. Cintilou um aviso na tela: BATERIA FRACA. Tempo restante de voo: 20:25min… 18:05min… 17:22min… o tempo restante de voo despencava como uma pedra. A aeronave perderia a potência em questão de minutos.

Danny conferiu a velocidade do ar. Segundo a leitura, 7.1 MPH / 11.4 KPH. Procurou o painel do rádio e o ligou.

— *Mayday. Mayday*. Aqui é Daniel Minot. Estou num avião pequeno. Um avião extremamente pequeno. Alguém me escuta? O sr. Drake está aí? Não consigo chegar a Diamond Head… O vento está me levando para a cidade… oh, meu Deus!

Um hotel irrompeu do espaço como um gigantesco navio de guerra. Em uma das sacadas, dois gigantes — um homem e uma mulher — com copos de bebida nas mãos. O vento carregou a aeronave agora sem controle em direção à sacada. A cabeça daqueles dois gigantes era maior que o monte Rushmore. O homem pôs o copo de lado, aproximou-se da mulher e puxou a alça do vestido para baixo, deixando exposto um peito colossal com um mamilo ereto com quase dois metros de comprimento. O homem acariciou o mamilo com dedos aterrorizadores de tão grandes que eram e os dois rostos se colaram com um beijo… Prestes a colidir, Danny lutou aos gritos com os controles e a aeronave passou por entre os dois narizes com potência de emergência máxima e o propulsor girando a todo vapor, até que um pé de vento varreu-a para um canto do prédio e tirou-a de vista.

O homem afastou-se abruptamente da mulher.

— Que diabo foi isso…?

Ela também tinha visto alguma coisa estranha. Um homenzinho pilotando um aviãozinho. Com pontinhos de luzes nas asas. O homenzinho gritava. Apesar do zumbido do motor, eram gritinhos audíveis e pareciam de um inseto. E de relance pôde perceber uma boquinha aberta e uns olhinhos arregalados… isso era impossível. Era um desses sonhos que se tem acordado.

— Os insetos daqui são assustadores, Jimmy.

— Foi uma barata voadora do Havaí. Elas têm asas.

— Vamos entrar.



Danny reassumiu o controle da aeronave quando o vento pareceu diminuir. Sobrevoou a avenida Kalakaua e observou a agitação noturna lá embaixo. A aeronave estava com uma velocidade de voo que superava a do vento e já não jogava mais para os lados. Ele fez uma inclinação para a direção nordeste e saiu voando ao longo da praia de Waikiki rumo a Diamond Head.

Observava a paisagem sob o luar quando uma luz começou a piscar. Acendia, apagava. Escuridão. Acendia, apagava. Era o farol.

— Estou salvo!

Reduziu a potência um pouco para velocidade de cruzeiro, pois seria um desastre se a bateria acabasse naquela hora. Já estava pegando o jeito da coisa. Era uma questão de técnica.

Ganhou altitude. Manteria o máximo de distância possível dos prédios. Estranho como às vezes a vida gira com tanta rapidez. Uma hora você está arruinado e morto, outra hora está a caminho do

melhor hospital local admirando a praia de Waikiki ao luar. A vida é boa, disse para si mesmo.

Uma sombra emergiu da noite. Seguida por um clarão de asas — ele puxou a alavanca e se distanciou da coisa.

— Mariposa estúpida! Vê se olha por onde anda! Absolutamente sem noção. — Essa foi por pouco, murmurou consigo mesmo. Uma colisão com uma mariposa o jogaria nas ondas que quebravam no mar.

Um som peculiar entrou pelos ouvidos de Danny. Era como a ressonância de um eco: *whish-whing*… Ressoou de novo… *whish-whing*. *Ooom… Ooooemm… eee… eee*… O que é isso? Ressonâncias estranhas no escuro. Seguiu-se o rufar de um tambor: *tum-tum-tumtumtum*. Seguido pela mariposa que reapareceu… e desapareceu abruptamente.

Arrancada do céu.

— Que merda — ele disse.

Morcegos.

Rastreavam as mariposas com o sonar. Ele estava no meio de uma confusão de morcegos. Isso não era nada bom.

Acionou o manete para EMERGÊNCIA MÁXIMA.

As pulsações do sonar dos morcegos ressoavam na escuridão, à esquerda, à direita, acima, abaixo, ao redor, ao longe… Mas onde estavam os morcegos? Isso era o pior. Acima, abaixo, por todos os lados, os predadores moviam-se em três dimensões em volta dele. Era como navegar no meio do oceano durante a noite, cercado de tubarões famintos. Ele não enxergava nada, mas ouvia quando pegavam uma presa. *Ooo… Oooom… eee… eee… eee-ee-e*… devoraram alguma coisa.

Só quando um morcego matou uma mariposa e passou voando ao lado é que pôde enxergar o contorno pontiagudo do predador, que fez a aeronave sacolejar e entrar em turbulência. Deus do céu. O morcego era maior do que imaginava.

Ele precisava aterrissar. Em qualquer lugar, até mesmo no terraço de um hotel. Pôs a aeronave de bico e mergulhou com os motores a toda velocidade em direção ao hotel mais próximo… mas estava sendo levado para a praia… que merda… longe do prédio, perto demais da água…

Os sons do morcego aumentaram de volume. O feixe do sonar passou próximo e sumiu. Houve uma pausa… e logo ele se viu atingido violentamente pelo feixe — *OOM… EEEP… EEEP… EEE-EEE-EEE*… O morcego o rastreava com um feixe de ultrassom. O rastreamento se concentrou e se intensificou. E o caos sonoro envolveu Danny.

— Eu não sou uma mariposa! — gritou. Puxou o manche e deu um mergulho com a aeronave, batendo do lado de fora da cabine com a mão boa para imitar as batidas das asas das mariposas. Talvez isso despistasse o radar do morcego…

Mas era tarde demais quando se deu conta de que as batidas revelavam a posição exata da aeronave para o morcego.

Um clarão de pelo marrom brilhante com uma camada sobreposta de pelos prateados junto a duas asas aterrorizantemente abertas bloqueou a lua e uma boca gigantesca abriu-se com dentes caninos pontiagudos como cinzéis…

O microavião espiralou ar abaixo com as asas quebradas e a cabine vazia e logo desapareceu em meio às espumas das ondas que quebravam na praia.

# Capítulo 44



**Farol de Diamond Head**
**31 de outubro, 23h45**

Rourke acordou do cochilo e notou que Danny Minot não tinha saído do banheiro. Já se passara um bom tempo. O fogo da lareira estava apagado. Levantou-se e saiu correndo pelo túnel que levava ao banheiro; nada de Danny.

Como o reduto era um ninho intrincado com muitos túneis inativos, talvez o rapaz estivesse perdido em um dos túneis. Entrou no túnel mais próximo e gritou.

— Sr. Minot! O senhor está aí?

Nada. Outro túnel silencioso. Soprou uma brisa no túnel. O hangar… correu em direção ao hangar. As portas estavam abertas e faltava um avião.

Fechou as portas e foi acordar Rick e Karen.

— O amigo de vocês deu no pé. Levou um avião.

O que teria se passado na cabeça de Danny? Aterrorizado e com o braço em péssimas condições, provavelmente tenha entrado em pânico e decidido voar sozinho até a Nanigen. Isso mostrava mais coragem do que ele parecia ter.

— Vamos voar e tentar encontrá-lo — sugeriu Karen.

— Ele se foi. Já deve ter sido arrastado pelo vento sabe-se lá para que lugar da ilha — disse Rourke, acrescentando que era muito perigoso voar no escuro com os morcegos no ar. — É quase um ato suicida.

Talvez Danny já estivesse morto. E se tivesse sobrevivido ao voo, como é que pretendia entrar na Nanigen?

— Isso não faz sentido — disse Karen.

— Puro pânico — disse Rick.



Vin Drake esperava no carro. O farol girava e a luz se estendia até os galhos das árvores lá no alto. A lua encharcava o cenário de prata. Que mundo maravilhoso. Um sentimento à beira da serenidade. Caminhava na corda bamba por cima do mundo e até que se saía muito bem.

Uma camionete preta estacionou ao lado. Drake saiu do carro e entrou na camionete. Explicou a situação para Makele.

— Ele está no ar. Conhece a cura para a descompressão. E vai contar tudo quando aterrissar.

— E depois? — perguntou Makele.

Drake não respondeu. Pôs os fones de ouvido, olhou para as montanhas e começou a chamar.

— Daniel? Está me ouvindo, Daniel?

Em resposta, nada além de um chiado. Voltou-se para Makele.

— Fique de olho nas luzes móveis. Verdes e vermelhas, bem pequenas.

— E o que o senhor fará com o garoto? — perguntou Makele.

Drake ignorou a pergunta.

— Os ventos estão soprando lá do Tantalus. Ele deve chegar a qualquer momento.

Um carro entrou na área de estacionamento. Drake retirou os fones e olhou.

— Dê uma checada.

Makele aproximou-se do carro estacionado e era apenas um casal de namorados. Falou para Drake que não havia nada com que se preocupar.

Drake fez outra chamada, sem resposta.

Fazia tempo que os automóveis passavam com a luz do farol sempre a girar. O casal de namorados já tinha ido embora. Os dois homens olharam para o alto em busca de luzes no céu estrelado.

— O pequeno Danny mentiu — disse Drake.

— Sobre o quê?

— A cura da descompressão.

*Mentiu para salvar a pele. Ah.*

Colocaram-se à escuta ainda na esperança de ouvir o barulho de um microavião. Don Makele observou o vento que soprava muito forte. O garoto ainda não apareceu, talvez tenha sido arrastado para o mar. Drake retirou um objeto do porta-malas do carro esporte e enfiou na traseira da camionete.

— Você ganhará mais três lotes de ações — disse. — Ficará com sete lotes. Ao todo valem sete milhões de dólares.

O chefe da segurança grunhiu.

— E o que faremos com o garoto? — perguntou.

— Pergunte a ele. — Drake tocou no fone de ouvido pelo qual se comunicava com os micro-humanos.

— E depois?

Drake não respondeu. Debruçou-se na camionete e tamborilou na carroceria com a palma da mão. Olhou para o céu.

— Esta noite os insetos estão ruins — murmurou.

— Pois é — disse Makele.

Continuaram observando o céu. Makele deu alguns passos atrás e olhou de relance o objeto deixado por Drake na camionete. Era um galão de plástico com gasolina. Sentia-se o cheiro.

Drake fez outras chamadas e depois tirou o fone de ouvido.

— O sr. Minot deve ter sofrido um acidente. Se é que não mudou de ideia. — Entrou na camionete e entregou as chaves do carro esporte para Don Makele.

— O que faço com seu carro?

— Leve-o para a Nanigen e deixe-o lá, e depois vá de táxi para casa.

Drake ligou a camionete e o motor rugiu quando ele tomou a estrada de Diamond Head. Makele balançou a cabeça quando as luzes dos faróis da camionete desapareceram.

# Capítulo 45



**Reduto do Rourke**
**1º de novembro, 1h**

Karen e Rick aguardavam o amanhecer encolhidos dentro do ímã.

— Fomos os únicos que restaram — ela disse.

Ele sorriu com timidez.

— Nunca pensei que acabaríamos juntos.

— E o que pensava?

— Bem, pensava que você sobreviveria e eu não — ele disse.

— Como está se sentindo? — ela perguntou.

— Muito bem. — Era mentira. Seu rosto estava com ferimentos e suas juntas doíam.

Karen observou os ferimentos no rosto de Rick e se perguntou como ela própria estaria. Provavelmente com cara de quem sofreu um ataque, pensou consigo.

— Rick, você tem que ir até o gerador.

Ele a olhou de relance e ela estava com o rosto iluminado pelo fogo da lareira.

— Você também.

— Ouça… — Como dizer a ele o que tinha decidido? Só de supetão. — Ficarei aqui.

— O quê?

— Ficarei bem, imagino.

— O quê?

— Não voarei para a Nanigen. Tentarei viver aqui.

Sentados de ombros colados e enrolados nos cobertores, os dois observavam as últimas chamas cor de âmbar da lareira. E depois ele virou o rosto para olhá-la e ela sentiu quando os corpos se roçaram.

— Karen, por que vai fazer isso?

— Não tenho motivo algum para voltar. Em Cambridge eu era muito infeliz. Não me dava conta disso. Mas aqui… me sinto feliz como nunca antes na vida. É perigoso, mas é um mundo novo. Um mundo ainda inexplorado.

Ele sentiu um súbito mal-estar no peito, sem saber se isso se devia aos ferimentos ou aos sentimentos…

— O que…? Por acaso você se apaixonou pelo Ben?

Ela deu uma risada.

— Ben? Está brincando? Nunca me apaixonei. E aqui não serei obrigada a amar ninguém. Serei solitária e livre. Poderei estudar a natureza… e nomear o que ainda não foi nomeado…

— Pelo amor de Deus, Karen.

Fez-se silêncio.

— Você consegue voltar sozinho para a Nanigen? Talvez Ben possa voar com você — ela disse por fim.

— Você não pode fazer isso.

O fogo crepitou. A decepção apertou o peito de Rick como um punho fechado. Ele tentou reprimir a emoção. Olhou para ela; a luz do fogo brilhou nos cabelos negros dela, mas ele não tirou os olhos de um hematoma que fazia uma sombra no pescoço. Ficou preocupado com o hematoma. Será que ele tinha feito aquilo?

Quando tentou estrangulá-la? Foi insuportável pensar que talvez a tivesse ferido…

— Karen — disse.

— Sim?

— Não fique aqui, por favor. Você pode morrer.

Ela pegou a mão dele, apertou-a e soltou-a.

— Não faça isso — ele insistiu.

— Sei cuidar de mim.

— Isso não me alivia.

Ela olhou nos olhos dele.

— Já me decidi.

— Mas já me envolvi.

— Como assim?

— Me apaixonei por você.

Ela engoliu em seco ruidosamente. Girou o corpo e os cabelos ocultaram a expressão do rosto.

— Rick…

— Foi incontrolável, Karen. Acabei me apaixonando por você. Não sei como aconteceu, mas aconteceu. Achei que você tivesse morrido quando foi engolida por aquele pássaro e arriscaria a minha vida só para salvá-la. E ainda nem sabia que a amava. E quando você voltou… eu não estava respirando direito… e fiquei muito assustado… só de pensar que poderia perdê-la…

— Rick, por favor… agora não…

— Então me diga, por que você me salvou?

— Porque era a minha obrigação — ela respondeu com a voz embargada.

— Porque você me ama — ele disse.

— Pare com isso, por favor…

Ele percebeu que tinha ido longe demais. Talvez ela não o amasse, talvez até nem gostasse dele. Talvez fosse melhor ficar de bico calado. Mas ele não se conteve.

— Ficarei aqui com você. Passaremos juntos pela descompressão. E vamos superá-la. Como superamos tudo mais.

— Não sou nem um pouco indicada para ficar com ninguém, Rick. Sou essencialmente… solitária.

Ele a tomou nos braços e ela estremeceu. Afastou uma mecha de cabelo do rosto dela, acariciou-a e delicadamente puxou-a pelo pescoço para mais perto.

— Você não está sozinha. — Beijou-a na boca e ela não o repeliu. Correspondeu ao beijo com intensidade e também o tomou nos braços. Foi quando ele percebeu que doía muito beijá-la. Cada parte do corpo doía nas juntas, nos ossos e no corpo todo como um líquido escoando. Seria ele que sangrava por dentro? Ela soltou um gemido. Será que ela estava sofrendo tanto quanto ele? — Você está bem?

Ela o afastou sem responder.

— Não fique aqui.

— Por quê? Dê uma razão.

— Porque não te amo. Não consigo amar ninguém.

— Karen…

As luzes do teto apagaram-se, interrompendo o colóquio. Apenas o brilho da lareira iluminava a alcova. Logo um cheiro estranho infiltrou-se pelos túneis. Era um cheiro de posto de gasolina. O cheiro se intensificou.

Ben Rourke chegou correndo.

— Gasolina! — gritou. — Vamos sair daqui!

# Capítulo 46

**Cratera Tantalus**
**1º de novembro, 1h20**

Ecoou um estrondo e os túneis tremeram como um terremoto. Seguiu-se o brilho de uma luz amarela que irrompeu pelo buraco da lareira no teto. Rick e Karen livraram-se dos cobertores com um salto quando Rourke gritou esbaforido.

— Para o hangar!

Saíram em disparada pelo túnel e mais à frente foram atingidos por uma lufada de ar quente seguida pela fumaça. Karen caiu e Rick a ajudou a se levantar, arrastando-a, mas ela desvencilhou-se dele. Logo depois caiu de joelhos e foi ao chão. Era um desmaio ou algo assim. Ele a ergueu em meio à fumaça que inundava os túneis e atrapalhava a visão, colocou-a nas costas e saiu correndo atrás de Ben. Com o oxigênio sendo sugado dos túneis, ele tonteou, respirando com dificuldade e Ben tentou ampará-lo aos gritos, mas mesmo assim Rick caiu e soltou Karen.

Ela assumiu o controle da situação. Levantou-se e o puxou.

— Vamos lá, Rick! Não me deixe sozinha!

Saíram correndo aos tropeções, asfixiados e tossindo em meio à fumaça que escoava pelo teto.

— Fiquem sob a fumaça! — gritou Ben.

Saíram rastejando sob um redemoinho de fumaça negra enquanto explosões terríveis faziam o solo estremecer. E por fim chegaram ao hangar. Enquanto Rick e Karen entravam nos aviões, Rourke abria o portão do hangar. Logo o portão despencou e uma cortina de chamas bloqueou a entrada da caverna.

Rourke recuou tossindo.

— Ben! — gritou Karen quando o viu cair de joelhos.

Ele se levantou e disse gesticulando:

— Vão vocês!

Mas só havia dois aviões. Ele não poderia voar.

— Ben! E você? — gritou Karen.

— Saiam daqui! — Ele recuou cambaleante em direção ao túnel tomado pela fumaça.

Karen acionou o motor do avião com a cabeça girando e o corpo tremendo, acenou para Rick e gritou:

— Decolar!

Eles decolaram ao mesmo tempo e voaram lado a lado pela caverna afora enquanto Rourke se retirava cambaleando. Ela olhou para trás e o viu cair de joelhos e entrar rastejando no reduto. Rourke não conseguia mais respirar, não conseguiria nunca mais.

A parede de chamas estava mais perto. Karen esticou o pescoço, endireitou-se na cabine e o microavião atravessou as chamas e saiu no ar frio da noite. Ela girou a cabeça e Rick Hutter estava ao lado. Parecia bem.

Ela curvou-se, testou o manche e olhou para trás. O Reduto do Rourke era um mar de fogo. As labaredas se elevaram, iluminaram a Pedra Grande e projetaram a sombra de um gigante com um galão de plástico vermelho na mão. Ele despejou gasolina ao redor da Base de Tantalus, recuou e jogou um fósforo aceso. As chamas se

elevaram e iluminaram um rosto. Era Vin Drake, com o rosto tranquilo e radiante. Até parecia que acendia a fogueira de um acampamento com pensamentos pacíficos. Ele balançava a cabeça de um lado para outro, como se tirando água dos ouvidos ou tentando ouvir alguma coisa.



Rick perdeu o controle do microavião, deu uma guinada e colidiu com a Pedra Grande. Chegou a pensar na morte, mas o microavião ricocheteou na rocha, e se estabilizou em voo nivelado. Aqueles aviões eram realmente resistentes. Ele observou o perímetro e Karen tinha sumido de vista. As árvores faziam uma parede elevada e emaranhada. Observou as árvores, nenhuma luz, nenhum rastro de Karen. Olhou para o rádio na cabine e pensou se devia ou não chamá-la. Mas em seguida duas luzes piscaram à frente em verde e vermelho. Eram as luzes do avião de Karen.

Ele acendeu as luzes de navegação e balançou as asas. Ela fez o mesmo. Ótimo. Eles se observavam. Ela voou para dentro da copa de uma árvore e ele seguiu atrás das luzes do avião. Fez um voo ao longo de um labirinto escuro no rastro de Karen quase sem enxergar as ramagens e folhagens.

Imprimiu mais velocidade e aproximou-se enquanto ela circulava por dentro da árvore. E depois ligou o rádio. Que se dane. Drake já não podia alcançá-los, mesmo que pudesse ouvi-los.

— Tudo bem com você, Karen?

— Acho que sim. E com você?

— Tudo bem — ele disse, sabendo que eles não poderiam seguir para outro lugar senão a Nanigen. Ela não poderia ficar no Tantalus.

A base estava destruída. Ele decidiu não lembrá-la disso.

Voaram em círculo enquanto observavam pelas frestas dos galhos a trajetória de Drake pela encosta abaixo, deixando o fogo atrás e pondo fogo à frente. Parecia determinado a erradicar todos os traços da base e do Reduto do Rourke. As chamas ardiam e provavelmente a umidade da floresta apagaria o incêndio sem chamar a atenção. E depois só restariam as ruínas do Reduto do Rourke e da Base de Tantalus.

Drake acendeu uma lanterna e saiu da floresta. Soou o ronco de um motor e em seguida uma camionete passou pela estrada de terra na borda da cratera. Os faróis sumiram no extremo da cratera e a escuridão se fechou atrás. Mas não uma escuridão absoluta. As luzes de Honolulu se introduziam por entre os galhos. Karen sobrevoou a copa da árvore a céu aberto.

— Morcegos. Precisamos aterrissar em algum lugar — disse Rick.

— Onde? Não podemos aterrissar.

Ficariam expostos aos predadores terrestres.

— Siga-me. — Ele assumiu a dianteira e foi seguido por ela.

Fez um voo por entre ramagens, folhagens e obstáculos, movendo-se para a direita e para a esquerda e sempre dentro das copas das árvores, onde os morcegos não voavam. Vez por outra olhava para trás para se assegurar de que estava sendo seguido pelas luzes do avião de Karen. A certa altura o clarão das chamas sumiu atrás e eles entraram nas profundezas da cratera, onde o vento era bloqueado pelas paredes e as encostas e soprava com mais suavidade. Ali não havia fogo.

— Vou procurar um lugar para aterrissar — ele disse pelo rádio. Fez um percurso ao longo de um galho para observá-lo; era amplo e extenso, sem musgo e com espaço suficiente para taxiar o avião. Planou sobre o galho e aterrissou. Os microaviões podiam pousar até em cima de moedas. Karen aterrissou e taxiou de modo a estacionar ao lado do avião de Rick.

O galho balançou com o vento e quase jogou os aviões para fora.

— Precisamos prendê-los — disse Rick saindo da cabine.

Encontrou algumas cordas no bico e na cauda dos aviões. Sem dúvida, uma invenção de Rourke. Prendeu os aviões.

Karen King chorou baixinho na cabine.

— O que houve?

— Ben. Estava encurralado. Não deve ter sobrevivido.

Talvez tivesse sobrevivido, pensou Rick.

— Não acho que ele morreu — disse.

Mas não era possível saber se Ben tinha escapado do fogo.

Seguiu-se a espera. O relógio dos painéis de controle marcava 1:34 da madrugada. Não era seguro voar no meio da noite e faltavam algumas horas para amanhecer.

Um vento forte fazia o galho balançar como um navio no meio de uma tempestade. Karen observou sob a luz do luar as manchas escuras e os ferimentos que se abriam nos braços. Manchas cada vez maiores. Como estaria o resto do corpo?

Rick sentiu náuseas com o balanço do galho e achou que talvez estivesse sendo atingido pela microdescompressão. Será que podia ser o efeito do veneno da aranha e da vespa? Que distância eles teriam que percorrer depois do amanhecer? Catorze quilômetros e mais uma longa passagem em mar aberto sobre Pearl Harbor. Impossível, ele pensou. Não vamos conseguir.

# Capítulo 47

**Tantalus Drive**
**1º de novembro, 1h40**

Eric Jansen entrou no estacionamento perto do Farol de Diamond Head. O lugar estava deserto. Nenhum sinal do carro de Vin Drake. Tarde demais. Ou cedo demais? Talvez Drake ainda não tivesse chegado. Estacionou o carro num canto e arquitetou o próximo passo. Ficar à espera de Drake? Talvez já tivesse ido embora. Ir à polícia? Isso podia acarretar a morte dos sobreviventes; Drake sabia onde eles estavam e podia matá-los no Tantalus.

O próximo passo era ir ao Tantalus.

Seguiu pela Tantalus Drive com a camionete sacolejando com uma barulheira danada enquanto passava por mansões e curvas fechadas. No final da via um portão enferrujado e destrancado levava a um caminho de terra. Entrou pelo caminho de terra. Subiu por uma encosta íngreme com bosques de goiabeiras em direção à borda da cratera e depois seguiu morro abaixo com a camionete aos solavancos por cima de buracos e trechos encharcados. Era um caminho para veículos com tração nas quatro rodas e a camionete se

adequava às condições. Isso o deixou feliz. Chegou ao ponto de retorno e nenhum sinal do carro de Drake. O lugar estava deserto.

Ele estava sem lanterna. Sem problema. Deixou a camionete com os faróis acesos na direção da Pedra Grande, saiu de dentro e observou. Um brilho vermelho no meio das árvores o fez caminhar até a Pedra Grande.

E quando chegou lá, se deu conta do que tinha acontecido. As brasas estavam apagadas e o solo fumegava com um cheiro de gasolina.

Era obra do Drake. Já tinha matado o grupo todo.

Lamentando-se por não ter levado uma lanterna, Eric ajoelhou-se em frente à entrada do ninho: o Reduto do Rourke.

— Tem alguém aí?

Tentativa inútil. Mesmo assim, apalpou o solo com os dedos em busca de sobreviventes. Mas sem enxergar nada a busca poderia esmagá-los por acidente.

E não havia sobreviventes, qualquer um diria isso.

Eric caminhou pelo mato de volta à camionete.



Estacionados em cima do galho, Rick e Karen observaram os faróis de um veículo que percorria a borda da cratera lentamente. Era uma camionete.

Observaram durante algum tempo até que Rick se voltou para Karen.

— Vou investigar.

— Não vá.

Ele não ouviu. Desamarrou o avião, ligou o motor, taxiou e decolou. Em seguida o ronco do avião ecoou da borda da cratera, na direção da Pedra Grande.

— Maldito seja, Rick! — disse Karen aos gritos. Não ficaria sozinha naquele lugar por nada. Também decolou e seguiu atrás.

Quando o homem saiu da camionete, Rick voou por entre os galhos de ouvidos abertos ao sonar dos morcegos. Nenhum morcego. Seguiu o homem que caminhou até a Pedra Grande e lá se ajoelhou com o rosto encoberto pelo escuro. E depois a silhueta escura levantou-se e atravessou o mato de volta à camionete. Rick o seguiu, driblando ramagens e troncos.

O homem entrou na camionete que tinha uma pintura maluca e pneus gigantescos e a luz interna do veículo revelou o rosto.

Rick já tinha visto aquele rosto. Mas onde? Ouviu o ronco do motor e se afastou da janela.

— Karen! — chamou pelo rádio. — Quem é esse cara?

Ela passou ao lado de Rick com um mergulho e fez uma curva fechada ao lado da camionete. Já estava pegando o jeito de pilotar aquilo; era muito fácil.

— É o irmão do Peter!

— Ele não estava morto? Será que se aliou ao Drake?

— Como posso saber? — respondeu Karen irritada.

A camionete afastou-se ao longo do caminho de terra.

Karen acionou EMERGÊNCIA MÁXIMA. Os microaviões não tinham velocidade para alcançar um carro, mesmo com um voo a toda velocidade. A sorte é que a camionete se movimentava lentamente pelo caminho de terra, mas pegaria velocidade na via pavimentada e não seria mais alcançada. Eles tinham que chamar a atenção de Eric o mais rápido possível.

Os vidros das janelas da camionete estavam fechados. Karen fez um voo rasante em frente à janela e balançou as asas do avião em

frente aos olhos de Eric. Nenhuma reação. Ele acelerou e os deixou para trás com um redemoinho de poeira.

— Vamos atrás dele — disse Rick, mergulhando e se pondo no vácuo à esteira da camionete. Observou a nuca do motorista pelo vidro. O avião oscilou com a turbulência caótica do ar e quase colidiu na traseira da camionete.

Em um trecho acidentado com poças de chuva mais à frente, Eric reduziu a marcha, abaixou o vidro da janela e inclinou a cabeça para enxergar melhor o caminho.

Quando inclinou a cabeça para dentro da camionete, Karen cruzou na frente dos olhos dele e girou com as luzes do avião piscando.

Eric levou um susto e freou a camionete.

— Ei…! — exclamou, seguindo o avião de Karen com os olhos. Ela fez uma inclinação e voou ao longo do painel. Ele estendeu uma das mãos virada para cima. Ela aterrissou na palma da mão, saiu do avião e eles se olharam.

Rick voou para dentro da camionete e pousou em cima do painel.

— Quem… são… vocês? — perguntou Eric com uma voz retumbante, segurando-a com cuidado e controlando a respiração, porque não queria soprá-la para fora da mão.

Karen mostrou o fone de ouvido. Jarel Kinsky tinha dito que os rádios facilitavam a comunicação. Era melhor falar através dos rádios.

— Vocês… aposto… — Eric deixou-a ao lado do outro avião em cima do painel, abriu o porta-luvas, pegou o fone de ouvido e o acoplou ao equipamento eletrônico que estava no banco do carona. — Siga… até… setenta… um… ponto… dois… cinco… gigahertz — disse.

Karen e Rick colocaram os fones de ouvido e sintonizaram os rádios dos microaviões.

E as palavras rolaram para fora da boca de Eric.

— Vocês… conseguem… me… entender… agora? — Alguns segundos depois as palavras soaram nos fones de ouvido com o tom normal da voz dele.

— Vocês conseguem me entender agora? Esse é um radiotransmissor. Controla a velocidade da voz e faz a transmissão. E também faz a equalização das vozes para que sejam entendidas.

Eles explicaram para Eric o que tinha acontecido.

— Precisamos chegar ao gerador o mais rápido possível — disse Karen.

— Primeiro… digam o que houve com o meu irmão.

Eles contaram tudo. Quando Karen descreveu a morte de Peter, Eric esmurrou o volante com tanta força que os micro-humanos e os microaviões foram projetados no ar. Caíram em meio a partículas de poeira e fizeram silêncio em sinal de respeito. Eric abriu os olhos com uma expressão serena.

— Vou levá-los até a Nanigen. Depois vou atrás de Vincent Drake.

# Capítulo 48



**Chinatown, Honolulu**
**2 de novembro, 2h30**

Dan Watanabe despertou com o toque do celular. Esticou a mão no escuro e o derrubou da mesinha de cabeceira. Saiu tateando para acender a luz na expectativa de notícias ruins da família, da filha de 7 anos que vivia com a mãe, da ex-esposa… mas era uma chamada do chefe da segurança da Nanigen.

— O senhor tem um minuto, tenente?

Watanabe lambeu a boca gosmenta.

— Sim.

— Essa noite houve um incêndio no Tantalus.

Watanabe grunhiu.

— O quê?

— Foi pequeno, talvez tenha passado despercebido. Mas morreram algumas pessoas.

— Não estou entendendo aonde quer chegar.

— Os estudantes… foram assassinados.

Watanabe sentou-se abruptamente na cama e acordou de vez. Pegue o homem sob custódia, pegue um depoimento.

— Onde você está? Mandarei um carro…

— Não. Só quero falar com o senhor.

— Conhece o Deluxe Plate? — O estabelecimento ficava aberto o dia todo.



Watanabe tomava uma xícara de café nos fundos de um recinto vazio quando Don Makele entrou. Parecia… resignado ao se dirigir à mesa do fundo.

O tenente não quis desperdiçar tempo com conversa fiada.

— Fale sobre os estudantes.

— Estão mortos. Vin Drake matou pelo menos oito pessoas. Todas muito pequenas.

— Como muito pequenas?

Makele abriu um centímetro entre o polegar e o indicador.

— Muito pequenas.

— Desembucha — disse Watanabe. — Vou fingir que acredito.

— A Nanigen tem uma máquina que encolhe qualquer coisa. Inclusive gente.

A garçonete aproximou-se e perguntou se Makele queria café da manhã. Ele balançou a cabeça calado e esperou que a garçonete se retirasse.

— Essa máquina também encolhe outra máquina? — perguntou Watanabe.

— Bem… certamente — respondeu Makele.

— E também encolhe tesouras?

Makele enrugou a testa.

— Do que está falando?

— Willy Fong. Marcos Rodriguez.

Makele não respondeu.

Watanabe prosseguiu.

— Entendo que queira falar sobre o que aconteceu com os estudantes desaparecidos. Mas também quero saber como os microrrobôs cortaram a garganta de Fong e de Rodriguez de orelha a orelha.

— Como soube dos robôs? — perguntou Makele.

— Você acha que o Departamento de Polícia de Honolulu não tem microscópios?

Makele franziu os lábios.

— Os robôs não foram produzidos para matar ninguém.

— O que deu errado então?

— Foram reprogramados. Para matar.

— Quem reprogramou?

— Talvez Drake.

O tenente levou isso em consideração.

— E o que aconteceu com os estudantes?

Makele explicou como funcionavam as estações de suprimentos do Vale de Manoa e a Base de Tantalus.

— Acho que os jovens descobriram alguma coisa ruim, porque Drake me forçou… a dar um sumiço neles.

— Matá-los?

— Sim. Estavam no Vale de Manoa. E Drake não queria que saíssem vivos de lá. Eles tentaram escapar. E alguns foram para o Tantalus. — Ele introduziu Ben Rourke na história para o tenente. — Drake incendiou o lugar. E estou convicto de que também assassinou nossa diretora financeira e nosso vice-presidente…

A cabeça de Watanabe girou. Pelo visto, Vin Drake tinha assassinado treze pessoas. Se isso fosse verdade, era um homem extremamente perigoso.

— E como posso saber que você não é doido? — perguntou para o chefe da segurança.

Makele se debruçou na mesa.

— O senhor é livre para pensar o que bem entender. A mim cabe lhe contar a verdade.

— Você está envolvido nessas mortes?

— Por sete milhões de dólares.

Dan Watanabe testemunhara muitas confissões durante os seus muitos anos como detetive. Mesmo assim, sempre se surpreendia com elas. Por que diabo as pessoas decidem contar a verdade? Uma verdade que nunca é do interesse delas. Uma verdade que não as deixa em liberdade e que as manda para a cadeia.

— Tenente, em nossa última conversa — continuou Don Makele —, o senhor se referiu ao *Moloka'i*.

Watanabe franziu a testa. Não se lembrava disso… Ah, sim… Makele usava a pronúncia tradicional havaiana…

— O senhor disse que nenhuma ilha se compara a Molokai — acrescentou Makele. — Talvez quisesse se referir ao povo de Molokai e não à ilha.

— Sinceramente, não sei a que eu me referia. — Watanabe bebeu um gole de café, recostou-se e olhou fixamente para Makele.

— Nasci em Pukoo — continuou o chefe da segurança. — Um pedacinho de terra ao leste de Moloka'i. Com poucas casas e o mar. Fui criado pela minha avó. Ela me ensinou a falar havaiano… bem, pelo menos tentou. E também me ensinou a agir de maneira correta. Juntei-me aos fuzileiros navais e servi ao meu país, mas depois… não sei o que aconteceu comigo. Comecei a fazer coisas por dinheiro. Aqueles estudantes não mereciam o que fizemos com eles. Drake os deixou lá para morrer. E como não morreram, mandou alguns homens para matá-los. Eu faria qualquer coisa por sete milhões de dólares, mas há coisas que não farei nunca mais. Não quero mais receber ordens de Vin Drake. Sou como Pawhana… trabalho feito.

— Onde está o sr. Drake agora? — perguntou Watanabe. O homem era pra lá de perigoso.

— Talvez na Nanigen.

Watanabe pegou o celular.

— Vamos pegá-lo.

— Tenente, não é uma boa ideia entrar naquele lugar.

— Ahnn? — Watanabe afastou o celular do ouvido, deixando a chamada audível, e retrucou com frieza. — Sei muito bem que invasões táticas são bem eficazes.

— Não com os microrrobôs. Eles podem farejá-lo. E podem voar. Aquilo lá é um ninho de vespas.

— Tudo bem. Diga então como entrar lá.

— Não há como, a menos que Vin Drake permita. Ele comanda os robôs. Com um controle remoto. Como os de TV.

Alguém atendeu a chamada do celular.

— Marty? — disse Watanabe levando o celular ao ouvido. — Estamos com um problema na Nanigen.



Eric Jansen passou pela entrada do Parque Industrial de Kalikimaki e pelo prédio da Nanigen com a camionete. Se não fosse pelo brilho da luz de sódio na porta de entrada, o lugar estaria sem luz e sem vida nas primeiras horas da manhã daquele domingo. Karen King e Rick Hutter estavam em cima do painel do veículo junto aos microaviões. Pregada ao painel, uma bonequinha de plástico — dançarina de hula-hula — rebolava e balançava a saia. Era bem mais alta que Karen e Rick.

Eric entrou com a camionete dentro de um prédio inacabado nas imediações da Nanigen, um galpão aberto com algumas paredes de concreto. Estacionou atrás de uma parede fora de vista. Desligou o motor, saiu da camionete e observou os arredores por algum tempo. Era hora de entrar na Nanigen.

Voltou para a camionete, ligou o radiotransmissor, pôs o fone de ouvido e disse:

— Entrem nos aviões e sigam-me.

Karen e Rick entraram nos aviões e decolaram. Eric saiu caminhando em direção à Nanigen com o zumbido do motor dos aviões nos ouvidos. Voavam atrás de sua cabeça para evitar o vento.

— Tudo bem com vocês? — perguntou pelo rádio.

— Tudo ótimo — respondeu Karen. Não se sentia ótima, se sentia péssima, como se uma tremenda gripe estivesse a caminho. Cada articulação do corpo doía. Talvez Rick esteja pior pela carga de toxinas que carrega na corrente sanguínea, pensou consigo. Isso deve acelerar a descompressão.

A porta da frente estava trancada. Eric abriu-a com uma chave e a manteve aberta para que os aviões de Karen e Rick entrassem. Em seguida, fechou-a.

Saiu andando por um corredor a passos lentos e o zumbido de mosquito seguiu atrás. Girou a cabeça e os dois aviões planavam e oscilavam ao longo dos azulejos do teto com os propulsores impelidos pela turbulência que os passos dele produziam e pelas correntes de ar do sistema de refrigeração do prédio.

— Cuidado para não serem sugados por algum respiradouro — disse.

— Será que não seria melhor pousar no seu ombro? Você pode nos carregar? — perguntou Karen.

— É melhor que fiquem no ar. Talvez precisem se afastar rapidamente… caso ele me veja… em apuros — ele disse olhando para os aviões enquanto se dirigia até um canto. Observou o

entorno. A frente estendia-se um longo corredor com janelões encobertos pelas sombras. Ninguém à vista. Atravessou o corredor e chegou a uma porta. Abriu-a e entrou seguido pelos aviões. — Meu escritório — disse pelo rádio.

O escritório de Eric estava todo bagunçado. Com papéis espalhados e sem o computador. Ele abriu uma gaveta da escrivaninha e remexeu lá dentro.

— Ainda bem que está aqui — disse, retirando um dispositivo que parecia um controle de videogame. — E um controle remoto para desarmar os robôs — explicou.

Em seguida, retornou ao corredor principal e passou pelos janelões encobertos seguido por Rick e Karen. Parou em frente a uma porta onde estava escrito NÚCLEO DO TENSOR. Empurrou-a.

A porta não abriu. Com a segurança eletrônica desativada, só abria pela fechadura comum.

— Merda. Está trancada por dentro — ele disse. — Isso significa…

— Que tem alguém lá dentro? — disse Rick.

— Talvez. Mas há uma outra entrada para a sala do gerador. Chegaremos lá pela zona Omicron.

Talvez os robôs da zona Omicron estivessem programados para matar os intrusos. Isso só seria visto se os robôs reagissem quando eles entrassem lá. Eric torceu para que o controle remoto de robôs estivesse funcionando. Caminhou até um canto com os dois aviões atrás, virou à direita e parou em frente a uma porta estranha que exibia um símbolo desconhecido e um aviso conciso: MICRORRISCO.

Rick fez um voo rasante a poucos centímetros do símbolo e perguntou pelo rádio.

— O que isso significa?

— Isso significa que há robôs do outro lado da porta que podem matar ou ferir gravemente… conforme a programação. A coisa pode ficar bem feia por aqui. — Eric ergueu o controle remoto para que o

vissem. — Vamos torcer para que isso funcione. — Ele mexeu na maçaneta, destrancada. Mas não abriu a porta. Em vez disso, digitou uma série de caracteres no teclado do controle. — Ora, vejam, Drake acha mesmo que estou morto — disse pelo rádio aos dois pilotos. — Não se preocupou em deletar o número de identificação pessoal do meu controle remoto, e imaginou que nunca mais seria usado. — Ele deu de ombros. — Bem, vamos ver. — Fez uma pausa enquanto ponderava sobre o perigo que os aguardava do outro lado da porta e em seguida abriu-a e entrou. Segurou a porta aberta para que os microaviões entrassem.

Eles estavam na sala do laboratório principal do Projeto Omicron. Uma luz fraca o deixava à penumbra. Não era espaçosa e seria facilmente confundida com um laboratório comum. Lá dentro, escrivaninhas, centrais de computadores e incríveis microscópios em cima das bancadas de trabalho. E ainda uma miríade de pecinhas em estantes metálicas. Em frente ao núcleo do tensor, a porta de entrada se estendia ao longo da grossa divisória de vidro do laboratório principal do Projeto Omicron até o núcleo do tensor.

Eric posicionou-se no centro do laboratório com o controle remoto de robôs na mão, olhou em volta e ficou à escuta. Bom demais para ser verdade. Nenhum robô ativado. Se estivessem por perto ou subindo até o teto, soaria o zumbido fraco das turbinas e os robôs despencariam do teto para repelir o intruso. E só depois de sangrar é que ele saberia que os robôs não estavam desativados. Mas ele não ouviu nada, não viu nada, não sentiu nada. Os robôs estavam desativados e, portanto, o controle remoto ainda funcionava. Ele suspirou de alívio.

— Tudo certo — disse.

A penumbra ocultava ainda mais os objetos cobertos de pano preto que estavam em cima das bancadas.

— Vou mostrar-lhes por que Vin Drake quis me matar — ele disse pelo rádio. — E por que assassinou os amigos de vocês. — Ele

parou no meio da sala e estendeu o antebraço. — Pousem no meu braço — acrescentou. — Assim poderão ver mais de perto.

Rick e Karen pousaram os aviões no antebraço e Eric saiu andando devagar e com a mão do outro braço protegendo os aviões de lufadas de ar. Aproximou-se da bancada mais próxima. Retirou o pano de um dos objetos. Era um pequeno avião que brilhava com um aspecto perverso. Sem cabine de pilotagem.

— Isso é um Hellstorm UAV — ele disse. — Um veículo aéreo não tripulado.

— Um drone? — perguntou Rick.

— Exatamente. Um drone. Sem piloto.

Tinha 25 centímetros de envergadura da asa.

Ele aproximou o braço para que Rick e Karen tivessem uma visão completa do avião.

— É um protótipo gigante de um Hellstorm — disse. — Após um teste de voo, é encolhido até cerca de um centímetro e meio.

Em vez de trem de pouso, o Hellstorm tinha quatro pernas articuláveis com coxins adesivos, tal como os pés do veículo hexápode. E também mísseis sob as asas: dois tubos de vidro com longas agulhas de metal no nariz, estabilizador vertical e algo que lembrava o motor de um foguete na cauda.

— O que isso faz? — perguntou Rick.

— Pois é… o que isso faz? — repetiu Eric. — Isso é um avião militar não tripulado do tamanho de uma traça. Faz a vigilância. E também pode matar. Pode fugir de qualquer sistema de segurança existente. Pode passar voando por debaixo de uma porta ou pela rachadura de uma janela. Pode grudar na pele ou na roupa das pessoas. Pode rastejar com as pernas, voar ao longo de conduítes elétricos no interior de uma parede e depois emergir e voar por dentro de um aposento. Pode matar qualquer pessoa em qualquer lugar e a qualquer hora. Estão vendo os foguetes sob as asas? São micromísseis de toxinas. Mísseis armados com supertoxinas

descobertas pela Nanigen e extraídas das formas de vida do micromundo: venenos de vermes, aranhas, fungos e bactérias. O míssil tem um alcance de dez metros. Isso significa que tem uma boa capacidade de ataque e que arremessa as toxinas de uma distância considerável. Se fossem atingidos na pele por um míssil com supertoxinas, vocês teriam morrido rapidamente. Um Hellstorm carrega dois mísseis, portanto pode matar duas pessoas.

— O que são esses buracos na fuselagem? Entradas de ar? — perguntou Rick.

— Não. São coletores de ar. São usados para os alvos.

— Como funciona? — perguntou Karen King.

— O Hellstorm pode nos farejar. Uma pessoa tem uma impressão digital odorífica específica, um cheiro diferente de todas as outras pessoas. Nosso DNA é único, portanto é natural que a combinação de feromônios liberados pelo nosso corpo também seja única. Pode-se programar um microdrone para captar o cheiro de quem quer que seja. Ele pode encontrá-la e matá-la no meio de uma multidão mesmo que você esteja num concerto de rock.

— Isso é um pesadelo — ela comentou.

— Um pesadelo que não tem fim — disse Eric Jansen. — Imagine uma posse presidencial. Imagine milhares de Hellstorms soltos no ar e programados para procurar o presidente dos Estados Unidos. O presidente estará morto se for atingido por um microdrone não tripulado. Eles podem derrubar governos de nações como Japão, China, Reino Unido, Alemanha. Qualquer nação pode ser derrubada por um enxame de microdrones. — Ele girou lentamente com Rick e Karen pousados no antebraço enquanto olhava ao redor.

— Esta sala é a caixa de Pandora.

— Então, a Nanigen não tem nada a ver com medicina — disse Karen.

— A Nanigen tem tudo a ver com medicina. Só que trafega nas duas mãos da rua. Maneiras de salvar vidas… Maneiras de destruir

vidas. Esse Hellstorm — ele tocou no microavião suavemente — é um sistema de entrega de medicamentos.

— E você descobriu isso e Drake teve que matá-lo.

— Não exatamente. Sempre estive informado a respeito do programa Omicron. A Nanigen fez um contrato com o Departamento de Defesa para desenvolver microdrones. E a pesquisa se saiu bem melhor do que Drake informou para o pessoal do departamento. Ou seja, ele começou a mentir para o governo. Começou a dizer que a pesquisa com os microdrones estava fracassando.

— Por quê? — perguntou Rick.

— Porque tinha seus próprios planos para os microdrones. Surgiu um problema com as patentes do nosso sistema de microdrones. A companhia Rexatack situada no Vale do Silício foi que realmente inventou e patenteou parte dessa tecnologia. Vin Drake era um dos investidores da Rexatack. Roubou as patentes para construir o Hellstorm. E se apressou em vender a tecnologia quando a Rexatack estava prestes a processar a Nanigen e recuperar as patentes. Só nos desentendemos quando descobri que Drake estava tentando vender a tecnologia do microdrone para quem pagasse mais.

— E não para o governo dos Estados Unidos? — disse Karen.

— Isso mesmo. Ele queria dinheiro fácil e rápido, e em outros mares há mais dinheiro… Há mais dólares para queimar em outros governos lá fora. Governos de países cujas economias estão crescendo bem mais que a nossa. Governos que pagariam qualquer coisa pela tecnologia do microdrones. Qualquer coisa. Isso não quer dizer que o governo dos Estados Unidos faria um bom uso dos microaviões. Só estou dizendo que alguns governos estrangeiros poderiam cometer horrores com eles. Governos que odeiam os Estados Unidos, governos que desprezam a Europa, governos que temem os vizinhos mais próximos e também governos que odeiam,

desprezam e temem o próprio povo. Governos que não hesitariam em lançar mão dos microaviões com objetivos inconfessáveis. Isso sem mencionar os grupos terroristas internacionais… para quem os microaviões cairiam como uma luva. Fiquei sabendo que Drake reuniu-se em Dubai com autoridades de alguns governos para negociar a venda da tecnologia dos Hellstorms da Nanigen. E protestei, alegando que seria uma violação da lei americana e um risco para o mundo inteiro. Mas depois recuei.

— Por quê? — perguntou Rick.

Eric suspirou.

— Eu tinha ganhado lotes de ações da Nanigen que valiam milhões. E se eu fosse às autoridades, a Nanigen quebraria. Minhas ações não valeriam um tostão furado. Por isso, recuei. Por ganância. Logo eu que tinha feito física por amor, e a ironia é que nunca me passou pela cabeça que poderia me tornar milionário com a física. Em suma, se me confrontasse com Drake, os milhões escorregariam pelos meus dedos. Foi uma fraqueza fatal. Ele decidiu me matar. Fui almoçar com Alyson Bender em Kaneohe e depois fui testar o meu barco novo no mar. Alyson, Drake, pouco importa, o fato é que plantaram Hellstorms no meu barco. Protótipos programados para me matar. Os motores do barco falharam e uma dessas coisinhas miseráveis passou voando em frente à cabine. A princípio pensei que fosse um inseto. Mas os propulsores e os mísseis me fizeram ver que era um Hellstorm. E depois um outro Hellstorm também passou voando em frente à cabine. Mandei uma mensagem de texto para o meu irmão e pulei do barco. Saí nadando debaixo das ondas para me proteger e os Hellstorms não lançaram mísseis porque não detectaram o meu cheiro. Fui para Honolulu e tratei de me esconder. Se fosse à polícia, ficaria exposto e Drake mandaria outros microaviões para me caçar. Ele se embriagou com o poder desses robôs.

Eric suspirou e nesse meio-tempo soou uma outra voz.

— Excelente descrição de mim, Eric. Adorei.

Um feixe de luz cintilante se acendeu e Vincent Drake apareceu atrás de um rack de computadores.

# Capítulo 49



**Parque Industrial de Kalikimaki**
**3 de novembro, 3h40**

Drake estava sentado no escuro, atrás dos computadores. O feixe de luz balançava à sua frente, iluminando um fone de ouvido e uma arma na mão direita. Era uma FN belga, uma pistola semiautomática com uma lanterna acoplada ao guarda-mato. O feixe de luz da lanterna percorreu o entorno. Ele tinha na mão esquerda um controle remoto de robôs. Usava paletó, camisa preta, calça jeans preta e botas sujas de lama. Caminhou até o centro da sala e apontou a arma com o feixe de luz nos olhos e na testa de Eric, e depois apontou para os dois microaviões.

— Peguei um bobo na casca do ovo — disse.

Os dois micro-humanos ouviram perfeitamente pelos fones de ouvido. Drake estava com um radiotransmissor.

— Decolar — disse Rick para Karen.

Ligaram os microaviões e alçaram voo do braço de Eric com um mergulho, e depois ganharam altitude.

Drake não se importou. Manteve o corpo virado de lado e, com o braço esticado, segurava a arma com o feixe de luz nos olhos de Eric.

Segurava com a outra mão o controle remoto de robôs e a luz da tela do controle iluminava sua mão. Ele apertou um botão com o polegar.

— Seu controle remoto não funciona, Eric. Só o meu funciona.

Rick inclinou o microavião e sobrevoou a cabeça de Eric. Karen não o seguiu e ele a chamou pelo rádio.

— Fique perto de mim.

— Rick… Drake pode nos ouvir?

— Claro que posso ouvi-los. — A voz de Drake soou nos fones de ouvido. Ele girou a arma abruptamente para os aviões e o feixe de raio laser deixou à vista uma cara perversa. Por um momento Rick pensou que os aviões seriam alvejados, mas logo se deu conta de que não eram alvos fáceis de serem atingidos pelos projéteis. Eram muito pequenos e se esquivavam com muita rapidez.

Drake ergueu o controle remoto dos robôs ainda com a arma apontada para a cabeça de Eric e apertou um botão.

— Feito — disse.

— Feito o quê? — perguntou Eric olhando para cima.

Drake olhou ao redor sorrindo.

— Ativei os robôs. — Ele recuou um passo e se pôs à espera.

— Você também será atacado… — disse Eric.

— Acho que não. — Drake avançou e golpeou Eric no rosto com a coronha da arma.

Eric gemeu e caiu de joelhos.

— Qual o problema dos irmãos Jansen? Pelo visto precisam de surras regulares. — Drake chutou-lhe as costelas.

Eric engasgou, caiu de quatro e saiu rastejando.

— Para onde está indo? Procurando alguma coisa?

— Vá para o inferno!

Eric recebeu um pontapé na cabeça e se dobrou aparentemente sem sentidos com a luz da arma pipocando perversamente em seu corpo.

Tentou se levantar, mas em vão.

— De uma coisa você não sabe, Eric. Os robôs ignoram o meu cheiro. Perseguem qualquer um, menos a mim — disse Drake com uma risadinha.

— Eles me respeitam.

Eric levou a mão ao rosto e a mão se manchou de sangue. Em seguida, um pequeno corte de tesoura abriu na testa dele.

— Que pena. Parece que já o encontraram.

Eric rastejou em direção a Drake, que deu um salto para trás e sorriu. Logo Eric começou a esfregar o cabelo e os ouvidos. Sacudia o corpo todo.

— Tentando se livrar dos robôs? Pode senti-los se arrastando no seu rosto? No seu cabelo? Já, já estarão na sua corrente sanguínea. Não se preocupe, não dói. Só terá que assistir a sua própria sangria desatada.



Enquanto Drake se ocupava com Eric, Rick voou até a sala do gerador. Era o objetivo. Cruzou com Karen bem devagar e avistou no alto da porta um pequeno respiradouro. Amplo o bastante para a passagem de um microavião, mas isso era duvidoso. Ele recuou e emparelhou com o avião de Karen de maneira a deixar as asas quase se tocando. Desligou o rádio e gritou.

— Ele não ouve os nossos gritos. Voe até a porta da sala do gerador. Parece que tem uma passagem.

Rick posicionou o avião acima do respiradouro da porta, acionou velocidade máxima e voou pela fresta adentro. As asas esbarraram na fresta e o avião saiu do controle e mergulhou em parafuso na sala do gerador. Logo depois Karen o seguiu. Rick retomou o controle do

avião e voou até o núcleo do gerador do tensor com a visão dos hexágonos lá embaixo. Identificou o hexágono central e planou por cima olhando fixamente para baixo. Um pequeno círculo branco traçado no hexágono central indicava a localização do painel de controle. A asa direita do avião de Karen King emparelhou ao lado.

— Vou pousar perto do círculo — ele gritou na esperança de que o vento da nave carregasse sua voz.

A voz de Drake ecoou nos fones de ouvido.

— Sei o que estão tentando fazer. Sei que voaram para a sala do gerador. Mas o que vocês não sabem é que serão vistos e farejados pelos robôs daí.

Eles viram através do vidro que Drake acompanhava o voo com os olhos e que apertava alguns botões com o controle de robôs erguido.

— Reprogramei o sistema sensitivo. Agora já podem encontrá-los — disse, olhando para o teto da sala do gerador.

Karen olhou para o alto. Manchas brilhantes se dispersavam agilmente pelo teto. Pingavam de lá como gotículas de chuva e, à medida que pingavam, as hélices giravam e alçavam voo. Um dos robôs girou e mergulhou em perseguição a Rick que mergulhava em direção ao solo. O robô era movido por um turboélice embutido e tinha um pescoço serpentiforme com facas na extremidade. Na perseguição a Rick o robô passou perto de Karen. Um sistema de visão com dois olhos compostos como de um inseto. Essa máquina tem dois olhos, tem visão binocular, ela pensou.

— Rick, atrás de você! — gritou.

Ele não ouviu. Fazia o mergulho em direção ao círculo branco no solo com o robô cada vez mais próximo. Era hora de intervir. Sem um plano definido, ela fez um voo rasante em perseguição ao robô que perseguia o avião de Rick. Com o rabo do olho notou que ambos eram perseguidos por outros robôs voadores e, quando olhou para trás, eram dezenas, talvez muito mais. Convergiam em direção aos

dois aviões. Emitiam brilhos enquanto voavam e planavam em busca do alvo.

— Rick, atrás de você! — ela gritou de novo.

Com um giro de cabeça ele viu o robô que o perseguia e instintivamente voltou o bico do avião para o alto e saiu a toda velocidade na tentativa de escapar. Mas o robô também era um bom piloto. E aproximou-se.

Karen acelerou e saiu em perseguição ao robô que perseguia Rick. Talvez pudesse atingi-lo com o bico do avião em pleno ar. Com as hélices na cauda do avião, o bico podia ser uma arma. Ela mirou no robô e avançou. Pouco antes da colisão, abaixou-se na cabine para proteger a cabeça. O avião acertou o robô em cheio.

Um estrondo metálico e sibilado fez o avião de Karen ricochetear para um lado e o robô ricochetear para o outro. Ambos rodopiaram em parafuso no ar. Mas o impacto não destruiu nem o avião nem o robô. Simplesmente afastaram-se um do outro. O robô pairou no ar ainda rodopiando, orientou-se e saiu no encalço de Karen, que retomou o controle do avião e saiu em fuga sem tirar os olhos do perseguidor. O robô acelerou a toda, abriu dois braços articuláveis e pegou-a de surpresa.

Agarrou a asa do avião com os coxins adesivos das extremidades dos braços e depois agarrou o avião por inteiro. Ela tentou jogá-lo para fora com giros e manobras radicais para a esquerda e a direita, mas o robô se manteve firme e começou a cortar as asas do avião com as lâminas.

O robô voador estava quebrando a asa do avião.

Rick deu meia-volta ao perceber que Karen estava encrencada. Enquanto voava se perguntou o que poderia fazer para libertá-la. Maldito avião. Sem armamentos, sem botões de artilharia, sem nada. Mas pensando bem… Rourke deixou um facão em algum lugar do avião. Ele tateou e quando tocou no cabo disparou ao encontro do avião de Karen com o facão de cavaleiro medieval na mão.

— Sai fora! — gritou quando golpeou e decepou o pescoço do robô, que despencou se contorcendo junto com as lâminas. O resto da máquina soltou-se do avião de Karen e ziguezagueou pelo ar totalmente desgovernado. Ela retomou o controle do avião.

Um enxame de robôs pairou no ar — eram dezenas.

O avião de Rick cruzou com o enxame e um robô o pegou pela asa e começou a cortá-la com as tesouras-espadas. Rick contra-atacou com o facão, mas não conseguiu atingi-lo e o avião tombou espiralando. Um outro robô deteve a queda e o enxame partiu para cima do avião e pairou no ar brigando pela presa enquanto a dilaceravam.

Rick saltou do avião com o facão na mão. Enquanto caía fez um giro de barriga para cima e avistou o avião de Karen no alto que girava desgovernado e agarrado pelos robôs. Enquanto um robô destruía as hélices, o outro rasgava uma das laterais. Rick caiu de costas no chão, ileso e ainda com o facão na mão.

Levantou-se. A sala do gerador era grande. Onde estava o painel do microcontrole? Onde estava o círculo branco? O piso de plástico iluminado por baixo estava coberto de grãos de poeira do tamanho de bolas de golfe. Ele olhou para o alto e ao redor e nada do outro avião. Onde Karen estava? O chão estava um caos.

— Ufa! — Ela caiu de quatro no chão como um gato a centenas de metros de distância.

Karen King também saltara do avião. Segurava o facão e olhava fixamente para os robôs que lá no alto rodopiavam e despedaçavam

os aviões. Choviam pedacinhos de aviões pelo ar. Ainda bem que os robôs se distraíam com os aviões.

— Ali! — ela gritou e apontou com o facão.

Só então Rick avistou o círculo branco que o surpreendeu pela distância em que estava. Os dois iniciaram uma corrida desesperada em direção ao círculo. Saltavam por cima da poeira e dos pedaços de avião como atletas de uma corrida de obstáculos. Ele tropeçou ao saltar sobre um fio de cabelo e caiu.

E quando se levantou tinha perdido Karen de vista.

— Karen? — gritou.

Lá no alto os robôs acabaram de despedaçar os aviões e começaram a voar de um lado para o outro como se em modo de busca. Será que os dois tinham sido vistos durante aquela corrida louca? Dezenas e dezenas de robôs despencaram das paredes e do teto e infestaram o lugar rodopiando de um lado para o outro à caça dos intrusos. Será que aquelas máquinas se comunicavam entre si? Dessa maneira eles seriam encontrados rapidamente.

# Capítulo 50

**Núcleo do Tensor**
**1-de novembro, 5h10**

Não é um jeito ruim de morrer. Você quase não sente nada — disse Drake manuseando o controle remoto.

Ainda atordoado pela surra que acabara de levar, Eric apoiou-se de costas na parede do laboratório do Omicron, ao lado da porta de entrada da sala do gerador. Drake apontou a arma com o feixe de luz nos olhos de Eric e um robô cortou-lhe a testa. O sangue escorreu até os olhos. Manchas pairaram na frente dos olhos com hélices que zumbiam como mosquitos. De fato, Drake os comandava pelo controle remoto. Logo voaram em direção ao rosto de Eric. Pousaram nas bochechas e no pescoço e exploraram as pálpebras. Um robô entrou pela camisa e Eric o sentiu na pele e ouviu o zumbido do motor.

— Acredita agora que eles não me atacam? — Drake pressionava o controle. — Isso porque estou com o controle. — Pressionou o controle e um robô subiu pelo rosto de Eric até o canto do olho. — Posso fazê-los entrar em qualquer orifício do seu corpo.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Pesquisa, Eric.

Eric sentiu uma picada no canto do olho. O robô cravou as tesouras e fez um buraquinho na pele. Enterrou a cabeça no buraquinho e abriu caminho por entre as células com as lâminas. Uma gota de sangue pingou do rosto de Eric.



Os carros da polícia fecharam a rua de acesso ao parque industrial e montaram um perímetro de segurança em torno do prédio da Nanigen. Os furgões e o esquadrão de resgate de reféns posicionaram-se. Os carros da polícia estavam com os faróis apontados para as esquadrias de metal do prédio.

Dan Watanabe posicionou-se atrás de um carro e observou a entrada do prédio. Com o reforço da unidade da SWAT, ele não era autoridade operacional, se bem que esperava receber atenção de Kevin Hope, o comandante da operação.

— Onde está Dorothy? — perguntou.

— Está a caminho — respondeu Hope.

— E os bombeiros da unidade de descontaminação?

Em resposta à pergunta, um furgão amarelo chegou roncando o motor e estacionou. Um esquadrão de bombeiros saiu de dentro com roupas Tyvek de proteção e montou às pressas o centro de descontaminação: uma tenda, equipamentos de banho e uma linha de processamento para as vítimas.

— O que há dentro do prédio? Vírus? — perguntou o comandante Hope. Fazia vinte minutos que tinha sido chamado para a operação e ainda não estava a par do que estava envolvido na investigação.

— Vírus, não. Robôs — disse Watanabe.

— Repete, não entendi.

— Robozinhos. E mordem.

O comandante Hope assumiu um ar incrédulo.

— Não me diga que vamos trocar tiros com robôs, Dan.

— Nem pensar. Não se pode atingi-los.

— Há reféns lá dentro?

— Não que eu saiba. Mas não podemos presumir nada — disse Watanabe enquanto vestia um colete tático e pegava um rádio multicanal portátil que lhe entregaram. Ligou o rádio e perguntou ao comandante Hope.

— Quer que eu faça a chamada?

Hope abriu um sorriso torto.

— Foi você que nos colocou nessa operação, Dan. Foi você que nos informou.

Watanabe deu de ombros e olhou para um pedaço de papel com um número. Fez a chamada.



No laboratório do Omicron seis robôs penetravam na pele de Eric com picadas enquanto Drake lhe apontava a arma com o feixe de luz nos olhos. Eric pensava em qual seria a melhor forma de morrer: uma bala na cabeça atirada por Drake, ou retalhado nas artérias pelos robôs.

Soou um zumbido baixinho dentro do paletó de Drake. Ele tirou o celular do bolso e verificou a ID da chamada. Na tela: BLOQUEADO. Mesmo assim, atendeu a chamada. Respirou fundo para aquietar as batidas do coração.

— Sim?

— Vincent Drake?

— Quem é?

— Dan Watanabe, da polícia de Honolulu. O senhor está com alguém dentro no prédio?

— Por Deus, Dan. Estou sozinho. Trabalhando até tarde. O que houve?

— O prédio está cercado. O senhor poderia sair devagar e com as mãos para cima? Estará a salvo, prometo.

— O que é isso, Dan! Claro que é um engano. Obedecerei com prazer… só mais um minuto.

— Queremos que saia imediatamente, senhor…

— Claro, claro. — Drake desligou o celular e se aproximou de Eric com a cara transtornada de fúria. — Você chamou a polícia.

Eric balançou a cabeça. Estava perdendo muito sangue, que empapava a camisa e escorria quente pelo pescoço.

Drake curvou-se e o pôs ereto. Ficaram cara a cara.

— Você é igualzinho ao merdinha do seu irmão… sempre metendo o bedelho onde não é chamado. — Drake tocou no rosto de Eric. — Parece que tem um no seu olho.

Pegue o controle remoto.

De costas para a porta, Eric abriu a maçaneta com a mão esquerda e caiu de costas na sala do gerador com Drake por cima. Esticou a mão direita e puxou o controle da mão de Drake com um safanão.

Drake perdeu o equilíbrio, caiu de lado, soltou um palavrão e atirou. Eric sentiu o impacto da bala quando atravessou a coxa, se bem que não sentiu dor. Estava em estado de choque. Mas já estava com o controle remoto e isso era o mais importante. Sabia o que teria que fazer. Bateu o controle contra o piso e o espatifou em mil pedaços.

Ninguém mais comandaria os robôs.

Ficou surpreso quando se deparou com a arma bem à frente no chão. Drake a tinha deixado cair e tentava puxá-la com o pé. Os dois lutaram para pegá-la.



Karen e Rick estavam esparramados no chão quando a porta se abriu e dois gigantes caíram na sala do gerador. Seguiu-se o disparo de uma arma e o choque da explosão atingiu os dois micro-humanos que antes tinham sido arremessados pelos ares com o impacto da queda dos dois gigantes. Escoou uma gota de sangue que explodiu em gotinhas secundárias. Os dois micro-humanos se levantaram e saíram correndo em direção ao círculo branco.

Um dos homens abaixou e começou a bater o controle remoto de robôs no chão e o espatifou todo. As peças eletrônicas se espelharam como um raio, derrubando Karen. Em seguida ela se esquivou apavorada da arma que deslizava pelo chão enquanto os dois homens lutavam para pegá-la. Foi quando Eric rolou pelo chão, pegou a arma e apontou para Drake, que estava deitado de costas. Levantou-se com o sangue escorrendo pela perna e apontou a arma na cara de Drake.

— Um movimento seu… e estouro seus miolos.

— Eric, espere um pouco. Podemos sair vivos dessa, juntos — disse Drake.

— Sem chance. Você matou o meu irmão. — Eric manteve o dedo no gatilho.

— Mas, Eric… você está completamente enganado… fiz de tudo para salvá-lo.

— Você é louco.



Rick e Karen chegaram ao círculo branco. Podiam ouvir o som dos motores dos robôs que zumbiam intensamente em volta deles. Já tinham perdido de vista os dois homens. No centro do círculo havia uma escotilha com um cabo interno. Os dois alcançaram a escotilha ao mesmo tempo.

Rick se pôs de joelhos e puxou o cabo.

Nada.

A escotilha parecia travada. Um enxame de robôs aproximou-se e pairou agressivamente no ar. Seguiu-se o mergulho de um robô que atingiu Karen com as lâminas. Ela ergueu o facão e com um único golpe o arremessou ao chão.

Em seguida soltou um grito ainda com o facão erguido.

— Costas com costas!

Rick Hutter empertigou-se e colou as costas nas costas de Karen King. Foram cercados e atacados pelos robôs que voaram e pairaram no ar com as lâminas metálicas prontas para agir. Rick girou o facão e com um golpe rasgou os olhos compostos de um robô que caiu no chão contorcendo o pescoço e alçou voo às cegas.

Eles desfechavam um golpe atrás do outro, mas os robôs não tinham o instinto de sobrevivência e não recuavam de medo.

— Abra a escotilha. Faço a cobertura — disse Karen girando o facão.

Rick curvou-se e tentou abrir a escotilha enquanto Karen cobria a retaguarda encarando e repelindo os robôs. Mas a escotilha não abriu. Ele a comprimiu com a ponta do facão e tentou cortá-la. Se

não conseguia abri-la, talvez pudesse cortá-la. Mas a lâmina não penetrou no plástico.

— Não consigo abri-la!

— Rick, escute… ai! — Karen soltou um grito de dor ao ser atingida por um robô e girou o facão por cima da cabeça. — Tente de novo! Rápido!

Foi exatamente o que ele fez. Jogou-se em cima da escotilha e arrancou-a. Lá dentro só havia um botão vermelho. Pulou em cima do botão com os dois pés.

O piso estremeceu. O hexágono começou a descer. E eles foram engolidos para dentro de uma câmara hexagonal.

Um dos robôs também entrou no hexágono. Parecia confuso. Rick o golpeou com o facão e o fez colidir contra as paredes.

As luzes mudaram de cor com um zumbido e Rick se viu arrebatado pela sensação onírica de um voo pelo espaço, ora dançando com o robô, ora dançando com Karen, ora os três girando e girando sob a batuta de uma valsa maluca.



O gerador ativou o tensor e os campos se cruzaram e voltaram a se cruzar e acabaram em *loops* poloidais enquanto os hexágonos erguiam-se e nivelavam-se ao solo. Rick Hutter, Karen King e um robô agora grandalhão jaziam sossegados no piso. Rick e Karen com o tamanho normal, e o robô expandido para o tamanho de uma geladeira.

Eric jazia no chão. O sangue provocado pelos cortes dos robôs escorria pela perna, mas ele ainda estava consciente e apontava a

arma para Drake, que rastejava em sua direção com o terror estampado no rosto.

— Vamos ajudar Eric — disse Rick para Karen.

Eles o suspenderam pelos braços e os pés e o levaram para fora da sala do gerador. A arma escapuliu das mãos de Eric e caiu no chão. Drake levantou-se… e cometeu um erro. Saiu correndo para pegar a arma em vez de sair correndo porta afora.

Rick e Karen retiraram Eric da sala às pressas. Karen fechou a tranca da porta e deixou Drake trancado na sala do gerador em companhia de centenas de microrrobôs voadores e de um robô grandalhão.

Ainda sentado no chão, o robô grandalhão revirou os olhos compostos da esquerda para a direita; o pescoço de ganso se moveu e as lâminas do turboélice rangeram. Mas ele não conseguiu alçar voo porque estava muito pesado para voar.

Drake o olhou de relance e se levantou com a arma na mão. Rick e Karen assistiram através da divisória de vidro à prova de balas quando Drake pegou o controle remoto já destruído e o arremessou longe.

Moveu os lábios e uma voz abafada atravessou o vidro.

— Deixem-me sair daqui.

Rick balançou a cabeça em negativa.

Drake atirou e o vidro não quebrou.

Aproximou-se do vidro.

— Por favor, ajudem-me. Lamento muito.

Ele deu alguns passos para trás com uma gota de sangue pendurada na ponta do nariz, girou a cabeça histericamente, golpeou um robô que sobrevoava por perto e começou a soltar palavrões enquanto o feixe de luz da arma percorria todos os lados da sala. A luz deixou um robô à vista e ele atirou. Apontou a arma a esmo e atirou de novo. Atirou sem parar nos robôs até que a nuvem da fumaça da pólvora inundou a sala do gerador.

O celular tocou e ele o tirou do bolso.

— Alô, tenente, o senhor poderia fazer o favor de me resgatar? Claro que vou contar tudo. Estou com um pequeno problema na sala do gerador. Isso mesmo, na sala do gerador. Fica no centro do prédio. Robôs? Aqui não tem robôs, Dan, isso aqui é perfeitamente seguro…

O celular escapuliu da mão ensanguentada de Drake e se espatifou no chão. O sangue pingou do nariz e encharcou a camisa.

Ele tossiu escarrando sangue e cambaleou para a frente. E com a cara espremida no vidro, olhou fixamente para Rick e Karen.

— Vou matar vocês! Juro…!

Arregalou os olhos e uma gota de sangue escorreu no canto do olho direito. Um robô emergiu da parte branca do olho e se arrastou por toda a superfície do olho deixando um rastro de sangue atrás. Ele próprio parecia assistir à travessia do robô pela córnea.

— Sai de mim — sussurrou, enfiando o dedo no olho. Olhou para a ponta do dedo ensanguentada e soltou um grito.

Apontou a arma para a própria cabeça e apertou o gatilho.

Sem êxito. Já tinha esvaziado o pente ao atirar nos robôs.

Mais atrás, o robô grandalhão o olhou fixamente, avançou e o arrastou pelos braços. O pescoço de ganso investiu e as lâminas rasgaram o corpo de Drake de baixo para cima até atingir o peito. E depois o robô o ergueu no ar, sacudiu o pescoço de ganso, encolheu o pescoço, com o corpo de Drake pendurado, e o carregou pela sala.



Rick e Karen prestaram atendimento a Eric Jansen. Rick rasgou um pedaço da camisa, enrolou na perna de Eric para estancar o

sangramento, e o amparou pelos ombros para atravessar o laboratório do Omicron. Eric tinha perdido muito sangue e estava quase inconsciente.

Um robô zumbiu e Karen teve a sensação de uma picada e deu uma palmada na nuca. O sangue escorreu pela mão.

— A sala está contaminada! Corra, Rick!

Ela pegou Eric com a outra mão sem pensar duas vezes e tentou colocá-lo nos ombros sem êxito. O que está havendo? Perdi os superpoderes?

Arrastaram Eric até o corredor, onde se depararam com um esquadrão de policiais armados e com roupas de proteção, acompanhados por um detetive barrigudo que usava um colete tático. Mas era visível que não era um membro do esquadrão da SWAT.

— Voltem! — gritou Rick. — Robôs!

— Já sei — disse calmamente o detetive, dirigindo-se em seguida aos outros homens. — Retirem os dois daqui. Rápido. — Depois perguntou para Karen e Rick. — Tem mais alguém no prédio?

— Drake. Morto.

— Todos para fora — gritou o detetive.

Os policiais escoltaram Karen e Rick e carregaram Eric já desmaiado ao longo do corredor.

Dan Watanabe foi o último a sair do prédio. Saiu pela porta sob a luz do amanhecer com um fio de sangue na testa. Os robôs o tinham encontrado.

— Cadê Dorothy? — ele gritou.

Dorothy Girt estacionou a Toyota e aproximou-se.

— Trouxe o ímã?

— Claro. — Ela ergueu o ímã industrial que tinha apanhado no laboratório antes de chegar ali.

— Todos vocês, reféns e policiais, para a tenda de descontaminação — disse Watanabe tirando o colete. — Serão

descontaminados pela Dorothy.

Eric foi conduzido pela equipe de paramédicos até a tenda, e de lá o carregaram até um helicóptero de resgate. Só depois que todos foram atendidos é que o tenente Watanabe entrou na tenda branca para que Dorothy extraísse os robôs que ele tinha no corpo.

# Capítulo 51

**O fosso**
**1º de novembro, 5h55**

O robô grandalhão era o único a se locomover na sala do gerador do tensor. Ele empurrou o cadáver de Drake para o lado e observou a sala à procura de uma saída. Como não a encontrou, o programa acionou a sequência de perfuração. O pescoço inclinou para baixo e as lâminas cortaram o piso de plástico. Depois de abrir um buraco, o robô mergulhou no fosso cheio de equipamentos eletrônicos sem parar de cortar e de picar, o melhor que sabia fazer.

No fosso da sala do gerador ressoaram gemidos, cortes e crepitações, acompanhados dos clarões azuis e amarelos das fagulhas elétricas. Chiados de fervura e nuvens de vapor escoaram pelo buraco do piso. Era o som e a fúria dos magnetos supercondutores em curto circuito. O prédio tremeu à medida que os campos magnéticos do gerador se tornaram caóticos e sem função. Os magnetos em curto circuito esquentaram abruptamente e o calor ferveu o hélio líquido e gelado que os circundava. E o vapor do hélio emergiu do fosso.

De repente, os disjuntores dispararam e as luzes do prédio piscaram, agitando o robô grandalhão nas entranhas da máquina de Drake.



Mas ainda restava um ser vivo no prédio da Nanigen. No fosso, um homem magro observou enquanto o robô grandalhão arrebentava a máquina. Caminhou em passos cautelosos e sem movimentos abruptos para não atrair a atenção do robô, retirou um disco rígido do gabinete de um computador e puxou uma unidade de fita dos encaixes. Enfiou o drive no paletó, saiu do fosso às pressas, subiu uma escada e entrou no túnel de saída de emergência. Soou um baque atrás seguido de um rugido: o robô iniciava um incêndio.

O túnel de saída de emergência era revestido de metal e seguia em linha horizontal até chegar a uma escada. O dr. Edward Catei, o homem de ligação com o Consórcio Davros, subiu a escada com o disco rígido no bolso que continha cinco terabytes de dados — projetos do dr. Ben Rourke para o gerador do tensor e os valiosos dados dos testes operados com o gerador. O fato é que quando o dr. Catei juntou dois mais dois e concluiu que Drake tinha ordenado o assassinato dos funcionários da companhia, ele percebeu que Drake era um desequilibrado e não se mostrava mais à altura de um chefe executivo. Catei entrou em contato com algumas pessoas que estavam investigando as ações da Nanigen e prometeu entregar os projetos do gerador em troca de um bom pagamento. Ao entrar no prédio naquela noite, contudo, não fazia ideia de que encontraria Drake lá dentro.

Ele se deteve no alto da escada e se pôs à escuta embaixo de uma escotilha. O que está havendo lá em cima? Soavam sirenes e hélices de helicópteros. Talvez seja melhor esperar. Até que a poeira assente.

Alguma coisa escorreu pelo rosto e molhou a gola da camisa. Ele passou a mão no rosto. Claro, aquilo era obra de um robô. O túnel de saída de emergência já estava infestado. O robô penetrava pelos tecidos do rosto. A coisa ficaria feia se chegasse aos vasos sanguíneos maiores; nadaria até o cérebro rasgando tudo até provocar um derrame cerebral. Ele precisava sair dali urgentemente.

Abriu a escotilha e viu à frente o estacionamento; de um lado, um canteiro de acácias, do outro, um caminhão de bombeiros estacionado. Mas a atenção geral era para a fumaça que saía do prédio.

Catei atravessou o canteiro apressadamente, beliscando a cara. Precisava tirar aquele robô do rosto. Enfiou dois dedos na boca, puxou o robô pela membrana facial e o apertou com a ponta dos dedos até esmagá-lo. Seguiu em frente com a roupa esbarrando nos espinhos das acácias. Entrou num terreno baldio, depois em outro terreno baldio e atravessou os fundos de um galpão. Saiu da área comercial e seguiu às pressas pela calçada até encontrar um ponto de ônibus na rodovia Farrington. Sentou-se no banco. Os raios dourados do sol abriram o cenário. Era manhã de domingo. Poucos ônibus? Era só esperar. Ainda bem que estava com um paletó rasgado e manchado de sangue. Sorriu feliz. Seria confundido com um sem-teto e ninguém chegaria perto de um sem-teto doente. Mas o disco rígido que estava no bolso continha todos os projetos de Ben Rourke para o gerador do tensor. Projetos únicos.

Uma mancha escura espalhou-se por uma das pernas da calça. Sangue. Preocupante. Abriu o cinto, apalpou a coxa e tirou um robô. Observou o robô entre as pontas dos dedos. Pequenas lâminas cintilaram sob a luz do sol.

— Por onde você andava? — murmurou para o robô, achando que era bom agir assim. Um doido sentado no banco e conversando com os próprios dedos. Na verdade, Catei era um agente independente que defendia os próprios interesses.

Esmagou o robô entre as unhas e limpou o sangue da mão na calça. Foi como esmagar um carrapato. Um caminhão de bombeiros passou a toda velocidade com a sirene ligada.



Uma semana depois, o tenente Dan Watanabe pegou o laptop que estava em cima da mesinha e mostrou a tela a Eric Jansen, que convalescia numa cama do hospital. Na tela, a imagem de um robô cortado ao meio com as entranhas expostas.

— Conseguimos identificar o tal asiático. Chamava-se Jason Chu.

Eric assentiu com dificuldade. Estava com as pernas cobertas de bandagens e o rosto, pálido e abatido, pela anemia proveniente da perda de sangue.

— Jason Chu trabalhava para a Rexatack, a detentora das patentes da tecnologia dos Hellstorms não tripulados — disse.

— Então, o sr. Chu organizou uma invasão para obter informações sobre como a Nanigen agia com as patentes da companhia dele?

— Exatamente — disse Eric.

— Foi o senhor que programou os robôs de segurança?

— Não para matar. Drake é que fez isso. — Eric fechou os olhos. — Não me importo se o senhor me processar. Fui o culpado da morte do meu irmão. Já não me importo com o que possa acontecer comigo.

— Desta vez o senhor não será processado — disse Watanabe amavelmente.

Entrou uma enfermeira.

— A visita acabou. — Após checar os monitores de Eric, virou-se para o tenente. — Os rapazes compreenderam ou tenho que chamar o médico?

— Não sou um rapaz, minha senhora — disse Dorothy Girt polidamente enquanto se levantava.

Watanabe se levantou e disse:

— Dorothy gostaria muito de analisar um robô da Nanigen ainda intacto.

Eric deu de ombros.

— Estão todos na área do núcleo da Nanigen.

— Não estão mais. O lugar incendiou. Levaram dois dias para debelar o fogo. Era muito plástico. Não restou nada. Nenhum robô. Encontramos um corpo. Talvez de Drake. Falta a prova dos registros dentários. E também encontramos aquela máquina de encolher… virou carvão.

— Vão processar alguém? — perguntou Eric quando Dan e Dorothy estavam saindo.

Dan se deteve no umbral da porta.

— Os responsáveis estão mortos. A promotoria está pressionando para que não haja acusações. A pressão vem… digamos que de entidades governamentais. Pelo visto ninguém quer que esses robôs venham à luz. Tudo indica que o episódio será explicado como acidente industrial — acrescentou com um tom decepcionado. — Mas nunca se sabe. — Ele olhou de relance para a cientista forense. — Ela gosta de enigmas e eu também gosto de quebra-cabeça, não é, Dorothy?

— Adoro enigmas — disse Dorothy Girt empertigada. — Vamos embora, Dan. O cavalheiro precisa descansar.

# Capítulo 52



**Molokai**
**18 de novembro, 9h**

A chuva que caía no lado ocidental de Molokai tinha passado e os ventos cortavam as ondas e agitavam as palmeiras ao longo da praia. As lonas nas cabanas de bambu na beira da praia batiam e esvoaçavam ao vento. O eco resort Dixie Maru não estava nos seus melhores dias.

Mas era acessível para estudantes bolsistas.

Karen King sentou-se na cama e se espreguiçou. O vento agitou a cortina de algodão da janela da cabana. A praia, as palmeiras e o mar azul lá fora. De repente, uma explosão de espuma branca nas proximidades da arrebentação.

Karen sacudiu o ombro de Rick Hutter.

— Rick, uma baleia!

Ele rolou na cama e abriu os olhos.

— Onde? — perguntou sonolento.

— Você não está interessado.

— Estou sim. Só que ainda não acordei direito. — Ele se sentou na cama e olhou pela janela.

Ela admirou os músculos das costas e dos ombros dele. Quem diria? Como poderia imaginar, no laboratório de Cambridge, que existia um corpo interessante sob aquelas camisas surradas de flanela que ele sempre vestia?

— Não estou vendo nada — ele disse.

— Fique de olho. Talvez apareça de novo.

Os dois observaram o mar sem dizer palavra. Ao longe, para o lado do canal de Molokai, o contorno nebuloso da Koolau Pali de Oahu riscava o horizonte com os picos cobertos por tufos de nuvens de algodão. Chovia na Pali. Ele a enlaçou pela cintura e ela apertou a mão dele.

De repente, sem aviso prévio, aconteceu de novo. Primeiro, a cabeça, e depois o corpo de uma baleia jubarte que irrompeu e revirou no ar, seguida de grandes jatos de água.

Continuaram observando o mar por algum tempo, mas a baleia não reapareceu. A essa altura nadava mar adentro emitindo sons.

Rick quebrou o silêncio.

— Recebi uma ligação daquele policial, o tenente Watanabe.

— O quê? Não me contou nada.

— Ele disse que estamos livres para deixar o Havaí.

Karen bufou.

— Já estão esfriando o caso.

— Pois é. E agora temos que voltar para a velha e maçante Cambridge…

— Fale por você — ela disse, virando-se para ele. — Não volto para Cambridge. Não agora.

— Por quê?

— Porque preciso encontrar um jeito de voltar…

— Para o micromundo?

Ela sorriu.

— Isso é impossível, Karen. Não há como… e se houvesse, você seria uma doida se tentasse. — Ele olhou para os próprios braços. Os

ferimentos ainda não tinham cicatrizado. — O micromundo mata os humanos como se fossem mosquitos.

— Lógico… qualquer novo mundo é sempre perigoso. Mas pense nas descobertas… — Ela suspirou. — Sou uma cientista, Rick. Preciso ir pra lá. A tecnologia já existe… e você sabe tão bem quanto eu que, uma vez inventada, a tecnologia nunca deixa de ser reinventada.

— E as coisas ruins também — ele acrescentou.

— Pois é. Os robôs assassinos e os drones chegaram para ficar. Serão muitas mortes de maneiras inimagináveis. Serão muitas guerras medonhas com essa tecnologia. O mundo nunca mais será o mesmo.

Uma lufada de vento sacudiu a lona da cabana, que bateu nas mochilas jogadas num canto.

— E nós? — ele perguntou depois que o vento abrandou.

— Nós?

— Sim. Você e eu. Quer dizer… — Ele tentou puxá-la de volta para a cama.

Mas ela estava perdida nos próprios pensamentos. Relembrava a paisagem do acampamento nos penhascos do Tantalus: o vale coberto de névoa, a vegetação, os córregos caindo em cachoeiras… um vale perdido e inexplorado nunca visto por olhos humanos.

— Talvez haja… — ela iniciou a frase.

Algo chamou a atenção de Karen. Um brilho metálico saiu voando de uma das mochilas e deixou-a arrepiada da cabeça aos pés com a lembrança dos robôs cortando o ar como insetos…

Não importa. Era tão pequeno que passou voando por um dos orifícios da tela da janela. Não foi nada, pensou com seus botões.

E terminou a frase.

— Talvez haja um jeito de voltar para lá.

FIM